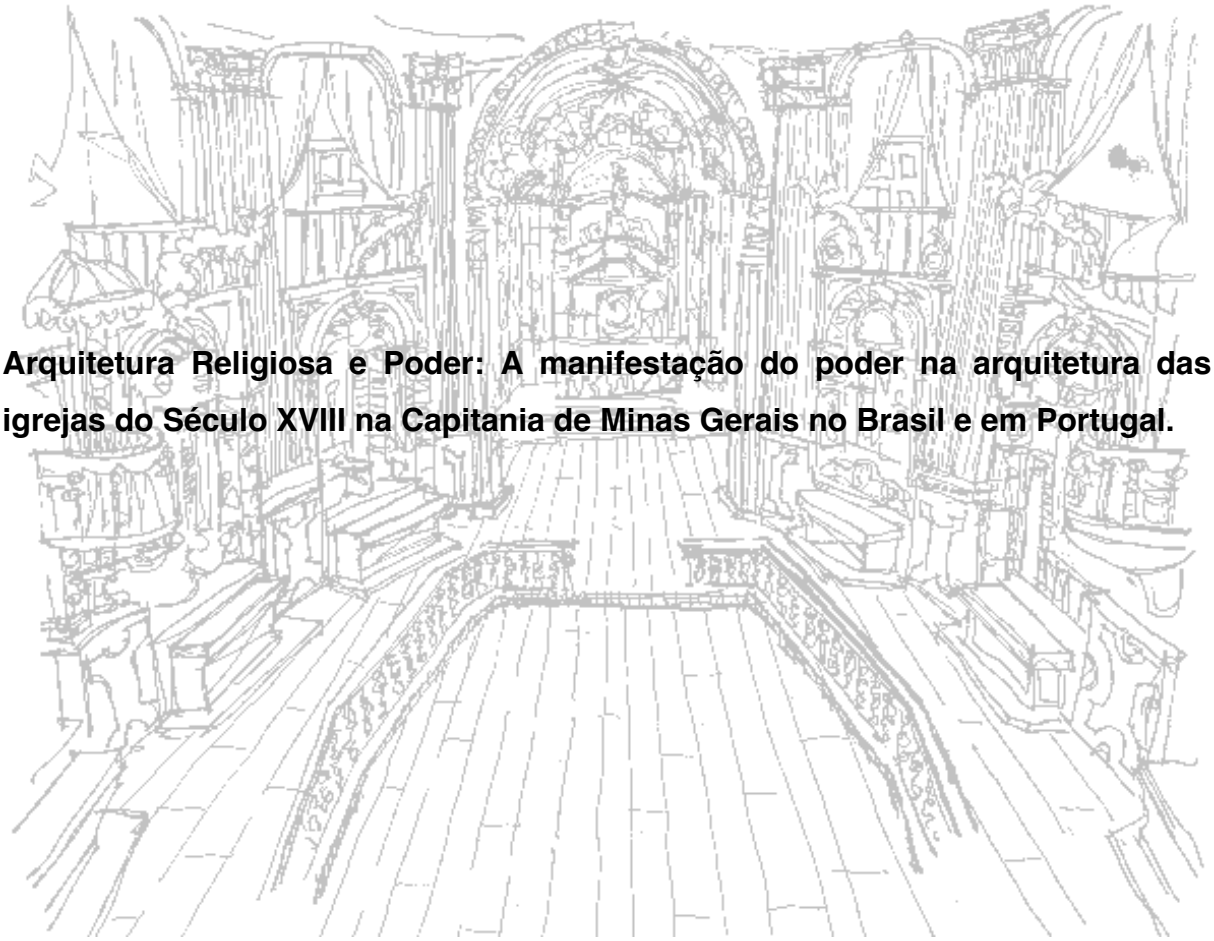
FACULDADE DE ARQUITETURA
LISBON SCHOOL OF ARCHITECTURE
UNIVERSIDADE DE LISBOA

LISBOA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



Arquitetura Religiosa e Poder: A manifestação do poder na arquitetura das igrejas do Século XVIII na Capitania de Minas Gerais no Brasil e em Portugal.

Doutoramento em Arquitetura
Teoria e História

Autor: **Fábio Azevedo Vasconcellos**

Orientação científica:
Doutora Filipa Maria Salema Roseta Vaz Monteiro
Professora Associada da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Doutor Rubenilson Brazão Teixeira
Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor
2022

FACULDADE DE ARQUITETURA
LISBON SCHOOL OF ARCHITECTURE
UNIVERSIDADE DE LISBOA

LISBOA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



Arquitetura Religiosa e Poder: A manifestação do poder na arquitetura das igrejas do Século XVIII na Capitania de Minas Gerais no Brasil e em Portugal.

Doutoramento em Arquitetura
Teoria e História
Autor: **Fábio Azevedo Vasconcellos**
Orientação científica:
Doutora Filipa Maria Salema Roseta Vaz Monteiro
Professora Associada da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Doutor Rubenilson Brazão Teixeira
Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Constituição do júri:
Presidente: Doutora Maria Alexandra Salgado Ai Quintas,
Professora Auxiliar
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

Vogais:

- Doutora Gleice Virgínia Medeiros de Azambuja Elali,
  Professora Titular
  Universidade Federal do Rio Grande do Norte;
- Doutora Marta Maria Peters Arriscado de Oliveira,
  Professora Associada
  Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto;
- Doutora Filipa Maria Salema Roseta Vaz Monteiro,
  Professora Associada
  Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, orientadora;
- Doutor Pedro Paulo da Silva Marques de Abreu,
  Professor Auxiliar
  Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa;
- Doutor Jorge Luís Firmino Nunes,
  Professor Auxiliar
  Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor
2022



Igreja de São Pedro dos Clérigos – Porto – Portugal
Ilustração: Fábio Vasconcellos

Resumo

A arquitetura e mais precisamente a arquitetura religiosa manifesta questões sociais culturais que se transformam ao longo da história da humanidade se adaptando ao contexto em que está inserida. Esta investigação pretende analisar de que maneira o poder se manifesta nos elementos constituintes das igrejas do mundo luso, especificamente em Portugal, nas cidades de Lisboa a Porto, e no Brasil, na capitania de Minas Gerais em Vila Rica (atual Ouro Preto) e no Arraial do Tijuco (atual Diamantina). Para isso construiu-se a hipótese de que as estratégias da arquitetura religiosa para expressão do poder da Igreja foram as mesmas tanto em Portugal como em Minas Gerais, no século XVIII, porém adaptadas aos contextos em que foram inseridas. Na verificação desta hipótese, considerou-se o edifício como principal fonte documental norteada pela *École des Annales.* Foram levantadas todas as igrejas existentes no núcleo urbano das cidades e suas respectivas datas de construção e/ou reconstrução, e uma posterior triagem que culminou em vinte e três edifícios do século XVIII. A pesquisa se fundamenta em conceitos e teorias de análise de projeto e seus elementos constituintes como Vitrúvio, Simon Unwin, Geoffrey H. Baker na compreensão da sua função e significado na percepção social, além de trabalhos mais empíricos de análise do edifício e a cidade como Cláudia Damasceno Fonseca, LOBO, M. D. C., & SIMOES JÚNIOR, J. G. entre outros. Este trabalho é também fundamentado nos conceitos de discurso e poder através de Aristóteles, Michael Foucault, e Max Weber. A metodologia empregada se pautou na análise dos elementos arquitetónicos selecionados nas igrejas em Lisboa, Porto, Vila Rica e Tijuco. Essa análise partiu dos conceitos dos autores supracitados e fez uso também do discurso de poder tendo como base a presença ou não dos elementos arquitetônicos selecionados e sua relevância na composição do edifício. Essa observação foi feita através de pesquisa em *in loco* dos edifícios e levantamento de documentos textuais e fotográficos. Na falta de muitos dos elementos gráficos, se fez necessário a produção destes, como plantas baixa e fachadas. Comparando os casos de Portugal e posteriormente os casos de Minas Gerais, passou-se a compará-los entre si. Dessas análises comparativas, concluiu-se que existem similaridades de recursos arquitetônicos entre Portugal e Minas Gerais, porém, em virtude das condições particulares de cada região, identificou-se que nos casos mineiros, o

discurso de poder é mais contundente, em virtude da necessidade de se estabelecer em terras inóspitas e na condição em Minas Gerais como uma terra virgem onde se poderia partir do zero sem interferências de questões já consolidadas no território.

Palavras-chave: Arquitetura religiosa, Poder, Século XVIII, Minas Gerais, Portugal.

Abstract

Architecture, specially religious architecture, manifests social and cultural issues which change along the course of human History, adapting to its surrounding context. This thesis proposes to investigate and analyze in which ways Power is shown in the elements that build the churches in the Luso-world, mainly the cities of Porto and Lisboa, in Portugal and Vila Rica (currently Ouro Preto) and Arraial do Tijuco (currently Diamantina), both cities in the state of Minas Gerais, Brazil. In order to achieve this goal, this study bases itself on the hypothesis that the Architecture Strategies used in the XVIII century to express the power of the Church were the same used in Portugal and Brazil, but adapted to the context of each place. Following the guidelines of the Ècole des Annales, the building was considered the main source of documental investigation. Every church in the central urban area of the cities above was assessed and their building and renovation dates documented. These data were analyzed, resulting in 23 buildings from the XVIII century to be studied. This research is based on the concepts and theories of Architecture analysis and its forming elements such as the ones from Vitrúvio, Simon Unwin and Geoffrey H. Baker, in their comprehension of the function and the social perception of the buildings. Empirical works thar analyze the building and the city, such the ones of Cláudia Damasceno Fonseca, LOBO, M. D. C., & SIMŐES JUN ̃IOR, J. G. were also used in the developing of this work. The concepts of discourse and power as presented by Aristotle, Michael Foucault, e Max Weber were also used in this work. The methodology employed is centered in the analysis of the architectural elements of the selected buildings in Lisboa, Porto, Vila Rica e Tijuco, which form a power discourse based on the authors above, being this present or not, and its relevance in the overall building composition. This observations were made through in loco research and the gathering of texts and photographs. Since the lack of drawing documentation, it was necessary to produce them, such as plans and façades. Comparing the data gathered in Portugal and Minas Gerais, we reached the conclusion that, in spite of the many similarities between their architectural resources, the particular circumstances in each of theses places lead to different responses: the power discourse in Minas Gerais is more overwhelming because of the necessity of establishing in a inhospitable environment, a strange land where one could start fresh without prior consolidated issues.

Keywords: Religious architecture, Power, 18th century, Minas Gerais, Portugal.

Agradecimentos

Foram anos dedicados a essa tese que não se faz sozinho, e por isso se faz necessário o agradecimento a todos. Os desafios começaram com a mudança para outro pais, Portugal, que agradeço imensamente por ter me recebido tão bem. Foram anos bons, mas difíceis, mudança de país e uma pandemia. Durante as dificuldades naturais de um imigrante pude contar com a acolhida de muitos.

Primeiramente agradeço aos professores Pedro Januário pelas conversas que enormemente me auxiliaram na construção do meu projeto de tese durante o período das disciplinas. E, especialmente, ao professor Jorge Boueri, que me orientou no início da tese e que muito me ensinou sobre a sistematização de um trabalho científico me dando os caminhos para os primeiros passos.

Agradeço ao Cefet – MG, pela possibilidade de poder me licenciar durante o período da tese, e auxiliando através de bolsa de capacitação. Sem esse suporte esta experiência e tese não seriam possíveis.

Aos meus orientadores Filipa Roseta (FAU-ULisboa) e Rubenilson Teixeira (UFRN) que acreditaram neste trabalho e foram rigorosos em suas contribuições, e não deixaram com que eu desanimasse durante essa caminhada, sabendo criticar sempre que necessário e pacientes com as minhas limitações.

Às amigas que me receberam em Lisboa, Dani e Erika, que me ajudaram em momentos de apuros. Ao amigo Cássio, que sempre esteve me dando apoio e suporte quando necessário e uma companhia que foi singular durante o período de Portugal e aos amigos feitos na faculdade que sempre estiveram disponíveis para uma ajuda, Bianca, Bruno, Gustavo, César, Raissa e tantos outros. Aos amigos feitos em Lisboa, Zé Paulo e Alexandra, que se tornaram amigos para a vida. Aos amigos de Montijo, feitos no Clube Judo Montijo, que me acolheram. Ao judo, que me ajudou a manter meu equilíbrio nessa longa jornada, muitas vezes solitária, que é um doutoramento.

Por fim, agradeço à minha família. Aos meus pais e irmão, que mesmo não entendendo muito bem a importância de um doutorado e sua dinâmica, me apoiaram e entenderam que, pra mim, seria importante.

Agradeço ao trio que é motivo de minha força, minha luta e minha perseverança: Roberta, minha Garotinha, que topou essa jornada comigo, Beatriz, minha Pitchulinha e Pedro, meu Parceirinho. A eles peço desculpas pela minha ausência durante essa jornada, e foco máximo no doutorado, o meu muito obrigado por caminharem comigo.

Tese redigida em português de variante brasileira e em conformidade com Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. As citações e referências seguem as normas vigentes da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Sumário

CAPÍTULO 1: PORTUGAL - MINAS GERAIS: RELIGIÃO, ARQUITETURA E PODE.....27

Introdução: Apresentação do tema.....27

1.2. Universo de Estudo: Portugal e Brasil.....29

1.2.1. A delimitação das cidades.....30

1.2.2. A delimitação das igrejas.....32

1.3. Justificativa do tema: Arquitetura religiosa e manifestação de poder.....33

1.4. Problemática: as questões que levaram à investigação.....34

1.5. Arquitetura e expressão do poder: Hipótese.....34

1.6. Objetivos gerais do trabalho.....35

1.7. Procedimentos metodológicos.....35

1.7.1. Etapas da investigação.....35

1.8. Estrutura da tese.....49

CAPÍTULO 2 – ARQUITETURA E PODER.....52

2.1. Discurso e poder.....52

2.1.1. Discurso.....52

2.1.2. Poder.....55

2.1.3. Considerações sobre discurso e poder.....61

2.2. Cristianismo e poder.....62

2.3. Enquadramento teórico: Arquitetura e seus Elementos de Análise.....64

2.3.1. Teorias gerais sobre a arquitetura e urbanismo pertinentes à pesquisa.....64

2.3.2. Subsídios para a análise arquitetônica: Obras sobre trabalhos de caráter empírico.....78

2.3.3. Os critérios de análise da arquitetura definidos a partir das teorias analisadas.....87

2.4. Síntese metodológica.....90

CAPÍTULO 3 - AS MANIFESTAÇÕES DE PODER NA ARQUITETURA RELIGIOSA PORTUGUESA DO SÉCULO XVIII 99

3.1. Introdução.....99

3.2. Arquitetura e religião em Portugal.....100

3.3. O caso de Lisboa.....106

3.3.1. As igrejas de Lisboa e seus elementos de poder: Análise.....111

3.3.2. Em busca da expressão do poder na arquitetura religiosa: O caso de Lisboa.....158

3.4. O caso do Porto.....165

3.4.1. As igrejas do Porto e seus elementos de poder: Análise.....167

3.4.2. Em busca da expressão do poder na arquitetura religiosa: O Caso do Porto.....199

3.5. Considerações sobre a arquitetura como discurso de poder em Portugal 202

CAPÍTULO 4 – AS MANIFESTAÇÕES DE PODER RELIGIOSO NA ARQUITETURA BRASILEIRA NO SÉCULO XVIII. 210

4.1. Introdução 210

4.2. Arquitetura e religião em Minas Gerais no século XVIII: Irmandades, confrarias e Minas Gerais 210

4.3. O caso de Vila Rica. 216

4.3.1. As igrejas de Vila Rica e seus elementos de poder: Análise 219

4.3.2. Em busca da expressão do poder na arquitetura religiosa: O caso de Vila Rica (Ouro Preto) 256

4.4. O caso do Arraial do Tijuco (Diamantina) 259

4.4.1. As igrejas do Tijuco e seus elementos de análise 262

4.4.2. Em busca da expressão do poder na arquitetura religiosa: O caso do Arraial do Tijuco 298

4.5. Considerações sobre a Capitania de Minas Gerais 300

CAPÍTULO 5: COMPARANDO AS DUAS REALIDADES 305

5.1. Introdução 305

5.2. Os elementos da arquitetura e a manifestação do poder 305

5.3. Os elementos da arquitetura e o discurso de poder 306

5.3.1. O edifício na malha urbana e a relação com seu entorno: Análise intraurbana e a manifestação de poder em Portugal e na Capitania de Minas Gerais 307

5.3.2. Análise do Edifício e a manifestação do poder em Portugal e na Capitania de Minas Gerais 314

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 328

7. BIBLIOGRAFIA 333

APÊNDICE: 340

Índice de figuras

Figura 1 - Mapa Portugal: Lisboa e Porto. 31

Figura 2 - Mapa do Brasil com destaque para a Capitania de Minas Gerais: Arraial do Tijuco e Vila Rica. 32

Figura 3 - Estrutura da construção da análise arquitetônica.....38

Figura 4 - Torre de Vigilância em Presídio (Panóptico). 59

Figura 5 - Destaque das Igrejas na Paisagem de Lisboa - Uma espécie de Panóptico. 60

Figura 6 - Síntese da aplicação metodológica. 97

Figura 7 - Abadia de Cluny, França. 101

Figura 8 - Igreja de Bravães e Mosteiro de Roriz. 102

Figura 9 - Mosteiro de Batalha - Igreja de Santa Maria - Igreja de Misericórdia - Igreja do Espírito Santo.....103

Figura 10 - Mapa de Lisboa datado de 1833. Recorte de Lisboa dentro da Muralha Fernandina: Localização das Portas de Santa Catarina. 108

Figura 11 - Bairro Alto e Alfama - Lisboa 1655, Tinoco João Antunes. 110

Figura 12 - Igreja de Santo Estevão e Basílica dos Mártires. 110

Figura 13 - Vista aérea das igrejas - Situação 1. 117

Figura 14 - Vista aérea das igrejas - Situação 2. 118

Figura 15 - Perfil esquemático da implantação das igrejas de Santo Estevão e São Miguel. 118

Figura 16 - Mapa Lisboa (1785). 119

Figura 17 - Escala situação 1: Igreja de Santa Cruz do Castelo. 131

Figura 18 - Escala situação 1: Igreja de Santo António. 131

Figura 19 - Escala situação 1: Igreja de Santo Estevão. 132

Figura 20 - Escala situação 1: Igreja de São Miguel 132

Figura 21 - Escala situação 2: Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires. 133

Figura 22 - Escala situação 2: Igreja do Santíssimo Sacramento. 133

Figura 23 - Escala situação 2: Igreja de Nossa Senhora do Loreto 134

Figura 24 - Escala situação 2: Igreja de Nossa Senhora da Encarnação 134

Figura 25 - Fachadas e Torres: Lisboa.....146

Figura 26 - Croquis das fachadas - Grade simetria em Lisboa (Grupo 1) 147

Figura 27 - Croquis das fachadas - Grade simetria em Lisboa (Grupo 2) 147

Figura 28 - Mapa das freguesias do Porto - Século XVI.....166

Figura 29 - Mapa da cidade do Porto de 1839.....170

Figura 30 - Vista aérea das igrejas - Porto.....172

Figura 31 - Perfil esquemático da implantação das igrejas de São Pedro dos Clérigos e Santo Ildefonso - Porto 172

Figura 32 - Escala: igreja de São Pedro dos Clérigos 179

Figura 33 - Escala: igreja de Santo Ildefonso 179

Figura 34 - Escala: igreja de São Pedro de Miragaia 180

Figura 35 - Escala: igreja de São José das Taipas 180

Figura 36 - Gravura cidade do Porto - 1789.....181

Figura 37 - Igreja de São Pedro dos Clérigos 190

Figura 38 - Fachadas e grade de proporção das Igrejas - Porto.....191

Figura 39 - Esquema da evolução urbana na Capitania de Minas Gerais - Desenhos baseados nos estudos de Sylvio de Vasconcellos.....214

Figura 40 - Planta do início da formação urbana de Vila Rica com os primeiros arraiais 217

Figura 41 - Desenho de um Paço em Vila Rica.....218

Figura 42 - Desenho Capela de Sant´Ana - Vila Rica 219

Figura 43 - Relação das igrejas de São Francisco de Assis e Nossa Senhora do Carmo com a topografia da Vila 227

Figura 44 - Perfil esquemático de Vila Rica (Ouro Preto).....227

Figura 45 - Fachadas e Torres - Vila Rica 246

Figura 46 - Croquis das Fachadas - Grade simetria em Vila Rica 247

Figura 47 - Planta Arraiais Na Formação Do Arraial Do Tijuco 260

Figura 48 - Mapa de autoria de António Pinto de Miranda, de 1784 (Arquivo Histórico do Exército - Rio de Janeiro) 262

Figura 49 - Perfil esquemático 1 - Arraial do Tijuco 270

Figura 50 - Perfil esquemático 2 - Arraial do Tijuco 270

Figura 51 - Fachada e Torres - Tijuco 288

Figura 52 - Croquis das fachadas - Grade simetria no Tijuco 289

Figura 53 - Igreja de São Pedro dos Clérigos (Porto) e de São Francisco de Assis (Arraial do Tijuco) 313

Figura 54 - Escala do Edifício em Relação ao Entorno Imediato: (A) Igreja de N.S. do Carmo (Vila Rica) e (B) Igreja de N.S. do Loreto (Lisboa). 313

Figura 55 - Portadas das Igrejas de N.S. da Encarnação - Lisboa (A) e de N.S. do Carmo - Vila Rica (B) 317

Figura 56 - Igreja de Santo António - Lisboa (A) e Igreja de São Francisco de Assis - Vila Rica (B) 319

Figura 57 - Simetria: Igreja dos Clérigos e Igreja do Pilar 320

Figura 58 - Plantas das Igrejas de N.S. do Rosário (A) - Vila Rica; Igreja de Santo António (B) - Lisboa; Igreja de São Francisco de Assis (C) - Tijuco 321

Figura 59 - Nave das Igrejas de Nossa Senhora do Loreto em Lisboa (A) e Nossa Senhora da Conceição em Vila Rica (B) 322

Figura 60 - Nave e Balaustrada das Igrejas do Loreto em Lisboa (A) e do Rosário em Vila Rica (B) 323

Índice de quadros

Quadro 1 - Igrejas Lisboa – Levantamento com base em dados cronológicos de datas marcantes para o edifício. 40

Quadro 2 - Igrejas Porto – Levantamento com base em dados cronológicos de datas marcantes para o edifício. 43

Quadro 3 – Igrejas Vila Rica (Ouro Preto) – Levantamento com base em dados cronológicos de datas marcantes para o edifício. 45

Quadro 4 - Igrejas Arraial Do Tijuco (Diamantina) – Levantamento com base em dados cronológicos de datas marcantes para o edifício. 46

Quadro 5 - Quadro Seleção das Igrejas de Lisboa. 47

Quadro 6 - Quadro Seleção das Igrejas do Porto. 47

Quadro 7 - Quadro Seleção das Igrejas de Vila Rica. 48

Quadro 8 - Quadro Seleção das Igrejas do Arraial do Tijuco. 48

Quadro 9 - Relação entre capítulos e etapas da tese. 50

Quadro 10 - Relação entre os elementos de Aristóteles e a Arquitetura. 53

Quadro 11 - Relação entre os conceitos de Vitrúvio, Alberti e Palladio. 70

Quadro 12 - Relação entre os conceitos de Unwin. 72

Quadro 13 - Relação entre os conceitos de Ching. 75

Quadro 14 - Relação entre os conceitos de Baker. 78

Quadro 15 - Relação entre os conceitos de Caetano. 80

Quadro 16 - Relação entre os conceitos de Fonseca. 82

Quadro 17 - Relação entre os conceitos de Lobo, M. D. C., & Simões Júnior, J. G. 84

Quadro 18 - Relação entre os conceitos de Teixeira. 87

Quadro 19 - Compilação dos Elementos e Critérios de análise presentes na tese. 90

Quadro 20 - Elementos de Análise arquitetônica que manifestam o poder de acordo com os pressupostos metodológicos. 111

Quadro 21 - Vias: Grupo de igrejas situadas na antiga malha medieval. Igreja de Santo Estevão, Igreja de Santa Cruz do Castelo, Igreja de São Miguel e Igreja de Santo António 114

Quadro 22 - Vias: Grupo igrejas situadas na malha pombalina. Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, Igreja de Nossa Senhora do Loreto, Igreja do Santíssimo Sacramento e Igreja de Nossa Senhora dos Mártires 115

Quadro 23 - Relevância dos elementos relacionados ao critério 1: Localização no núcleo urbano - Lisboa. ..120

Quadro 24 – Acessos às igrejas tipo 1: Igreja de São Miguel. 122

Quadro 25 – Acessos às igrejas tipo 1: Igreja de Santo António. 123

Quadro 26 - Acessos às igrejas tipo 1: Igreja de Santo Estevão. 124

Quadro 27 - Acessos às igrejas tipo 1: Igreja de Santa Cruz do Castelo. 125

Quadro 28 - Acessos às igrejas tipo 2: Igreja do Loreto. 126

Quadro 29 – Acessos às igrejas tipo 2: Igreja do Santíssimo Sacramento. 127

Quadro 30 – Acessos às igrejas tipo 2: Igreja Basílica de N.S. dos Mártires.....128

Quadro 31 - Acessos às igrejas tipo 2: Igreja de N.S. Encarnação.....129

Quadro 32 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 1): Igreja de Santa Cruz do Castelo 135

Quadro 33 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 1): Igreja de Santo António.....136

Quadro 34 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 1): Igreja de São Miguel.....136

Quadro 35 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 1): Igreja de Santo Estevão 137

Quadro 36 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 2): Igreja Basílica dos Mártires 137

Quadro 37 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 2): Igreja de Nossa Senhora do Loreto 138

Quadro 38 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 2): Igreja de Nossa Senhora da Encarnação .138

Quadro 39 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 2): Igreja do Santíssimo Sacramento 139

Quadro 40 - Quando relevância dos elementos relacionados ao Critério 2: Relação com o entorno.....139

Quadro 41 - Quadro: Data de construção das fachadas das igrejas em Lisboa.....140

Quadro 42 - Frontispício: Igreja do Santíssimo Sacramento 142

Quadro 43 - Frontispício: Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires 142

Quadro 44 - Frontispício: Igreja de Nossa Senhora do Loreto.....143

Quadro 45 - Frontispício: Igreja de São Miguel 143

Quadro 46 - Frontispício: Igreja de N.S. da Encarnação.....144

Quadro 47 - Frontispício: Igreja de Santo Estevão.....144

Quadro 48 - Frontispício: Igreja de Santa Cruz do Castelo.....145

Quadro 49 - Frontispício: Igreja de Santo António 145

Quadro 50 - Relevância dos elementos da arquitetura relacionados ao critério 3: Portadas 148

Quadro 51 - Relevância dos elementos como da arquitetura relacionados ao critério 3: Torre Sineira.....148

Quadro 52 - Relevância dos elementos da arquitetura relacionados ao critério 3: Simetria 149

Quadro 53 - Planta igreja de São Miguel.....150

Quadro 54 - Planta igreja de Santo Estevão.....151

Quadro 55 - Planta igreja de Santa Cruz do Castelo 152

Quadro 56 - Planta igreja do Santíssimo Sacramento 153

Quadro 57 - Planta igreja de Nossa Senhora do Loreto 154

Quadro 58 - Planta igreja de Nossa Senhora da Encarnação 155

Quadro 59 - Planta igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires.....156

Quadro 60 - Presença dos elementos da arquitetura relacionados ao critério 3: Tribunas - Lisboa.....157

Quadro 61 - Presença dos elementos da arquitetura relacionados ao critério 3: Balaustrada - Lisboa.....157

Quadro 62 - Presença dos elementos da arquitetura relacionados ao critério 3: Nártex - Lisboa.....157

Quadro 63 - O edifício na malha urbana e a relação com seu entorno: Uma análise intraurbana - Lisboa 161

Quadro 64 - O Edifício - Lisboa 164

Quadro 65 - Vias no entorno das igrejas situadas na cidade do Porto. São Pedro de Miragaia - Santo Ildefonso - São José das Taipas - São Pedro dos Clérigos 169

Quadro 66 - Relevância dos elementos da arquitetura critério 1: Localização no núcleo urbano - Porto 173

Quadro 67 - Acessos: São Pedro de Miragaia.....174

Quadro 68 - Acessos: São José das Taipas.....175

Quadro 69 - Acessos: Santo Ildefonso.....176

Quadro 70 - Acessos: Igreja de São Pedro dos Clérigos 177

Quadro 71 - Elevação em relação à via e ao entorno (Grupo 1): Igreja dos Clérigos 182

Quadro 72 - Elevação em relação à via e ao entorno (Grupo 1): Igreja de Santo Ildefonso 183

Quadro 73 - - Elevação em relação à via e ao entorno (Grupo 2): Igreja de São Pedro de Miragaia 183

Quadro 74 - Elevação em Relação à via e ao entorno (Grupo 2): Igreja de São José Das Taipas 184

Quadro 75 - Relevância dos elementos relacionados ao critério 2: Relação com o entorno - Porto 184

Quadro 76 - Data dos Frontispícios das igrejas - Porto.....185

Quadro 77 - Frontispício: igreja de São Pedro de Miragaia 186

Quadro 78 - Frontispício: igreja de São Pedro dos Clérigos 187

Quadro 79 - Frontispício: igreja de São José das Taipas 187

Quadro 80 - Frontispício: igreja de Santo Ildefonso 188

Quadro 81 - Fachadas e Torres - Porto.....189

Quadro 82 - Relevância dos elementos como expressão do poder relacionados ao critério 3: Portadas - Porto 192

Quadro 83 - Relevância dos elementos como expressão do poder relacionados ao critério 3: Torre Sineira - Porto.....192

Quadro 84 - Relevância dos elementos como expressão do poder relacionados ao critério 3: Simetria - Porto 192

Quadro 85 - Planta Igreja de São Pedro de Miragaia.....194

Quadro 86 - Planta Igreja de São Pedro dos Clérigos.....195

Quadro 87 - Planta Igreja de São José das Taipas.....196

Quadro 88 - Planta Igreja de Santo Ildefonso 197

Quadro 89 - Presença dos elementos pertencentes ao critério 3: Tribunas – Porto.....198

Quadro 90 - Presença dos elementos pertencentes ao critério 3: Balaustrada - Porto 198

Quadro 91 - Presença dos elementos pertencentes ao Critério 3: Nártex - Porto 198

Quadro 92 - O Edifício na malha urbana e a relação com seu entorno: uma análise intraurbana - Porto 200

Quadro 93 - O Edifício - Porto 202

Quadro 94 - O Edifício na malha urbana e a relação com seu entorno: uma análise Intraurbana - Relação entre Lisboa e Porto 205

Quadro 95 - O Edifício - Relação entre Lisboa e Porto 207

Quadro 96 - Elementos de análise arquitetônica 219

Quadro 97 - Vias no entorno das igrejas de Vila Rica. Nª Senhora da Conceição, Nª Senhora do Carmo e São Francisco de Assis 221

Quadro 98 - Vias: Nª Senhora do Rosário – Nª Senhora do Pilar – Bom Jesus do Matozinhos 222

Quadro 99 - Implantação na malha urbana e topografia: Igreja de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco de Assis 224

Quadro 100 - Implantação na malha urbana e topografia: Igreja de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora do Rosário 225

Quadro 101 - Implantação na malha urbana e topografia: Igreja de Nossa Senhora do Pilar e do Bom Jesus do Matosinhos 226

Quadro 102 - Relevância dos elementos como expressão do poder relacionados ao critério 1: Localização no núcleo urbano de Vila Rica 228

Quadro 103 - Acessos: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar 230

Quadro 104 - Acessos: Igreja de Nossa Senhora do Carmo 231

Quadro 105 - Acessos: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de António Dias 232

Quadro 106 - Acessos: Igreja de Nossa Senhora do Rosário 233

Quadro 107 - Acessos: Igreja de São Francisco de Assis 234

Quadro 108 - Acessos: Igreja de Bom Jesus do Matosinhos e São Miguel das Almas 235

Quadro 109 - Escala: Igrejas de VIla Rica 236

Quadro 110 – Igreja do Bom Jesus do Matozinhos: Elevação /Entorno 238

Quadro 111 - Igreja de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto: Elevação /Entorno 238

Quadro 112 - Igreja de Nossa Senhora do Carmo: Elevação /Entorno 239

Quadro 113 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição de António Dias: Elevação /Entorno 239

Quadro 114 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário: Elevação /Entorno.....240

Quadro 115 - Igreja de São Francisco de Assis: Elevação /Entorno 240

Quadro 116 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 2: Relação com o Entorno - Vila Rica 241

Quadro 117 - Data fachadas - Vila Rica 242

Quadro 118 - Frontispício Bom Jesus do Matosinhos.....243

Quadro 119 - Frontispício Nossa Senhora do Pilar 243

Quadro 120 - Frontispício Nossa Senhora do Carmo 244

Quadro 121 - Frontispício Nossa Senhora da Conceição.....244

Quadro 122 - Frontispício Nossa Senhora do Rosário.....245

Quadro 123 - Frontispício São Francisco de Assis.....245

Quadro 124 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Portadas.....248

Quadro 125 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Torre Sineira.....248

Quadro 126 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Simetria 248

Quadro 127 - Planta Bom Jesus do Matosinhos 249

Quadro 128 - Planta Nossa Senhora do Pilar.....250

Quadro 129 - Planta Nossa Senhora do Carmo 251

Quadro 130 - Planta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de António Dias.....252

Quadro 131 - Planta Nossa Senhora do Rosário.....253

Quadro 132 - Planta São Francisco de Assis 254

Quadro 133 - Presença dos elementos como da arquitetura pertencentes ao critério 3: Tribunas - Vila Rica255

Quadro 134 - Presença dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Balaustrada - Vila Rica...255

Quadro 135 - Presença dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Nártex - Vila Rica.....255

Quadro 136 - O Edifício na malha urbana e a relação com seu entorno: Uma análise Intraurbana 257

Quadro 137 - O Edifício 258

Quadro 138 - Vias Tijuco (Grupo 1) – Igreja de Nª Senhora do Rosário, Igreja de Nª Senhora das Mercês e Igreja de São Francisco de Assis.....264

Quadro 139 - Vias Tijuco (Grupo 2) – Igreja de Nª Senhora do Amparo, Igreja do Senhor do Bonfim e Igreja de Nª Senhora do Carmo.....265

Quadro 140 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 1: Localização no núcleo urbano do Arraial do Tijuco.....266

Quadro 141 - Implantação na malha urbana: igreja de N.S. das Mercês e N.S. do Rosário 267

Quadro 142 - Implantação na malha urbana: Igreja de São Francisco e Bom Bonfim 268

Quadro 143 - Implantação na malha urbana: Igreja de N. S. do Carmo e N. S. do Amparo 269

Quadro 144 - Acessos: Igreja do Senhor do Bonfim 272

Quadro 145 - Acessos: Igreja de Nossa Senhora das Mercês 273

Quadro 146 - Acessos: Igreja de Nossa Senhora do Carmo.....274

Quadro 147 - Acessos: Igreja de Bom Jesus do Amparo 275

Quadro 148 - Acessos: Igreja de Nossa Senhora do Rosário 276

Quadro 149 - Acessos: - Igreja de São Francisco de Assis 277

Quadro 150 - Escala: Igrejas Arraial do Tijuco 278

Quadro 151 - Elevação/Entorno: Igreja Senhor do Bonfim.....280

Quadro 152 - Elevação/Entorno: Igreja Nossa Senhora das Mercês 280

Quadro 153 - Elevação/Entorno: Igreja Nossa Senhora do Amparo 281

Quadro 154 - Elevação/Entorno: Igreja de Nossa Senhora do Carmo 281

Quadro 155 - Elevação/Entorno: Igreja de Nossa Senhora do Rosário.....282

Quadro 156 - Elevação/Entorno: Igreja de São Francisco de Assis.....282

Quadro 157 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 2: Relação com o entorno - Arraial do Tijuco.....283

Quadro 158 - Data fachadas - Arraial do Tijuco 284

Quadro 159 - Frontispício Senhor do Bonfim 284

Quadro 160 - Frontispício N.S. das Mercês 285

Quadro 161 - Frontispício Nossa Senhora do Carmo 285

Quadro 162 - Frontispício Nossa Senhora do Amparo 286

Quadro 163 - Frontispício Nossa Senhora do Rosário 286

Quadro 164 - Frontispício São Francisco de Assis 287

Quadro 165 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Portadas 290

Quadro 166 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Torre Sineiras 290

Quadro 167 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Simetria 290

Quadro 168 – Planta da Igreja de Senhor do Bonfim 291

Quadro 169 – Planta da Igreja de Nossa Senhora das Mercês 292

Quadro 170 - Planta da Igreja de Nossa Senhora do Carmo 293

Quadro 171 - Planta Igreja de Nossa Senhora do Amparo 294

Quadro 172 - Planta Igreja de Nossa Senhora do Rosário 295

Quadro 173 - Planta São Francisco de Assis 296

Quadro 174 - Presença dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Tribunas Arraial do Tijuco 297

Quadro 175 - Presença dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Balaustrada Arraial do Tijuco 297

Quadro 176 - Presença dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Nártex Arraial do Tijuco .297

Quadro 177 - O Edifício na malha urbana e a relação com seu entorno – Arraial do Tijuco 299

Quadro 178 - O Edifício – Arraial do Tijuco 300

Quadro 179 - Capitania de Minas Gerais: Análise Intraurbana e elementos de relevância 302

Quadro 180 - Capitania de Minas Gerais: O Edifício e seus elementos de Relevância 303

Quadro 181 - Relação poder e os elementos da arquitetura 306

Quadro 182 - Portugal: Análise intraurbana de seus elementos em relação a manifestação de poder 309

Quadro 183 - Capitania de Minas Gerais: Análise intraurbana em relação a manifestação de poder.....309

Quadro 184 - Quadro comparativo sobre análise intraurbana entre Portugal e Minas Gerais em relação a manifestação de poder 310

Quadro 185 - Portugal: O Edifício 315

Quadro 186 - Capitania de Minas Gerais: O Edifício.....316

Quadro 187 – Quadro Comparativo sobre análise do Edifício entre Portugal e Minas Gerais 316

Quadro 188 - Igreja do Santíssimo Sacramento – Lisboa.....341

Quadro 189 - Igreja de Nossa Senhora do Loreto – Lisboa 342

Quadro 190 - Igreja de São Miguel – Lisboa.....343

Quadro 191 - Igreja de Nossa Senhora da Encarnação – Lisboa.....344

Quadro 192 - Igreja de Santo Estevão– Lisboa 345

Quadro 193 - Igreja de Santa Cruz Do Castelo – Lisboa 346

Quadro 194 - Igreja de Santo António – Lisboa.....347

Quadro 195 - Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires – Lisboa 348

Quadro 196 - Igreja de São Pedro de Miragaia – Porto 349

Quadro 197 - Igreja de São Pedro dos Clérigos – Porto 350

Quadro 198 - Igreja de São José das Taipas – Porto 351

Quadro 199 - Igreja de Santo Ildefonso – Porto 352

Quadro 200 - Igreja Bom Jesus do Matosinhos e São Miguel das Almas – Vila Rica.....353

Quadro 201 - Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar – Vila Rica 354

Quadro 202 - Igreja Nossa Senhora do Carmo – Vila Rica.....355

Quadro 203 - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição – Vila Rica.....356

Quadro 204 - Igreja Nossa Senhora do Rosário – Vila Rica 357

Quadro 205 - Igreja São Francisco de Assis – Vila Rica 358

Quadro 206 - Igreja Senhor do Bonfim – Arraial do Tijuco 359

Quadro 207 - Igreja N.S. das Mercês e Crioulos – Arraial do Tijuco 360

Quadro 208 - Igreja Nossa Senhora do Carmo – Arraial do Tijuco 361

Quadro 209 - Igreja Nossa Senhora do Amparo – Arraial do Tijuco 362

Quadro 210 - Igreja Nossa Senhora do Rosário – Arraial do Tijuco.....363

Quadro 211 - Igreja São Francisco de Assis – Arraial do Tijuco 364

Lista de acrônimos e abreviaturas

IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

DGPC – Direção Geral do Patrimônio Cultural

Capítulo 1: Portugal – Minas Gerais: Religião, Arquitetura e Poder



Igreja de São Miguel – Lisboa – Portugal
Ilustração: Fábio Vasconcellos

"O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior 'adestrar'; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo" (Foucault, 1984: 153).

Introdução: Apresentação do tema

Esta investigação pretendeu ampliar o conhecimento sobre a morfologia da arquitetura no século XVIII, particularmente a arquitetura religiosa em Portugal e no Brasil, e sua relação com a cidade, considerando sua utilização como instrumento de poder. Para isso, levou em consideração conceitos pertinentes da arquitetura e do discurso como expressão de poder. A análise é desenvolvida levando-se em consideração o contexto social e econômico referente ao século XVIII, situando-o, porém, no período mais amplo entre fins do século XVII e início do século XIX.

Trata-se, sobretudo, de uma tese em arquitetura, que pela sua própria natureza, não pode prescindir de considerações de natureza social. Não é à toa que na classificação dos órgãos de fomento de pesquisa no Brasil, a arquitetura esteja inserida no campo das ciências sociais aplicadas. A base teórico conceitual também é fundamental nesta pesquisa, e engloba aspectos como a arquitetura enquanto manifestação de poder, entre vários outros. Porém, o foco é sobretudo morfológico, com o qual as questões conceituais, mas também sociais, econômicas e política mantém relações que não podem ser negligenciadas. Fizeram parte do trabalho, investigações e pesquisas em documentos originais e de trabalhos já produzidos que auxiliam no entendimento de contextos históricos e arquitetônicos.

Para o aprofundamento do tema, a investigação buscou analisar documentações, tais como mapas, esboços, desenhos, fotografias, além da observação *in loco*. A metodologia desta tese considerou o edifício como a principal fonte documental para a investigação, norteada pela *École des Annales*[1], que ampliou a noção de documentação, propondo que, na ausência da documentação escrita, outros elementos também são fontes de informação, como ilustrações, transmitidos por imagens e sons ou outras quaisquer. Lucien Febvre, um dos fundadores da *École des Annales*, entende que, na inexistência desses documentos escritos, seja por qualquer

---

[1] Fruto da revista *Annales d´Histoire Économique et Sociale*, fundada por Lucien Febre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Georges Duby, e. Jacques Le Goff e Emmanuel le Roy Ladurie em1929, tornou-se símbolo de uma renovação da prática historiográfica. In: BURKE, Peter. A revolução francesa da historiografia: a Escola dos *Annales* (1929-1989). São Paulo: Editora UNESP, 2 Ed., 1992, p. 07.

motivo – destruição, impossibilidades de acesso, ou mesmo a não documentação por escrito – deve-se alargar o conceito do que seriam fontes documentais:

> A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras, signos, paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. [...] Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entreajuda que supre a ausência do documento escrito? (FEBVRE in: LE GOFF, 2003, p. 530).

Fundamentado nesses conceitos, foi adotado um conceito mais amplo do que seja fonte historiográfica, pois toda arquitetura é produto da atividade humana, e, por isso, torna-se um testemunho histórico. Segundo Bloch, “a diversidade de testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”. (BLOCH, 2001, p. 79)

Durante todo o trabalho foram utilizados desenhos produzidos pelo autor como método investigativo e para produção documental das edificações analisadas, se mostrando elementos importantes para uma análise focada na morfologia do objeto. Assim, o trabalho é pautado nos registros fotográficos autorais e arquivisticos, estes últimos quando na impossibilidade de produzi-los e especialmente na produção de plantas baixas e de situação, como também de fachadas/alçados. Que reforcem o entendimento da análise do objeto.

Retomando sobre o recorte temporal desta tese, o século XVIII é caracterizado por profundas transformações no mundo luso e dois episódios são marcantes durante esse período: a descoberta de ouro e pedras preciosas no Brasil Colônia, nomeadamente na capitania de Minas Gerais e o terremoto em 1755, em Portugal, junto com as transformações políticas do período. Transformações estas que necessariamente reverberaram na arquitetura e na organização das cidades.

Toneladas de ouro extraídas das regiões das Minas no Brasil ajudaram Portugal a alavancar-se da crise pós restauração, mas, por outro lado, a parte desse ouro que permaneceu no Brasil financiou vários investimentos em arte e arquitetura, e, principalmente, ajudou na afirmação das Irmandades Religiosas em Minas Gerais.

Além da necessidade de uma presença mais marcante da Coroa no território da região das Minas, Rosada (2010) destaca sobre o papel da religião:

> Além de incentivar o aspecto espetacular das missas, o Concílio Tridentino ainda permitiu o fortalecimento das ordens religiosas e aproximou mais a instituição dos governos nacionais. Com essa nova forma de controle, a Igreja se tornava ainda mais presente na vida dos cristãos, espraiando-se por instâncias até então pouco dominadas pelo religioso, penetrando no poder civil e trazendo os governantes para dentro da hierarquia de suas ordens laicas. (ROSADA, 2010, p.22)

Essas transformações acabaram por ser mais bem compreendidas nos agentes detentores de poder do período, convergindo para a arquitetura religiosa e a arquitetura oficial. Essas arquiteturas vêm se transformando ao longo do tempo através de agentes catalizadores que alteram no decorrer da história.

Dentre vários fatores que contribuem na modificação desse espaço e como ele dialoga com a cidade, e nas suas adaptações ao longo do tempo, pode-se destacar as questões filosóficas, as econômicas e, por consequência, as sociais. Gaarder (2000) escreve sobre religião e desenvolvimento, e como estes caminham juntos: “o desenvolvimento religioso caminhou paralelamente ao avanço geral da humanidade, tanto cultural como tecnológico, primeiro em direção ao politeísmo (crença em diversos deuses) e depois ao monoteísmo (crença num só deus).” (GAARDER, 2000, p. 10)

1.2. Universo de Estudo: Portugal e Brasil

O universo de estudo da pesquisa foi delimitado tendo como premissas a importância socioeconômica e cultural das cidades portuguesas, em continente europeu e no Brasil colônia, nos finais do século XVII, durante todo o século XVIII e início do século XIX. Considerou-se, nessas premissas, a relevância das cidades no que se refere à produção arquitetônica das igrejas[2] e suas transformações sofridas ao longo desse recorte, além da situação atual de preservação das igrejas. Feitas essas premissas, e a partir dos critérios citados a seguir, foram escolhidas as cidades de Lisboa e do Porto, em Portugal e as cidades de Ouro Preto, que será tratada por Vila

[2] Considera-se nesta tese, igrejas – cuja grafia será iniciada com letra minúscula -, os edifícios destinados ao culto religioso e Igrejas, iniciada com letras maiúsculas, pois se refere à instituição Igreja Católica Apostólica Romana.

Rica, nome da cidade nos anos de 1700 e Diamantina, que será tratada por Arraial do Tijuco, também denominação utilizada nos anos de 1700, quando ainda não havia sido elevada à categoria de vila na capitania de Minas Gerais. Detalhou-se a seguir sobre a escolha das cidades e das igrejas.

1.2.1. A delimitação das cidades

Para a escolha das cidades de Lisboa e Porto (Figura 1), localizadas em Portugal, levou-se em consideração os diversos acontecimentos históricos, políticos e as transformações arquitetônicas e urbanísticas ocorridas no referido século. Em Portugal, eventos como o terremoto em Lisboa no ano de 1755 forçou a cidade a presenciar profundas transformações arquitetônicas e urbanísticas; a cidade do Porto sofre grandes transformações tanto urbanísticas com os Almadas, como também arquitetônicas com a chegada do arquiteto italiano Nicolau Nasoni, em 1725.

Considerou-se também que ambas as cidades são exemplares importantes no que se refere às transformações arquitetônicas nesse período, pois foram palcos de grandes manifestações arquitetônicas e que expressaram um poder religioso no século em questão. Historicamente, essa escolha também se justifica em virtude da abundância de recursos originados das colônias, pelas reconstruções e mudanças de paradigma após terremoto.

No caso do Brasil, na Capitania de Minas Gerais (Figura 2), a descoberta do ouro em Vila Rica e de diamantes no Arraial do Tijuco impulsionou a ocupação urbana, fazendo com que as Minas Gerais saíssem de um modelo de ocupação rural. Essa mudança de modelo de ocupação leva a uma maior concentração de renda nas regiões onde havia metais preciosos e a maior produção artística nesses locais. Assim, Vila Rica (nomenclatura antiga da cidade de Ouro Preto) e Arraial do Tijuco (nomenclatura antiga da cidade de Diamantina) foram as cidades escolhidas para a investigação. Portanto, a produção arquitetônica situada na malha urbana e as transformações urbanísticas presenciadas pelas cidades no século XVIII foram o critério de suas escolhas, como discutido anteriormente.

Minas Gerais foi determinante na escolha em função da sua ocupação ter ocorrido, quase que em sua totalidade, no século XVIII. Se na literatura foram encontrados alguns indícios de ocupação ainda no século XVII, pode-se afirmar, seguramente, que

a sua consolidação ocorreu no século XVIII, com o surgimento das vilas e cidades em decorrência da descoberta de ouro e pedras preciosas na região.

No que se refere ao Arraial do Tijuco e à Vila Rica, esta última foi uma das primeiras vilas da Capitania de Minas Gerais, sítio de maior extração de ouro na colônia e a capital da capitania até o início do século XX. Vila Rica foi a região mais populosa da capitania no século XVIII, sítio de onde se extraiu a maior quantidade de ouro e, por consequência disso, a localidade se tronou a maior produtora artística da região das Minas. Tudo isso pode ser verificado pela maior manifestação do poder religioso, considerando suas limitações técnicas e políticas. A escolha do antigo Arraial do Tijuco, ou Tejuco, com sua consolidação na segunda metade da centúria, foi um núcleo urbano que possuía uma administração e controle muito rígidos em função da extração de diamantes. O arraial se tornou um dos núcleos polo da Capitania de Minas Gerais quando a extração do ouro entrava em decadência. As condições locais no período em que a cidade se consolida fizeram com que ela adquirisse características arquitetônicas e urbanísticas diferentes de Vila Rica, e teve uma maior intervenção da coroa portuguesa.

Figura 1 - Mapa Portugal: Lisboa e Porto.



Elaboração: Autor (2021)

Figura 2 - Mapa do Brasil com destaque para a Capitania de Minas Gerais: Arraial do Tijuco e Vila Rica.



Elaboração: Autor (2021)

1.2.2. A delimitação das igrejas

Em primeiro lugar, definiu-se como critério de escolha, edificações religiosas ainda existentes e que não tenham sofrido grandes intervenções posteriores ao século XVIII, o que facilita a sua observação, haja vista a dificuldade de conseguir documentação original da sua implantação, principalmente nos casos Mineiros, como também a precisão sobre as datas de construção, sendo que as intervenções poderiam acontecer muitos anos depois. Diante disso, optou-se pela análise de edifícios que foram construídos/concebidos totalmente no século XVIII, e/ou os que tiveram seu projeto concebido, reconstruções completas ou significativas (que alteraram sua fachada, espacialidade interior, volumetria e implantação) no século em questão.

Outro critério adotado foi o fato de estarem, ou não, inseridos em um conjunto/complexo (conventos, monastério e hospitais). Foram excluídas as igrejas monásticas, conventuais, santas casas, ou que pertençam a complexos arquitetônicos. Serão listadas as igrejas selecionadas mais adiante nesta tese.

1.3. Justificativa do tema: Arquitetura religiosa e manifestação de poder

Antes dos procedimentos metodológicos, é necessário registrar os motivos que deram início a esta tese, com o objetivo de justificar o seu tema.

Desde os tempos de estudante, atuando como monitor de História da Arte e Arquitetura, passei por estágio no Iepha - MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais) até me tornar professor de História da Arquitetura e Arquitetura Brasileira, deparei-me com pesquisas e experiência de campo relacionadas com a arquitetura colonial brasileira e, por consequência, a sua matriz portuguesa. Assim, após extensa pesquisa bibliográfica sobre o assunto arquitetura e urbanismo no século XVIII, no Brasil e em Portugal, e em especial sobre a arquitetura religiosa colonial brasileira, deparei-me com vários estudos referentes a tipologias arquitetônicas, dentre os quais pode-se citar: Arquitetura dos jesuítas no Brasil (1941), artigo escrito por Lúcio Costa, publicado pela Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 5; A arquitetura religiosa barroca no Brasil (1956) escrito por Germain Bazin; A arquitetura e a arte do Brasil colonial (1991), que trata de uma organização de textos de John Bury entre os anos de 1940 e 1980, sobre a arquitetura colonial brasileira, organizado pela professora Myriam A. Ribeiro; As Igrejas Setecentistas de Minas (1986), escrito por Paulo Krüger Corrêa Mourão; O Barroco, a arquitetura e a cidade nos séculos XVII e XVIII (2010) de Rodrigo Baeta; Patrimônio colonial latino-americano (2018), de Percival Tirapeli, A Maravilha Fábrica de Virtudes: O Decoro na Arquitetura Religiosa de Vila Rica, Minas Gerais (1711-1822) (2013) de Rodrigo Bastos; Lisboa Pombalina e o Iluminismo (1977) obra de José Augusto França; Arquitectura Barroca em Portugal (1986) de José Pereira Fernandes; Arquitectura Portuguesa Chã: Entre as Especiarias e os Diamantes (1521-1706) (1987) de George Kubler; Arquitectura Portuguesa: uma síntese (2000), escrito por José Manuel Fernandes. Houve também trabalhos sobre as cidades no Brasil e em Minas Gerais como Arraiais e Vilas D´el Rei: Espaço e Poder nas Minas

Setecentistas, que trata a questão do poder na ocupação do espaço urbano (FONSECA, 2011), Urbanismo de colina: Uma tradição luso-brasileira (LOBO, M. D. C., & SIMŒES JÚNIOR, J. G, 2002) e A Forma da Cidade de Origem Portuguesa (Teixeira, 2012).

1.4. Problemática: as questões que levaram à investigação

Todos esses trabalhos sobre a arquitetura setecentista em Minas Gerais e Portugal tratam essencialmente de questões técnico formais, passando por questões sócio econômicas e culturais. Alguns apenas da arquitetura no Brasil e outros em Portugal, entretanto são trabalhos que não investigaram a expressão do poder pela arquitetura religiosa no século XVIII, ou seja, como o poder da religião pode ser exercido através dos recursos arquitetônicos e nem a relação entre os dois territórios sobre essa ótica. Partindo desse entendimento, alguns questionamentos foram levantados:

- As igrejas possuem elementos que manifestam poder?
- Como, e quais, os recursos foram utilizados pela arquitetura para exercer o poder em Portugal e no Brasil do século XVIII?
- As estratégias e recursos arquitetônicos utilizados para manifestar o poder foram os mesmos em Portugal e na capitania de Minas Gerais?

Com essas questões, chegou-se a uma hipótese que está detalhada no próximo tópico.

1.5. Arquitetura e expressão do poder: Hipótese

As estratégias da arquitetura religiosa para expressar o poder da Igreja, no século XVIII, em Portugal e em Minas Gerais foram as mesmas, porém adaptadas aos contextos em que foram inseridas.

Para comprovar a hipótese desta tese, desenvolveu-se uma análise em duas cidades em Portugal e duas na capitania de Minas Gerais no Brasil e comparadas as duas realidades, verificando a presença de elementos arquitetônicos os quais possuem função que manifesta o poder da Igreja, conforme as teorias a respeito de poder de Max Weber e Foucault, como também a sua construção enquanto discurso fundamentado no conceito aristotélico.

1.6. Objetivos gerais do trabalho

Através do desenvolvimento de uma investigação sobre a problemática da influência da arquitetura no século XVIII em Portugal e no Brasil na formação das cidades, este trabalho tem por objetivo contribuir para o olhar sobre as particularidades das morfologias arquitetônicas existentes no século XVIII, no Brasil colonial e em Portugal, como também suas similaridades na construção de um discurso de poder com foco no edifício.

1.7. Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos foram realizados de acordo com as seguintes etapas: 1ª etapa: constou do levantamento bibliográfico sobre arquitetura religiosa em Portugal e em Minas Gerais e definição dos conceitos e temas da pesquisa; 2ª etapa: foi feito levantamento bibliográfico sobre aspectos históricos, sociais, econômicos das cidades estudadas, inclusive sobre os templos selecionados de acordo com critérios previamente definidos; 3ª etapa constou da análise físico-espacial arquitetônica e urbana dos centros históricos das cidades estudadas de acordo com os critérios estabelecidos através da produção de plantas, fachadas e fotografias, a 4ª e 5ª etapas foi desenvolvida a comparação entre os casos portugueses e brasileiros, em separado, e, posteriormente, entre os dois países.

1.7.1. Etapas da investigação

- Primeira etapa - levantamento bibliográfico sobre arquitetura e poder

Nesta etapa, foram elaboradas três categorias temáticas importantes, tanto que já aparecem no título da investigação: Arquitetura, Discurso e Poder.

Para essa investigação, foram realizados os seguintes levantamentos bibliográficos – fontes secundárias como livros, teses, dissertações e artigos científicos. Sobre esses autores estudados, foi gerado um quadro resumo dos critérios por eles utilizados em suas respectivas teorias, que serviu de base teórica para a elaboração do quadro com os critérios de análise utilizado na 4ª etapa, descrito mais adiante nesta tese. Foram estudados autores que desenvolveram teorias sobre a análise da arquitetura, abordadas de diversas maneiras. Deles destacaram-se as variáveis possíveis para a análise arquitetônica e urbana. Nessa triagem de autores,

utilizou-se tanto conceitos para a análise arquitetônica aplicados à análise urbana, como elementos de análise urbana aplicados à análise arquitetônica. Dos autores estudados sobre o conceito de discurso e poder, gerou-se um quadro resumo dos critérios por eles utilizados em suas respectivas teorias.

- Segunda etapa – levantamento sobre os aspectos históricos, sociais, econômicos e físico-espaciais das cidades e triagem das igrejas nelas inseridas.

Nessa etapa da investigação, foram feitos os seguintes levantamentos:

1) bibliográficos sobre análises históricas, sociais e urbanas das cidades do universo de estudo;
2) cartográficos – fontes e mapas antigos disponibilizados digitalmente
3) das igrejas existentes dentro da malha urbana das cidades – esse levantamento teve como critério apenas a localização, rural ou urbano, independente do ano de sua construção;
4) triagem das igrejas para análise;
5) iconográficos – fotografias atuais e antigas, plantas, cortes, fachadas das edificações presentes em outras pesquisas, em arquivos do Iepha[3] - MG, Iphan[4], DGPC[5], Torre do Tombo[6], Arquivo Ultramarino[7] e Padroado de Lisboa. Esse material levantado estará no texto da tese para melhor entendimento do contexto histórico, urbano e dos edifícios analisados.
6) Documental – fontes primárias como documentos oficiais das irmandades, da coroa portuguesa e o próprio edifício.

Se faz importante pontuar que a esta fase de consultas e visitas externas teve um grande limitador, por causa do momento pandêmico vivido em todo o mundo, dificultando o acesso a documentos manuscritos e visita em locais já definidos para os estudos. Fazendo com que se prioriza-se a documentação disponível on-line.

---

[3] Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Brasil)

[4] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil)

[5] Direção Geral do Patrimônio Cultural (Portugal)

[6] Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Portugal)

[7] Arquivo Histórico Ultramarino (Portugal)

Como mencionado anteriormente, as quatro cidades selecionadas para a pesquisa (Lisboa, Porto, em Portugal, Arraial do Tijuco e Vila Rica em Minas Gerais) passaram por transformações importantes no decorrer do século XVIII. A produção arquitetônica situada na malha urbana e as transformações urbanísticas presenciadas por essas cidades no período foram o critério de escolha, como discutido anteriormente.

Nessa etapa da investigação foram catalogadas as edificações religiosas nas cidades do universo de estudo considerando as seguintes premissas: os edifícios religiosos foram catalogados independentemente do período da sua construção e foram incluídas todas as igrejas situadas dentro da malha urbana das quatro cidades. No total foram identificadas 47 igrejas na cidade em Lisboa, 33 igrejas na cidade do Porto, 9 igrejas no Arraial do Tijuco e 14 Igrejas em Vila Rica. Essa catalogação teve como objetivo identificar os edifícios existentes, para a seleção, na próxima etapa, das igrejas que foram analisadas. As 47 igrejas estão listadas em quadros (Quadro 1, Quadro 2, Quadro 3 e Quadro 4)

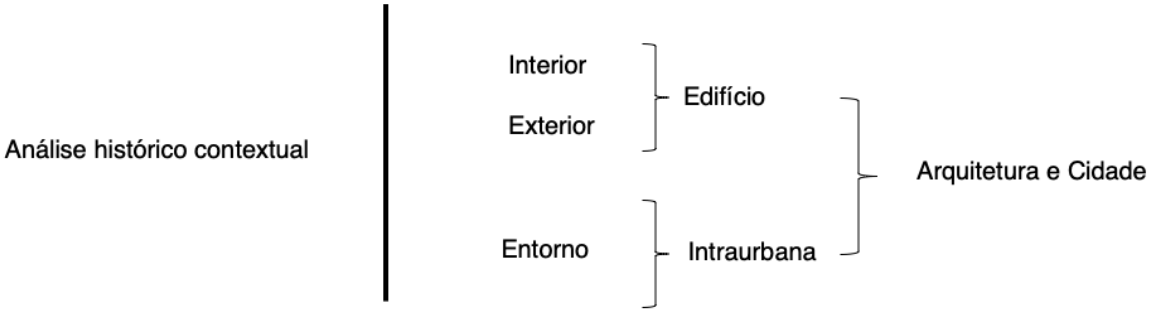
Os edifícios foram selecionados conforme os seguintes critérios (não listados por nível de relevância): o primeiro critério foi a data de construção, reconstrução ou restauração do edifício. Foram selecionadas as igrejas construídas durante o século XVIII, que tiveram seu projeto concebido e ou tiveram intervenções significativas no mesmo século, o segundo critério foi a seleção de igrejas isoladas, não atreladas, portanto, a hospitais, colégios, monastérios, conventos, dentre outros. O terceiro critério foi a sua inserção na cidade. Essa opção foi por serem edifícios que estão inseridos dentro da malha urbana do século XVIII. O quarto critério foi a sua importância, que aqui relacionamos à sua escala. Ou seja, as pequenas capelas e ermidas não entraram na listagem. Sendo assim, foram listadas as matrizes ou igrejas paroquiais e de irmandades. O quinto critério foi relacionado à documentação disponível e a seu estado de conservação nos dias de hoje. Apesar de existirem muita documentação das relações sociais e governamentais da época, são poucas as que tratam da arquitetura, ou seja, contratos, licitações, plantas, cortes e fachadas. Outro fator considerado foi a disponibilidade desse material para consulta e, como o edifício é a mais importante fonte primária desta tese, o seu estado de conservação foi imprescindível. Para essa etapa, nos casos em que não existiam documentação gráfica, foi necessário a construção das fachadas e plantas através de imagens do

Google, visitas de campo e fotografias autorais e de terceiros. Pelo cruzamento desses elementos foi possível a construção gráfica destas fachadas e de algumas plantas baixa. Especialmente as fachadas não estão disponíveis, ou não existem nos arquivos, sendo necessário a produção autoral de sua representação gráfica. Assim chegamos a um total de vinte e quatro de igrejas, oito em Lisboa, quatro no Porto, seis em Vila Rica e seis no Arraial do Tijuco. (Figura 5, 6, 7 e 8)

- Terceira etapa – elaboração dos critérios para a análise físico-espacial arquitetônica e urbana dos centros históricos das cidades estudadas.

Para a definição dos critérios de investigação, foi considerado como campo de análise do tema Arquitetura e Poder, o objeto igreja e sua relação com o entorno imediato. Sendo assim, serão adotadas as análises históricas dos discursos de poder manifestados pela arquitetura da seguinte forma (Figura 3)

Figura 3 - Estrutura da construção da análise arquitetônica



Elaboração: Autor (2019)

As escalas de análise foram divididas em duas:

a. Escala Intraurbana

Nesse ponto, foi analisada a relação do edifício com seu entorno imediato, sua escala em relação aos edifícios mais próximos, sejam eles outras igrejas, edifícios oficiais ou civis; a relação com as vias principais e secundárias, praças, outros equipamentos e sua cota de implantação. Todos esses elementos de análise foram relacionados com o que se entende, nesta tese, sobre poder, como esses recursos manifestaram o poder no século XVIII em cada caso de estudo. Pretendeu-se analisar arquitetura das Igrejas como também sua inserção na cidade, limitando-se ao entorno imediato, tendo por objetivo o entendimento de uma linguagem que possa expressar o poder da religião através do objeto arquitetônico; criar mecanismos para o

entendimento da história da arquitetura e sua relação com o poder; e examinar similaridades e divergências de estratégias arquitetônicas para cada caso, através de métodos comparativos, que são considerados por Marc Block como: “Aplicar o método comparativo no quadro das Ciências Humanas consiste (...) em buscar, para explicá-las, as semelhanças e as diferenças que apresentam duas séries de natureza análogas, tomadas de meios sociais distintos.” (BLOCH, 1930, p. 31-39)

b. Escala do Edifício

Neste ponto, foi analisado o edifício, os espaços nele organizados (salas, salões, tribunas, altares, ou outros elementos espaciais), sua geometria espacial interna e sua geometria externa e os elementos que os compõem (portais, torres, aberturas, presença de ornamentação, e outros). Todos esses elementos de análise foram relacionados com o que é entendido, neste estudo, sobre poder e como esses recursos manifestaram o poder no século XVIII em cada caso de estudo.

- Quarta etapa: análise arquitetônica e urbana das cidades estudadas.

Nesta etapa, desenvolveu-se a análise arquitetônica e urbana das igrejas nos centros históricos das cidades do universo de estudo, a começar por Lisboa e Porto, seguido por Vila Rica e Arraial do Tijuco.

Serão abordados aqui, aspectos históricos, sociais, econômicos e arquitetônicos dos edifícios, das cidades estudadas e suas relações com a manifestação do poder. A escolha dos edifícios a serem estudados foram definidos e elaborados na 3ª etapa dessa metodologia. Como processo de análise das igrejas, foi adotada uma ordem que se dará da seguinte forma: os elementos do tema Arquitetura relacionados à análise do objeto arquitetônico e seu entorno imediato. Já o tema Discurso e Poder serviu para dar os suportes conceituais teóricos para essas análises. Propusemos fazer uma análise da arquitetura das edificações religiosas selecionadas à luz do poder. Os itens relacionados ao primeiro tema (arquitetura) deverão se enquadrar dentro das conceituações teóricas do segundo (discurso e poder) tema para a sua validação.

Quadro 1 - Igrejas Lisboa – Levantamento com base em dados cronológicos de datas marcantes para o edifício.

Nº	ANO	DENOMINAÇÃO	Década	séculos ANTERIORES	século 1500	século 1600	1700	1705	1710	1715	1720	1725	1730	1735	1740	1745	1750	1755	1760	1765	1770	1775	1780	1785	1790	1795	1800
1	1506	Igreja de São Roque			06																						
2	1509	Igreja da Madre de Deus			9																						
3	1556	Igreja de São Domingos		XIII	56																						
4	1669	Igreja e Mosteiro de São Vicente de Fora (Paço de S. Vicente)		XII	82	69																					
5	1683	Igreja e antigo Convento do Grilo				83																					
6	1705	Igreja do antigo Convento de Arroios																									
7	1711	Igreja do Menino Deus							11																		
8	1730	Igreja de São Cristóvão		XII																							
9	1733	Igreja de Santo Estêvão		XII									33														
10	1742	Igreja de Nossa Senhora da Porciúncula, do Convento dos Barbadinhos												38	42												
11	1742	Igreja Paroquial de Sta. Engrácia ou de Nª Sra. da Porciúncula (Convento dos Barbadinhos)													42												
12	1750	Igreja do Senhor Jesus do Triunfo																									
13	1753	Igreja e Antigo Convento de São Francisco de Paula								19							53										
14	1754	Igreja Paroquial da Penha de França / Igreja de Nossa Senhora da Penha			97	01											54										
15	1755	Igreja das Chagas			42																						

Continua

Conti. Quadro 1

16	1755	Igreja de São José dos Carpinteiros			45																					
17	1755	Igreja de Santa Catarina				54													63							
18	1755	Igreja de São Lourenço		XIII																						
19	1755	Igreja de São Luís dos Franceses			72	22																				
20	1755	Igreja de São Sebastião da Pedreira				52																				
21	1755	Igreja de Nossa Senhora do Rosário ou Igreja do Corpo Santo				59																				
22	1755	Igreja e Convento de Nossa Senhora da Encarnação				25																				
23	1755	Igreja de São Miguel		XII		73																				
24	1755	Igreja e Antigo Convento de Nossa Senhora da Estrela			72																					
25	1757	Senhor Jesus dos Navegantes e Nossa Senhora da Caridade																57								
26	1758	Igreja de São Brás e de Santa Luzia		XII														58								
27	1759	Capela de Bom Jesus da Boa Hora e Via Sacra																59	64							
28	1760	Igreja da Memória																								
29	1765	Igreja de Nossa Senhora da Vitória			56																					
30	1765	Igreja de Nossa Senhora de Jesus/Igreja Paroquial das Mercês				15																				
31	1766	Igreja de São Luís dos Franceses			22															66						
32	1767	Igreja de Santo António de Lisboa																		67						
33	1768	Basílica dos Mártires																		68						
34	1768	Igreja da Conceição-Velha																		68						
35	1768	Igreja de São Paulo																		68						

Continua

Conti. Quadro 1

36	1769	Igreja de Nossa Senhora da Encarnação						8												69							
37	1769	Igreja e antigo Convento de Nossa Senhora da Boa Hora																58		69							
38	1772	Igreja do Santíssimo Sacramento				71															72						07
39	1773	Igreja de Santiago		XII																	73						
40	1776	Igreja de Santa Cruz do Castelo		XII																		76					
41	1778	Igreja Paroquial do Campo Grande - Igreja dos Santos Reis Magos																				78					
42	1780	Igreja de São Pedro em Alcântara		XIV																							
43	1780	Igreja Paroquial de São Nicolau		XIII																							
44	1783	Igreja da Madalena																					83				
45	1785	Igreja de Nossa Senhora do Loreto			18																						
46	1789	Igreja de São João da Praça																						89			
47	1800	Igreja de Santos-o-Velho		XII																							

Elaboração: Autor (2019)

Quadro 2 - Igrejas Porto – Levantamento com base em dados cronológicos de datas marcantes para o edifício.

Nº	ANO	DENOMINAÇÃO	Década	séculos ANTERIORE	século 1500	século 1600	1700	1705	1710	1715	1720	1725	1730	1735	1740	1745	1750	1755	1760	1765	1770	1775	1780	1785	1790	1795	1800
1	1087	Igreja de São Martinho de Cedofeita		1087																							
2	1200	Catedral		XI																							
3	1383	Igreja de São Francisco - Conventual		1383																							
4	1410	Igreja da Ordem de São Francisco		1410																							
5	1416	Igreja de Santa Clara		1416																							
6	1542	Mosteiro da Serra do Pilar			42																						
7	1577	Igreja de São Lourenço dos Grilos			77																						
8	1604	Igreja de São Bento da Vitória - Conventual				4																					
9	1619	Igreja do Carmelitas				19																					
10	1671	Igreja paroquial de São Nicolau				71													62								
11	1672	Igreja São João o Novo - Conventual				72					26											79					
12	1692	Igreja da Ordem Terceira de São Francisco				92																					
13	1700	Igreja de Nossa Senhora do Ó					0																				
14	1703	Igreja dos Congregados				80	3																				
15	1714	Igreja de Santa Maria/Igreja Paroquial de Campanhã							14																		

Continua

Conti. Quadro 2

16	1724	Igreja de Santo Idelfonso - Paroquial									24		30														
17	1732	Igreja e torre dos Clérigos											32					58									
18	1737	Capela de São Roque												37													
19	1737	Capela da Ramada Alta / Capela de Nossa Senhora das Dores e Senhor do Calvário												37													
20	1740	Igreja de São Pedro de Miragaia									24																
21	1743	Igreja do Bonfim													43												
22	1745	Igreja de Santa Marinha - Paroquial														45											
23	1746	Igreja de Nossa Senhora da Esperança														46			63								
24	1750	Igreja da Santa Casa de Misericórdia			48												54				79						
25	1756	Igreja da Venerável Ordem Terceira do Monte do Carmo																56	62								
26	1756	Igreja de Nossa Senhora da Lapa																56									63
27	1756	Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Vitória				38												56		69							
28	1756	Igreja do Terço e Caridade																56									
29	1758	Capela da Lada																58									
30	1764	Igreja de São Martinho/Igreja Paroquial de Lordelo do Ouro																	64								
31	1776	Igreja do Corpo Santo de Massarelos																				76					
32	1795	Igreja de São José das Taipas																								95	78
27	1756	Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Vitória				38												56		69							

Elaboração: Autor (2019)

Quadro 3 – Igrejas Vila Rica (Ouro Preto) – Levantamento com base em dados cronológicos de datas marcantes para o edifício.

Nº	Ano	DENOMINAÇÃO	Década	séculos ANTERIORE	século 1500	século 1600	1700	1705	1710	1715	1720	1725	1730	1735	1740	1745	1750	1755	1760	1765	1770	1775	1780	1785	1790	1795	1800
1	1711	Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Ouro Preto					11																				
2	1725	Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo																									
3	1729	Matriz de Nossa Senhora da Conceição de António Dias								29																	
4	1726	Igreja de São José (Capela Imperial de São José)																									
5	1730	Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto																									
6	1761	Igreja de Nossa Senhora do Rosário															61										
7	1766	Igreja de Nossa Senhora do Carmo																66									
8	1771	Igreja do Bom Jesus de Matosinhos e de São Miguel e Almas (Cabeças)																	71								
9	1776	Igreja de São Francisco de Assis																									
10	1771	Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia (Mercês de Cima)																	71								
11	1742	Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões (Mercês de Baixo)											42														
12	1804	Igreja de São Francisco de Paula																							04		
13	1730	Matriz de São Bartolomeu																									
14	1751	Matriz de Santo António de Glaura													51												

Elaboração: Autor (2019)

Quadro 4 - Igrejas Arraial Do Tijuco (Diamantina) – Levantamento com base em dados cronológicos de datas marcantes para o edifício.

Nº	ANO	DENOMINAÇÃO	Década	séculos ANTERIORES	século 1500	século 1600	1700	1705	1710	1715	1720	1725	1730	1735	1740	1745	1750	1755	1760	1765	1770	1775	1780	1785	1790	1795	1800
1	1768	Igreja de São Francisco de Assis																68	72								
2	1771	Igreja de Nosso Senhor do Bonfim dos Militares																	71								
3	1765	Igreja de Nossa Senhora do Carmo																65									
4	1773	Capela Imperial do Amparo																	73								
5	1750	Catedral Metropolitana - Santo António da Sé																									
6	1771	Igreja de Nossa Senhora do Rosário									31								71								
7	1778	Igreja de Nossa Senhora das Mercês																		78							
8	1750	Igreja de Santana (Inhaí)																									
9	1768	Igreja de São Francisco de Assis																68	72								

Elaboração: Autor (2019)

Quadro 5 - Quadro Seleção das Igrejas de Lisboa.

 IGREJA DE SÃO MIGUEL - LISBOA	 IGREJA DE SANTO ESTEVÃO - LISBOA	 IGREJA DE SANTO ANTÓNIO - LISBOA	 IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LORETO - LISBOA	 IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES - LISBOA	 IGREJA DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO - LISBOA	 IGREJA DO SANTÍIMO SACRAMENTO - LISBOA	 IGREJA DE SANTA CRUZ DO CASTELO - LISBOA

Elaboração: Autor (2019)

Quadro 6 - Quadro Seleção das Igrejas do Porto.

 IGREJA DE SÃO ILDEONSO - PORTO	 IGREJA PAROQUIAL DE. MIRAGAIA - PORTO	 IGREJA DE SÃO PEDRO DOS CLÉRIGOS - PORTO	 IGREJA DE SÃO JOSÉ DAS TAIPAS - PORTO

Elaboração: Autor (2019)

Quadro 7 - Quadro Seleção das Igrejas de Vila Rica.



Elaboração: Autor (2019)

Quadro 8 - Quadro Seleção das Igrejas do Arraial do Tijuco.

Elaboração: Autor (2019)



- Quinta etapa: estudo comparativo

Na quinta etapa, será para a análise comparativa que se deu em duas fases:

- 1ª fase – destinou-se a comparação dos edifícios religiosos analisados na etapa anterior considerando, num primeiro momento, somente os das duas cidades de Portugal. Da mesma forma, foram comparadas as igrejas analisadas nas duas cidades de Minas Gerais. Essa comparação inicial levou a uma síntese por país, isto é, das edificações religiosas em Portugal e das edificações religiosas em Minas Gerais, separadamente. Foi elevada, portanto, a uma síntese de cada país, a ser utilizada na 2ª fase.
- 2ª fase – os aspectos gerais de cada país (Brasil e Portugal) gerados na 1ª fase serão comparados entre si nesta etapa.

Consiste na síntese das etapas anteriores aplicadas às igrejas analisadas da capitania de Minas Gerais (Vila Rica e Arraial do Tijuco) e traçar um paralelo com a arquitetura religiosa das igrejas analisadas de Lisboa e Porto, do século XVIII. Esta 5ª etapa tem como objetivo analisar os elementos, aspectos e suas relações, que serão expostos para afirmar a presença dessas características, sob a ótica dos conceitos de discurso de poder pré-definidos dos aspectos gerais de cada país (Brasil e Portugal), gerados na 4ª etapa, os quais serão comparados entre si nesta etapa. Considerando as condições em que a arquitetura se desenvolve no espaço; a arquitetura como referencial; sua organização (partido arquitetônico), proporção e escala e suas partes na elaboração do todo. Como processo de análise das igrejas será adotado os parâmetros descritos anteriormente na 4ª etapa.

1.8. Estrutura da tese

Esta tese se organizou em 5 capítulos: capítulo 1, trata-se de uma introdução sobre a investigação, na qual se apresenta os conceitos básicos da tese, sua contextualização e suas motivações. No capítulo 2, é apresentada a fundamentação teórica que norteia as análises das igrejas, tanto os conceitos de discurso e poder, como da arquitetura. O capítulo 3 e 4, foram destinados à análise morfológica arquitetônica. Sendo o capítulo 3 para as igrejas de Portugal (Lisboa e Porto) e o capítulo 4 para a Capitania de Minas Gerais (Vila Rica e Arraial do Tijuco). O capítulo

5, é destinado à comparação entre as duas realidades, fundamentados nas teorias contidas no capítulo 2. O capítulo da conclusão contém a reflexão sobre a relação entre os elementos da arquitetura e a manifestação de poder, e os resultados obtidos neste tópico, foram relacionadas as etapas da investigação e os 5 capítulos da tese através de um quadro para melhor compreensão das relações.

Quadro 9 - Relação entre capítulos e etapas da tese.

Capítulos	Etapas da investigação
Capítulo 1 - Introdução	
Capítulo 2 - Conceituação e embasamento teórico	1ª etapa
Capítulo 3 - Capítulo sobre Portugal	2ª etapa + 3ª etapa
Capítulo 4 - Capítulo sobre Minas Gerais	2ª etapa + 3ª etapa
Capítulo 5 - Comparação entre Portugal e Minas Grais	4ª etapa + 5ª etapa
Conclusão	
Bibliografia	
Anexos	

Elaboração: Autor (2019)

No Capítulo 2 desta tese, foram abordadas as fundamentações teóricas sobre discurso e poder, como também para a análise da arquitetura e da cidade.

Capítulo 2: Arquitetura e Poder



Vila Rica (Ouro Preto) – Minas Gerais
Ilustração: Fábio Vasconcellos

Conforme o direito Canonico, as Igrejas se devem fundar, e edificar em lugares decentes, e acomodados, [...] se edifique em sítio alto, e lugar decente, livre [...] de casas particulares, e de outras paredes, em distancia que possão andar as Procissões ao redor dellas, e que se faça em tal proporção , que não sómente seja capaz dos freguezes todos, mas ainda de mais gente de fóra, [...]. (CONSTITUIÇÕES, 1853, p.251 e 252)

Capítulo 2 – Arquitetura e Poder

Neste capítulo, será abordada a relação entre a arquitetura religiosa e o poder no século XVIII, ou seja, como ela se manifesta enquanto objeto instrumento do discurso de poder, neste caso específico do poder religioso, uma vez que existem outros tipos e formas de poder, uma manifestação que é vista através da arquitetura e por meio de recursos projetuais.

Para o entendimento destas questões, serão abordados alguns conceitos que são importantes para a construção da linha de pensamento desta tese. Os conceitos de discurso e poder, teorias da análise da arquitetura e arquitetura e poder na história, também serão abordados.

2.1. Discurso e poder

2.1.1. Discurso

A arquitetura foi uma das formas de expressão do poder através de um discurso cuja linguagem é a forma e a produção de espaço. Por isso, será feita abordagem sobre o conceito de poder e discurso, por serem pertinentes ao tema. Aristóteles[8] será retomado para a construção desse entendimento sobre o discurso.

Em seus estudos sobre a retórica no discurso, o filósofo qualificou as relações sociais na polis grega, qualificando o debate através do discurso. Assim, ele define a arte retórica como uma habilidade de descobrir o que é capaz de persuadir em qualquer tema, as formas que compõem o discurso (*rethón*); como também o contexto em que está inserido, o ambiente, a cultura e as pessoas envolvidas (LIMA, 2011). Segundo o filósofo, a composição dos discursos, ou a forma como ele deve ser construído, a retórica, deve contar com três elementos em sua ordem de construção: *Ethos, Pathos* e *Logos*.

Para Aristóteles, *Ethos* é toda fala que constrói confiança, quando se pretende demostrar confiança ao público a quem se transmite a mensagem. *Pathos*, é o conteúdo emocional dentro do discurso e tem por objetivo provocar emoções para

---

[8] Filósofo grego, discípulo de Platão, que escreveu sobre a arte da retórica. Viveu entre 355 a.C e 323 a.C.

induzir à tomada de decisões do ouvinte. Esses conceitos foram usados, partindo do entendimento de que a arquitetura é um meio de comunicação, buscando ao longo deste capítulo sua relação com a análise da arquitetura como discurso. Nesta tese, esse ouvinte é o usuário do espaço, a população, o fiel. E *Logos*, o conteúdo racional do discurso. Aquele que demonstra fatos e dados, que, segundo Aristóteles, não tem efeito sozinho apesar de considerá-lo o mais importante.

Os três elementos do discurso aristotélico à história moderna, mais especificamente ao contexto da arquitetura religiosa do século XVIII, serão aplicados aqui. Percebe-se que nessa centúria já havia se passado mais de mil anos do estabelecimento do cristianismo e mais especificamente da religião católica. Portanto, ao longo desses séculos, o elemento *Ethos* é construído dentro da sociedade ocidental, que, mesmo abalada pela reforma protestante no século XVI, ainda manteve fortes raízes na Europa, principalmente na porção mediterrânea, a través da sua consolidação secular e disseminação. Desta maneira, esse elemento (*Ethos*) dá credibilidade para o despertar da emoção dentro do discurso retórico da Igreja para a influência dos fiéis, o que é considerado o *pathos*. Considera-se aqui que a concretude desse discurso, a porção *logos*, se faz na obra, no edifício, a representação física dos conceitos cristão, na materialidade desse discurso de poder.

O quadro 10 a seguir resume e correlaciona os elementos e conceitos de Aristóteles com a arquitetura.

Quadro 10 - Relação entre os elementos de Aristóteles e a Arquitetura.

Elemento	Aristóteles	Arquitetura
Ethos	Construção da credibilidade	Histórico das instituições e suas relações com a comunidade.
Pathos	Elementos de caráter emocional	Elementos arquitetônicos e artísticos que, contextualizados com a comunidade, despertam as paixões.
Logos	Racionalização do discurso	O objeto arquitetônico, o edifício.

Elaboração: Autor (2019)

Um dos autores do século XX, que trata do poder na sociedade, e em uma de suas passagens inclui a arquitetura como elemento de expressão do poder, é Michael Foucault. Segundo Foucault, o discurso é a forma de se impor a quem ouve. É todo conjunto de formas que comunica um conteúdo, independente da linguagem.

Quando se transpõe esse conceito para a arquitetura, entende-se que os itens que a compõe se organizam e transmitem uma mensagem. Ou seja, é um conjunto de soluções técnicas construtivas que se organizam de uma determinada forma para transmitir um determinado conceito ou mensagem ao observador. Em seu trabalho Vigiar e Punir, Foucault faz referência ao espaço arquitetônico e aborda os presídios, escolas e hospícios e como eles expressam o discurso de poder através de soluções arquitetônicas espaciais e formais. Não é objetivo desta tese o aprofundamento dessa análise feita por Michael Foucault sobre essas tipologias arquitetônicas, mas sim, entender que o edifício é composto de elementos que o transformam em mensageiros de algo aos seus usuários. O mesmo acontece com os templos religiosos, objetos arquitetônicos carregados de simbolismos, consequência de sua inerente natureza metafísica. Reflexos de transformações sociais, moldam-se às necessidades vigentes.

Bastos (2005) ao tratar a ordem no edifício[9] relaciona o discurso, no seu caso poético, à arquitetura citando essa relação feita por Píndaro[10]: para introduzir o tema, seu caráter e atributos enquanto arte, as primeiras palavras de um poema seria a fachada do edifício. O discurso é regido por uma ordem para que o sentido seja compreendido, que é regida por uma hierarquia na disposição de seus elementos, correspondente ao uso para o qual o edifício foi concebido dentro de um contexto. Platão descreve sobre esse discurso e sua ordem, em Fedro:

> [...] todo o discurso deve ser formado como um ser vivo e ter seu organismo próprio; não deve faltar-lhe a cabeça nem os pés, e tanto os órgãos centrais como os externos devem estar dispostos de maneira que se ajustem uns aos outros, e também ao conjunto." (BASTOS, 2005, p. 6)

Bastos (2005) exemplifica esse ordenamento do discurso através da Igreja de São Francisco de Assis, situada em Vila Rica. Descreve o discurso teológico-retórico no seu frontispício[11], no qual se encontra referências à Ordem Franciscana, como a

---

[9] Tradicionalmente ordem está relacionada à disposição adequada e conveniente das partes constituintes da obra, como um corpo vivo. (BASTOS. 2005, p. 6)

[10] Poeta grego (518 - 438 a.C.)

[11] Frontispício: considerado, nesta tese, como um elemento arquitetônico composto, de maneira genérica, pelos elementos ornamentais da porção frontal de uma construção, nomeadamente na área

representação do transpasse das chagas de Cristo ao santo. Esse discurso faz parte de um todo maior, que individualiza essa Irmandade dentro do universo católico. Ainda sobre essa igreja, destaca a portada disposta e ornamentada com elementos que filiam o corpo da Ordem ao "corpo místico" do reino português. (BASTOS, 2005, p. 11)

Bastos considera os elementos inventio e despositio, tratados por Vitrúvio em sua análise da igreja de São Francisco de Assis. Esses elementos definidos no *inventio*, de acordo com as intenções filosófico-conceituais do discurso do projeto, fazem parte de um todo, organizado e estruturado (*Dispositio*) conforme os valores da Irmandade: Deus, a hierarquia (da igreja, do reino e das instituições), a conveniência, dignidade e decência. Essas partes se organizam para compor o sentido que se deseja dar à obra, o teatro sacro católico. (BASTOS, 2005)

2.1.2. Poder

Como já mencionado anteriormente, em toda a sua história, o homem vive, de certa forma, em busca de poder, seja qual for a esfera: material, cultural, psicológica ou mesmo a combinação destas esferas. O poder pode ser tanto o fim como o meio de se alcançar algo. Humanidade e poder sempre caminharam juntos, lado a lado, influenciando-se mutuamente e exercendo o segundo sobre o primeiro uma força propulsora de desenvolvimento. Segundo Foucault, essas correlações de força, em sua desigualdade, continuamente induzem estados de poder sempre pontuais e instáveis. A onipotência do poder se impõe, "porque este se produz a cada instante, em todos os pontos, ou seja, em toda relação entre um ponto e outro". (FOUCAULT, 1988, p.89)

Desta forma, "o poder está em toda parte; não porque engloba tudo, mas sim, porque provém de todos os lugares". Foucault (1988) descreve o poder como não sendo uma instituição ou estrutura, nem mesmo uma potência inerente a algo. O

---

da fachada, não sendo considerados os volumes das torres. Considerou-se nesta investigação como fachada a composição do frontispício com as torres.

poder é “o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.” (FOUCAULT, 1988, p. 89)

Max Weber descreve o poder como algo amorfo, não possui forma definida, ou seja, pode assumir várias formas. No livro “Três tipos de Poder e outros Escritos”, Max Weber classifica o poder em três tipos, sendo eles: o Poder Econômico, o Poder Ideológico e o Poder Político (WEBER, 2005). O Poder econômico, que se baseia na posse de bens, em que quem tem mais recursos o exercerá. O Poder ideológico é baseado na detenção de informações que influenciam o comportamento social perante o mundo, influenciando o modo de vida das pessoas. O Poder político, baseado na influência da conduta alheia, dita regras a um grupo determinado, que pode ser uma comunidade, uma cidade ou um país.

Ainda, conforme Weber (2005), ter poder é ser capaz de influenciar as ações e a conduta de outras pessoas conforme a sua vontade, porém são necessários recursos para isso. Assim, ele desenvolve o conceito de dominação e a separa em 3 formas: Tradicional, Carismática e Racional Legal. O autor as considera como formas ideais ou puras, sem existirem isoladamente, mas combinadas entre si. Weber entende também que o poder por si só não se sustenta, pois ele necessita de uma legitimação para acontecer, ou seja, o poder é a probabilidade de impor a sua vontade, mesmo contra a vontade alheia, seja de forma implícita ou explícita. A dominação é a probabilidade de encontrar obediência (dentro de um determinado grupo) a uma determinada ordem.

A relação entre poder e dominação faz com que o poder seja exercido de fato. Essa dominação é legitimada quando é consentida, seja na forma Tradicional, baseada e sustentada através dos costumes e culturas; Carismática, sustentada pela crença na figura de um líder que possui características ou habilidades reconhecidas e veneradas pela comunidade; e a Legal, que se baseia nas leis, independente da sua origem ou administração.

A religião exerce e está impregnada de manifestações de poder, seja ele econômico, político e ideológico, como também suas combinações, podendo coexistir mais de uma manifestação no mesmo evento. Isso faz pensar em qual a relação que essas reflexões ou teorias de poder têm com a arquitetura e como esse discurso de poder se manifestar através da arquitetura religiosa no século XVIII.

Predominante no universo luso do século XVIII, o Barroco reafirma a dualidade entre o mundo sagrado e o profano. Para isso, lança mão de recursos visuais, que demonstra aos fiéis o belo presente no sagrado e os sacrifícios e amarguras da esfera do profano. Esse entendimento já existia no cristianismo desde a Idade Média. Oliveira destaca como essa atmosfera Barroca manifesta nas igrejas agindo como manifestação de poder:

> O adentrar no templo Barroco seria adentrar no reino do bem, no reino do belo. Reino esse de dissimulação da verdade maior – as estratégias de poder – através de um discurso espiritualizado, que pregava a conformação e o respeito às instituições. Tal dissimulação era uma maneira de controle social, no seu aspecto mais ortodoxo[...] (OLIVEIRA, C. 2010a, p.110).

É importante frisar que essa dominação simbólica não é imposta. Dessa maneira, o dominador não subjuga o dominado, pois ela se configura como uma espécie de acordo ou consentimento entre as partes havendo uma aceitação, por reverberação, dos valores, um pacto. (BOURDIEU, 1996, p. 37)

Bourdieu disserta sobre a relação da igreja e a política e que através de simbolismos influencia o pensamento:

> A Igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões dessa ordem (...) pela imposição e inclusão dos esquemas de percepção, pensamento e ação objetivamente conferidos às estruturas políticas e, por essa razão, tendentes a conferir a tais estruturas a legitimação suprema que é a "naturalização", capaz de instaurar e restaurar o consenso acerca da ordem do mundo mediante a imposição e a inculcação de esquemas de pensamento comuns, bem como pela afirmação ou pela reafirmação solene de tal consenso por ocasião da festa ou da cerimônia religiosa, que constitui uma ação simbólica de segunda ordem que utiliza a eficácia simbólica reforçando a crença coletiva em sua eficácia (...). (BOURDIEU, 1992, p. 70)

Esses elementos simbólicos abordados por Bourdieu, utilizados pela Igreja, são manifestados por diversas formas discursivas, dentre elas as artes iconográficas, a arquitetura, sermões, dentre outros. Sobre a eficácia desse discurso que denomina de performativo, o autor escreve: "A eficácia do discurso performativo que pretende fazer acontecer o que enuncia no próprio ato de enunciá-lo, é proporcional à autoridade daquele que o enuncia [...]". (BOURDIEU, 1996, p. 111)

Assim, conforme Bourdieu, entende-se a arquitetura como um veículo que transmite o discurso desse poder, visto que a igreja é um edifício composto por elementos carregado de simbolismos, responsáveis pela transmissão das

informações a que se destina. Ou seja: a partir do edifício é possível transmitir a ideia ou entendimento do poder nas três esferas, econômico, político ou ideológico, e que a arquitetura religiosa, especificamente, expressa através de recursos próprios, atingindo a comunidade de forma objetiva e subjetiva. Partindo desse entendimento, pode-se lançar mão destes conceitos de Weber para sustentar esta tese, isto é, a de que a forma tradicional de dominação, baseada nos costumes e nas tradições, uma das bases de sustentação da longevidade das religiões, pode ser observada por se reverberar na religião e por conseguinte na arquitetura religiosa, por esta ser a expressão de uma doutrina. Religião essa que faz parte da cultura ocidental por séculos e está fortemente impregnada nas relações entre a Santa Sé e a Coroa Portuguesa desde a sua formação.

Segundo Foucault (1976), em sua obra A Vontade de saber, o poder exerce influência sobre o sujeito nos seus gestos, em suas atitudes, em seu discurso, na sua aprendizagem, abrangendo a sua vida cotidiana, e pode impor limites, barreiras interferindo na sua liberdade, pois o indivíduo é composto de sua relação com o espaço que o cerca. Relacionando esse conceito com a igreja e considerando o templo religioso uma das expressões dela, pode-se perceber a sua abrangência nesses aspectos listados no dia a dia do observador/usuário.

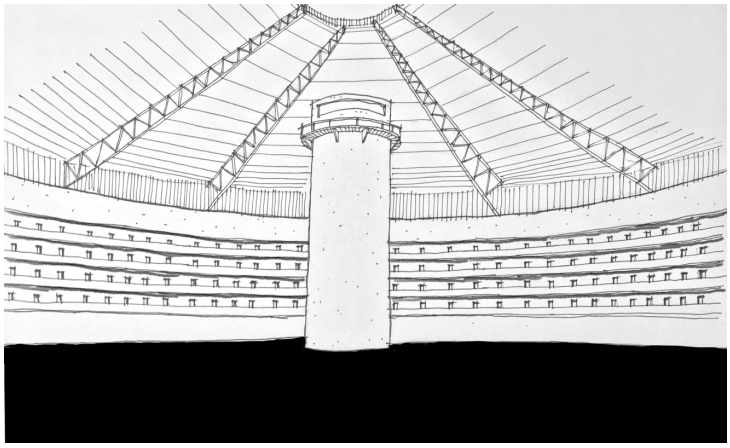
Aos conceitos de poder definidos como fundamentação teórica, acrescenta-se a capacidade da arquitetura de causar emoções. Segundo Milton Santos (1999), pode-se ter, através de uma ação comunicativa, a apreensão de uma sensação de emoção espontânea e criativa (SANTOS, 1999, p. 258). A emoção pode ser a propriedade do espaço ao anunciar o prazer da arquitetura. Segundo Alberti (2011), baseada nas proporções da natureza, a arquitetura deveria expressar conceitos abstratos como a simetria, a ordem, o ritmo e a harmonia, com os quais o homem se familiariza e se sente inserido naturalmente como parte. Como um ser emotivo, o homem é tocado e levado a agir conforme suas emoções. Entende-se que a dominação carismática utiliza do apelo da emoção para se fazer presente.

No capítulo Corpos Dóceis, do livro Vigiar e Punir, Foucault (1977) descreve o que ele considera mecanismos de poder, através do qual o poder é exercido. Como já afirmado, não é objeto desta tese a análise e aprofundamento da obra dos autores sobre o poder em si, mas sim a utilização de conceitos que se entende por darem

sustentação teórica para a definição do poder tal qual ele será abordado na tese. Os referidos autores não utilizaram a arquitetura para desenvolver suas teses e reflexões sobre o poder, com exceção de um momento específico em que Foucault aborda presídios escolas, fábricas e manicômios, sem aprofundar na questão do edifício religioso. Desta abordagem, utilizamos dois desses mecanismos de poder definidos por Foucault: a Arte da distribuição e o Controle do Tempo. Nessa abordagem, Foucault aborda a arquitetura a partir do exemplo do Panóptico[12]. Um dos dispositivos de distribuição e disciplinamento de corpos (Figura 4). Sobre o uso desse dispositivo, o autor descreve:

> [...]induzir no detido um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento autoritário do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente nos seus efeitos[...]que a perfeição do poder tenta tornar inútil a atualidade do seu exercício [...]. (FOUCAULT,1987, p.166)

Figura 4 - Torre de Vigilância em Presídio (Panóptico).



Fonte: Autor (2020)

Neste trecho, o autor aborda o presídio, porém o estado de vigilância não apenas se manifesta em presídios, onde a torre central observa ou parte do pressuposto que estaria observando os detentos. Pode-se observar o mesmo fenômeno ao se analisar as igrejas e sua locação na cidade, além dos elementos arquitetônicos que a definem, como é o caso das torres sineiras ou o próprio edifício e sua implantação na cidade.

---

[12] Dispositivo de poder que ilustra a vigilância e a invisibilidade elaborado por Michael Foucault baseado em três elementos arquitetônicos: o espaço fechado, a divisão em celas e a torre central. Nessa arquitetura a torre tem a capacidade de enxergar as celas, mas as celas não enxergam as outras celas e nem a torre. (FERREIRINHA, I. M. N.; RAITZ, T. R...2010.)

A implantação dos edifícios é fundamental para definir o poder. No caso das igrejas e/ou templos, isso se torna latente nos tratados tanto de Vitrúvio como de Alberti, além das diretrizes expressas nas normas canônicas para as edificações e em especial as Tridentinas, pois essas ditaram as diretrizes para as ações da Contrarreforma, impactando o século XVIII.

Ainda sobre esse mecanismo de distribuição dos corpos no espaço, Foucault aborda o que ele denomina como o “Quadriculamento”. Esse termo aponta que cada indivíduo ocupa o espaço conforme sua atividade ou mérito, sendo assim possível a identificação de cada agente dentro desse exercício de poder. Ao transportar esse conceito ou ideia para a abordagem desta tese, traça-se um paralelo com a organização espacial, tanto na escala intraurbana como na organização espacial da igreja.

Historicamente, pode-se afirmar que até finais do século XIX, de forma mais incisiva, a igreja delimitou os espaços de cada agente atuante nas cerimônias do culto, sendo causa e consequência de uma hierarquia social na comunidade em que está inserida. Como também delimitou seu papel em relação aos edifícios em seu entorno. A figura abaixo, ilustra o bairro de Alfama em Lisboa, onde se destacam na paisagem as igrejas de Santa Engrácia (1682) e sua cúpula à esquerda, e à direta a igreja de Santo Estevão (1733). (Figura 5)

Figura 5 - Destaque das Igrejas na Paisagem de Lisboa - Uma espécie de Panóptico.



Fonte: Autor (2019)

Quanto ao segundo mecanismo definido por Foucault, o do Controle do Tempo, ele utiliza como exemplos ações de controle do tempo para a construção do poder e regular condutas: “constrói quadros, prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação de forças, organiza táticas”. (FOULCAULT, 1987, p.141) Dessa maneira, atuam as torres sineiras, através de suas badaladas transmitem informações importantes para a comunidade, além de se destacarem na paisagem urbana organizando o espaço e simbolizando a presença do sagrado, assim e de certa maneira, condicionando a comunidade em suas ações diárias, como também momentos de culto e celebrações do calendário cristão, construindo uma relação temporal com a população.

2.1.3. Considerações sobre discurso e poder.

A partir das considerações apresentadas, entende-se, portanto, que o discurso de poder pode se manifestar de diversas formas e expressar três tipos definidos por Weber, o político o econômico e o social. Dentre outras esferas, esse poder molda a sociedade na forma como se distribui no espaço, seja ele macro, como na esfera do urbano ou micro na esfera do edifício, dentro de um contexto social definido, como descrito por Foucault. Nessa construção do discurso de poder manifesto na e pela arquitetura, são válidos os conceitos de Aristóteles para descrever a carga simbólica do edifício, tendo seu *Ethos* relacionado à construção da cultura cristã desde os seus primórdios até o século XVIII, o *pathos* é a carga emocional que o edifício carrega ou em que ele atinge o fiel na esfera das emoções. A própria estética barroca utilizou desses recursos para a construção de seu cenário sedutor. O jogo de luz e sombra, as perspectivas, a relação do edifício com a paisagem, dentre outros que serão demonstrados mais à frente neste capítulo, quando será abordada a arquitetura e seus elementos de análise, culminando no *logos*, a materialização desse discurso na forma do edifício.

A construção do edifício como discurso parte da escolha do repertório de recursos os quais deverão ser utilizados (*inventio*), que são diretamente ligados ao contexto sociocultural em que se insere a arquitetura, organizados de maneira que possam expressar o que se deseja (*dispositio*). Esses dispositivos são historicamente e culturalmente absorvidos pela humanidade a qual os entendem simbolicamente,

dessa forma devem ser utilizados de maneira que a sociedade assim os reconheça (*elocutio*). A materialização desse discurso, por sua vez, se faz através do edifício, que funciona como a entidade remetente da mensagem de poder (memoria), e por fim como ele se apresenta à cidade (*actio*), isto é, o edifício como referência urbana, de acolhimento, de agregação e segregação social.

2.2. Cristianismo e poder

Entende-se que a arquitetura, elemento indissociável da vida humana expressa esses poderes exercendo essas influências na sociedade. Influência essa que afeta, desde as ações dos seus membros em sua vida cotidiana, passando pelo seu ordenamento social, seja através do simbolismo da força bruta, da persuasão filosófica e política, despertando emoções diversas. Pode-se afirmar que o discurso de poder que se identifica na arquitetura sempre existiu como cerne, seja ele político, econômico, cultural/social, religioso ou todos juntos, o que acontece na maioria dos casos.

A importância da Igreja Católica na formação do Estado Português descrita no item anterior demostra como a relação se fazia de forma estreita e às vezes simbiótica, ainda mais visível nas colônias e em especial no Brasil. Essa relação com a Coroa define alguns objetivos da Santa Sé, que são expressos através das artes e da arquitetura desde a sua formação como Estado até o século XVIII.

Para compreender o papel da arquitetura religiosa como discurso no século XVIII em Portugal e no Brasil, é necessário entender dois momentos fundamentais: o período de transição histórica do Renascimento ao Barroco (termos aplicados à arquitetura e às artes em geral), que se inicia em finais do século XVI e início do XVII, em que o primeiro já se encontrava em declínio e as forças que o mantinham perdiam suas influências; como também, no cenário português especificamente, já em finais do século XVII e século XVIII, que, em um curto espaço de tempo, experimenta um processo de passagem do Absolutismo às ideias Iluministas (termos aplicados sobretudo à política), traçando os alicerces para um discurso que irá expressar o poder, juntamente com a herança medieval de forte presença no reino português.

Conforme descreve Leite (2009):

> [...] à semelhança do que vinha acontecendo um pouco por toda a Europa, também em Portugal começou a fazer-se sentir uma crescente afirmação

> burguesa de “carácter iluminista”, afirmação que encontrará, pelo menos em parte, resposta na ambígua política promovida pelo Marquês de Pombal (1699-1782) a partir de meados do século XVIII. Esta política, “despótica” mas programaticamente “esclarecida”, veio reformar a anterior estabilidade e hierarquização da vida nacional e da sua corte, iniciando, apesar de se fundamentar sobre uma “ordem absoluta”, uma transição voluntariosa entre a anterior ordem de fundamentação “aristocrática e clerical” e uma “nova sensibilidade social” – que implicava a “...afirmação plena do individualismo, a perspectivação teórica da liberdade, o entendimento do progresso como eixo de uma teleologia liberal...” – que a começava a transformar estruturalmente, processo que fundamenta a emergência da sociedade burguesa que se assumirá com os novos regimes “liberais e capitalistas”.(LEITE, 2009, p.211)

Durante o século XVI, época do descobrimento do Brasil, a Europa passava por um período em que o absolutismo prevaleceu em grande parte do seu território. Nesse período, a Igreja Católica, a qual havia se tornado extremamente forte e influente, estava com suas estruturas abaladas pela Reforma Protestante que se alastrava pelo continente, dividindo a Europa em países protestantes e católicos, e até dividindo internamente os países.

Após o Concílio de Trento, (século XVI), várias medidas foram tomadas com o objetivo de conter a expansão protestante e reforçar a fé católica na Europa e no mundo. Portugal e Espanha, países católicos, lançaram-se ao mar para conquista de novos territórios a fim de expandir seus reinos e aumentar recursos, fato que coincidiu com os desejos da Igreja Católica em arrebanhar mais fiéis, com o objetivo de compensar as perdas provenientes do protestantismo. Esses dois desejos, o da Coroa e o da Igreja, viabilizaram uma parceria estratégica na conquista e colonização das terras Americanas. Kuhnen (2006) relata a forma como a Igreja Católica, através do Padroado, faz-se presente no Brasil.

> A fé cristã e a Igreja Católica apareceram na costa brasileira, no raiar do século XVI, pelas mãos do Padroado Português Ultramarino. Os portugueses que descobriram as terras brasileiras e que nela se estabeleceram, colonizando-a gradualmente, trouxeram também a sua fé cristã e transferiram para a colônia boa parte da organização eclesiástica que já tinham no reino, bem como ampliaram com grande desenvoltura o Regime do Padroado régio que devia introduzir nas terras ultramarinas de Portugal. A igreja que nasce no Brasil no século XVI torna-se, a certo modo, uma extensão daquela Igreja Católica que existia em Portugal, com todas as suas características de expressar a fé cristã. (KUHNEN, 2006, p.25)

Portanto, todo esse contexto histórico, sócio cultural e econômico cria na sociedade colonial uma determinada compreensão da arquitetura no tempo e espaço

em que eles estão inseridos, ou seja, a apreensão da mensagem pela sociedade colonial tal qual expressa pelo discurso da arquitetura. Assim, pode-se deduzir que a expressão do poder, independente de qual tipo, vai variar conforme o contexto em que estiver inserido. Daí a importância de entender a relação entre a igreja católica, como sujeito atuante, e a sociedade na qual ela estava inserida.

2.3. Enquadramento teórico: Arquitetura e seus Elementos de Análise

Este item 2.3 reúne o embasamento teórico para a pesquisa. Ele está dividido em dois subitens. O primeiro, 2.3.1, intitulado de "teorias gerais sobre a arquitetura e urbanismo pertinentes à pesquisa" serve de lastro teórico a ser aplicado à análise arquitetônica propriamente dita, reunida em 2.3.2, intitulado, por sua vez, "revisão bibliográfica: suporte para a análise arquitetônica das igrejas". Como será possível perceber nos Capítulos 3 e 4, serão feitas análises das igrejas selecionadas respectivamente em Portugal e em Minas Gerais inicialmente levando-se em conta a discussão posta em 2.3.2. Como fechamento de cada um desses dois capítulos, essa análise arquitetônica das igrejas será confrontada com as teorias expostas em 2.3.1 na busca da expressão do poder na arquitetura religiosa. Acreditamos que esse confronto é que permitirá desvendar a relação entre arquitetura e poder.

A partir do trabalho desenvolvido por esses autores definiu-se os conceitos dos critérios de análise que foram considerados para a observação da manifestação do poder abordado na tese. Os dois primeiros critérios estão relacionados ao Edifício e a escala intraurbana e o segundo está focado no edifício como objeto arquitetônico.

2.3.1. Teorias gerais sobre a arquitetura e urbanismo pertinentes à pesquisa.

Para a elaboração sobre os aspectos que poderiam ser analisados na arquitetura, pressupondo que esses aspectos são elementos constituintes do discurso manifesto de poder das igrejas, foram estudados alguns autores que, embora focalizem seu trabalho na análise de projeto, são importantes para a presente pesquisa.

O interesse aqui é apresentá-los de maneira sucinta, e apenas naquilo que pode fornecer algum subsídio que permita estabelecer alguma relação com o tema deste trabalho, que é o de como a arquitetura, em particular a arquitetura religiosa, foi capaz de manifestar o poder da Igreja Católica no século XVIII, em Portugal e no Brasil.

2.3.1.1. De Vitrúvio a Palladio: a Relação com o entorno e o Edifício.

O tratado de arquitetura de Vitrúvio é dividido em dez Livros, e por ser o único sobrevivente desse gênero, é elevado à maior autoridade no que se refere à arquitetura na Antiguidade. Descoberto em 1414, influenciou fortemente outros tratadistas da arquitetura como Alberti e Rafael, Andrea Palladio, Serlio, Michelangelo e Vignola. “No sentido amplo, o relato de Vitrúvio aplicar-se-ia a todas as artes, pois conteria os elementos definidores do Belo, e, portanto, da Verdade.” (VITRUVIUS, 2007, p.26) Buscando teorizar sobre a arquitetura perfeita para cada caso, o tratado considera a natureza como ideal de perfeição e busca elementos com os quais a arquitetura poderá se aproximar. Vitrúvio associa os templos ao corpo humano transferindo a eles o belo encontrado somente na natureza. O belo, porém, não se sustenta sozinho e só faz sentido na arquitetura quando o conteúdo é coerente com a função, que se soma ao belo.

De acordo com Vitrúvio, uma boa arquitetura deve possuir *utilitas*, *venustas* e *firmitas*, ou seja, uma arquitetura deve ser funcional, ser dotada de beleza e estabilidade. O conceito de beleza também é abordado por Alberti em *De Re Aedificatoria*, através do termo *concinnitas* (beleza e harmonia) e por Palladio por *diettazione* (prazer e beleza), em todos eles o belo é considerado um elemento primordial para se alcançar a boa arquitetura. Palladio, usando terminologias diferentes de Vitrúvio e Alberti, também considerava que a arquitetura deveria possuir além da beleza, utilidade e durabilidade.

Alberti em seu tratado, no capítulo V do livro VI prescreve alguns princípios para a disposição das partes, indicando o que seriam indicadores de beleza (*concinnitas*).

> De fato, cada um dos elementos deve ser acoplado de forma que exista correspondência entre as partes iguais, entre as da direita e as da esquerda, entre as de cima e as de baixo; e é preciso tomar cuidado que não se introduza algum elemento estranho em contraste com a qualidade do material ou com sua distribuição. Tudo deve ser definido mediante determinados ângulos e linhas proporcionadas. (ALBERTI, 2012, Livro VI, cap. 5, p. 225)

Em outro momento Alberti relaciona o que entendemos o conceito atual da simetria à condição para se obter concinnitas (beleza e harmonia):

> Portanto, a primeira norma que devemos respeitar é que todo elemento, até o mais insignificante, esteja disposto em nível e alinhado no que diz respeito ao seu número, sua forma e aspecto, de modo que exista uma perfeita e recíproca correspondência entre os elementos da direita e os da esquerda, os de cima e

> os de baixo, entre os elementos contíguos, entre as partes iguais com vista a adornar o próprio organismo dos quais farão parte. (ALBERTI, 2012, p. 375)

Nessas relações entre direita e esquerda, segundo Stump (2013), Alberti insinua um tipo de modulação em que todas as partes estariam associadas em um sistema de eixos de coordenada, também explicitado por Vitrúvio: "... os antigos estabeleceram que também nos acabamentos das obras houvesse uma perfeita execução de medida na correspondência de cada um dos membros com o aspecto geral da estrutura."13 (STUMP, 2013, p.61)

Tanto Vitrúvio quanto Alberti, e o segundo baseado no primeiro, defendem o belo como aproximação do divino, e a natureza como sua expressão. No divino, encontra-se a perfeição e por consequência o belo, e a arquitetura somente se aproxima do belo ao tentar se aproximar do divino, da natureza. Nessa busca do ser humano pelo divino, ele busca o belo.

Se teoremas matemáticos e de geometria são a forma de se chegar ao conceito de infinitude do universo e consequentemente são também meios para se alcançar o divino, então a arquitetura produzida por esses conceitos é capaz de atingir ou alcançar o belo. O olhar procura a beleza e, se não for ao encontro do seu agrado através da proporção e da aplicação dos módulos (*symmetria*), suprindo o que falta com um justo aditamento, resultará um aspecto desmedido e sem graça para os observadores (VITRÚVIO, 2007, p. 183).

De acordo com Vitrúvio e Alberti, o convencimento deveria se basear num discurso demonstrativo, assim sendo, o artista deveria lançar mão de recursos matemáticos oriundos da natureza para produzir sua arte. Entendem a arquitetura como sendo a ordenação de princípios matemáticos da geometria e das proporções. Como essas são relações naturais, a arquitetura deveria ser a representação da natureza. Em seu tratado sobre arquitetura, Vitrúvio define e estabelece alguns conceitos a respeito da boa arquitetura. No capítulo 2, ele descreve o que considera como definições de

---

13 VITRÚVIO 2007, Livro 3, cap. 4, p.170

arquitetura, do que ela é constituída. São elas: ordenação[14]; disposição[15]; euritmia[16]; comensurabilidade[17]; decoro[18] e distribuição[19]. Atentar-se-á ao conceito de vitruviano de *eurythmia*, que segundo Callebat (1994), é a consequência da soma de beleza, equilíbrio e harmonia. Vitrúvio o descreve nesses termos:

> A *eurythmia* é a forma exterior elegante e o aspecto agradável na adequação das diferentes porções. Isso se verifica quando as partes da obra são proporcionais na altura em relação à largura, nesta relação ao comprimento, em suma, quando todas as partes corresponderem às respectivas comensurabilidades. (VITRÚVIO, 2007, p. 76)

Vitrúvio, no capítulo 3, descreve o que seria imprescindível na arquitetura: solidez[20]; funcionalidade[21] e beleza[22]. Brandão (2016) afirma que a arquitetura é composta de solidez e funcionalidade, e se reveste de simbolismo, ou seja, a arquitetura que é sólida, ou durável, e que mantém a sua funcionalidade adquire um caráter simbólico:

> E, assim como o utensílio ou instrumento, a própria dimensão de uso e durabilidade própria ao objeto arquitetônico é capaz de nele investir, com o tempo, um valor simbólico e um sentido que ultrapassam o caráter meramente instrumental ou utilitário. (BRANDÃO, 2016, p. 130)

Já o conceito de beleza (*venustas*), Manenti (2014) o define como um aspecto agradável da obra. Vitrúvio explica como a alcançar por meio de relações de *comensurabilidade* e de *symmetria*. (MANENTI, 2014, p. 107). Vitrúvio relaciona, no

---

[14] *Ordinatio*: ordenação. A justa proporção na medida dos seus elementos constituintes, e, numa visão de total da obra, objetivando a comensurabilidade. (VITRÚVIO, 2007)

[15] *Dispositio*: disposição, apresentação e representação. Posicionamento adequado dos elementos, entre si e com o todo. Os gregos a definem como *diathesis*, a disposição das coisas de forma adequada. (VITRÚVIO, 2007)

[16] *Eurytmia*: proporção, harmonia. (VITRÚVIO, 2007) é a soma de beleza, equilíbrio e harmonia. Leva em conta não apenas as premissas para alcance do belo, mas também as exigências do expectador.

[17] *Comensurablidade* ou symmetria: a consiste no conveniente equilíbrio dos membros da própria obra e na correspondência de uma determinada parte, dentre as partes separadas, com a harmonia do conjunto da figura. (VITRÚVIO, 2007, p. 74)

[18] *Decor*: conveniência, o que faz bem. (VITRÚVIO, 2007)

[19] *Oeconomia* em grego: organização, distribuição. (VITRÚVIO, 2007)

[20] *Firmitas*

[21] *Utilitas*

[22] *Venustas*

livro 4, a boa arquitetura àquela que possui *proportio*, a relação de co-modulação entre os elementos para se conseguir e *symmetria*, que define como a conveniência de equilíbrios. Ou seja, para se ter uma boa arquitetura, é necessário *proportio* e *symmetria*.

Diferente da *symmetria*, que seria relacionada às relações matemáticas e objetivas para o alcance da beleza, a *eurytimia* tem relação com as questões psicológicas. A *symmetria* pode causar distorções para o observador, enquanto a *eurytimia* tentará corrigi-las. “A *symmetria* era ordenamento, métrica, lógica, razão. *Eurytimia* era poesia, beleza.” (BORGES, 2021, p.89)

O termo *eurythmia* é o mais obscuro de todos, tendo pouca ocorrência no tratado de Vitrúvio. De maneira geral, entende-se como algo desejável na arquitetura, estando vinculado à um tipo de beleza, vinculado às relações matemáticas e geométricas entre os elementos que compõe uma obra. Segundo Callebat (1994, p.40) *eurythmia* é a associação entre beleza, equilíbrio[23] e harmonia.

Outro termo para o qual se deve atentar, como a *eurytimia*, que é importante para esta análise, é o do decoro. Esse conceito foi tratado por vários outros tratadistas posteriores a Vitrúvio, entre eles Carlos Borromeu (1538 -1584)[24] em sua obra *Instructiones Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae*. Entende-se também como conveniência, adequação da ornamentação ou da obra como um todo, às normas culturais e princípios já consagrados. Dessa forma, estabelece uma relação entre as partes e o todo objetivando atender às finalidades do edifício, considerando as

---

[23] Aqui adotaremos o conceito de equilíbrio descrito por Dondis (1997) onde ele diz que “O equilíbrio é uma estratégia em que existe um centro de suspensão a meio caminho entre dois pesos.” (Dondis, 1997)

” O equilíbrio é, então, a referência visual mais forte e firme do homem, sua base consciente e inconsciente para fazer avaliações visuais. O extraordinário é que, enquanto todos os padrões visuais têm um centro de gravidade que pode ser tecnicamente calculável, nenhum método de calcular é tão rápido, exato e automático quanto o senso intuitivo de equilíbrio inerente às percepções do homem.” (Dondis, 1997)

[24] Carlos Borromeu: Arcebispo de Milão, responsável pela fundação de seminários para a formação de futuros padres; promoveu sínodos diocesanos, responsável por estender as normas tridentinas à arquitetura e à ornamentação de edifícios religiosos, tais como igrejas e capelas.

questões culturais e das necessidades naturais do contexto em que a obra está inserida.

Relação do pensamento de Vitrúvio e Alberti com os pressupostos da tese:

Vitrúvio demonstra a força de uma arquitetura bela como elemento de persuasão, que por si só já demonstra a capacidade de expressar poder. Esse belo é composto pelas suas relações geométricas e matemáticas que produzem as ideias de proporção e escala, tanto no edifício, enquanto objeto, como em sua relação com o entorno. A organização do espaço arquitetônico deve ser condizente com o programa proposto, assim deve se ter o conteúdo condizente com a função a qual o edifício irá exercer e o belo somaria como um primordial sustentáculo dessa espécie de tríade compositiva, lançando mão da capacidade de seduzir que o belo possui e expressa o poder.

Segundo Vitrúvio para se alcançar a beleza (*venustas*) a obra deverá possuir aspecto agradável, elegante e com a medidas das partes se correspondendo de forma equilibrada, devem possuir *eurythmia* e *symmetria*. Sendo o segundo um atributo do primeiro.

O termo *dispositio*, segundo Vitrúvio, refere-se à disposição dos elementos de um projeto. Howe (1999) descreve como a disposição de sobre o que ele denomina como "grelha modular" (*ordinatio*), e que teria como objetivo a *eurythmia*.

Distingue-se nesta tese os termos *symmetria* e simetria, de maneira que este último adotado como elemento de análise, refere-se ao conceito atendido atualmente desde o século XVII como sendo a equivalência entre elementos que se opõem, como partes opostas de uma figura. (BRANDING, CASTELLANI, The, 2017 *apud* GONÇALVES, C.G, 2020).

A partir dos conceitos de poder e dominação abordados no item 2.1 deste capítulo observamos que a Beleza, ou o Belo são elementos capazes de despertar emoções nas pessoas. E estas capazes de atuar como instrumento para a manifestação de poder.

Ao considerar como elementos de análise arquitetônica a *eurythmia* e *dispositio* como atributos do belo, entendemos que a simetria, condição para *venustas*, em Vitrúvio e *concinnitas* em Alberti, presentes nas edificações deve ser considerada como elemento que compõe o discurso de poder pela busca do belo. Como também a disposição (*dispositio*) adequada dos elementos que compõe na escala da

arquitetura e na cidade este discurso. O quadro abaixo destaca os elementos os quais serão considerados na análise deste trabalho e sua relação com os critérios de análise.

Quadro 11 - Relação entre os conceitos de Vitrúvio, Alberti e Palladio.

Quadro de relação entre os conceitos de Vitrúvio, Alberti e Palladio aplicados aos critérios da tese		
Critérios de análise da Tese	Elemento	Conceito
O Edifício	*Eurythmia*	Adequação das partes para alcançar o que seja agradável ao expectador.
	Dispositio	Disposição dos elementos que compõe o todo.

Elaboração: Autor (2021)

2.3.1.2. Simon Unwin – Relação com o entorno, o Edifício.

Em uma análise não linear da arquitetura, Simon Unwin parte de uma análise mais filosófica para entender que a arquitetura é constituída pela organização das partes de um todo, identificando seus elementos constituintes, os agentes modificadores e caracterizando-os. Para essa análise, ele lança mão de desenhos e croquis dos projetos e situações abordadas.

Unwin (2013) define como: 1 - elementos principais da arquitetura, o **Terreno**, o **Espaço acima** (esse espaço emoldura a arquitetura), a Gravidade, a Luz e o Tempo (onde as coisas são experimentadas e vividas); 2 - os elementos básicos da arquitetura, como a Área definida do solo, a **Área elevada** (plataforma), o **Marco** (elemento que se destaca do entorno), o **Foco** (elemento que concentra a visão do usuário), Barreira, Teto/Cobertura, Postes/colunas, **Caminhos e percursos** (elementos pelos quais as pessoas se deslocam) e as Aberturas; 3 – Os elementos modificadores da arquitetura. Esses elementos adicionam à experiência arquitetônica qualidades de percepção nesses espaços. Esses elementos são a Luz, a Cor, a Temperatura, a Ventilação, o Som, o Odor, a Textura/Tato, a **Escala** (identificador que relaciona o tamanho de algo ao usuário) e o Tempo.

O autor relata que esses elementos podem agir em conjunto, relacionarem-se de várias maneiras e podem desempenhar mais de uma função. Por exemplo, a função da **arquitetura com arte de emoldurar**, estruturar ou demarcar, delimitando paisagens, também pode funcionar como o próprio elemento emoldurador em uma composição. A arquitetura como templo e cabanas, atendo a este caso. O **Templo** assume o isolamento, manifesta controle, lugar de privilégios e arrogâncias (UNWIN,

2013). Por fim, as geometrias. As **geometrias reais** são definidas por caminhos demarcados por condicionantes como a qualidade do terreno, abrigos e proximidades. A segunda, as **geometrias ideais**, mas abstratas, inclui ângulos retos, simetrias axiais e as proporções.

Relação do pensamento de Unwin com os pressupostos da tese:

Alguns elementos destacados por Unwin fazem parte dos critérios de análise definidos anteriormente no primeiro capítulo desta tese. Entende-se que a relação do edifício com o entorno é observada quando ele está inserido em plataformas, sejam elas artificiais ou naturais. Como edifício agregador comunitário, seu erguimento, seja ele inserido na malha urbana ou mesmo de forma periférica, torna-se um marco referencial no ambiente. O fato de se tornar referência é a própria demonstração do poder. O autor descreve sobre a Escala do edifício e Foco. Pode-se relacionar um elemento ao outro quando se entende que o edifício religioso, ao apresentar uma escala diferenciada dos outros edifícios ao redor, chama para si a atenção dos observadores. Esse foco pode ou não ser reforçado pelo traçado das vias ou os percursos para o acesso ao edifício. Em algumas edificações relacionadas ao sagrado ao longo da história, pode-se observar que esse percurso reforça o edifício como ponto focal. O quadro abaixo destaca os elementos que serão considerados na análise desta tese e sua relação com os critérios de análise. (Quadro 12)

Quadro 12 - Relação entre os conceitos de Unwin.

Quadro de relação entre os conceitos de Unwin aplicados aos critérios da tese			
Critérios de análise da Tese	Elemento	Conceito	Tipologia dos elementos segundo Unwin
Localização no núcleo urbano e Topografia	Área elevada (plataforma)	Superfície horizontal onde a arquitetura se implanta, sendo de vários tamanhos: de um degrau a um grande platô.	Elementos básicos da arquitetura
	Espaço acima	Relacionado à paisagem onde a arquitetura está inserida, o meio em que se molda ao lugar.	Elementos principais da arquitetura
	Foco	Elemento de concentração da atenção.	Elementos básicos da arquitetura
	Caminhos e percursos	Elemento de trânsito, definido em projeto ou por uso, sem forma definida. Ligação entre pontos.	Elementos básicos da arquitetura
Relação com o entorno	Área elevada (plataforma)	Superfície horizontal onde a arquitetura se implanta, sendo de vários tamanhos: de um degrau a um grande platô.	Elementos básicos da arquitetura
	Espaço acima	Relacionado à paisagem onde a arquitetura está inserida, o meio em que se molda ao lugar.	Elementos principais da arquitetura
	Marco	Identificação de lugar, referência espacial	Elementos básicos da arquitetura
	Caminhos e percursos	Elemento de trânsito, definido em projeto ou por uso, sem forma definida. Ligação entre pontos.	Elementos básicos da arquitetura
	Escala	Questão de tamanhos relativos.	Elementos modificadores da arquitetura
O Edifício	Marco	Identificação de lugar, referência espacial	Elementos básicos da arquitetura
	Foco	Elemento de concentração da atenção.	Elementos básicos da arquitetura
	Som	Contribui para o reconhecimento do lugar. Usado pelas religiões para controlar o tempo e o lugar.	Elementos modificadores da arquitetura
	Escala	Questão de tamanhos relativos.	

Elaboração: Autor (2021)

2.3.1.3. Francis Ching – Localização no núcleo urbano e Topografia e o Edifício.

Ching deixa bem claro em seu trabalho intitulado *Arquitetura – Forma, Espaço e Ordem*, que não tem como objetivo uma análise hermenêutica, atendo-se à forma e espaço, independentes do conceito do projeto, para o estudo dos elementos que conformam a arquitetura.

> [...]conhecer e compreender o alfabeto antes que possamos formar palavras e desenvolver um vocabulário (...) sermos capazes de reconhecer os elementos básicos da forma e espaço e entendermos como podem ser manipulados e organizados no desenvolvimento de um conceito de projeto, antes de nos voltarmos para a questão mais vital do sentido na arquitetura. (CHING, 2002, p. 9)

O autor afirma que a materialidade produzida na arquitetura, além de servir para acomodar as atividades da vida, pode moldar e determinar como e quais atividades acontecerão.

> Enquanto arte, a arquitetura é mais do que a satisfação de exigências puramente funcionais de um programa de necessidades. Fundamentalmente, as manifestações físicas da arquitetura acomodam a atividade humana. Contudo, o arranjo e a organização das formas e espaços também determinam a maneira como a arquitetura pode promover intervenções, sugerir respostas e comunicar significados. Dessa forma, embora este estudo se concentre nas ideias formais e espaciais, não pretende diminuir a importância dos aspectos sociais, políticos e econômicos da arquitetura. A forma e o espaço são apresentados não como fins em si mesmos, mas como meios para solucionar um problema em resposta a condições de função, propósito e contexto – ou seja, arquitetonicamente. (CHING, 2002, p.xi).

No capítulo destinado a Forma e Espaço, Ching defende que se deve preocupar com o impacto do edifício em seu entorno e não somente com sua forma. Essa forma assume um caráter simbólico em várias escalas.

> Em uma escala urbana, devemos considerar cuidadosamente se o papel do edifício é o de construir a estrutura existente de um local, o de formar um pano de fundo para os outros edifícios, de definir um espaço urbano ou se seria apropriado que se situasse solto como um objeto significativo no espaço. (CHING, 2002, p.96).

De uma forma geral, identifica-se nesta investigação, como algo comum aos edifícios estudados o fato de que eles estão situados de forma distinta no espaço e dominando seu terreno, estendendo-se e exibindo-se em uma ampla fachada a um elemento de seu terreno (praça, lago, via principal, ou a cidade), que são estratégias encontradas em CHING (2002). O autor também descreve a presença de planos elevados que criam um domínio específico dependendo do contexto em que se insere. Ao conceituar esse plano de base elevado, ele utiliza a Acrópole de Atenas e o Pavilhão da Suprema Harmonia, em Pequim, para ilustrar o seu argumento e disserta:

> A elevação de uma porção do plano de solo estabelece uma plataforma ou um pódio que apoiam estrutural e visivelmente a forma e a massa de um edifício. O plano de solo elevado pode construir uma condição preexistente de terreno ou pode ser artificialmente construído para erguer deliberadamente um edifício acima do contexto circundante ou realçar a sua imagem na paisagem. Os exemplos destas duas páginas ilustram o modo como essas técnicas têm sido utilizadas para enaltecer edifícios sagrados. (CHING, 2002 p. 105)

Observa-se que Ching relaciona a arquitetura com a linguagem, cujo vocabulário arquitetônico se faz com repertório de projeto. Ele descreve os elementos

constituintes do edifício baseado nos conceitos de sistema, ordem, espaço e forma, como se relacionam e se organizam, onde Forma e Espaço são os pontos de partida da análise: “Forma e espaço constituem os meios cruciais da arquitetura, compreendendo um vocabulário de projeto que é tanto elementar quanto atemporal.” (CHING, 2002 p.vii).

A arquitetura comunica significados, organizando as formas e os espaços, no processo de elaboração das soluções arquitetônicas, indo além do atendimento às questões funcionais. (CHING, 2013 p.9) Outra questão que Ching aborda e que se relaciona à investigação desta tese é a **Proporção e Escala**, às quais são definidas da seguinte forma:

> Enquanto a escala alude ao tamanho de algo comparado a um padrão de referência ou ao tamanho de outra coisa, a proporção se refere à relação apropriada e harmoniosa de uma parte com a outra, e com o todo. Essa relação pode não ser somente de magnitude, mas também de quantidade ou grau” (CHING, 2002, p.278).

Entende-se que esses dois elementos da análise estão conectados através de uma relação de importância, domínio e destaque na paisagem. Eles transmitem ao usuário um discurso de poder ao se comparar outros edifícios no entorno, ou até mesmo quando há referência à relação entre o corpo/usuário e o espaço em que esse usuário se insere.

Relação do pensamento de Ching com os pressupostos da tese:

Portanto, das análises de Ching consideram-se os elementos ***Forma e Espaço*** como recursos estéticos funcionais para a resoluções, através da arquitetura, de demandas funcionais, do contexto e dos motivos do erguimento de determinado edifício; a Proporção e Escala estão em consonância com os critérios desta análise – esse elemento tem sua relação direta com o edifício, enquanto objeto, e sua relação com o seu entorno imediato. Outros elementos também seriam pertinentes para nossa investigação, porém tornaria o trabalho demasiado extenso, por isso, pode ser utilizado futuramente em outros trabalhos. O quadro abaixo destaca os elementos que serão considerados na análise desta tese e sua relação com os critérios de análise. (Quadro 13)

Quadro 13 - Relação entre os conceitos de Ching.

Quadro de relação entre os conceitos de Ching aplicados aos critérios da tese		
Critérios de análise da Tese	Elemento	Conceito
Relação com o entorno e topografia	Forma e Espaço	Espaço como invólucro do ser, lugar onde ele se movimenta e exerce seus sentidos. A forma como enquadramento do espaço influenciando no seu sentido. Em nosso caso, consideramos esse conceito aplicado na relação do edifício e seu entorno.
	Proporção e Escala	Proporção como a relação harmônica entre a partes e da parte com o todo. Escala referindo-se como o tamanho de algo em relação a algum padrão referencial. Em nosso caso, consideramos esse conceito aplicado na relação do edifício e seu entorno.
O Edifício	Forma e Espaço	Espaço como invólucro do ser, lugar onde ele se movimenta e exerce seus sentidos. A forma como enquadramento do espaço influenciando no seu sentido. Em nosso caso, consideramos esse conceito aplicado na relação do edifício e suas partes constituintes.
	Proporção e Escala	Proporção como a relação harmônica entre a partes e da parte com o todo. Escala referindo-se como o tamanho de algo em relação a algum padrão referencial. Em nosso caso, consideramos esse conceito aplicado na relação do edifício e suas partes constituintes.

Elaboração: Autor (2021)

2.3.1.4. Geoffrey H. Baker - A localização no núcleo urbano e topografia, sua Relação com o entorno e o Edifício.

Baker (1998) discorre sobre arquitetura como a soma de arte e técnica. Aborda os elementos que a diferenciam das outras artes: arquitetura como abrigo e símbolo de ideias e sua inerente relação com os aspectos geográficos (localização, topografia, conforto térmico, orientação solar e as dinâmicas populacionais). Condicionantes das quais a arquitetura deve responder e de que depende a sua compreensão: lugar, função e cultura.

É necessário um resumo de alguns princípios analíticos de Baker que serão pertinentes à investigação para esta tese. Não serão utilizados todos esses princípios como critérios de análises de maneira explícita, mas entende-se que a compreensão desses conceitos é de importância para o desenvolvimento das observações aqui descritas.

Seus princípios analíticos são:

Genius loci – conceito de espírito do lugar (*genius* = espírito, *loci* = lugar), utilizado pelos romanos que acreditavam em sua existência.

Natureza – na natureza existe a perfeição e a razão para as emoções. Ao observar algo contruído pelo homem, a relação com a natureza é sempre buscada.

Poesia – a obra arquitetônica é algo que alimenta e enriquece a vida. O papel da poética na arquitetura é fazê-la sair do lugar-comum para o ineditismo.

Identidade – a imagem do ambiente é composta pelo seu contexto social e o significado, o que proporciona identidade a esse ambiente.

Movimento - como as rotas têm energia própria, cada uma a seu modo, são consideradas forças. Assim, os elementos de circulação podem ser forças no projeto, como as escadas e rampas.

Programa e o lugar - a arquitetura nasce da combinação de fatores internos e externos. Baker toma como referência Robert Venturi para essa compreensão.

Significado - a arquitetura nasce da necessidade, acolhendo-a de modo a construir uma ordem espacial que possibilite a realização efetiva de seus vários usos e produzir uma ordem de representação que as reúna para fazê-las reconhecíveis de uma maneira decifrável. Esses conceitos, Baker toma como referência Colin St. John Wilson (1986).

Cultura - A linguagem não consegue expressar todos os significados, por isso são necessários outros recursos para transmitir significados, como a arte, a música e a arquitetura. Essa última transmite significados e aspectos da vida que não podem ser transmitidos por palavras.

> Desde o momento de nascer, tentamos nos orientar no entorno e estabelecer uma certa ordem. A ordem comum se denomina cultura. (...) A cultura integra o indivíduo em um mundo ordenado, fundado em interações significativas. (SCHULZ *apud* BAKER, 1998, p.18)

A arquitetura monumental - arquitetura muito mais para figurar um simbolismo do que a função de uso, frequentemente utilizada mais para encantar do que para ser habitada. Ex: Templos e pirâmides.

Beltramin (2015) resume o trabalho de Baker da seguinte forma:

> [...] há uma preocupação em seu trabalho com o entendimento completo dos projetos e obras do que com a identificação de determinados elementos neles. Os conceitos fundamentais que Baker trabalha em seu modelo de análise aparecem claramente nos seus estudos de caso. Tais conceitos estão sempre amparados por questões contextuais peculiares a cada projeto, além de aparecerem sempre em número e ordem diferentes ao longo dos estudos de caso." (BELTRAMIN, 2015, p.74)

Relação do pensamento de Baker com os pressupostos da tese:

As análises e conceitos trabalhados por Baker subsidiam tanto a abordagem intraurbana desta tese, como também se aplica ao interior edifício religioso. Três elementos observados pelo autor, o *Genius loci*, Identidade e o Movimento, dão suporte a esta tese na medida em que a localização do edifício no núcleo urbano manifesta um discurso de poder deste, pois estes elementos são definidos a partir de aspectos socioculturais, de linguagem e arquitetônicos típicos de um lugar, o que faz com que o usuário se sinta parte integrante desse lugar. O terceiro deles, o Movimento, diz respeito à relação ao entorno imediato no que se refere aos caminhos que levam o usuário ao edifício e como os elementos de circulação, sejam eles escadas, rampas etc., podem transformar esse edifício em um ponto focal, ou um destaque na paisagem.

Compreende-se ser também importante para a tese, o entendimento que Baker tem do Programa e do Lugar, quando considera que esse aspecto é fruto de fatores externos e internos. Apesar de os programas arquitetônicos possuírem especificidades, existe uma adaptação, consequência de forças externas particulares de cada sítio, tanto quanto o Lugar onde se insere. Assim, é possível identificar esses aspectos nos programas arquitetônicos das igrejas selecionadas. Outro elemento com o qual há ressonância, é o significado, inerente à arquitetura do sagrado, que vai variar de cultura para cultura. Por fim, a monumentalização da arquitetura ou arquitetura monumental, aspecto adotado sistematicamente nas edificações de cunho sagrado, está muito mais relacionada ao símbolo tanto das questões profanas como das sagradas, sendo muitas vezes utilizada para a demarcação de território e expressão de poder. O quadro abaixo destaca os elementos que serão consideradas na análise desta tese e sua relação com os critérios de análise. (Quadro 14)

Quadro 14 - Relação entre os conceitos de Baker.

Quadro de relação entre os conceitos de Baker aplicados aos critérios da tese		
Critérios de análise da Tese	Elemento	Conceito
Localização no núcleo urbano e topografia	Monumentalização	Usado para encantar mais do que habitar, seu símbolo supera seu uso.
Relação com o entorno	Movimento	A energia própria dos elementos de circulação, como escadas, caminhos e rampas, são consideradas forças no projeto.
	Monumentalização	Usado para encantar mais do que habitar, seu símbolo supera seu uso.
O Edifício	Identidade	A identidade do ambiente é proporcionada pela composição do contexto social e seu significado.
	Movimento	A energia própria dos elementos de circulação, como escadas, caminhos e rampas, são consideradas forças no projeto.
	Significado	Composição da arquitetura por vários elementos para torná-la reconhecível ou decifrável.
	Monumentalização	Usado para encantar mais do que habitar, seu símbolo supera seu uso.

Elaboração: Autor (2021)

2.3.2. Subsídios para a análise arquitetônica: Obras sobre trabalhos de caráter empírico.

2.3.2.1. Carlos Manuel Ferreira Caetano: As casas de câmara dos concelhos portugueses e a monumentalização do poder local (Séculos XIV a XVIII) (2011) – A Localização no núcleo urbano e topografia, o Edifício.

Caetano faz uma pesquisa histórica sobre as casas de câmara, que passaram a ser edificadas sistematicamente em meados do século XIV em virtude da necessidade de oficializar um local onde os *homens-bons* e, sobre tudo, os *oficiais* dos conselhos portugueses se reunirem. Esses lugares se tornaram sedes do poder local português. Descreve:

> Dava-se então início ao amplo e longo processo de *monumentalização do poder local*, que consistiu na construção sistemática dessas casas – as casas da câmara – em *todos* os concelhos portugueses, processo que alcança o reinado de D. Manuel I (1495-1521). (CAETANO, 2011, p. XXIX)

Para isso, ele faz uma catalogação de vários edifícios destinados a esse uso em território de Portugal Continental. Discute uma tipologia arquitetônica das casas

de câmara, com sua organização espacial e programa arquitetônico, estética, equipamentos e simbologias.

Como trabalha um edifício símbolo de poder da Coroa Portuguesa, faz-se importante uma observação dos critérios utilizados para a catalogação e classificação desses edifícios. O autor passa por uma análise urbana considerando a localização do edifício na malha urbana, abordando a implantação, a morfologia, as vias, praças, e as Casas de Câmara justapostas aos edifícios vizinhos. Também é parte do trabalho uma análise do edifício enquanto objeto arquitetônico. Para isso aborda: Elementos estruturantes da tipologia Casa da Câmara - Sala da audiência, câmara das vereações e cadeia – componentes essenciais das Casas da Câmara portuguesas; As componentes facultativas das Casas da Câmara portuguesas (Espaços de abrigo, Espaços de armazenamento, Espaços de troca e de comércio, Espaços administrativos), O número de pisos das Casas da Câmara portuguesas, Os elementos identitários das Casas da Câmara (O sino da câmara, As estruturas de apoio do sino da câmara, A torre do sino da câmara, O campanário do sino da câmara, O brasão do reino e o brasão do concelho, dentre outros).

O autor faz uma abordagem desses principais componentes do programa arquitetônico dentro do contexto histórico no qual está inserido, demonstrando como a arquitetura desenvolvida é fruto de uma condição sócio econômica e cultural. Sobre a representatividade das fachadas Caetano descreve:

> Independentemente da época de construção, do tamanho, da riqueza, da complexidade ou de erudição do seu desenho global, a casa da câmara proporciona quase sempre uma fachada urbana arquitectonicamente relevante e reconhecível. (CAETANO, 2011, p. 439)

Ainda sobre as fachadas, ao categorizar os diversos tipos encontrados, descreve a simbologia dos elementos que as constituem:

> Localizadas bem no centro da sua fachada, as janelas ou a varanda da casa da câmara enquadram, sinalizam, consagram e como que sintetizam praticamente todos os momentos importantes do quotidiano e do pulsar locais, materializados nos pequenos factos e rituais de uma vida colectiva rotineira, previsível e que não admite rupturas nem inovações. Mas mesmo estas, nos raríssimos momentos de fervor revolucionário ou para-revolucionário, também têm o seu local de eleição nas janelas ou nas varandas da casa da câmara, enquanto prolongamento ou mesmo projecção simbólica quer da câmara das vereações, quer da própria praça ou da rua fronteiras. (CAETANO, 2011, p. 439)

Relação do pensamento de Caetano com os pressupostos da tese:

O autor ao abordar, em sua pesquisa, um edifício oficial símbolo do poder real, aponta caminhos, conceitos e elementos que auxiliam no entendimento e análise de um edifício que simboliza poder. Demonstra que o traçado das vias, a presença das praças e a sua implantação em relação a outros edifícios, conota mais ou menos sua importância simbólica, fazendo uma demonstração de sua localização no núcleo urbano. Na análise do edifício e a sua estética, faz um estudo sobre os programas arquitetônicos de seus objetos de estudo além de elementos de caráter simbólico e utilitário como a presença de sinos. Esses elementos determinam como o edifício era utilizado, as funções que ele desempenhava e sua condição como reflexo da sociedade da época. O quadro síntese sobre a análise do autor pode ser observado a seguir (Quadro 15).

Quadro 15 - Relação entre os conceitos de Caetano.

Quadro de relação entre os conceitos de Caetano aplicados aos critérios da tese		
Critérios de análise da Tese	Elemento	Conceito
Localização no núcleo urbano e topografia	Traçado urbano	Os caminhos e vias de acesso ao edifício.
	Implantação do edifício	Local de implantação do edifício, relação com os edifícios vizinhos.
O Edifício e a Estética	Elementos que compõe a fachada	Análise das aberturas, da forma dos símbolos que compõe a fachada e seus significados.
	Programa arquitetônico	A organização espacial interna dos edifícios demonstra questões hierárquicas e contextos sociais.

Elaboração: Autor (2021)

2.3.2.2. Cláudia Damasceno Fonseca – Arraiais e Vilas D´el Rei (2011) – a Morfologia do sítio, a Localização no núcleo urbano e topografia, e a sua Relação com o entorno.

Como consequência da tese de doutoramento defendida em 2001 intitulada *Pouvoirs, villes et territoires: genese et représentations des espaces urban dans le Minas Gerais (Brésil, XVIIIe – début du XIXe siècle),* Cláudia Damasceno Fonseca publica em 2011 o livro Arrais e Vilas D´el Rei sobre a gênese dos núcleos urbano e sua evolução na capitania de Minas Gerais – Brasil, utilizando de métodos de análise da arquitetura e da geografia. Dessa forma, consegue abranger várias escalas de análise. A pesquisa sobre esse trabalho se faz necessária nesta tese por assinalar

questões que devem ser observadas e consideradas ao se analisar as igrejas. Dentre os aspectos levantados por Fonseca (2011), destacam-se: os Atores da ocupação e as Relações sociais que sustentam a rede urbana.

Fonseca (2011) descreve que o modelo português de organização do poder local, com algumas adaptações regionais, é transferido para as colônias (cidades, vilas, conselhos e comarcas). Essas adaptações foram fruto de uma reorganização iluminista metropolitana, ajustados a uma escala urbana diferente. (Fonseca, 2011, p.36)

A autora organiza os objetos com relação à sua escala em três partes, em que, para cada escala, desenvolve um ponto de vista analítico. A 1ª parte é relacionada ao território no sertão, sobre a qual desenvolve uma análise mais macro considerando toda a capitania. Faz parte desses objetos, a criação de vilas, cidades, e sedes de freguesia, visando apreender os ritmos, as modalidades e **os atores da produção** desses sertões, identificando as etapas de formação da "constelação" de povoados e de sua crescente hierarquização. Sua importância para esta tese é a consideração, como e quais são esses atores produtores/financiadores da arquitetura religiosa no contexto estudado.

A 2ª parte refere-se às vilas e territórios. Objetiva a identificação de relações que sustentam e conformam a rede urbana mineira, os poderes locais atuantes nessas relações sociais e seus pontos de tensão. Identifica, como atores políticos da capitania, os membros da elite dos arraiais, os oficiais das câmaras, os ouvidores e governadores.

A 3ª parte do trabalho é referente a espaços e paisagens urbanas. Investiga sobre as estruturas fundiárias no processo de gênese e desenvolvimento dos núcleos urbanos. Aborda também o urbanismo no que se refere ao projeto urbanístico como consequência de uma ideia de cidade a partir de um modelo português, como essa organização do espaço é o reflexo das relações de poder existentes nesses locais.

A partir de uma análise diacrônica, Fonseca (2011) relaciona o processo de povoamento aos contextos econômicos, sociais e políticos. Em "A Conversão dos Sertões", demostra a instalação das estruturas do poder eclesiástico nessa ocupação do território, e a sua importância hierarquização das localidades mineiras.

Nesse aspecto, demonstra a estreita relação entre o desenvolvimento urbano e a construção de capelas e igrejas. Assim, explicita como as igrejas foram instrumentos da coroa portuguesa para “impor e reduzir toda a gente que anda nas Minas e povoações.” A instituição das freguesias serviu como um mecanismo de controle da metrópole e a presença das paróquias em núcleos de povoamentos mais estáveis e possuidores de certa prosperidade (FONSECA, 2011). No trecho a seguir a autora demonstra a importância da organização dos arraiais e dos atores envolvidos nessa formação do território:

> Nota-se, portanto, que a promoção dos arraiais na hierarquia eclesiástica dependia de muitos fatores: a comodidade e da salubridade do lugar, do número de habitantes, da densidade do povoamento (concentrado ou disperso), da riqueza dos fiéis e das capelas, da distância entre os povoados e as igrejas matrizes existentes e também de conjunturas políticas. (FONSECA, 2011, p.118)

Relação do pensamento de Fonseca com os pressupostos da tese:

Ao desenvolver uma pesquisa sobre a formação das vilas e cidades, a autora mostra os mecanismos que podem ser utilizados na construção do entendimento sobre a expressão do poder. Voltada para a parcela analítica, da metodologia desta tese, direcionada para a análise intraurbana, são fornecidos aspectos de análise sobre a morfologia do sítio, onde o edifício está inserido dentro da lógica lusa, como também sua localização no núcleo urbano e sua função enquanto congregador social nas Minas Gerais. Lógica que se pode utilizar para o entendimento tanto no Brasil como também em Portugal. O quadro abaixo sintetiza os conceitos trabalhados pelo autor e que são considerados na tese.

Quadro 16 - Relação entre os conceitos de Fonseca.

Quadro de relação entre os conceitos de Fonseca aplicados aos critérios da tese		
Critérios de análise da Tese	Elemento	Conceito
Localização no núcleo urbano e topografia	Topografia	Localização em relação às questões de altimetria e com elementos naturais como rios, lagos etc.
	Relação financiamento – agentes envolvidos	Os financiadores das edificações acabam por fornecer dados a respeito da importância do edifício e influenciam também na sua própria arquitetura
Relação com o entorno	Traçado urbano	Os caminhos e vias de acesso ao edifício.
	Implantação do edifício	Local de implantação do edifício, relação com os edifícios vizinhos.

Elaboração: Autor (2021)

2.3.2.3. LOBO, M. D. C., & SIMOES JÚNIOR, J. G. Urbanismo de colina: uma tradição luso-brasileira (2012) – Localização no núcleo urbano e topografia, e a Relação com o entorno.

Os autores organizam no livro *Urbanismo de colina: uma tradição luso-brasileira*, o trabalho de vários autores que se debruçaram na análise de cidades do universo luso-brasileiro em seus estudos de caso com ênfase no urbanismo de colina, através de aspectos morfológicos, ambientais, geográficos, sociológicos e administrativos.

As análises desenvolvidas pelos autores dos vários capítulos permitem construir parte dessa malha de influências, sublinhando o papel decisivo de distintos atores coletivos e individuais, mas também os poderes e interesses por eles explicitamente defendidos ou implicitamente apoiados. (LOBO, M. D. C., SIMOES JÚNIOR, J. G.,2012, p.12)

Para isso as pesquisas foram organizadas de forma que abordassem os seguintes aspectos: Origem, delimitação, localização da área objeto de estudo; Evolução da ocupação e da estrutura urbana; Padrões de ocupação urbana em colina; Morfologia do sítio histórico; Normativas urbanísticas.

O livro reúne trabalhos desenvolvidos nas cidades de Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Ouro Preto, no Brasil, e Lisboa, Vila de Óbidos e Coimbra, em Portugal. Com os levantamentos feitos, a morfologia do sítio urbano pôde ser analisada por meio do sítio urbano, das implantações urbanas, do perfil dos arruamentos, das quadras, de áreas públicas e dos pontos referenciais.

No caso específico de Ouro Preto, cidade que pertence ao universo desta pesquisa, os autores justificam sua inclusão no seu estudo, destacando, inclusive, a importância dos edifícios religiosos em sua gênese:

> Ouro Preto, um núcleo urbano originado no século XVII por garimpeiros de origem portuguesa, apresenta também uma estrutura semelhante. Como a presença do governo não aconteceu na fase inicial do núcleo urbano, a estruturação deste acabou sendo marcada pelos caminhos unindo distintos núcleos de povoação ao longo de uma mesma cumeada, articulados por rotas em direção às lavras, e por um ordenamento urbano condicionado pelo posicionamento de igrejas das Ordens Terceiras nos pontos nodais do sistema viário, numa clara alusão aos princípios do ordenamento urbanístico português.” (LOBO, M. D. C., & SIMOES JÚNIOR, J. G., 2012, p.20)

Sobre os casos estudados em Portugal, os autores explicam sua gênese e evolução considerando diversos momentos e influências:

> [...] são representativos do processo de constituição da urbanística de colina lusitana, que tem início com a ocupação romana, sofre influência muçulmana ao longo da Idade Média e, mais tarde, incorpora alguns condicionamentos da engenharia militar e dos princípios ordenadores da urbanística renascentista do período manuelino." (LOBO, M. D. C., & SIMOES JÚNIOR, J. G., 2012, p.21)

Os trabalhos elencam os elementos constituintes da morfologia urbana das cidades destacando pontos referenciais, como as praças o traçado das vias e as relações com edifícios oficiais, militares e religiosos nesse cenário.

Considerações sobre Lobo & Júnior e a relação com a tese:

Os trabalhos compilados pelos autores auxiliam no entendimento de alguns aspectos importantes nas análises morfológicas das cidades. Também se relaciona com a vertente urbanística desta tese ao traçar fatores políticos sócioeconômicos e geográficos na evolução urbana das cidades e vilas e na implantação de edifícios estratégicos dentro da malha urbana, fazendo uso de critérios que se relacionam à morfologia dos sítios onde as igrejas, objetos desta tese, estão inseridos e como na relação desses edifícios com seu entorno imediato, sejam eles outros edifícios, vias de acesso e praças. Abaixo, o quadro síntese sobre a análise do autor.

Quadro 17 - Relação entre os conceitos de Lobo, M. D. C., & Simões Júnior, J. G.

Quadro de relação entre os conceitos de LOBO, M. D. C., & SIMOES JÚNIOR, J. G, aplicados aos critérios da tese		
Critérios de análise da Tese	Elemento	Conceito
Localização no núcleo urbano e topografia	Implantação na malha urbana	Os edifícios mais significativos têm uma implantação estratégica na malha urbana.
Relação com o entorno	Vizinhança imediata	Local de implantação do edifício, relação com os edifícios vizinhos. Edifícios religiosos, oficiais, e militares muitas vezes estão situados próximos. Mas o entorno imediato, normalmente é dominado por um desses edifícios importantes socialmente.

Elaboração: Autor (2021)

2.3.2.4. TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. Da cidade de Deus à cidade dos homens. A secularização do uso, da forma e da função urbana (2009) – Localização no núcleo urbano e topografia, a relação com o entorno.

Estudando um universo de doze cidades do estado do Rio Grande do Norte, no Brasil, a pesquisa tem por objetivo analisar a passagem da Cidade de Deus para a Cidade dos Homens em um intervalo temporal que vai de 1700 até 1964. O autor trata de evolução urbana no Estado, essencialmente na transição do espaço sagrado para o profano. Para isso faz uma primeira análise social para servir como pano de fundo que também contextualiza todo o país.

A denominada Cidade de Deus caracteriza-se por uma sociedade e espaços urbanos que preconizam e privilegiam a experiência religiosa cotidiana. Esses espaços tanto influenciam como sofrem a influência da sacralidade cristã que esteve profundamente presente nos centros urbanos brasileiros. Era a Cristandade que definia de forma indissociável a sociedade.

Já a denominada Cidade dos Homens caracteriza-se por um tipo de sociedade e de vida urbana marcados por valores sociais e econômicos do mundo contemporâneo, geralmente associados à noção de secularização, manifestados pelo individualismo, pela competitividade e relações sociais e econômicas determinadas pelos valores da sociedade capitalista e uma visão mais científica do mundo. Para essa análise, que relaciona espaço x sociedade, faz uso de três elementos: 1) o uso do espaço urbano; 2) a forma urbana e 3) a função urbana.

Esses elementos são definidos da seguinte forma:

1) O uso do espaço urbano - A evolução dos ritos, ações e costumes no espaço urbano[25]; A regulamentação da vida social[26].

---

[25] As crenças e as práticas religiosas na vida cotidiana; as manifestações na vida privada e sobretudo pública da vida religiosa; as transformações sociais e econômicas e a secularização no uso do espaço urbano; a secularização através dos costumes e hábitos no espaço público.

[26] Os cânones, leis, estatutos e prescrições de natureza clerical e/ou oriundas do Estado que codificam e regulam a vida social e sua influência no espaço urbano; os aspectos administrativos das *vilas* e *cidades* (o município, a capitania ou província, a Coroa e o governo federal).

2) A forma urbana - Os componentes do espaço urbano[27]; A regulamentação do espaço urbano[28]; A propriedade dos espaços urbanos[29].

3) A função urbana[30] - As motivações para o surgimento das cidades; As motivações na evolução das cidades.

Relação do pensamento de Teixeira com os pressupostos da tese:

O autor define alguns critérios de análise e se concentra na esfera urbana, apesar de não desconsiderar os edifícios, mas os considera como elementos catalisadores de transformações nesse espaço. Dentro das análises feitas, destacam-se as que se relacionam com as consequências que pode causar à urbanização, tais como o mobiliário e equipamentos urbanos, a infraestrutura urbana, em função das legislações eclesiásticas e/ou da implantação de edifícios de uso público. Outra questão abordada pelo autor refere-se ao uso do espaço urbano. Em seu trabalho, demonstra o papel das crenças e práticas religiosas, na vida cotidiana, e suas manifestações na vida privada e religiosa. E também a regulamentação da vida social, que exerce influência no espaço urbano, das leis, cânones e estatutos clericais. Ou seja, o uso do espaço urbano moldado por essas diretrizes e costumes. Por fim, a função urbana. Nesse tópico entende-se que os conceitos usados em uma análise macro, como é uma análise urbana, pode ser adaptado a uma análise micro em seus termos básicos: as motivações. O autor descreve as motivações para o surgimento das cidades e as motivações que levaram a evolução das cidades. Ao se fazer a transposição para o edifício, entende-se que, da mesma maneira que existem motivações para o surgimento de aglomerados urbanos, existem para a construção de determinados edifícios, pois estes carregam funções de uso em uma sociedade.

---

[27] O sítio urbano e o espaço público; o edifício; o mobiliário urbano; a infraestrutura urbana.

[28] A legislação eclesiástica e a legislação civil e sua influência sobre o desenho urbano dos vilarejos, *vilas e cidades;* o desenvolvimento de quadros profissionais, civis ou religiosos e o espaço urbano.

[29] A questão fundiária, a Igreja católica e o Estado; a possessão dos bens imobiliários, notadamente os edifícios; a evolução das possessões da Igreja face às do Estado; a secularização das terras urbanas sob o ângulo de sua valorização econômica.

[30] As funções iniciais no surgimento e evolução das localidades; a transformação das funções urbanas; os interesses conflituosos em torno da função das aglomerações.

Dessa forma, foram utilizados esses conceitos transformando-os em: as motivações para a construção do edifício e as motivações para a evolução/mudanças espaciais dos edifícios. (Quadro 18)

Quadro 18 - Relação entre os conceitos de Teixeira.

Quadro de relação entre os conceitos de Teixeira, aplicados aos critérios da tese		
Critérios de análise da Tese	Elemento	Conceito
Localização no núcleo urbano e topografia	Implantação na malha urbana	A construção de igrejas em um determinado núcleo urbano é motivada por questões, tanto econômicas, como religiosas e sociais. Independente dos motivos, ela reforça a influência de determinado poder, seja ele real, religioso ou até mesmo militar, controlando a dinâmica social.
Relação com o entorno	Consequências para a urbanização	O erguimento de uma igreja impacta seu entorno imediato, transformando-o. Podendo alterar seu adensamento, incremento ou criação de infraestruturas urbanas, mobiliário, além da dinâmica social com o surgimento das práticas religiosas que envolvem toda a comunidade.

Elaboração: Autor (2021)

2.3.3. Os critérios de análise da arquitetura definidos a partir das teorias analisadas.

O enquadramento teórico foi organizado em dois grupos de referência para a análise. No primeiro grupo, foram abordados autores que desenvolveram seus trabalhos focados na análise de projetos, ou seja, da arquitetura e seus elementos. Os autores foram organizados conforme os três critérios definidos para a análise, sendo os dois primeiros focados em uma escala macro, que observa o edifício na cidade (análise intraurbana) e o 3º em escala micro o que consideramos a escala do edifício como objeto arquitetônico. Também foram esses os critérios para a escolha dos autores como referencial teórico.

A partir do trabalho desenvolvido por esses autores, foram definidos os conceitos de critérios de análise, considerados para a observação da manifestação do poder como foi abordada na tese. Os dois primeiros critérios estão relacionados ao Edifício e a escala intraurbana e o segundo está focado no edifício como objeto arquitetônico.

1. Localização no núcleo urbano e topografia

As consequências para a urbanização – mobiliário e equipamentos urbanos que surgiram em função da implantação da igreja; a infraestrutura consequente; as

influências das legislações eclesiásticas no desenho urbano e a topografia onde o edifício está inserido.

Uso do espaço urbano – as crenças e as práticas religiosas na vida cotidiana, as manifestações na vida privada e sobretudo da vida religiosa; os cânones, leis, estatutos e prescrições de natureza clerical que codificam e regulam a vida social e sua influência no espaço urbano.

O uso do espaço urbano pode ser definido através da arquitetura que exerce a função não só de acolher as atividades, como também para direcioná-las (CHING, 2002). A relação entre essa arquitetura e o espaço geográfico deve responder as condicionantes de lugar, função e cultura, consequência da soma entre arte e técnica (BAKER, 1998). Os edifícios em escala monumental são atores nessa transformação urbana, como também são transformadores do espaço aqueles que se destacam em virtude de um desenho de fachada singular em relação aos demais. Essas características trazem uma carga simbólica importante na relação do edifício - cidade. Segundo Caetano (2011), Fonseca (2011) e Lobo, M. D. C., & Simões Júnior, J. G. (2012), a localização em relação à topografia, elementos naturais, como rios e lagos, traçado de vias, praças e o entorno também são portadores de simbologia. Foram consideradas como questão intrínseca a nossas observações, o fato da existência de questões socioeconômicas e políticas catalizadoras para a definição de localização do edifício no núcleo urbano, como abordados por Teixeira (2009) e Fonseca (2011)

2. Relação com o entorno

Proporção e escala – a relação de tamanho entre a igreja a edifícios vizinhos (escala); harmonia das partes com outras e com o todo, magnitude, quantidade e grau (proporção)

Percurso ao acesso – elementos de deslocamento como rampas, escadas e vias.

As teorias Vitruvianas relacionadas a proporção e escala foram consideradas para analisar as relações entre o edifício em o seu entorno, pois entende-se que as contribuições sobre as relações de proporção se fazem tanto na escala do edifício quanto na relação dele com o entorno e Unwin (2013) considera a escala do edifício como qualificadoras do espaço. Nesse caminho, Unwin (2013) define que as soluções arquitetônicas, relacionadas ao tipo de terreno em que se insere e o tempo que é a

vivência no espaço, somada com os caminhos, são elementos essenciais na relação com o entorno. Os elementos analisados por Unwin como plataforma, marco e foco definem relações entre edifício e seu entorno, que foram analisados também por Lobo, M. D. C., & Simões Júnior, J. G. (2012), ao abordarem as tipologias de uso dos edifícios vizinhos. A importante análise da arquitetura por Baker (1998) está não em elementos concretos da constituição do edifício, mas sim no campo fenomênico o que investe ao edifício sentidos singulares em relação ao entorno, consequência de ações dos atores sociais envolvidos no processo de produção do espaço urbano (FONSECA, 2011). Somando-se a essas questões, considera-se, nesse critério de análise, o edifício como catalizador das transformações espaciais quando são os pioneiros na ocupação do espaço, sendo o elemento de atração de todo o resto (TEIXEIRA, 2009).

3. O Edifício

Estratégias de organização do espaço arquitetônico e o programa arquitetônico – caminhos, proporções e escalas internas, pontos focais e marcos referenciais do espaço interno; compartimentação, setorização espacial e sua relação com o uso.

Forma e espaço – edifício solto e protagonista no espaço funcionando como marco referencial ou ponto focal; edifício como pano de fundo; edifício definindo o espaço urbano como ponto focal; edifício em plano elevado como marco referencial.

Sobre esse critério, foi utilizada a importância das teorias Vitruvianas para a construção do belo como constituinte do sentido, das sensações provocadas pela arquitetura na busca pela proximidade da natureza. Analisando o edifício como um objeto, pretendeu-se um isolamento em relação ao seu entorno e direcionou-se o olhar para a sua relação direta com o usuário em seu acesso e uso dos espaços. Nesse sentido, Unwin (2013) demostra elementos na arquitetura como pontos focais, percursos e a escala em relação ao usuário como elementos definidores dos espaços. Ching (2002) entende esses elementos, constituintes da arquitetura, como letras em um alfabeto ou as palavras de um texto, assim, da mesma maneira que para compor uma palavra é preciso a compreensão do vocabulário, é necessário conhecer os

elementos que compõe a arquitetura para se conceber um edifício e forma e espaço expressão a intensões de função e o contexto sociocultural. Somaram-se as relações fenomênicas descritas por Baker (1998) na definição do programa arquitetônico, seus significados fruto da cultura para a produção do edifício monumental, no caso desta tese, as igrejas. O trabalho de Caetano (2011) para esse critério está na análise de edifícios de natureza simbólica de poder, através de suas análises entende-se que os elementos constituintes de um edifício carregam simbologias que expressam poder e hierarquias compondo uma tipologia onde se observa a utilização de certos elementos de forma sistemática.

A seguir, o quadro síntese dos itens de análise, que estão relacionados ao discurso de poder, os quais serão abordados nos edifícios localizados nos próximos capítulos desta tese, em Portugal (Capítulo 3) e Brasil/Minas Gerais (Capítulo 4) (Quadro 19).

Quadro 19 - Compilação dos Elementos e Critérios de análise presentes na tese.

Elementos a serem analisados baseados nos conceitos descritos acima e relacionados com os critérios definidos		
Critérios	Elementos	Conceito
1. Localização no núcleo urbano e topografia	Vias	Localização em eixos viários principais o de ligação; proximidade a outros edifícios importantes no contexto urbano tais como palácios, casas de câmara e outras igrejas; topografia privilegiada com destaque na paisagem, servindo como referência visual e pontos focais.
	Implantação na malha urbana e Topografia	
2. Relação com o entorno	Acessos	Presença de escadarias de acesso ao edifício; maiores dimensões em relação aos edifícios nas imediações; presença de largos, adros, praças no entorno imediato.
	Escala	
	Elevação em relação à via e ao entorno	
3. O Edifício	Fachada	Elementos constituintes e a sua disposição.
	Planta	

Elaboração: Autor (2021)

Aqui será apresentada uma síntese do cruzamento dos conceitos e teorias e como se dará a aplicação metodológica.

2.4. Síntese metodológica

Marx Weber tipifica o poder em três: Poder Econômico, Poder Ideológico e Poder Político. Para esses conceitos de poder, foi necessário apropriar dos

instrumentos de exercício desse poder, teorizados por Foucault e sobre a capacidade da arquitetura de causar emoções descrita por Milton Santos. Dentro desses instrumentos, ou mecanismos, conforme o autor os descreve, foi preciso adotar os da arte da distribuição – Quadriculamento, e o controle do tempo, por se entender a sua reverberação na arquitetura, pois referem-se à apropriação do espaço e referências temporais, como também a dominação carismática apoiada no estímulo às emoções.

Para se entender a arquitetura como elemento que transmite informação, é preciso relacioná-la com o discurso. E como tal, foram organizados elementos de análise. Fazendo uma analogia ao discurso definido por Aristóteles, o filósofo divide o discurso em três elementos constituintes: *Ethos*, *Pathos* e *Logos.*

Aristóteles define *Ethos* como a construção da credibilidade pelo locutor, e para o locutor. Ou seja, a história do cristianismo ao longo dos tempos constrói essa credibilidade através da sua inserção na comunidade como influenciadora de costumes, e confere à arquitetura autoridade para transmitir através do *Pathos*, outro elemento descrito pelo filósofo, como a carga emocional do discurso. Essa carga se refere aos símbolos relacionados à religião católica e que são expressos por elementos arquitetônicos organizados e racionalizados na arquitetura. E a essa racionalização e/ou materialização através do edifício, é entendida com constituinte do *Logos*, descrito por Aristóteles.

Assim, ao utilizarmos o conceito de poder definido por Foucault, chegamos ao ponto em que especificamos os critérios os quais analisaremos a arquitetura das igrejas como instrumentos de exercício de poder. Desta forma foi abordado o edifício, sua relação com o entorno imediato e com a malha urbana. Vários autores serviram como referência para definição desses critérios, sem necessariamente abordarem o conceito poder especificamente, explorando tanto o edifício, como sua inserção na cidade, seus elementos constituintes da arquitetura e do urbanismo e suas relações funcionais e ou simbólicas.

Como conclusão do item 2.3.1 foram definidos os critérios de análise e organizados em uma escala que vai do macro (intraurbana) para a escala do micro, sendo que os dois primeiros critérios estão focados na relação do edifício com a cidade; e o terceiro focado no edifício enquanto objeto, assim serão analisados (1) Localização do edifício no núcleo urbano, a (2) Relação do edifício com seu entorno

imediato e o (3) Edifício. Essa divisão em três momentos se faz necessária para uma análise mais específica de cada situação em particular. Dentro desses critérios, serão analisados instrumentos de poder por seus elementos constituintes:

Critério 1 - Vias; Implantação na malha urbana e a Topografia.

Critério 2 - Acessos; Escala; Elevação em relação à via e ao entorno.

Critério 3 – Fachada (Portada/Frontispício, Torre Sineira e Simetria); Planta (Nártex, Tribunas e Balaustrada)

Há critérios objetivos, perceptíveis pela observação, para classificar o grau de relevância (baixa, intermediária ou alta) desses elementos. São critérios de natureza morfológica. Assim, o grau de relevância desses elementos pode ser objetivamente definido a partir dos seguintes critérios: 1) a sua visibilidade na malha urbana; 2) a quantidade e hierarquia das vias em que se inserem; 3) a altimetria e dimensões em relação ao seu entorno imediato e ao próprio edifício. Em termos quantitativos, é a existência deles ou não que deve ser considerada. Estes elementos foram definidos a partir da análise dos diversos autores analisados neste capítulo, que desenvolveram trabalhos analíticos sobre arquitetura e suas funções. A partir destas funções detectou-se os elementos que as expressam e que compõem um discurso de poder. Esses elementos são utilizados para a expressão do poder na arquitetura religiosa, mecanismos que têm por função distribuir corpos no espaço e definir comportamentos. No quadro abaixo, apresenta o desenho da análise e as correlações entre os conceitos adotados. Cada elemento foi considerado como expressão do poder em função do seu uso, seja na escala intraurbana como na do edifício.

Os trabalhos de referência citados neste capítulo (item 2.3.1 e 2.3.2) foram importantes para a busca das funções dos elementos constituintes da arquitetura e o que eles expressam para o usuário. Relacionando-os entre si, conclui-se que os elementos se inserem em três conceitos de mecanismos de persuasão. É importante lembrar aqui que alguns elementos podem se inserir em mais de um mecanismo, porém o mecanismo adotado, que aparente ser o mais significativo para a tese, de acordo com a Figura 7 abaixo:

a. Distribuição de corpos no espaço

Os elementos classificados dentro desse mecanismo e que estão dentro do Critério 1 são: as Vias, a Implantação na malha urbana e topografia. O primeiro

elemento são Vias, que funcionam como elementos articuladores do arranjo urbano e é através delas que o usuário se desloca. Elas acabam por ser consequência da ocupação urbana e da implantação de certos edifícios mais significativos dentro dessa malha. Acabam por enfatizar a localização dos edifícios transformando-os em pontos focais dentro da cidade. Com relação ao segundo elemento, a Implantação na malha urbana e topografia, estas funcionam como elementos onde através deles o edifício se destaca na paisagem, nos pontos mais altos ou em pontos nodais onde acontecem convergências de trajetos ou a proximidade de outros edifícios ou equipamentos urbanos que valorizam e potencializam a sua importância com relação a localização na cidade.

No que se refere aos elementos que fazem parte do Critério 2, classificamos os Acessos, a Escala e a Elevação em relação com a via e ao entorno. Esse critério relaciona o edifício com seu entorno imediato. O primeiro se refere às maneiras de se acessar o edifício. Em alguns casos, é possível que o fiel consiga percorrer todo o entorno do edifício o que contribui para as procissões e, juntamente, com as maneiras de se adentrar ao interior dele. Seja por meio de várias aberturas (portas), como também pelo uso de escadarias, as quais, muitas vezes, reforçam o percurso cidade altar-mor, que é o ponto principal do edifício. Essas escadas, ao serem implantadas perpendiculares ao edifício, além de reforçar esse trajeto, difere dos demais edifícios do entorno. O segundo elemento também contribui para a organização dos corpos no espaço, pois, ao se implantarem em dimensões superiores aos vizinhos, também fazem com que o edifício se torne uma referência espacial.

Por fim, há os elementos do Critério 3 que também se relacionam com essa distribuição dos corpos. Esse critério está relacionado especificamente ao edifício e suas partes constituintes. Entende-se que o nártex, a tribuna de honra e a balaustrada são por natureza elementos segregadores por suas funções de origem. É preciso esclarecer o significado de um desses elementos, o nártex, termo que ganhou significados e nuanças ao longo dos séculos, além de se relacionar com outros termos afins que dificultam ainda mais o seu sentido preciso, além do mais numa tese que trabalha com duas realidades nacionais, de Portugal e do Brasil. Vamos considerar essas definições antes de apresentar a maneira como o utilizamos nesta pesquisa.

O nártex[31], elemento de transição entre o espaço externo e o espaço interno tinha como objetivo, na paleocristandade, abrigar os que não podiam participar da Eucaristia como os catecúmenos, loucos, pecadores e penitentes. (LEMOS & CORONA, 1972). No século XVIII, exercia uma função catequética e homilética com a presença de pinturas remetendo a motivos de devoção, e demarcando o espaço sagrado e o profano. Em alguns trabalhos esse elemento também tem a denominação de átrio[32], considerando-o como a entrada ou vestíbulo[33] de uma igreja e galilé[34]. Kubler (1988), descreve um grupo de igreja denominado "Fachadas com nártex" que aparentariam um estilo mais palaciano pela sua presença: "Estas igrejas do grupo fachada com nártex derivam todas mais directamente de modelos portugueses e espanhóis do que de protótipos italianos e apresentam caráter mais palaciano que sacro." (KUBLER, 1988, p. 141). O autor ainda descreve uma das características do nártex: "[...]os arquitectos portugueses muito cedo empregaram um pórtico nártex inserido na igreja debaixo do coro alto." (KUBLER, 1988, p. 136). Utilizadas para personalidades ilustres, as tribunas tinham como objetivo além de uma melhor iluminação da nave, separar os ilustres das pessoas comuns da comunidade. Segundo Ávila (1996) a tribuna era:

> "Lugar reservado e elevado, com aberturas em janelas e varandas para assistir cerimônias religiosas. São sacadas que se abrem do segundo piso

---

31 Lemos & Corona descrevem o que a denominação nártex significava em sua origem e o que passou a significar após entrar em obsolescência de sua origem: "Nártex **-** Antigamente, galeria alpendrada na frente das igrejas, onde eram reunidos os catecúmenos, os energúmenos e penitentes impedidos, por razões de ordem religiosa, de adentrar a nava do templo. Hoje em dia o termo designa qualquer pórtico ou entrada de igreja." (LEMOS & CORONA, 1972.)

32 Átrio - É um vestíbulo, pátio ou espaço que vai, nos palácios e grandes edifícios, desde a entrada principal até a escadaria nobre de acesso ao pavimento superior. É nome, também dado, às vezes, aos adros das igrejas. (LEMOS & CORONA, 1972.)

33 Vestíbulo - Antigamente, o mesmo que átrio, grande espaço descoberto na frente da casa, onde se conservava o fogo para o sacrifício em honra da deusa Vesta. Hoje em dia o termo designa a entrada principal. Há quem use o termo como sinônimo de pátio. (LEMOS & CORONA, 1972.)

34 Segundo Bazin (1956) o termo galilé "se usa até hoje em português; tem origem bem longínqua; encontramo-lo com frequência durante o século XI e XII, especialmente nas *consuetudinis* da abadia cluniacense de Farfa, para designar o pórtico ou o nártice da igreja. A província de Galiléia, três vezes citadas no Evangelho de São Mateus, era considerada como a região dos Gentios, de onde o hábito, na época paleocristã, de chamar o nártice, pórtico ou ante igreja, ou mesmo a parte mais baixa da igreja onde podiam ficar os penitentes, catecúmenos e, em geral, todos aqueles que não tinham direito de chegar até o santuário, nas proximidades da consagração. O emprego dessa palavra até hoje, nas línguas portuguesa, espanhola e inglesa é um exemplo da influência medieval nesses países. (BAZIM, 1956, p.148)

> para o interior da nave de uma igreja e serviam para que personalidades ilustres assistissem ao culto sem entrar em contato com a plebe. O lugar elevado de onde falam os oradores, também é chamado de púlpito." (ÁVILA, 1996, p.90)

Em virtude das diversas denominações possíveis para este espaço de transição, denominou-se nesta investigação de nártex o espaço interno sob o coro alto. Referente às tribunas, Gollino (2021) descreve sobre o seu papel de elemento hierarquizador na distribuição de corpos no espaço em sua origem:

> A tribuna, também entendida enquanto galeria elevada [...]. Seja reservada à acomodação da multidão peregrina ou como espaço distinto destinado aos sacerdotes, a tribuna se configura como um elemento continuo que delimita a nave central, e exerce um 'rebaixamento' das naves colaterais subsequentes [...]" (GOLLINO, 2021, p. 227)

Outra passagem que ilustra o papel que a tribuna poderia exercer, que no caso descrito ficou ocupada pelo cardeal Cunha na Igreja de São Roque de Lisboa, antes de sua reformulação:

> No último dezembro deste ano de 1718, imitando-se o estilo de Roma, em que se dão graças a Deos por se ter chegado ao fim do ano, se armou magnificamente a igreja de São Roque dos Padres da Companhia, aonde foram os músicos que havia nas duas Lisboas, com todos os instrumentos, e foram chamados todos os títulos e oficiais da casa Real para acompanharam a Rainha Nossa Senhora e as Senhoras Infantas, que estiveram no Coro com as suas damas, aonde tinha ido El-Rei Nosso Senhora com o Senhor Infante D. António em um coche, só com o Duque Estribeiro-Mor, e o Mordomo-Mor, e ali esteve o Patriarca e títulos, no como, que estava dividida em duas partes, e na de fora estavam bancos, em que estiveram sentados os títulos mais que couberam. E nas tribunas da igreja estiveram o cardeal da Cunha e o Núcio, e embaixadores e títulos de fidalgos. (PIMENTEL, 2013, p. 26)

Como se vê, esses autores, assim como escritos antigos deixam claro o papel discriminatório da tribuna, reservada às pessoas ilustres, e assim será considerado nesta tese.

Quanto à balaustrada, situada na nave, ela servia para separar a assembleia da capela-mor e/ou das capelas/altares laterais, definindo o espaço denominado "teia". Estes espaços distintos eram considerados os mais sagrados da igreja. Nota-se que em alguns casos estudados encontramos altares laterais, sem a presença de balaustrada e também balaustradas sem a presença de altares laterais. Considerou-se as balaustradas presentes e que delimitam ou separam o espaço dos altares laterais da assembleia geral.

a. Provocadores de emoção

Relacionados com o simbolismo e com o belo, são os elementos que, através de ornamentação, suntuosidade e grandeza, manifestam o poder. Para esse item, foram classificados os elementos, implantação na malha urbana, pertencente ao Critério 1, Escala pertencente ao Critério 2, Portadas e Simetria, que pertencem ao Critério 3. A escala tem relação com a magnitude do edifício, a sua imponência e demonstração de força. Portadas e Simetria, componentes da fachada, são elementos que induzem ao simbólico, no caso das Portadas, e ao belo, em ambas, segundo Vitrúvio. Logo, são responsáveis pela persuasão carismática emotiva do fiel.

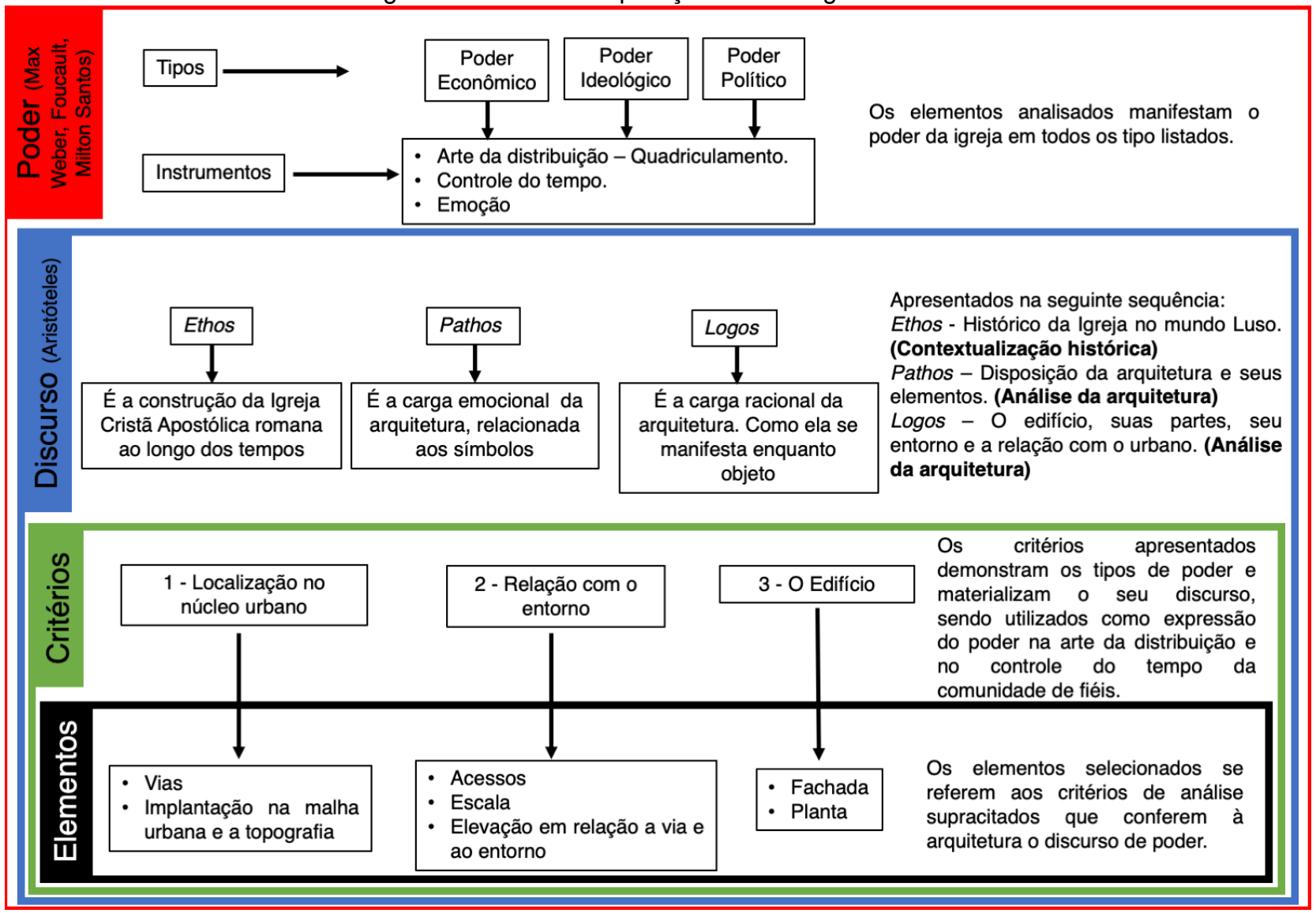
b. Controle do tempo

As Torres Sineiras foram relacionadas, nesta tese, ao controle do tempo. São elementos que são referência das horas do dia, portadores de notícias sobre eventos tais como procissões, nascimentos, casamentos e mortes através do som.

No próximo capítulo desta tese, Capítulo 3, foi feita a análise dos casos situados nas cidades de Lisboa e Porto, respectivamente. A análise está focada nos elementos da arquitetura que compõe a discurso de manifestação do poder.

Na figura abaixo, foi elaborado o desenho da metodologia constando as relações entre os conceitos abordados neste capítulo e as relações entre eles que nortearam a tese (Figura 6).

Figura 6 - Síntese da aplicação metodológica.



Elaboração: Autor (2020)

Capítulo 3: As manifestações de poder na arquitetura religiosa portuguesa do século XVIII



Lisboa - Portugal
Ilustração: Fábio Vasconcellos

[...] "tecido urbano apresentava uma estrutura morfológica de tipo orgânico com malhas geradas por processos empíricos e baseadas em modelos característicos da cidade medieval de tradição mediterrânea em Alfama predominavam os becos e as pequenas ruas, formando um conjunto labiríntico de grande interioridade." (CALADO, 1993, p.9)

Capítulo 3 - As manifestações de poder na arquitetura religiosa portuguesa do século XVIII

3.1. Introdução

No capítulo anterior foi tratado o embasamento teórico para os capítulos seguintes. Neste capítulo, a análise será Lisboa e Porto, e cada cidade abordada separadamente, finalizando com uma relação entre elas. A análise das igrejas em Portugal será iniciada com abordagem da relação entre a produção arquitetônica religiosa na metrópole, pois, entende-se, neste estudo, haver uma estreita ligação entre a Igreja e desenvolvimento da arquitetura em todo reino português. É importante destacar o fato de que essas análises são feitas tomando como base as observações atuais dos edifícios no século XXI e através dos registros históricos, buscando uma compatibilização para a compreensão do contexto do século XVIII o mais próximo possível.

No século XVIII, o Cristianismo foi enfraquecido entre os intelectuais e a nobreza, pois a igreja, ainda sustentada por tradições ultrapassadas para muitos dos escritores, confronta-se com a racionalidade destes que também entendiam que deveria haver uma desvinculação entre a Igreja e o Estado.

> [...]de uma maneira geral que, no século XVIII, o cristianismo tinha perdido grande parte de sua forca. A irreligiosidade estava difundida entre os príncipes e os intelectuais; ainda não penetrava muito no seio das classes média e baixa. [...] A Igreja apoiava-se principalmente na tradição: os escritores desprezavam todas as instituições fundadas sobre o respeito do passado; eles só apelariam para a razão. Para chegar a um entendimento, ambos os lados deveriam ter admitido que, devido às suas situações essencialmente diferentes, a sociedade política e a sociedade religiosa não podiam ser regidas por princípios iguais. Mas estava-se muito longe disso na época e tinha-se a impressão de que, para conseguir atacar as instituições do Estado, era preciso destruir as instituições da igreja, que lhes serviam de base e de modelo. Aliás, a própria Igreja era o primeiro dos poderes políticos e o mais odiado apesar de não ser o mais opressivo. Os escritores tinham razões para atacar a igreja. Esta representava precisamente a parte do governo que lhes era mais próxima e mais diretamente oposta. Os outros poderes só se faziam sentir vez ou outra, mas este, sendo especialmente encarregado de fiscalizar os tramites do pensamento e censurar os escritos, incomodava os diretamente". (TOCQUEVILLE, 1997, p. 149-150.)

Essas transformações ocorridas na Igreja e suas relações com o Estado, transformaram o fazer arquitetônico ao longo do tempo em Portugal. No próximo tópico, há uma contextualização da arquitetura religiosa em Portugal.

3.2. Arquitetura e religião em Portugal

Esse tema será iniciado com os antecedentes da arquitetura religiosa em Portugal até o século XVIII, partindo do período medieval, mais especificamente depois da unificação do país, após o domínio mouro, período, nesta tese, considerado como Românico. É preciso traçar uma linha histórica apenas para entender melhor o século XVIII, objeto de estudo da tese. O motivo desse recorte é em função da importância da arquitetura medieval na evolução da arquitetura religiosa portuguesa e da forte presença da Igreja desde a formação do território português, uma vez que ela se fez presente em todo o território, inclusive através da arquitetura, sendo importantes nos dias de hoje como elemento de educação patrimonial em Portugal.

Em toda campanha de unificação, que termina em finais do século XI, durante o reinado de D. Afonso Henriques, a Igreja Católica esteve presente[35], como é o caso dos monges beneditinos, já presentes no território, responsáveis pelo surgimento do tardo românico em Portugal, e os cistercienses. Estes monges que acompanharam D. Afonso Henriques, carregavam as referências do românico borgonhês e, junto com a escola francesa, tendo a Abadia de Cluny[36] (Figura 7) como referência inicial, ditaram as regras do românico em desenvolvimento em Portugal.

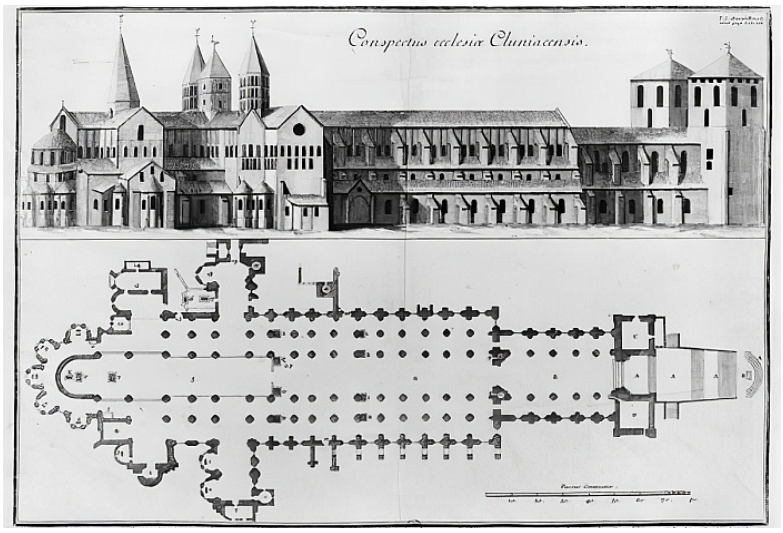
Neste esse período, dois grupos de arquitetura se destacaram, segundo critérios empregados por Dangelo (2006) e adotados neste estudo. O primeiro grupo é detentor de uma arquitetura mais erudita e monumental, e que produziu as grandes catedrais portuguesas, tendo Braga, Coimbra, Lisboa e Porto como formadoras de uma escola.

---

[35] "De fato, apesar dos beneditinos, já fixados, gozarem da proteção régia, os cônegos regrantes de Santo Agostinho e cistercienses são aqueles que emergem na documentação do governo de Afonso Henriques. Estas ordens monásticas tiveram papel fulcral na função de repovoamento dos territórios reconquistados." (SALGADO, 2005, p.7)

[36] Fundada em 910, pelo duque Guilherme, da Aquitânia, região da França medieval. Pertencia à Ordem dos beneditinos, de obediência direta ao papado, sua influência, na Europa medieval, é vastíssima e centrada na reforma moral da igreja católica. (ARAÚJO, 2008)

Figura 7 - Abadia de Cluny, França.

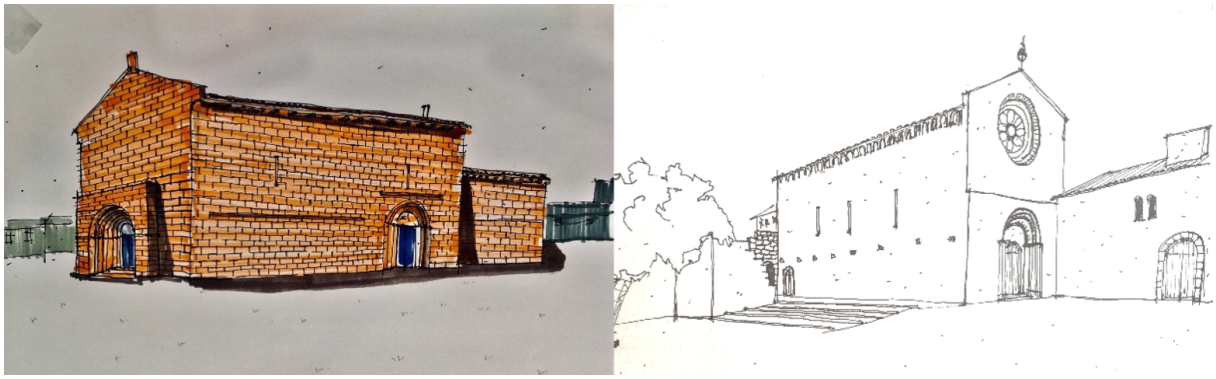


Fonte: Bibliotheque Nationale, Paris, France

Esse grupo caracteriza-se por edifícios de plantas cruciformes, abside com duas absidíolas abrindo para o transepto, coberto por abóbada de berço, com abóbadas de aresta sobre as naves alterais. Apresentam tribunas que se abrem para a nave central e fachada principal composta por um único portal profundo em função da grande espessura das paredes, o que proporciona várias arquivoltas, frequentemente ladeadas por torres laterais.

O segundo grupo caracteriza-se por uma arquitetura mais popular e rude, tendo as igrejas conventuais e paroquiais como principais produtos. Desenvolveu-se mais na região norte do país, tendo Matriz de Bravães ou o Mosteiro de Roriz (Figura 8) como exemplares. Esses conceitos de rude e popular são traduzidos numa maior simplicidade e despojamento compositivo, com decoração restrita aos portais, janelas, capitéis e cachorros nos telhados. A maior parte das igrejas apresenta uma nave com telhado de duas águas com travamento em madeira (as abóbadas de berço são presentes, embora sejam raras), e sua abside possui planta retangular. Suas fachadas possuem formas simples com torres, graças às paredes grossas aparentam fortalezas. (Dangelo, 2006, p. 187)

Figura 8 - Igreja de Bravães e Mosteiro de Roriz.



Esq.: Igreja de Bravães. Dir.: Igreja de Roriz
Fonte: Autor (2020)

O período posterior ao Românico é marcado pelas abadias e se insere no chamado Gótico Português. Estes foram influenciados pela arquitetura borgonhesa dos mosteiros de Pontigny e Claraval, fundadas pela Ordem Cisterciense[37], responsáveis por disseminar o estilo Gótico em Portugal, este se impõe definitivamente com o estabelecimento das ordens mendicantes, dominicanos e franciscanos. Assim, o gótico se estabelece, estendendo-se até o 2º quartel do século XVI, quando se inicia o Renascimento. (Dangelo, 2006, p. 189)

São características desse momento as igrejas de linhas mais austeras com planta de três naves, onde a central tem o pé direito mais alto. Não possui tribunas (elemento que será observado em na análise das igrejas), fachada sóbria apresentando portal e rosácea. A cobertura é geralmente de madeira com abóbada nervurada nas cabeceiras, apresentando três ou cinco capelas. Um dos mais expressivos exemplos desse período e que demostra a ligação estreita entre a Coroa portuguesa e a Igreja, é o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, o Mosteiro de Batalha (Figura 9). Este mosteiro foi doado por D. João I em agradecimento à vitória na batalha

---

[37] Provenientes de beneditinos dissidentes, "A Ordem Cisterciense – fundada em 1098 e baseada na obediência estrita da Regra, na valorização do trabalho manual, na pobreza e na vida comunitária – contou com 343 mosteiros quando da morte de Bernardo Claraval, e no final do Século XI eram mais de 500, de modo que um movimento reformador análogo se manifestou entre cônegos que desejavam um modelo monástico mais austero." (ARAÚJO, 2008, p.56 e 57)

D. Afonso Henriques, em gratidão ao apoio na batalha vitoriosa contra os Mouros e na conquista de Santarém (1147), convida-os a se estabelecerem em Portugal. Sendo, durante o século XII, difícil separar as ações da realiza e dos cistercienses.

de Aljubarrota, em 1385, garantindo-lhe o trono português. Foi doado à ordem dos Dominicanos e seu primeiro prior, não por acaso, foi Frei Lourenço Lampreia, confessor de D. João I, que chega a esse posto por se empenhar na eleição de D. João nas Cortes de Coimbra em 1385.

De característica afirmativa e festiva, o estilo manuelino se apossou de todos os programas possíveis (militares, civis, religiosos e equipamentos). Estilo que veio em decorrência das expansões ultramarinas, sofreu influências dos vários continentes. Espacialmente, pode-se afirmar que é uma continuação do gótico, com alterações na decoração e nas proporções, com ênfase na composição de fachadas, naves com 1, 3 ou 5 tramos, o transepto é ausente com a cabeceira plana, como é o caso da igreja de São João Batista, em Tomar. É necessário destacar ainda a igreja de São Francisco e igreja do Espírito Santo em Évora, esta última de planta maneirista, e mais tardiamente o Mosteiro dos Jerônimos em Lisboa, igreja da Misericórdia em Santarém, e Santa Maria em Extremoz, fazendo parte das igrejas salão, com três naves de mesma altura (Figura 9).

Figura 9 - Mosteiro de Batalha - Igreja de Santa Maria - Igreja de Misericórdia - Igreja do Espírito Santo.



Acima Esq.: Mosteiro de Batalha. Acima Dir.: Igreja de Santa Maria – Estremoz. Abaixo Esq.: Igreja de Misericórdia – Santarém. Abaixo Dir.: Igreja do Espírito Santo – Évora.
Fonte: Autor (2020)

O Renascimento surgiu em Portugal junto com o Manuelino e ainda mesclado ao Maneirismo. Segundo Dangelo (2006), uma versão modernizada da igreja-salão,

projetada predominantemente por arquitetos de formação militar, originou uma arquitetura de concepção mais utilitária e despojada e de sentido mais prático. Teve dois resultados opostos: os estilos Jesuíta e Herreriano. O primeiro tem como exemplo a igreja de São Roque, em Lisboa, com nave única e ausência de torres na fachada (1565-1576), elemento que será também objeto de análise nas igrejas. O segundo, a igreja de São Vicente de Fora (1582-1590), com galilé na fachada principal e duas torres ladeando a frente do edifício.

Nessa expansão Ultramarina, a Coroa Portuguesa necessitou edificar no oriente e nas possessões do Atlântico, tendo como premissa a tratadística e a prática construtiva local ou disponível. Kubler (1988) denomina esse estilo, que tem raízes no maneirismo e que se soma a uma cultura nacional e simples, de *Plain Architecture*, ou Arquitetura Chã[38] Portuguesa.

Com suas superfícies planas e lisas, uma volumetria composta por volumes bem definidos, a Arquitetura chã, ou chão, surge como contraponto ao Barroco internacional caraterizado pelo seu excesso decorativo (Fernandes, 2006). Esse estilo, batizado por Kubler (1988), resistiu ao Barroco, a tendências renovadoras e a várias tentativas de mudanças, perdurando e prolongando o quanto foi possível. São exemplos dessa arquitetura, o Colégio Jesuíta em Coimbra, atual Sé Nova (1598-1640), Igreja de São Lourenço (1614-1704), no Porto e a igreja de Santo Antão (1613-1653) em Lisboa. Após a guerra de Restauração, por volta de 1640, um Barroco tardio se inicia. Caracterizado por influências italianas, com o retorno de plantas centradas e octogonais, retorna aos ensinos teóricos das aulas de fortificações (FERNANDES, 2006). Um exemplo dessa arquitetura é a Igreja da Piedade em Santarém de 1664.

Entendemos a complexidade da arquitetura portuguesa e suas variações e sobreposições ao longo do tempo. Porém, para efeitos de delimitação das análises no século XVIII, o barroco português foi agrupado em dois: Barroco Lisboeta e Barroco Nortenho.

O primeiro, por sua óbvia proximidade com a corte de D. João V, mais opulento e grandioso, foi impulsionado pelo ouro brasileiro e com influências de

---

[38] significa Chão ou terreno plano.

autores estrangeiros, como é o caso de Mafra (1717-1750), o Palácio das Necessidades (1742), que, segundo Fernandes (2006), são obras que somam as referências italianas com a tradição Chã.

No caso do segundo grupo, as obras são quase todas de iniciativa do clero. Isso não poderia ter sido diferente, já que a cidade de Braga era considerada, nessa altura, como a capital tradicional do poder religioso. Diferentemente do Barroco Lisboeta, com grande influência de Ludovice, o Nortenho teve Nicolau Nasoni como principal referência em sua arquitetura setecentista. A Igrejas dos Clérigos (1732-1748), e a Igreja da Misericórdia (1749), ambas situadas no Porto, bem como as Igrejas de Santa Maria de Falperra (1753) e do Santuário de Bom Jesus do Monte (1776), em Braga. Ainda, mais posteriormente, resistindo à influência do neoclassicismo, surgem em Lisboa a Basílica da estrela (1779-1790) e a Igreja de São Bento (1784) na cidade do Porto.

Novas mudanças ocorrem na segunda metade do XVIII, quando Portugal sofre os abalos de um terremoto em 1755, que causou uma grande destruição, principalmente em Lisboa e sul de Portugal. Fernandes (2006) descreve esse momento em que o pragmatismo teve que se sobrepor a quaisquer outras inovações arquitetônicas no afã de se reconstruir um país arrasado.

> O sentido pragmático da época e as exigências funcionais geraram então uma. Arquitetura “sem estilo” no sentido tradicional, pois simultaneamente inscrita na tradição plain dos engenheiros militares, nas referências rocaille consentidas nos pormenores e na busca de um neoclassicismo que se diria com caráter “estrutural”, temporalmente precoce – se olharmos o contexto europeu – e bebido em fontes diversas. Uma arquitetura de pendor utilitário, de sentido laico e vocação equipamental ou residencial, vai assim surgir em Lisboa: no bairro industrial das amoreiras, construindo “à sombra” do reservatório de água joanino (a Mãe-d´Água, por Carlos Mardel); mas sobretudo nos quarteirões da Baixa, centro da capital totalmente reconstruído, desde o Rossio à nova e belíssima Praça do Comércio, ou do portuário Cais do Sodré às colinas elegantes do Chiado e da Sé, em obra desde 1756. (FERNANDES, 2006, p. 60)

Segundo França (1989), pode-se identificar duas tipologias arquitetônicas nas igrejas de Lisboa desse período ao se observar as fachadas: as que foram pouco afetadas pelo terremoto e as que foram reconstruídas.

> Também se criticou o seu aspecto: «os templos assemelham-se todos», exibindo «por todo o lado o mesmo gosto, o mesmo género, a mesma arquitectura»; mas uma análise mais atenta imediatamente nos revela dois sistemas ou tipos diferentes, conforme o desenho do frontão que lhes dá coroamento — e, sobretudo, a existência ou não de torres a flanquearem o frontispício. As torres marcam um formulário mais antigo, ou tradicional,

> inspiradas, como são, no modelo seiscentista de S. Vicente-de-Fora, e caracterizam as igrejas que, menos atingidas pelo terramoto, tiveram reedificação menos radical, subsistindo o seu aspecto anterior (Sto. Estêvão, N. Sr.a da Penha de França, S. Bartolomeu, ou Sta. Isabel, última paroquial joanina cuja construção se arrastara e foi surpreendida pela catástrofe). S. Paulo (Arq. Remígio F. de Abreu), que mereceu a atenção do próprio Pombal, proprietário no sítio especialmente urbanizado, representa o tipo mais nítido deste gosto ou hábito, e nela pode observar-se uma espécie de modernização da fórmula tradicional, em estados sucessivos. Mas o seu frontão triangular de linhas direitas e as suas torres assaz pesadas, e ainda o seu portal romano, ludoviciano, tipificam uma situação cuja novidade não encontrara ainda expressão em 1768, data do começo da obra. A maior parte das paroquiais, então construídas em novas localizações, conforme os imperativos da planta aprovada, dispensaram as torres; e os seus frontispícios foram sobrepujados por frontões de linhas direitas (Encarnacão, Sacramento, Mártires, S. Nicolau), ou sinuosas (Socorro, S. Julião), sem que pareça possível entender aí qualquer determinação ou programa, se bem que o maior número dos primeiros possa significar uma preferência acentuada. (FRANÇA, 1989, p. 46)

A maioria das igrejas, seguindo os novos parâmetros urbanísticos da reconstrução, foram reerguidas em sítios diferentes dos originais, com frontões de linhas retas ou sinuosas e renunciaram às torres, reflexo de um momento em que se buscava economia. Apresentando mais suntuosidade nas fachadas e cuidado maior nos detalhes, surgiram as igrejas da Mercês e de Santo António, esta última faz parte dos edifícios aqui analisados.

3.3. O caso de Lisboa.

Antes de analisar os elementos da arquitetura, é necessário contextualizar as transformações ocorridas na cidade de Lisboa para a compreensão do todo. Não se pretende aqui detalhar a formação da cidade, mas dar um panorama sobre a sua evolução para entender a configuração no século XVIII, foco da investigação.

A formação da cidade de Lisboa remonta aos períodos anteriores à era cristã, por isso um recorte mais recente foi feito para esclarecer o enquadramento. Ainda segundo França (1997), no período romano da cidade surgiram os primeiros sistemas viários, que em muitos sítios ainda estão presentes até os dias de hoje:

> (...) partindo do sítio actual das Portas do Sol-Contador- mor, circundaria o monte do Castelo a meia encosta, bifurcando-se em Santo André, para Norte, pela calçada de Santo André e Olarias, e, para nascente, na direcção de S. Vicente, círculo que seria cortado por uma secante entre a Porta da Alfofa e S. Tomé; outra via, saindo também do Contador-mor, partiria para poente até à Porta do Ferro, a Sant'António da Sé, e seguiria para Norte, pela Madalena, S. Mamede e S. Nicolau, para S. Domingos, bifurcando-se em S. Nicolau para atingir o Borratém e prosseguir pela Mouraria e Benformoso; da Porta do Ferro partiria outra via para nascente, até à Porta da Alfama e daí pela linha das ruas dos Remédios e do Paraíso. (FRANÇA, 1997, p. 8)

Posteriormente, a cidade passa ao domínio mouro entre os anos de 719 e 1147, quando o primeiro rei português retoma a cidade, que nessa altura era limitada pelas primeiras muralhas, entre o castelo e o rio, compreendidas por sete freguesias intramuros e outras extramuros, dentre as quais encontra-se o Bairro de Alfama, onde se localizam quatro das igrejas analisadas nesta tese.

Em 1373, o rei D. Fernando construiu uma nova muralha (Muralha Fernandina), ampliando a muralha primitiva a qual passaria a ter 5400 metros e 77 torres (FRANÇA, 1997), edificada durante dois anos, em virtude das ameaças de Castela. Essa Muralha serve de elemento estrutural para o erguimento de uma das igrejas analisadas, situadas no atual Bairro Alto, a igreja de Nossa Senhora do Loreto que, junto com a igreja de Nossa Senhora da Encarnação, emolduraram as Portas de Santa Catarina (Figura 10).

A cidade irá se desenvolver predominantemente na parte de topografia menos acidentada (Zona da Baixa), em relação à zona onde o terreno é mais acidentado (Alfama, Graça e Bairro Alto), onde estão inseridas as igrejas analisadas. Essa área corresponde ao sítio entre os morros do Castelo e a Colina de São Roque. A ocupação dessas áreas mais acidentadas (Alfama, Graça e Bairro Alto) ocorre atraídas por edifícios polos, como as edificações religiosas.

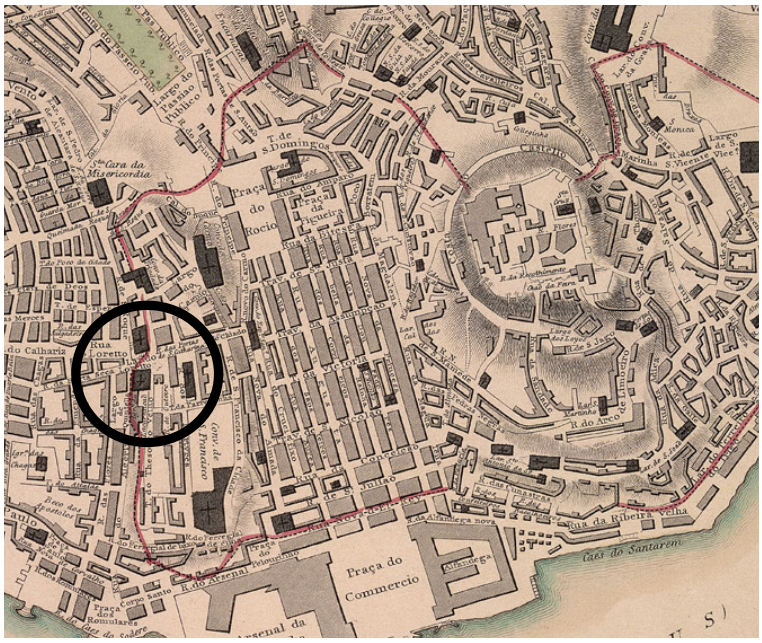
> Ruas, travessas e becos foram sendo construídos, multiplicando-se as casas de andares em meados do século XVIII — mas o desenvolvimento realizava-se conforme necessidades minimamente locais e obedecendo também a pólos de atracção que eram os conventos, as novas paroquiais e algumas casas nobres, que aglutinavam clientelas. (FRANÇA, 1997, p. 13)

França descreve as ordens religiosas que foram polos responsáveis pela formação desses núcleos na Lisboa medieval, situação que demostra como esses edifícios religiosos se tornaram referências urbanas na cidade:

> Entretanto, também as ordens religiosas se tinham instalado na cidade: logo os Agostinhos, em S. Vicente, a seguir à conquista, os Franciscanos cerca de 1217 e os Dominicanos depois, cerca de 1240, uns junto da Igreja dos Mártires, no monte Fragoso que tomou o nome de S. Francisco, os outros no Rossio, já então enxuto e que a partir do seu convento se definiu. Também perto de S. Francisco (ao fundo do actual Chiado) se edificou, a partir de 1279, o convento do Espírito Santo da Pedreira, enquanto Santo Eloy era fundado em 1286, Santa Clara em 1292 e outros Agostinhos, Descalços, fundaram em 1291 o seu convento na Graça. Frades franceses da Ordem da Santíssima Trindade chegados a Lisboa em 1217, por seu lado começaram a erguer o convento em 1283, não longe dos Oratorianos — e foi perto deles que Nun'Álvares, em cumprimento de voto feito em Aljubarrota, logo em 1389 tudo preparou para edificar uma igreja a que seria ligado o convento do Carmo, já habitado oito anos depois. No meio de construções primitivas que

> ao longo dos séculos receberiam grandes benefícios arquitectónicos, até à inteira reedificacão, a igreja do Carmo constituiu uma excepção, já em pleno gótico que nela teve notável expressão. (FRANÇA, 1997, P. 14)

Figura 10 - Mapa de Lisboa datado de 1833. Recorte de Lisboa dentro da Muralha Fernandina: Localização das Portas de Santa Catarina.



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal. Endereço de acesso: https://purl.pt/21966/2/cc-594-v_JPG/cc-594-v_JPG_24-C-R0150/cc-594-v_0001_1_t24-C-R0150.jpg

Várias edificações religiosas serão erguidas na cidade extramuros e poucas edificações religiosas dentro da cidade no século XVII. Esta tese trata século XVIII, a partir da subida ao trono de D. João V em 1706. Seu reinado será marcado pela descoberta de ouro e pedras preciosas no Brasil, mais especificamente na capitania de Minas Gerais. Esse fato juntamente com a pacificação das relações com a coroa espanhola, tornou o momento propício para o investimento na cidade, nas artes e arquitetura. Pode-se salientar nesse período, além da construção de Mafra, o Terreiro do paço, o conjunto de igreja, palácio e hospício nas Necessidades. Em menor número do que durante o século XVII, o período foi marcado também pela edificação de conventos, como o de Menino de Deus (FRANÇA, 1997). José Augusto França (1997) descreve as obras executadas pela cidade na primeira metade do setecentos:

> Outras obras ainda marcaram cuidados de D. João V pela cidade, e logo um enorme cais estudado desde os anos 30 e com uma proposta colossal em 1742, implicando aterro da zona ribeirinha, de modo a definir uma longa «linha direita» cujas superfícies conquistadas ao rio se «encheriam de edifícios», com uma «rua direita» e um «passeio público». Houve também então a remodelação monumental da Fábrica da Pólvora, o alargamento da ponte de Alcântara, que uma estátua de S. João Nepomuceno passou a

> ornar, em 1744 — terceiro monumento público, depois das populares estátuas seiscentistas de Apolo, no Terreiro do Paço, e de Neptuno, no Rossio, com suas fontes. (FRANÇA, 1997, p. 30)

A segunda metade do século XVIII é marcada pela coincidência de dois fatos de grande importância para Portugal, especialmente Lisboa. Com a morte de D. João V, sobe ao trono D. José I, em 1755, e ainda no início do reinado,1755, um grande terremoto de uma raríssima magnitude devastadora, seguido de um grande incêndio e um tsunami, põe abaixo a parte mais adensada de Lisboa.

Com o terremoto, vários edifícios e equipamentos públicos foram danificados ou mesmo destruídos completamente. Dentre esses edifícios, estão os oficiais, civis e religiosos. Serrão (2007) lista esse patrimônio devastado como as sedes das grandes casas da família real, Palácio da Inquisição, o recém-inaugurado Teatro da Ópera, hospitais da zona da baixa, as cadeias da cidade, algo em torno de 70% do património eclesiástico entram nessa conta (54 conventos e 51 igrejas), palácios da aristocracia, um número elevado de casas e estabelecimentos comerciais, além de ruas, estradas e pontes. A zona mais adensada da cidade foi a que mais sofreu com o terremoto. Inclui nessa zona o lado ocidental do Castelo até a Baixa e a porção oriental do Bairro Alto (Figura 11).

Nessa altura desponta a figura do Marquês de Pombal, secretário de estado do reinado de D. José I. Necessitando de uma rápida ação na cidade, para a seu reerguimento e reconstrução, o engenheiro-mor do Reino, Manuel da Maia, é contratado para a condução dos trabalhos. Dentre as propostas apresentadas, a que foi aceita era de autoria do capitão de engenharia Eugénio dos Santos com a contribuição de Carlos Mardel.

Nesse novo traçado, não sendo de pressuposto inicial a manutenção de seus sítios tradicionais, pensou-se em um reposicionamento das igrejas da zona da Baixa, as quais deveriam seguir a lógica racionalista que o projeto trazia. As igrejas dependeram da capacidade de suas paróquias e confrarias de modo particular para se reedificar ou restaurar. As igrejas menos danificadas adotaram um esquema

serliano[39] como é o caso de Santo Estêvão. Já a feição que tende ao neoclássico foi adotada nas edificações que foram reconstruídas do zero, como foi o caso da dos Mártires (FRANÇA, 1997). Estas últimas estiveram limitadas à nova malha urbana da cidade, adotando linhas discretas, quase desapercebidas pelo transeunte (Figura 12).

Figura 11 - Bairro Alto e Alfama - Lisboa 1655, Tinoco João Antunes.



Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Eventos/acervohistoria2015/Comunicacoes&atas/v.pdf
*delimitação aproximada das áreas

Figura 12 - Igreja de Santo Estevão e Basílica dos Mártires.



Esq.: Igreja de Santo Estevão. Dir.: Igreja Basílica dos Mártires
Fonte: Autor (2020)

[39] Sebastiano Serlio foi um arquiteto italiano (1475 – 1554), que elaborou diversos tratados de arquitetura dentre eles estão: *De architectura libri quinque*, 1569

3.3.1. As igrejas de Lisboa e seus elementos de poder: Análise

Neste tópico será aplicada a análise tendo como base os critérios elencados no Quadro 20 abaixo, que demonstra como eles foram organizados e distribuídos conforme a metodologia.

Como mencionado anteriormente, são critérios que apontam para uma análise qualitativa e quantitativa, baseada na observação dos elementos da morfologia arquitetônica e urbana, (visibilidade na malha urbana, quantidades e hierarquia de vias em que se inserem, altimetria, dimensões em relação ao seu entorno imediato e em relação ao próprio edifício). A partir desses critérios, será possível classificar o grau de relevância dos elementos elencados (baixa, intermediária e alta relevância).

Quadro 20 - Elementos de Análise arquitetônica que manifestam o poder de acordo com os pressupostos metodológicos.

Elementos a serem analisados		
Critérios	**Elementos**	**Conteúdo**
1 - Localização no núcleo urbano e topografia	– Vias	Localização em eixos viários principais de ligação; proximidade a outros edifícios importantes no contexto urbano tais como palácios, casas de câmara e outras igrejas; topografia privilegiada com destaque na paisagem, servindo como referência visual e pontos focais.
	– Implantação na malha urbana e Topografia	
2 - Relação com o entorno	– Acessos	Presença de escadarias de acesso ao edifício; maiores dimensões em relação aos edifícios nas imediações; presença de largos, adros, praças no entorno imediato. Volumetria livre possibilitando a circulação em seu entorno ou apresenta paredes encostadas em outros edifícios.
	– Escala	
	– Elevação em relação a via e ao entorno	
3 - O Edifício e a Estética	– Fachada	Elementos constituintes e a sua disposição.
	– Planta	

Elaboração: Autor (2020)

1. Localização no núcleo urbano.

Esse critério foi separado em dois elementos: as vias e a implementação na malha urbana.

a) Vias

Este tópico inicia-se observando a relação entre os edifícios e as vias em que se encontram. No caso de Lisboa, duas situações distintas foram aqui tipificadas para a implantação dos edifícios: no primeiro tipo, existem as igrejas implantadas na antiga

malha urbana medieval que em alguns casos, mesmo após o terremoto, mantiveram essa condição de implantação representada nos mapas A, B, C e D (Quadro 21); no segundo tipo, as igrejas que foram reedificadas na nova malha urbana pombalina, ou a malha levou em consideração a implantação dessas igrejas. Nesses casos, em que a malha pombalina foi implantada, verifica-se que as igrejas se encontram nas principais vias de circulação representadas nos mapas E, F, G e H, com a exceção da Igreja do Santíssimo Sacramento, que foi implantada em uma rua secundária, porém, depois de diversas lutas judiciais, conseguiu manter sua orientação, sendo a única, das igrejas analisadas, do período de reconstrução pombalino, a conservar orientação leste - oeste. Mantendo assim, um dos elementos da carga simbólica implícita na implantação dos edifícios religiosos. (Quadro 22)

Quanto à relação das igrejas com as vias de acesso, as igrejas de Nossa Senhora do Loreto e a de Nossa Senhora da Encanação, ambas foram implantadas na cabeceira da rua das Portas de Santa Catarina como se verifica no mapa que demonstra os limites da muralha que circundava a cidade.

O mapa (Figura 10) indica de vermelho a muralha Fernandina. Dentro da marcação em círculo, destacam-se as igrejas da Encarnação, do Loreto e dos Mártires. As duas primeiras funcionam com uma espécie de portal de entrada, ladeando o acesso pelas Portas de Santa Catarina[40] derrubada em 1702 (MOREIRA, 1838, p. 339). A igreja da Encarnação, antes uma pequena ermida erguida na rua do Alecrim em finais do século XVI, foi realocada na rua das Portas de Santa Catarina na esquina oposta ao Loreto, e reconstruída totalmente após o terremoto de 1755, mantendo sua atual localização atual. Essas duas igrejas acabam por funcionar como uma espécie de portal de entrada.

Esse critério foi separado em dois elementos: as vias e a implementação na malha urbana. No caso de igreja da Nossa Senhora dos Mártires, edificada no período de D. Afonso Henriques para os cavaleiros estrangeiros que participaram da luta de reconquista de Lisboa no século XII, ela foi reformada, reconstruída várias vezes ao

---

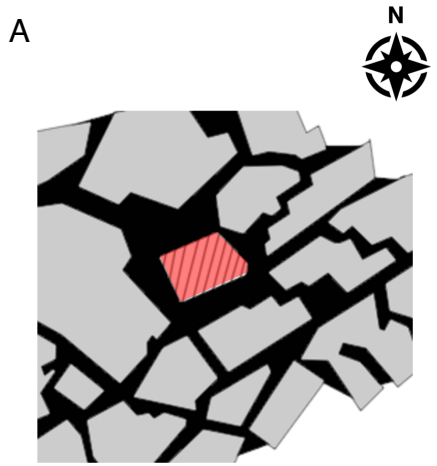
[40] Moreira, António Joaquim (1838). Antigas Portas de Lisboa e sua Cerca. O Panorama II, nº 78.

longo dos tempos, e, por fim, reconstruída após o terremoto de 1755 na rua das Portas de Santa Catarina, situa-se entre as igrejas do Loreto e da Encarnação e a rua do Carmo. Sua fachada volta-se para o norte, seguindo o sentido perpendicular da rua.

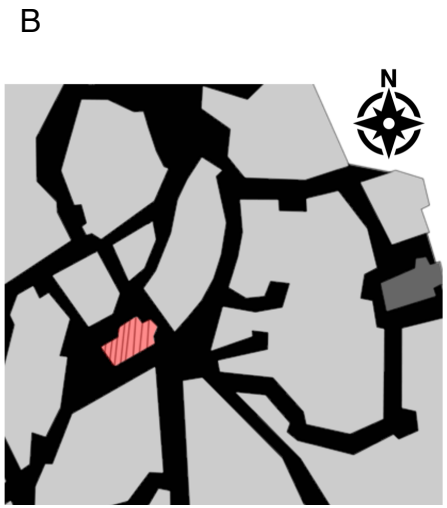
Observar-se-á agora o grupo das igrejas locadas nos mapas A, B, C e D, cujo terremoto não influenciou significativamente a malha viária na qual estão inseridas. Esses edifícios foram restaurados ou reedificados dentro da mesma malha medieval, não possuindo vias de grandes dimensões, consequência das reformas Pombalinas. Essas igrejas ainda se encontram nos entroncamentos de vielas medievais da Lisboa pré terremoto. Os casos A e B demonstram uma confluência de vias de forma axial com a igreja no ponto focal. Os casos C e D realçam a presença do edifício em vias que interligam regiões da cidade, no caso da igreja de Santo António, a qual se situa no caminho que liga as Portas do Sol à Baixa e a igreja de São Tiago com via frontal conectado com o rio Tejo.

Quadro 21 - Vias: Grupo de igrejas situadas na antiga malha medieval. Igreja de Santo Estevão, Igreja de Santa Cruz do Castelo, Igreja de São Miguel e Igreja de Santo António

A. Igreja de Santo Estevão: encontra-se na confluência de vias, funcionando como um ponto focal na malha. Circundada por vias as quais permitem ao fiel a circulação pelo seu entorno.
B. Igreja de Santa Cruz do Castelo: encontra-se na confluência de vias, funcionando como um ponto focal na malha. Circundada por vias, que permitem ao fiel a circulação pelo seu entorno.
C. Igreja de São Miguel: encontra-se na confluência de vias, funcionando como um ponto focal na malha.
D. Igreja de Santo António: situada em via eixo que liga a igreja de Santa Maria Maior (Sé de Lisboa) à Baixa. Circundada por vias, as quais permitem ao fiel a circulação pelo seu entorno.



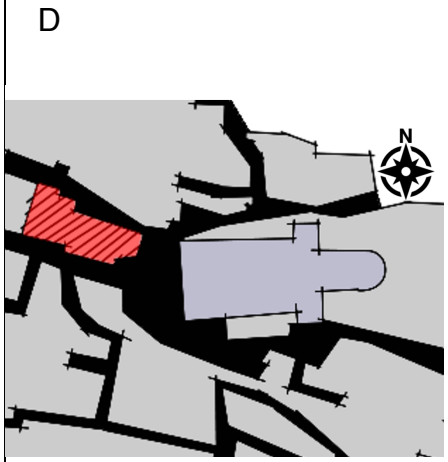
Igreja de Santo Estevão



Igreja de Santa Cruz do Castelo



Igreja de São Miguel

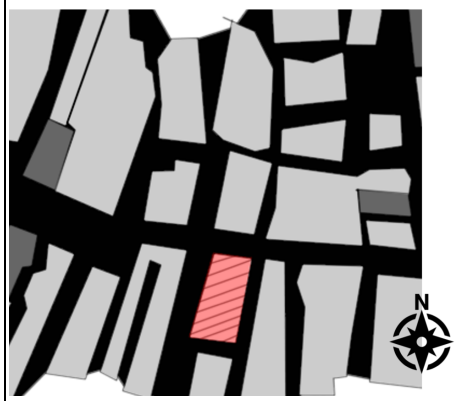


Igreja de Santo António

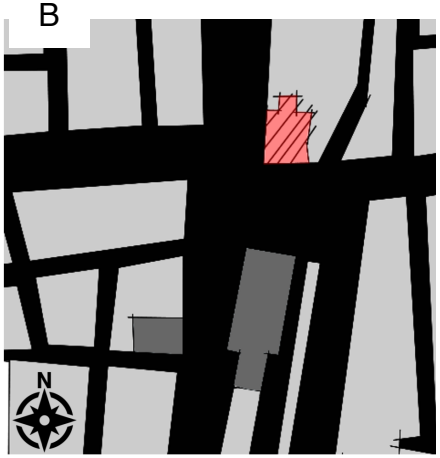
Fonte: Autor. Elaborado usando como base Mapas base Referência: Livro das plantas das freguesias de Lisboa 1756-1768. IAN/TT)

Quadro 22 - Vias: Grupo igrejas situadas na malha pombalina. Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, Igreja de Nossa Senhora do Loreto, Igreja do Santíssimo Sacramento e Igreja de Nossa Senhora dos Mártires

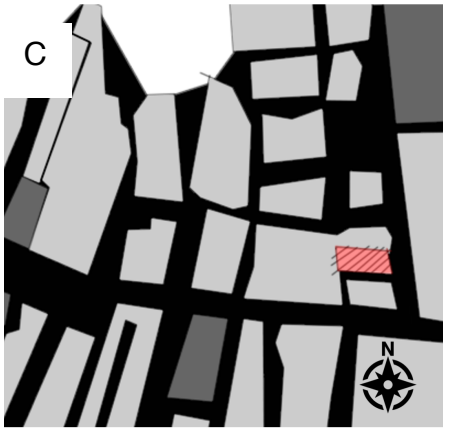
A. Igreja de Nossa Senhora da Encarnação: situada no cruzamento de vias; implantada na cabeceira da rua das Portas de Santa Catarina.
B. Igreja de Nossa Senhora do Loreto: situada no cruzamento de vias; implantada na cabeceira da rua das Portas de Santa Catarina.
C. Igreja do Santíssimo Sacramento: situada no meio da via de acesso ao Convento do Carmo.
D. Igreja de Nossa Senhora dos Mártires: situada no meio da via de acesso às portas de Santa Catarina; circundada por vias que permitem ao fiel a circulação pelo seu entorno.



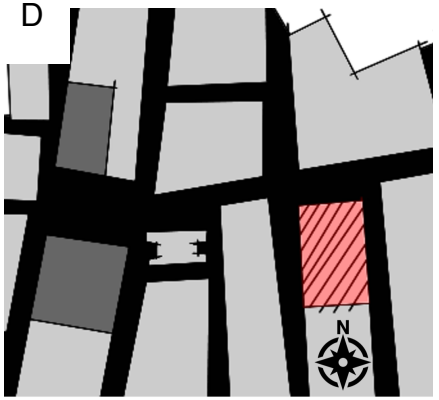
Igreja de Nossa Senhora da Encarnação



Igreja de Nossa Senhora do Loreto



Igreja do Santíssimo Sacramento



Igreja de Nossa Senhora dos Mártires

Fonte: Autor. Elaborado usando como base Mapas base Referência: Livro das plantas das freguesias de Lisboa 1756-1768. IAN/T

b) Implantação na malha urbana e a topografa

Aqui serão analisadas as disposições dos edifícios dentro da malha urbana de Lisboa. Para este estudo, partiu-se das duas tipificações assim definidas: situação 1 – refere-se às igrejas implantadas na antiga malha medieval e que se mantiveram após o terremoto; situação 2 refere-se às igrejas que sofreram a interferência em sua implantação, após o terremoto e passaram a fazer parte da malha urbana Pombalina. Para essa análise, foi traçado um círculo de raio igual a 250 metros, que seria aproximadamente a área de um bairro em Lisboa (foram usadas as dimensões do bairro da Alfama como referência).

No caso das igrejas pertencentes a situação 2, das igrejas na malha Pombalina, acontece algo parecido no que se refere à implantação em grande platô. Isso faz com que a relevância topográfica em relação à cidade não seja muito relevante, haja vista que também estão inseridas em uma malha sem privilégios de implantação.

Dentro dessa área, foi observado se existem outras edificações religiosas e/ou outros marcos urbanos significativos. Em ambos os grupos, identifica-se uma quantidade significativa de outras igrejas e outros edifícios, como teatro e alfândega.

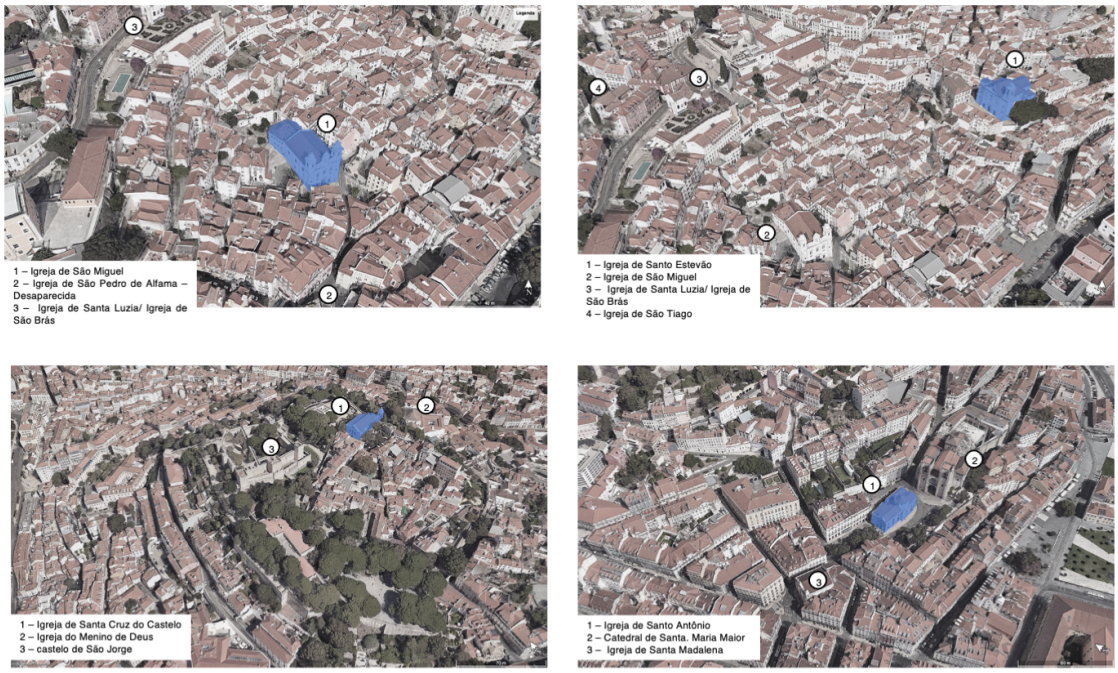
Pode-se verificar nas vistas aéreas (Figura 13) em situações 1 não conseguem realçar na paisagem em função do adensamento - vale lembrar que esse adensamento já existia no século XVIII, como se observa também nos mapas (Figura 10 e Figura 11) - são elementos de destaque apenas para o seu entorno imediato, as igrejas do Loreto e da Encarnação que se posicionam em um cruzamento de vias. Observa-se a inexistência de um protagonismo das edificações religiosas.

As igrejas inseridas na malha medieval, que são situação 1, apresentam uma característica de elemento focal ou de definidor de eixo, como é o caso da igreja de Santo António (Figura 14). A igreja de Santo Estevão é a única que se destaca na paisagem, de forma mais significativa, em função da sua localização em terreno mais acidentado (Figura 15). Apesar das igrejas estarem inseridas em pontos elevados, com exceção de São Miguel, que está numa cota mais baixa, que tem como referência o rio Tejo, todas se encontram em cotas

elevadas em relação à cidade e à região da Baixa de Lisboa. Seu protagonismo nesse elemento não acontece nas igrejas de Santo António (situação 1), nem na igreja de Santa Cruz do Castelo, por estarem inseridas em platôs de grandes dimensões, o que dificulta esse protagonismo. Soma-se a isso, nesses dois casos, a presença muito próxima da Sé de Lisboa, na primeira e na segunda, a presença muito próxima do Castelo de São Jorge.

Nos casos das igrejas inseridas na malha Pombalina[41] (situação 2), não há privilégios quanto a esse tipo de inserção na paisagem (Figura 13). Estas igrejas não se apresentam como foco nem como estruturantes de eixos. Observa-se que a malha viária favorece a isso. A malha ortogonal pombalina elimina os pontos nodais, o que não acontece na malha medieval, por ela ser consequência da confluência de caminhos (Figura 16).

Figura 13 - Vista aérea das igrejas - Situação 1.



Elaboração: Mapa base Google Earth. Modificado pelo autor (2021)

[41] Tratamos aqui da malha Pombalina não apenas a região da Baixa, mas também a região também reurbanizada, após o terremoto até as antigas Portas de Santa Catarina, delimitadas pelas igrejas do Loreto e da Encarnação.

Figura 14 - Vista aérea das igrejas - Situação 2.



Fonte: Autor (2021) - Mapa base Google Earth

Figura 15 - Perfil esquemático da implantação das igrejas de Santo Estevão e São Miguel.



Fonte: Autor (2021) – Elaborado sobre as imagens do Google Earth e os mapas datados de 1761 - Câmara Municipal de Lisboa – Lisboa Interativa – Fonte: http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/

Figura 16 - Mapa Lisboa (1785).



Fonte: Harvard University, Harvard Map Collection, G6694_L5_1785_M5_8715018131 - Fonte: https://iiif.lib.harvard.edu/manifests/view/ids:854393

No quadro abaixo, observa-se a síntese analítica relacionada à localização no núcleo urbano. Diante das características apresentadas nas situações analisadas, foram elencados os elementos em um grau de relevância para cada igreja. Essa relevância está associada ao grau de destaque dos edifícios na malha em que está inserido e o grau de associação deles aos elementos (Quadro 23).

Quadro 23 - Relevância dos elementos relacionados ao critério 1: Localização no núcleo urbano - Lisboa.

Igreja	**Relevância***			**Elemento**
	1	2	3	
Igreja do Santíssimo Sacramento	X			1.1. Vias
Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires		X		
Igreja de Nossa Senhora do Loreto			X	
Igreja de Nossa Senhora da Encarnação			X	
Igreja de São Miguel		X		
Igreja de Santo Estevão		X		
Igreja de Santa Cruz do Castelo	X			
Igreja de Santo António			X	
Igreja				1.2. Implantação e topografia
Igreja do Santíssimo Sacramento	X			
Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires	X			
Igreja de Nossa Senhora do Loreto	X			
Igreja de Nossa Senhora da Encarnação	X			
Igreja de São Miguel		X		
Igreja de Santo Estevão			X	
Igreja de Santa Cruz do Castelo	X			
Igreja de Santo António		X		
*(1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2020)

2. Relação com o entorno.

A análise desse critério foi dividida em: em acessos, escala e elevação do edifício em relação a via e o entorno, para a melhor compreensão e limite viáveis para essa tese.

a) Acessos

Nesse elemento, será tratado o acesso ao edifício relacionado ao seu entorno imediato. São notados os tipos e facilidades de acesso ao edifício e vias diretas, assim como a comunidade poderia acessar a igreja. Para isso manteve-se o agrupamento anterior dos edifícios em situação 1 e situação 2. Observou-se que as igrejas da situação 1 são pontos focais no entorno (Quadro 24, 25, 26 e 27). Essa malha

demonstra a rede de caminhos que existe e existia para o aceso ao edifício. O efeito surpresa torna-se mais evidente quando esses acessos são estreitos, característica da malha medieval que culmina com a presença de largos, que como consequência, a visão fica desafogada ao aproximar dele.

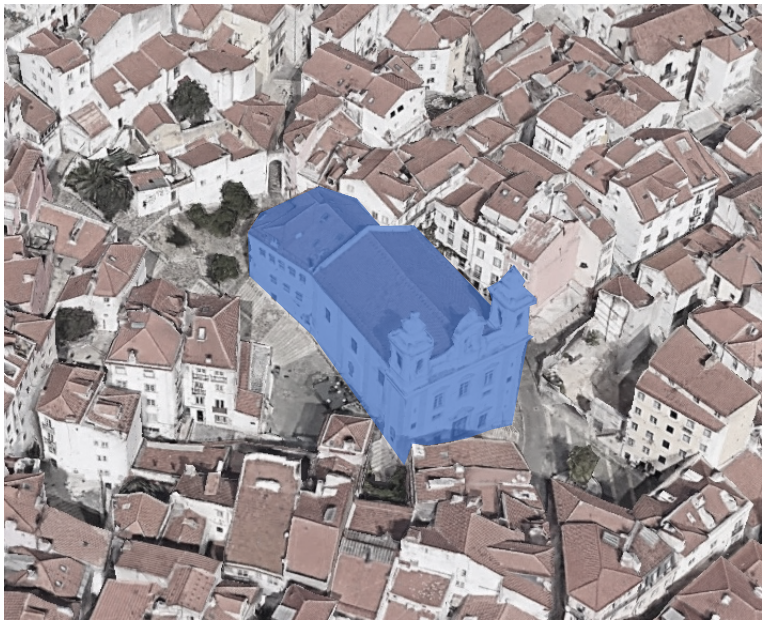
Ao se chegar no largo a igreja, igrejas da situação 1, como a de São Miguel e Santo António nota-se uma escadaria frontal para acesso ao edifício (Quadro 24 e 25), e dela se observa que há uma escadaria de acesso lateral. No caso da Igreja de Santo Estevão, esta não possui escadaria frontal, seus acessos acontecem pela lateral e fundos. Dessa forma, o edifício não é visto de frente, pois, no caso da Santo Estevão, o pequeno adro na frente é elevado e a distância das edificações vizinhas é pequena para que se observe toda a igreja. Dessa forma, o fiel chega à igreja pelos fundos, diminuindo a importância simbólica da escadaria, as quais sempre foram símbolo de status social e poder, principalmente o econômico. As escadarias foram tratadas por vários teóricos, de Vitrúvio a Paládio, e é no Barroco que elas adquirirem um protagonismo. Como descreve Flora (2017):

> No entanto é no Barroco que as escadas ganham a sua dimensão mais exuberante e de passeio, em que a elaboração destas é uma verdadeira ostentação. O Barroco atribui às escadas uma conotação única de peça relevante no espaço. Nesta altura, a escada passa a ocupar grande parte dos salões nobres, sendo a protagonista do espaço. (FLORA, 2017, p.27)

Sendo a igreja o local onde se ascende ao céu, ao divino, a escada será elemento de destaque no edifício. Por isso é o objeto de maior ou menor elaboração dependendo do status do edifício. Quando se observa a situação 2 (igrejas localizadas no Bairro Alto), encontram-se igrejas inseridas em uma topografia menos acidentada, porém alguns casos mostram que a escadaria frontal não é utilizada apenas com a função de resolver questões técnicas de terreno. Um exemplo desse uso não técnico é o que se observa na igreja de Nossa Senhora do Loreto (Quadro 28) que, além de uma escadaria frontal, possui uma escada de acesso lateral não menos importante.

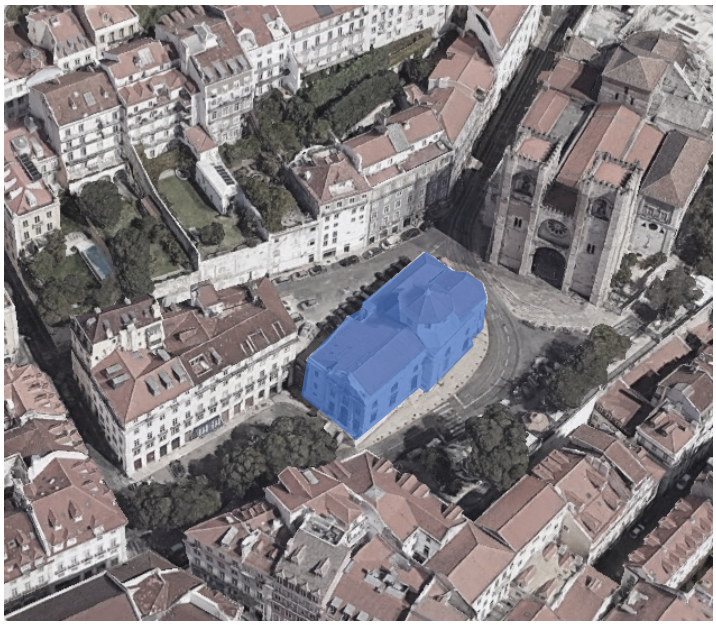
Outro exemplo de escadaria frontal, é a existente na igreja do Santíssimo Sacramento (Quadro 29) percebe-se o exemplo do uso de escada a qual é significativa não somente pelas suas dimensões, mas também pela sua elaboração estética. As escadas da igreja de Nossa Senhora da Encarnação não apresentam significativo destaque, além do impedimento de entrada de águas de chuva que, porventura, possam alcançar o interior do templo (Quadro 31).

Quadro 24 – Acessos às igrejas tipo 1: Igreja de São Miguel.

Descrição	
Apesar de inserida em uma confluência de vias, apresenta apenas acesso frontal através de três portas, que em virtude da topografia ocorre desnível em relação à via em todas as suas laterais. Nas imagens abaixo, nota-se a fachada frontal com as três portas e sua inserção na malha. Em virtude do desnível, apresenta escadaria frontal pouco ornamentada e suntuosa.	 Fonte:https://lisboadeantigamente.blogspot.com/search?q=São+miguel
 Elaboração: Mapa base Google Earth. Modificado pelo autor (2020)	

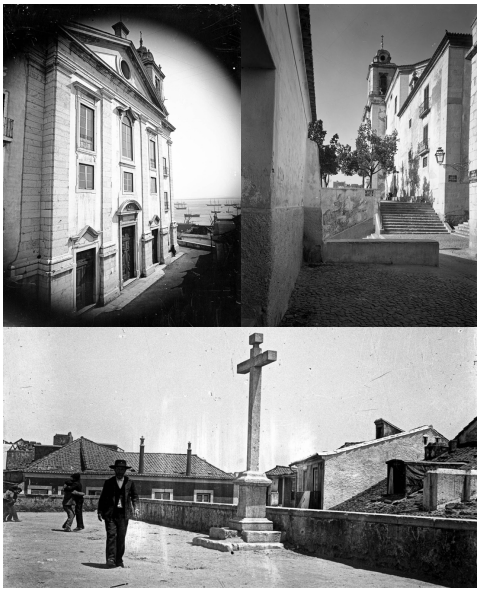
Elaboração: Autor (2021)

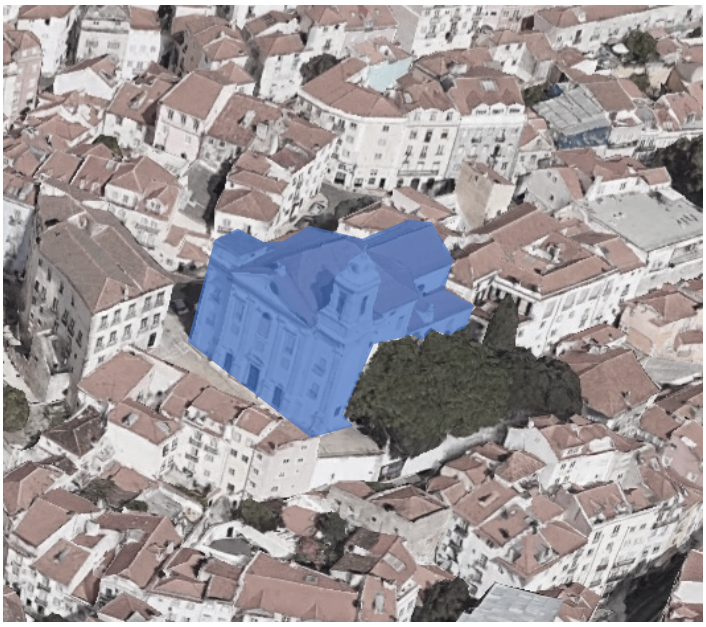
Quadro 25 – Acessos às igrejas tipo 1: Igreja de Santo António.

Descrição	
Situada no eixo que conecta a Baixa de Lisboa a Sé, possui acesso frontal com três portas de frente ao adro com desnível em relação à via, o que possibilitou uma escadaria pouco extensa. Porém, aberta para este adro, posicionada perpendicularmente ao edifício, reforça o eixo de acesso até a capela-mor, apresentando-se com certa suntuosidade. Além desse acesso, a igreja possui outro em sua lateral direita voltado para via eixo, com menor desnível em relação à via.	 Fonte:https://lisboadeantigamente.blogspot.com /2016/06/igreja-de-santo-antonio-da-se-casa-de.html
 Elaboração: Mapa base Google Earth. Modificado pelo autor (2020)	

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 26 - Acessos às igrejas tipo 1: Igreja de Santo Estevão.

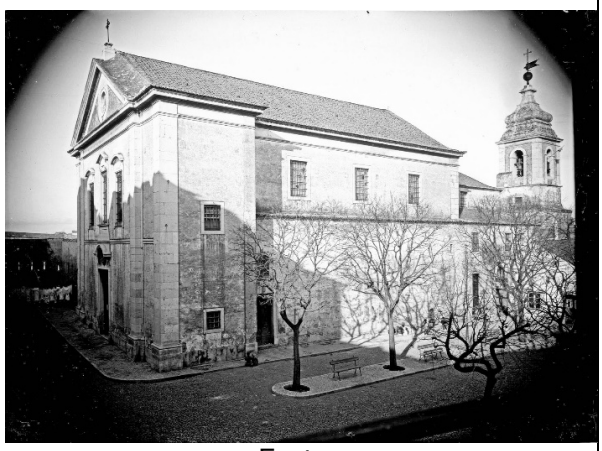
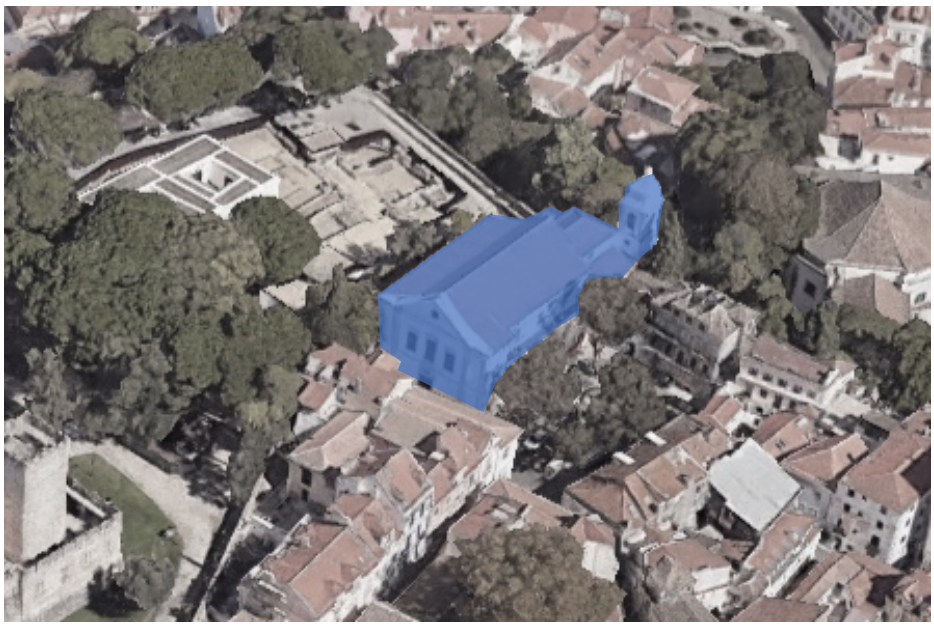
Descrição	
Situada na malha medieval possui desnível em relação às vias de acesso por todos os lados. Apesar de ser circundada por vielas, apresenta acesso apenas frontal, como é possível ver nas imagens abaixo. Verifica-se que, apesar desse desnível, não apresenta escadaria frontal, o que daria mais suntuosidade a edifício. As imagens da esquerda mostram as três portas de acesso frontal, as escadas de acesso na lateral direita e abaixo o adro frontal. A imagem da esquerda mostra a confluência das vielas circundantes.	 Fonte: https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2018/06/igreja-de-santo-



Elaboração: Mapa base Google Earth. Modificado pelo autor (2020)

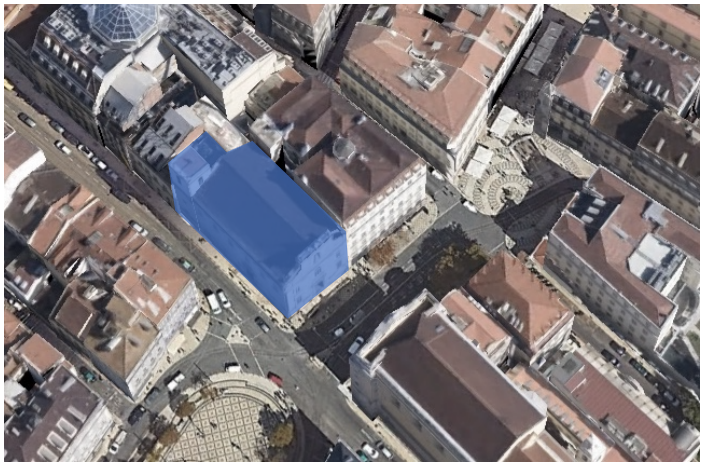
Elaboração: Autor (2021)

Quadro 27 - Acessos às igrejas tipo 1: Igreja de Santa Cruz do Castelo.

Descrição	
Implantada em sítio plano, não possui desnível em relação às vias de acesso, o que acaba por não possuir escadaria frontal, diferente da maioria das igrejas, mesmo sendo uma recomendação conforme os tratados e diretrizes. Apresenta acesso principal pela fachada frontal e duas portas secundárias na lateral direita. A fachada frontal possui apenas uma porta de acesso, o que a diferencia das outras igrejas inseridas na malha medieval.	 Fonte: https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2019/03/igreja-de-santa-cruz-do-castelo_6.html
 Elaboração: Mapa base Google Earth. Modificado pelo autor (2020)	

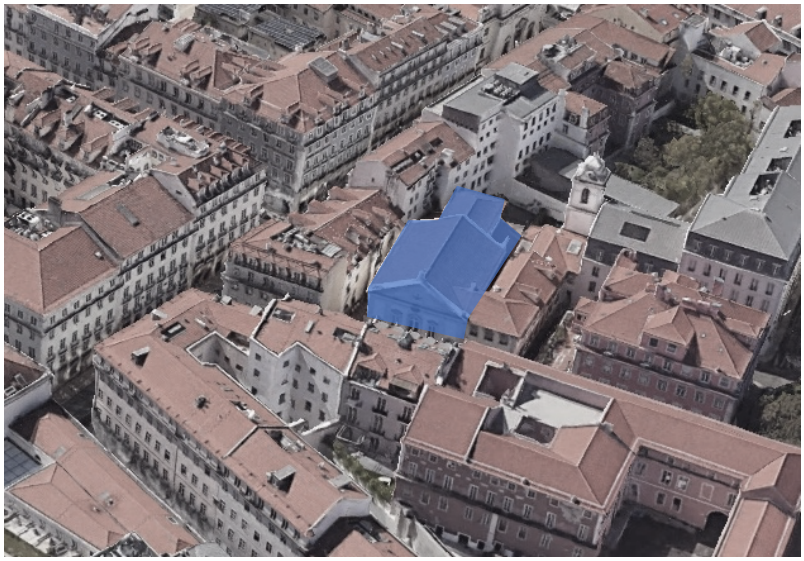
Elaboração: Autor (2021)

Quadro 28 - Acessos às igrejas tipo 2: Igreja do Loreto.

Descrição	
Situada no cruzamento de vias, a igreja possui dois acessos. O principal é feito pela fachada frontal, com um desnível em relação à via e o outro pela lateral direita, apresentando também desnível em relação à via. Isso proporciona uma escadaria frontal e uma lateral, porém, não perpendiculares as fachadas, diminuindo a força do eixo que direciona o fiel à capela-mor. Por estar inserida em duas vias importantes (pela fachada principal, a via interliga a Baixa e pela lateral esquerda, interliga a zona ribeira) as portas de acesso são bem significativas para o usuário. Ambas de fácil visibilidade e alcance. Abaixo, nota-se, à esquerda, uma visão da igreja pelo cruzamento em que se observa as duas portas de acesso e, na imagem da direita, a sua localização no cruzamento das vias.	 Fonte:https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2017/11/igreja-de-nossa-senhora-do-loreto-ou.html
 Elaboração: Mapa base Google Earth. Modificado pelo autor (2020)	

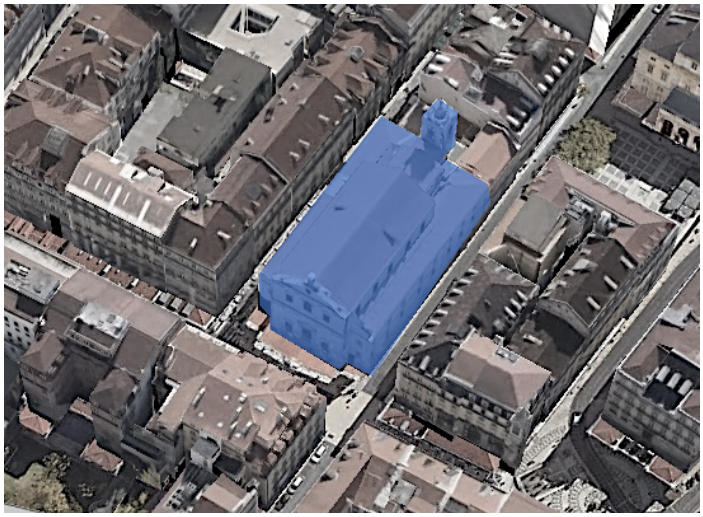
Elaboração: Autor (2021)

Quadro 29 – Acessos às igrejas tipo 2: Igreja do Santíssimo Sacramento.

Descrição	
Situada no eixo de acesso ao Convento do Carmo, a igreja possui desnível em relação à via que é a única de acesso ao edifício. Apresenta uma escadaria frontal ornamentada e de dimensões medianas, porém perde força por ser paralela ao edifício e não perpendicular. Assim, possui apenas o acesso frontal e feito por uma porta de entrada, não proporcionando ao usuário outras alternativas para adentrar no interior da igreja, como se verifica nas imagens abaixo: imagem da esquerda mostra a fachada frontal e o acesso ao edifício; a imagem da direita apresenta o edifício em relação às vias.	 Fonte: https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2016/03/igreja-do-santissimo-sacramento.html
 Elaboração: Mapa base Google Earth. Modificado pelo autor (2020)	

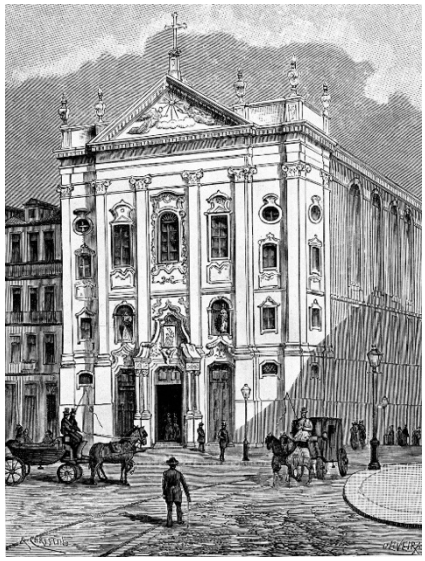
Elaboração: Autor (2021)

Quadro 30 – Acessos às igrejas tipo 2: Igreja Basílica de N.S. dos Mártires.

Descrição	
Igreja situada em cruzamento de vias e eixo de acesso à Baixa de Lisboa, apresenta pouco desnível em relação à via, com três portas de acesso na fachada frontal. Possui escadaria frontal, com poucos degraus, porém é das mais ornamentadas e posicionada perpendicular ao edifício, reforçando o eixo de acesso à capela-mor. A lateral direita possui porta de acesso em menores dimensões que não atinge diretamente ao interior da nave. Nas fotos abaixo, apresenta-se a fachada frontal com as três portas de acesso (imagem a esquerda) e relação com as vias de acesso ao edifício (imagem a direita).	 Fonte:https://lisboadeantigamente.blogspot.com /2019/04/basilica-dos martires.html (foto da esquerda). Igreja dos Mártires, foto de Eduardo Portugal, 1944, in s.f.C.M.L. (foto da direita)
 Elaboração: Mapa base Google Earth. Modificado pelo autor (2020)	

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 31 - Acessos às igrejas tipo 2: Igreja de N.S. Encarnação.

Descrição	
Inserida em cruzamento pode ser acessada pela via de acesso à Baixa e rua do Alecrim (acesso à zona da ribeira). Mesmo em cruzamento, possui apenas acesso frontal feito por meio de três portas. Com pouco desnível em relação à fachada principal, possui modesta escadaria de acesso, perpendicular ao edifício, o que reforça o eixo de acesso à capela-mor, mas possui pouca ornamentação. As imagens abaixo ilustram a fachada com as três portas (à esquerda) e a implantação em relação aos acessos (à direita).	 Fonte:https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2016/03/igreja-de-nossa-senhora-da-encarnacao.html
 Elaboração: Mapa base Google Earth. Modificado pelo autor (2020)	

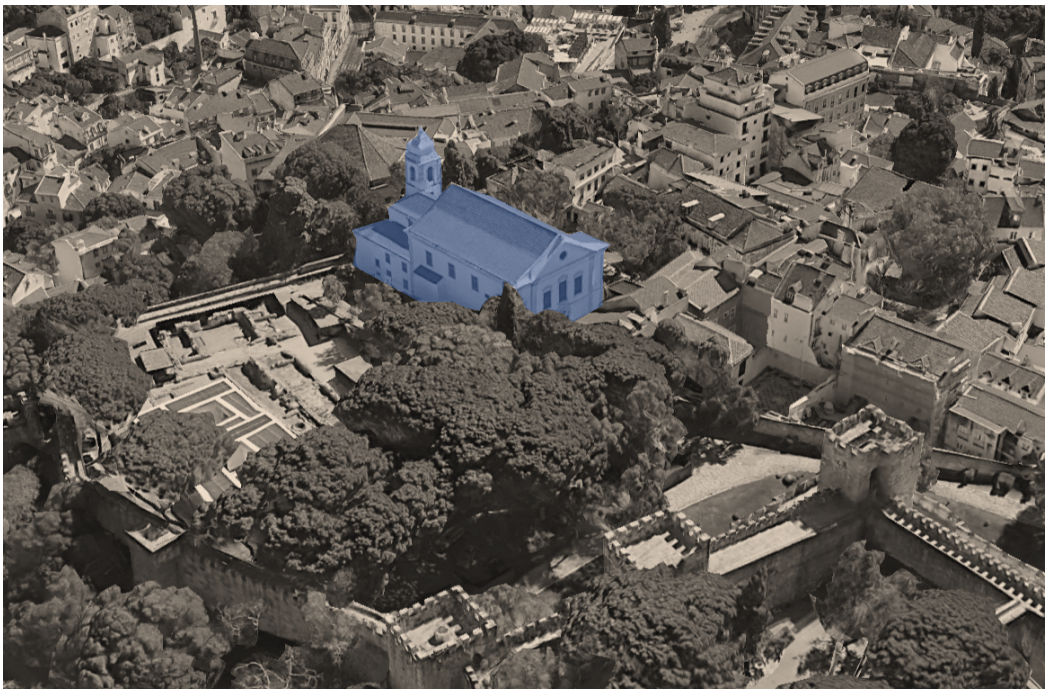
Elaboração: Autor (2021)

b) Escala

A escala do edifício é outro elemento que foi analisado nas igrejas e que está relacionado à expressão de poder. Além de ser capaz de destacar o edifício na paisagem, ele transmite uma ideia de poder econômico. Essa diferença de escala também foi verificada de forma distinta nos dois tipos de implantação que foram agrupados, nesta pesquisa, às igrejas.

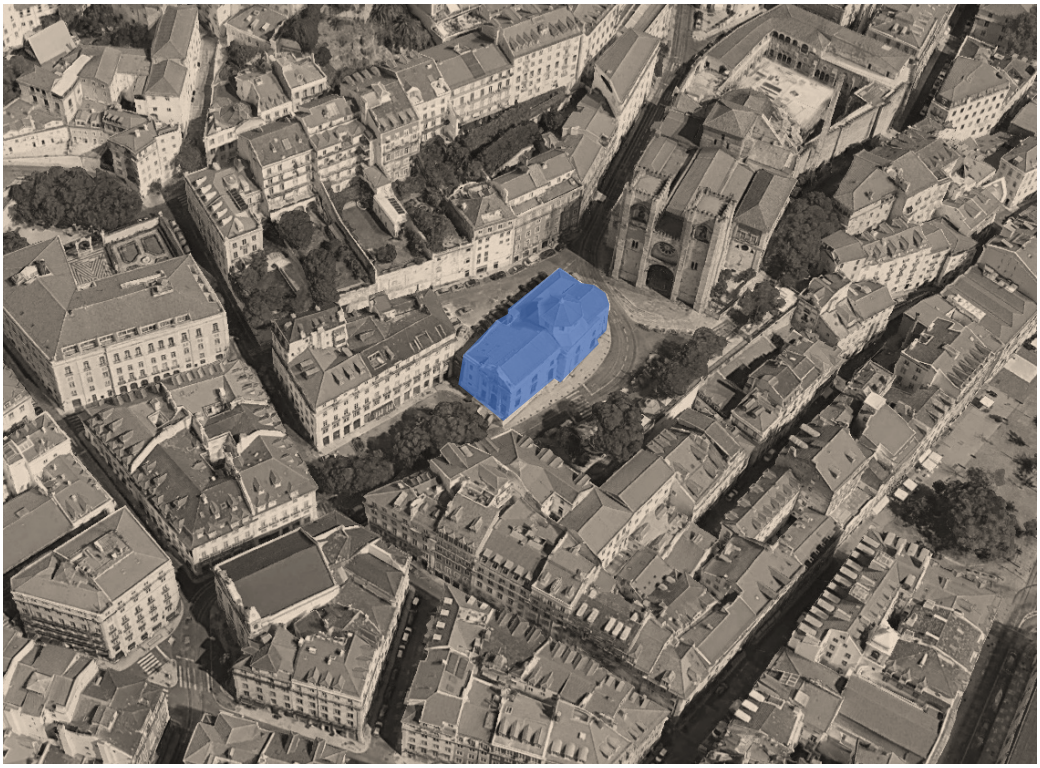
Observando as igrejas da situação 1, nota-se como as igrejas de Santo Estevão e São Miguel se destacam na paisagem em função da sua escala, não havendo edifícios que lhes façam frente nesse ponto. Os edifícios apresentam dimensões maiores do que os vizinhos, sendo fácil observar até mesmo em uma malha fechada como a medieval. O mesmo não acontece com as igrejas de Santa Cruz do Castelo (Figura 17) e de Santo António (Figura 18), que, de partida, já perdem espaço para o Castelo e para a Sé, respectivamente. O protagonismo das igrejas encontrado na situação 1 (Figura 17, Figura 18, Figura 20 e Figura 19) não se vê na situação 2 (Figura 22, Figura 21, Figura 23 e Figura 24). Além do fato de que às vezes parecem mimetizar o aglomerado de edifícios, essas igrejas não apresentam uma escala tão singular em relação aos seus vizinhos.

Figura 17 - Escala situação 1: Igreja de Santa Cruz do Castelo.



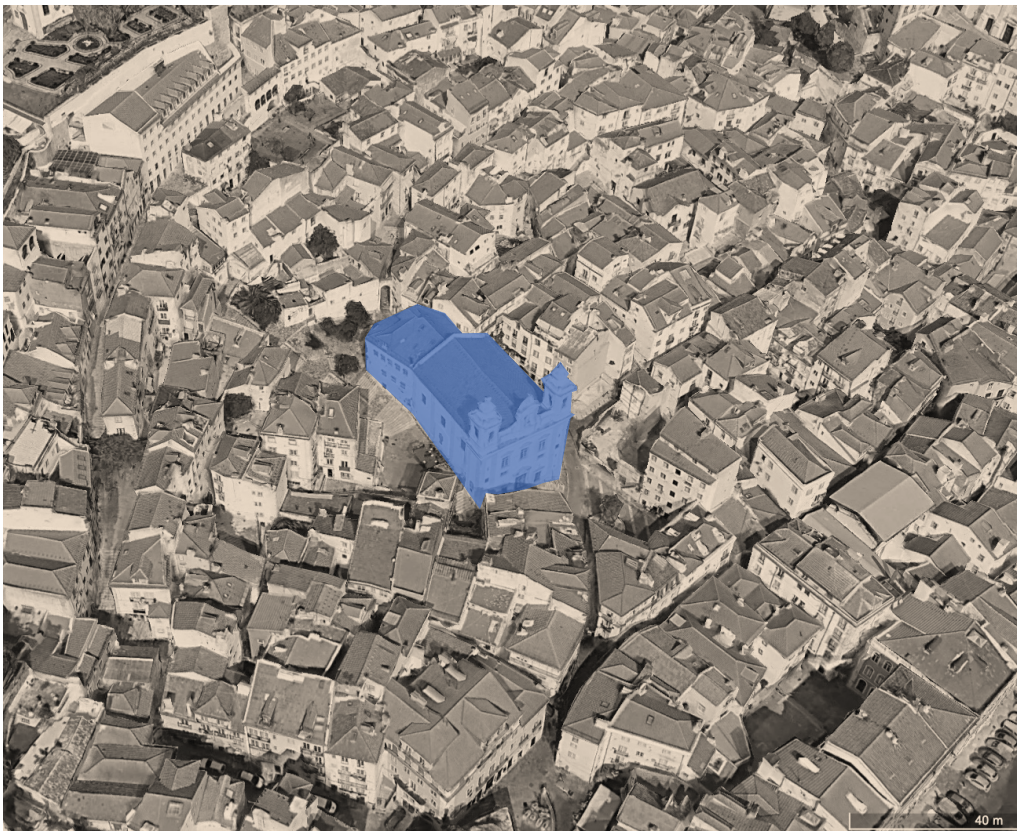
Fonte: Google Earth (2020). Modificado pelo autor

Figura 18 - Escala situação 1: Igreja de Santo António.



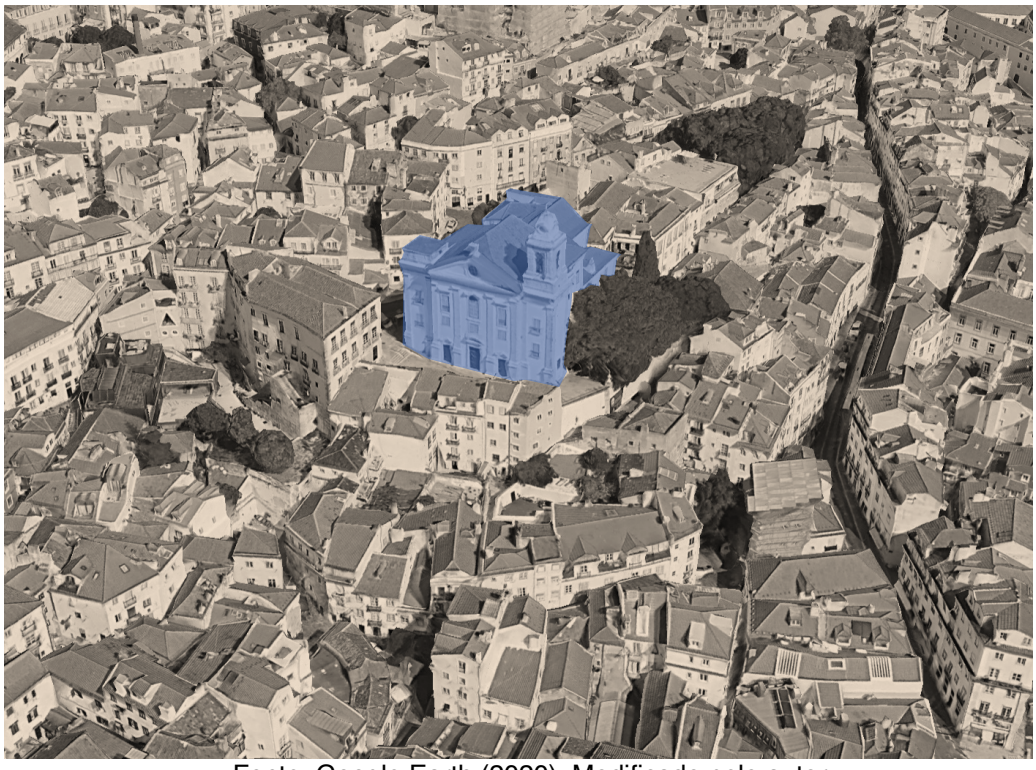
Fonte: Google Earth (2020). Modificado pelo autor

Figura 20 - Escala situação 1: Igreja de São Miguel



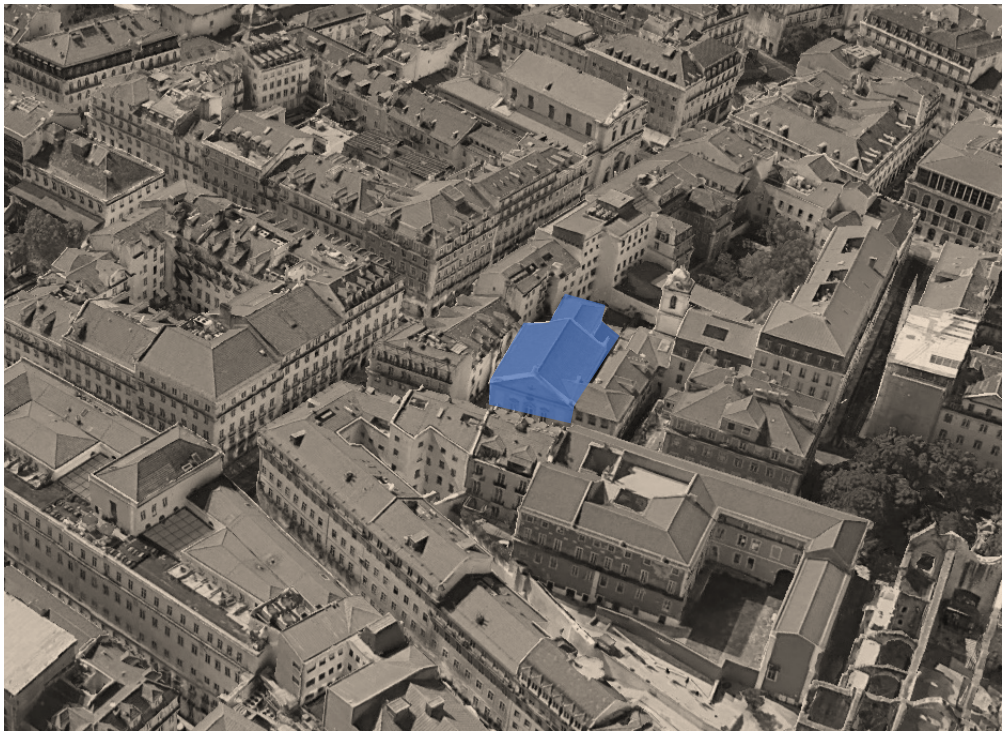
Fonte: Google Earth (2020). Modificado pelo autor

Figura 19 - Escala situação 1: Igreja de Santo Estevão.



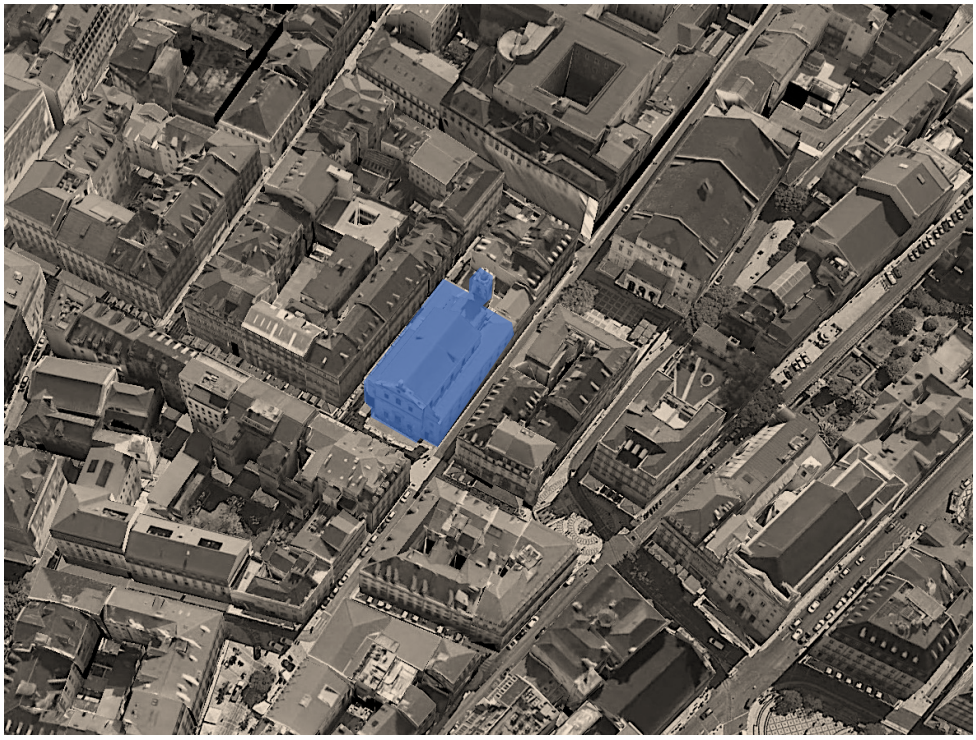
Fonte: Google Earth (2020). Modificado pelo autor

Figura 22 - Escala situação 2: Igreja do Santíssimo Sacramento.



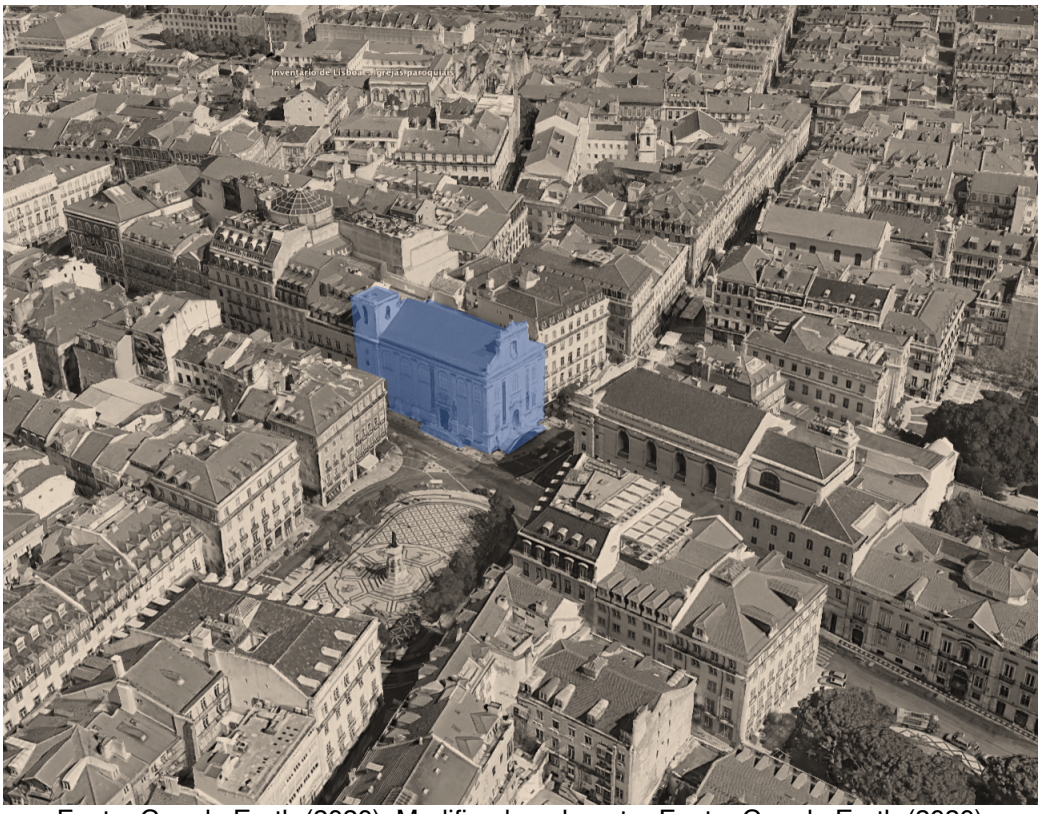
Fonte: Google Earth (2020). Modificado pelo autor

Figura 21 - Escala situação 2: Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires.



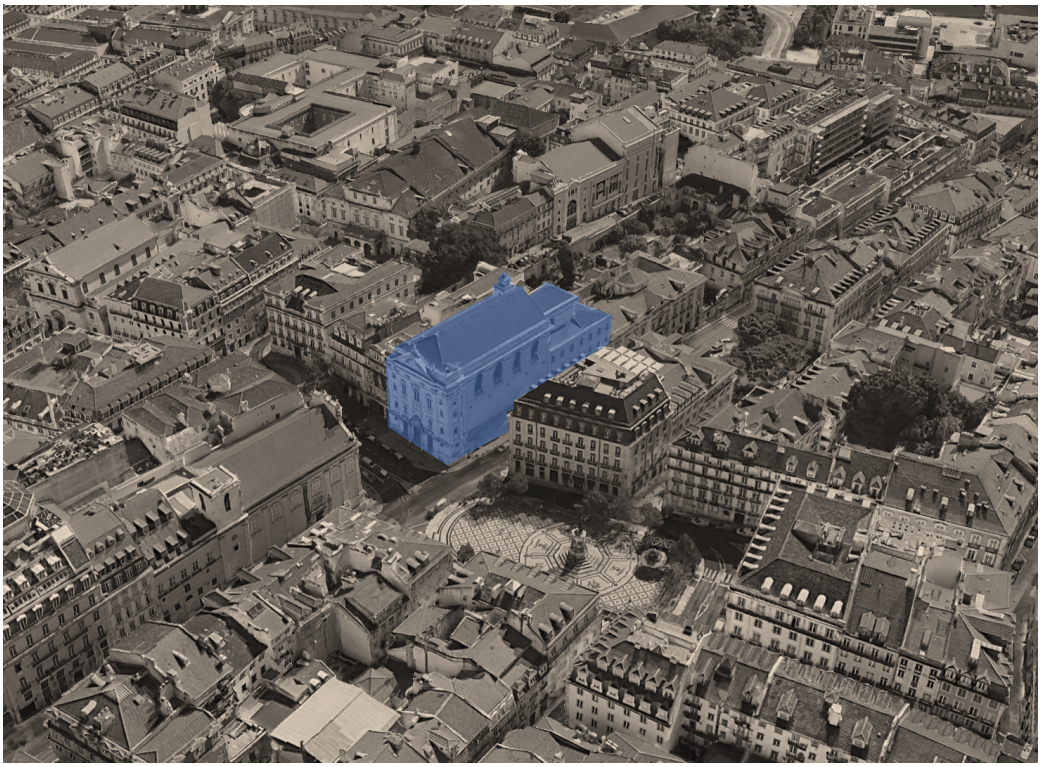
Fonte: Google Earth (2020). Modificado pelo autor.

Figura 23 - Escala situação 2: Igreja de Nossa Senhora do Loreto



Fonte: Google Earth (2020). Modificado pelo autor.Fonte: Google Earth (2020)

Figura 24 - Escala situação 2: Igreja de Nossa Senhora da Encarnação



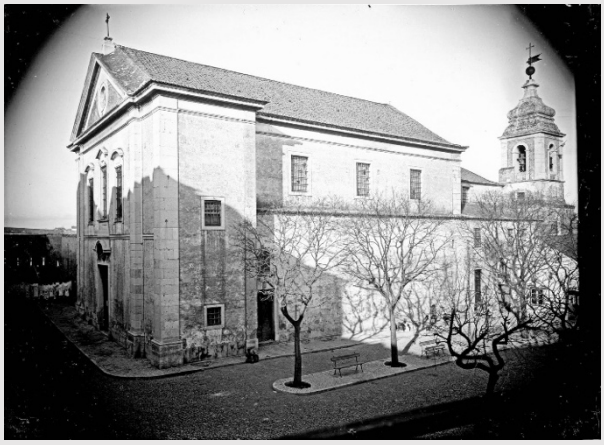
Fonte: Google Earth (2020). Modificado pelo autor.

c) Elevação em relação a via e ao entorno

A presença da escada está relacionada à parte dessa elevação do edifício em relação à via. É ele que em alguns casos enfatiza essa elevação. Para essa análise, foi usada a mesma tipificação utilizada anteriormente para agrupar as igrejas com suas características preponderantes observadas na pesquisa. Primeira situação (1), onde foram agrupadas as igrejas inseridas na malha medieval, e na segunda situação (2), as inseridas na malha pombalina.

Observa-se que as igrejas de Santo António (Quadro 33), São Miguel (Quadro 34) e Santo Estevão (Quadro 35) possuem uma elevação topográfica que as difere dos edifícios do entorno (Figura 14). A Igreja de Santo António não tem uma elevação tão significativa quanto as outras duas, mas percebe-se que há alguma, em relação ao entorno. Ainda sobre as igrejas da situação 1: A Igreja de Santa Cruz do Castelo já não possui elevações em relação ao entorno, pois foi praticamente implantada no mesmo nível das demais edificações do entorno, com exceção do Castelo (Quadro 32).

Quadro 32 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 1): Igreja de Santa Cruz do Castelo

Localiza-se em sítio plano na confluência de vias. Não apresenta desnível em relação com a via. Em virtude dessas características, esse elemento não apresenta relevância.	 Fonte: https://lisboadeantigamente.blogspot.com

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 33 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 1): Igreja de Santo António

Situa-se em eixo de ligação entre a Sé e a Baixa de Lisboa, apresenta desnível em relação à via de acesso e ao adro frontal, o que propiciou a execução e escadaria propiciando que o edifício se destaque dos demais em seu entorno.	 Fonte: https://lisboadeantigamente.blogspot.com

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 34 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 1): Igreja de São Miguel

Situada na confluência de vias em uma malha viária medieval, apresenta desnível em relação ao entorno, o que propiciou a execução e escadaria propiciando ao edifício destaque em relação aos demais em seu entorno.	 Fonte: https://lisboadeantigamente.blogspot.com

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 35 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 1): Igreja de Santo Estevão

Situada na malha medieval da cidade, apresenta desnível em relação as vias de acesso e aos edifícios do entorno o que propiciou a execução e escadaria propiciando ao edifício destaque em relação aos demais em seu entorno. Diferencia das demais pelo fato dessa escadaria ser nas laterais do edifício.	 Fonte: https://lisboadeantigamente.blogspot.com

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 36 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 2): Igreja Basílica dos Mártires

Situada na malha Pombalina, e em cruzamento de vias, não apresenta significativo desnível em relação à via e ao entorno, o que a faz não se destacar em relação aos outros edifícios vizinhos.	 Fonte: http://www.patrimoniocultural.gov.pt

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 37 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 2): Igreja de Nossa Senhora do Loreto

Situa-se na malha Pombalina, e em cruzamento de vias, sendo uma delas de acesso à zona ribeira (rua do Alecrim). Pela implantação e topografia, possui desnível em relação às vias e, por consequência, apresenta escadaria tanto frontal como lateral esquerda. Em virtude dessas características, destaca-se em relação aos edifícios vizinhos.	Fonte: https://maislisboa.fcsh.unl.pt/natal-lisboa-  1821/

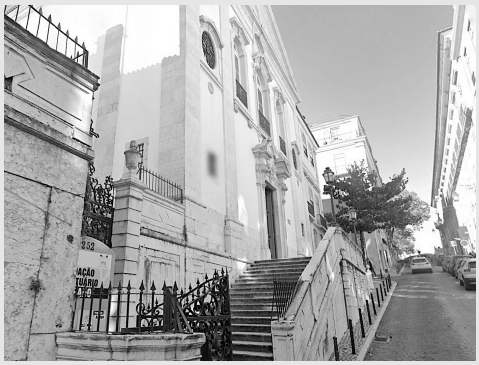
Elaboração: Autor (2021)

Quadro 38 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 2): Igreja de Nossa Senhora da Encarnação

Situada na malha Pombalina, e em cruzamento de vias, não apresenta significativo desnível em relação à via e ao entorno, por isso não se destaca em relação aos outros edifícios vizinhos.	 Fonte: http://www.patrimoniocultural.gov.pt

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 39 - Elevação em relação à via e ao entorno (Situação 2): Igreja do Santíssimo Sacramento

Situada na malha Pombalina e em via de acesso, de grande inclinação, ao Convento do Carmo, apresenta significativo desnível em relação à via e ao entorno, por isso se destaca em relação aos outros edifícios vizinhos e à própria via.	 Fonte: Google Earth (2021)

Elaboração: Autor (2021)

O quadro abaixo (Quadro 40) sintetiza a relevância dos elementos do critério Relação com o Entorno, relacionados ao poder, para os casos situados em Lisboa.

Quadro 40 - Quando relevância dos elementos relacionados ao Critério 2: Relação com o entorno

Igreja	**Relevância***			**Elemento**
	1	2	3	
Igreja do Santíssimo Sacramento	X			Acessos
Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires		X		
Igreja de Nossa Senhora do Loreto			X	
Igreja de Nossa Senhora da Encarnação	X			
Igreja de São Miguel			X	
Igreja de Santo Estevão		X		
Igreja de Santa Cruz do Castelo	X			
Igreja de Santo António			X	
Igreja	**Relevância***			Escala
	1	2	3	
Igreja do Santíssimo Sacramento	X			
Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires	X			
Igreja de Nossa Senhora do Loreto	X			
Igreja de Nossa Senhora da Encarnação	X			
Igreja de São Miguel			X	
Igreja de Santo Estevão			X	
Igreja de Santa Cruz do Castelo	X			
Igreja de Santo António		X		
Igreja	**Relevância***			Elevação em relação a via e ao entorno
	1	2	3	
Igreja do Santíssimo Sacramento	X			
Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires	X			
Igreja de Nossa Senhora do Loreto	X			
Igreja de Nossa Senhora da Encarnação	X			
Igreja de São Miguel		X		
Igreja de Santo Estevão			X	
Igreja de Santa Cruz do Castelo	X			
Igreja de Santo António			X	
*(1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

3. O Edifício

a) Fachada

O Quadro abaixo indica a época em que as fachadas foram construídas. Vale lembrar que não foi possível identificar a data precisa de todas as igrejas por falta de documentação disponível. Sendo assim, foi utilizada, também como referência, a data de reconstrução da edificação como um todo e, em alguns casos, a data de reabertura (Quadro 41).

Quadro 41 - Quadro: Data de construção das fachadas das igrejas em Lisboa

Data da execução dos Frontispícios[42]			
Igreja	**Data**	**Igreja**	**Data**
Igreja do Santíssimo Sacramento	1772	Igreja de Nossa Senhora da Encarnação	1784
Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires	1774	Igreja de Santo Estevão	1773
Igreja de Nossa Senhora do Loreto	1785	Igreja de Santa Cruz do Castelo	1776
Igreja de São Miguel	1696	Igreja de Santo Antônio	1812

Elaboração: Autor (2021)

- Frontispício

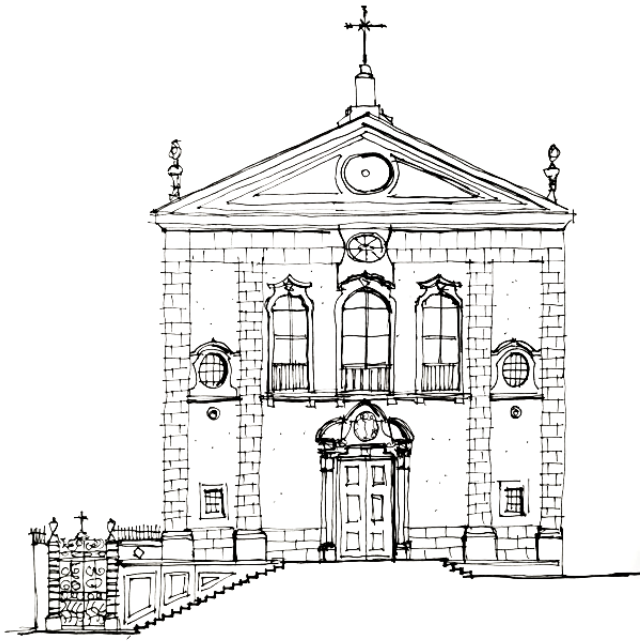
A portada principal é única, nos casos das igrejas do Loreto, Santíssimo Sacramento e Santa Cruz do Castelo (Quadro 48). As igrejas de São Miguel, Santo Estevão, Santo António, Mártires e Encarnação possuem mais duas portas, uma de cada lado, da portada principal. No frontispício principal das igrejas, o número de janelas do coro são exatamente os mesmos em todos os exemplos. Todas as igrejas possuem três janelas alinhadas com os vãos de acesso de pessoas. Em contraponto, a fachada mais borromínica das oito igrejas, a portada da igreja de Santo António se

[42] As datas apresentadas são aproximadas, por não possuir, na maioria dos casos, registros precisos. Sendo assim optamos por considerar como referências, datas de finalização de obras, reformas, reaberturas de igrejas, datas dos projetos dentre outros eventos significativos que indiquem alguma suposição.

apresenta com uma maior simplicidade, sem referências ao orago[43], qualquer outro elemento simbólico, ou qualquer outro arremate. Já as igrejas de São Miguel e de Santo Estevão apresentam adornos em forma de cornija, na primeira, e arco na segunda. Em uma escala de ornamentação da portada pode-se dizer que a menos ornamentada é a porta da Igreja de Santo António (Quadro 49) passando para as igrejas de São Miguel (Quadro 45) e Santo Estevão (Quadro 47), culminando nas igrejas do Santíssimo Sacramento (Quadro 42), Nossa Senhora dos Mártires (Quadro 43), Nossa Senhora do Loreto (Quadro 44) e Nossa Senhora da Encarnação (Quadro 46). Abaixo, quadro síntese da ornamentação nas portadas. As descrições dos elementos constituintes das fachadas das igrejas se encontram nos Apêndices desta tese. (Quadro 188 ao Quadro 195).

[43] Orago: patrono ou santo padroeiro a qual a localidade se dedica.

Quadro 42 - Frontispício: Igreja do Santíssimo Sacramento





Fonte:http://lisbon.lpsphoto.us/en/igreja-do-santissimo-cacramento - Acesso em 18/03/2021

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 43 - Frontispício: Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires

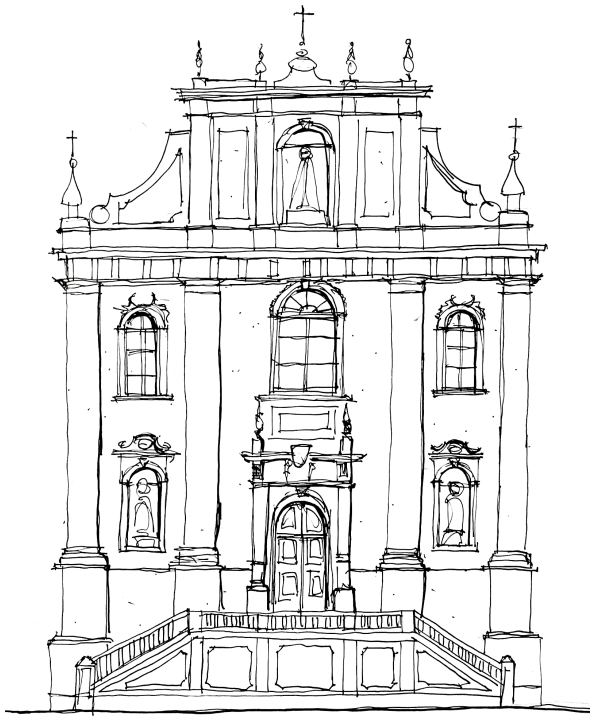




Fonte:http://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74983 - Acesso em 18/03/2021

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 44 - Frontispício: Igreja de Nossa Senhora do Loreto





Fonte:http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2517

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 45 - Frontispício: Igreja de São Miguel

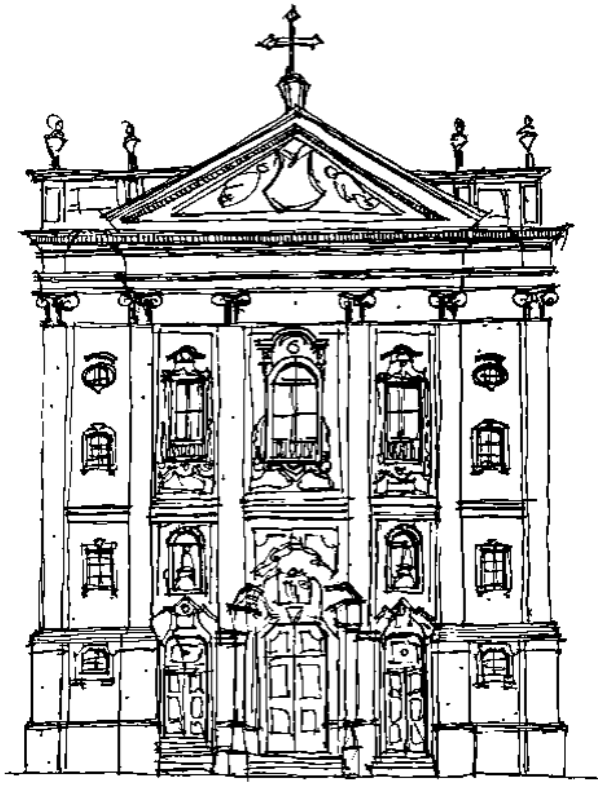




Fonte: Autor (2020).

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 46 - Frontispício: Igreja de N.S. da Encarnação





Fonte: https://pontosj.pt/paroquiadaencarnacao/igrejas-da-paroquia/ Acessado em 18/03/2021

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 47 - Frontispício: Igreja de Santo Estevão

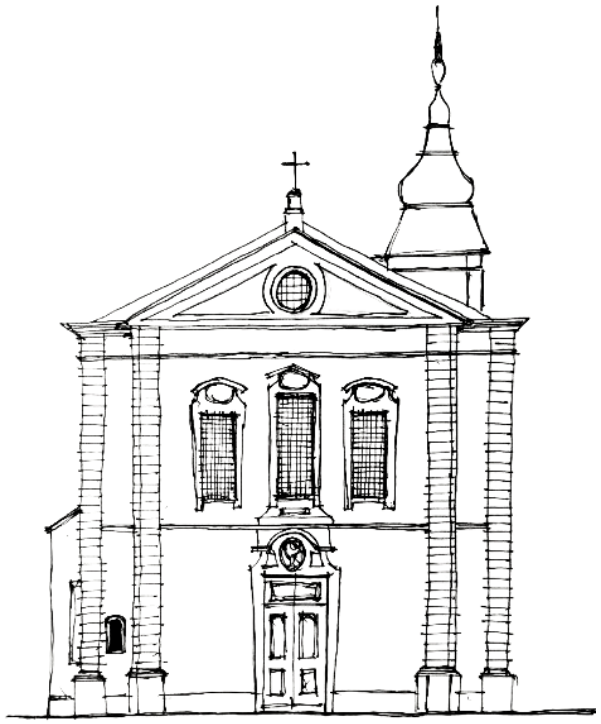




Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2619

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 48 - Frontispício: Igreja de Santa Cruz do Castelo

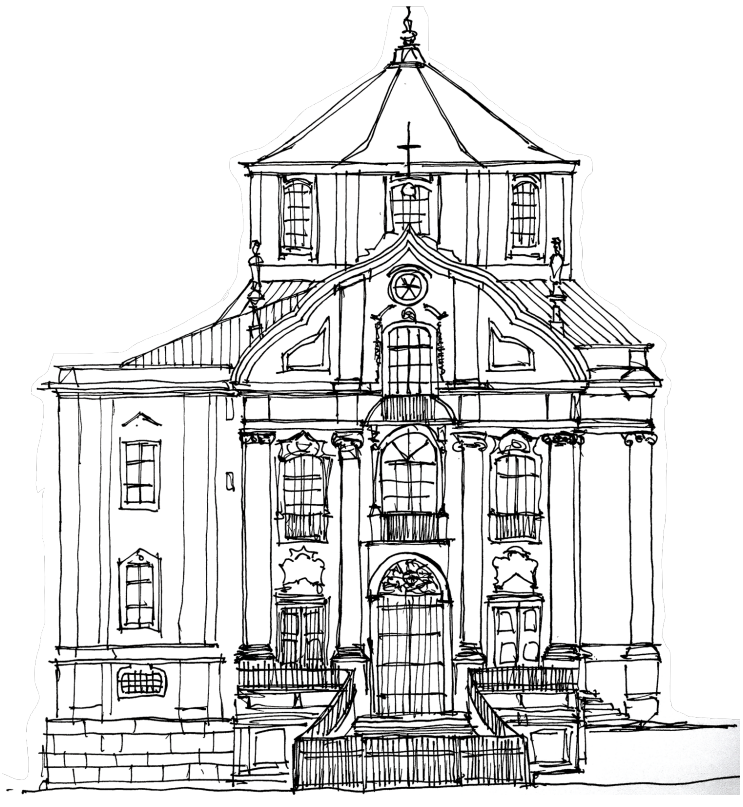




Fonte:http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00011281

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 49 - Frontispício: Igreja de Santo António





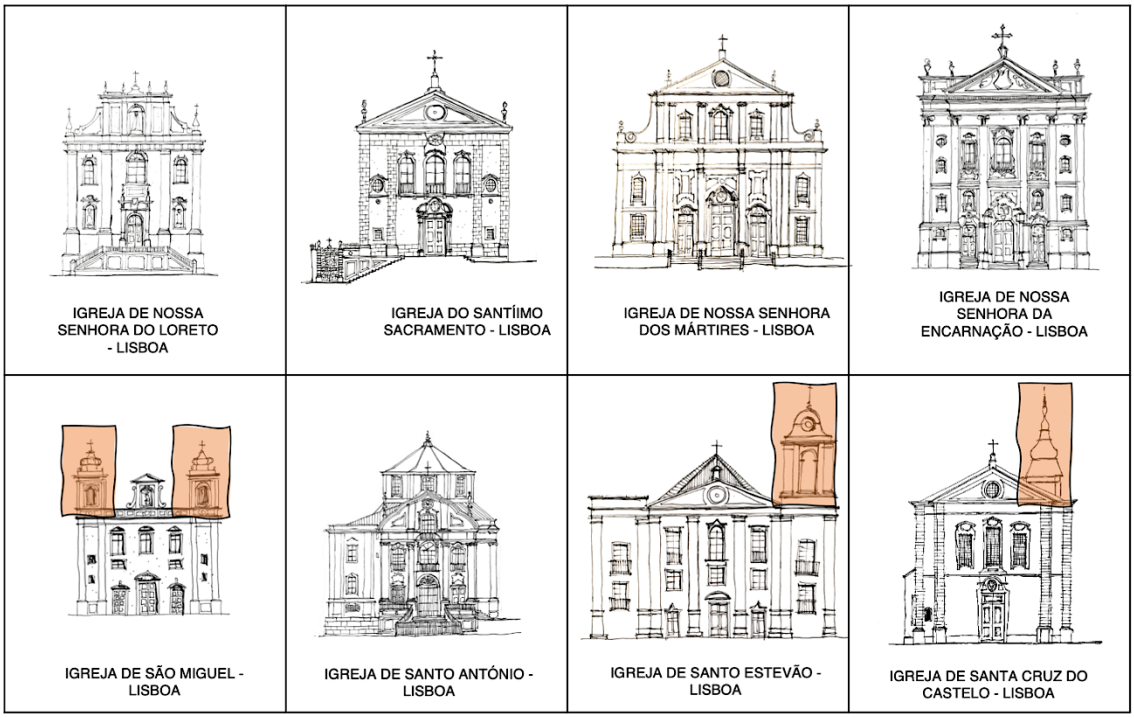
Fonte:http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00003143

Elaboração: Autor (2021

- Torre

Observa-se aqui a presença de torres em sete das oito igrejas analisadas. Apenas a igreja de Santo António não possui torre sineira. Em nenhum dos casos as torres encontram-se desconectadas ao corpo da igreja. Porém ela não se faz visível sempre, pois em alguns casos ela se encontra fora da fachada, localizada na porção traseira das edificações. (Figura 25)

Figura 25 - Fachadas e Torres: Lisboa

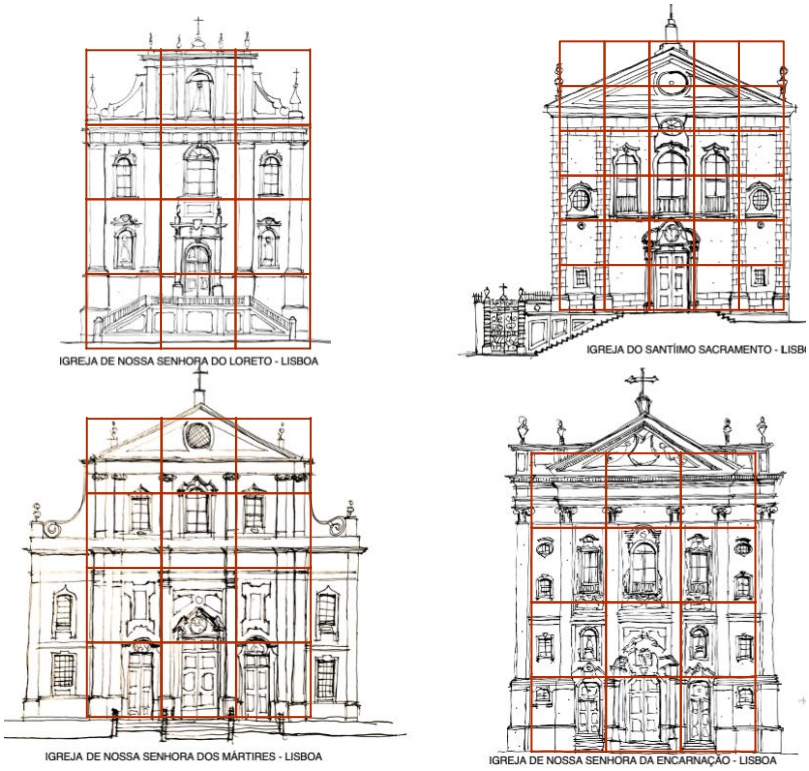


Elaboração: Autor (2020)

- Simetria

No frontispício, foi observada a presença de elementos dispostos de forma correspondente e na mesma quantidade. A simetria será quebrada na igreja de Santo António quando o frontispício foi analisado com o resto do corpo da edificação. Na imagem abaixo, foram inseridas as fachadas em uma grade para melhor observar as proporções e simetrias. (Figura 26 e Figura 27)

Figura 26 - Croquis das fachadas - Grade simetria em Lisboa (Grupo 1)



Elaboração: Autor (2021)

Figura 27 - Croquis das fachadas - Grade simetria em Lisboa (Grupo 2)



Elaboração: Autor (2021)

A seguir, são apresentados os quadros com a síntese das análises arquitetônicas dos elementos da fachada (Quadro 50, Quadro 51 e Quadro 52).

Quadro 50 - Relevância dos elementos da arquitetura relacionados ao critério 3: Portadas

Presença de elementos ornamentais simbólicos nas portadas		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja do Santíssimo Sacramento	X	
Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires	X	
Igreja de Nossa Senhora do Loreto	X	
Igreja de São Miguel		X
Igreja de Nossa Senhora da Encarnação	X	
Igreja de Santo Estevão		X
Igreja de Santa Cruz do Castelo	X	
Igreja de Santo António		X
• Sim – representam os casos em que as portadas apresentam ornamentação mais trabalhada e /ou apresentam elementos simbólicos da liturgia. • Não – representam os casos onde a ornamentação é mais simples.		

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 51 - Relevância dos elementos como da arquitetura relacionados ao critério 3: Torre Sineira

Presença de Torre Sineira na Fachada		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja do Santíssimo Sacramento		X
Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires		X
Igreja de Nossa Senhora do Loreto	X	
Igreja de São Miguel	X	
Igreja de Nossa Senhora da Encarnação		X
Igreja de Santo Estevão		X
Igreja de Santa Cruz do Castelo		X
Igreja de Santo António		X
• Sim – representam os casos que possuem torres junto a fachada frontal. • Não – representam os casos que não possuem torres junto a fachada frontal, ou não possuem alguma torre.		

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 52 - Relevância dos elementos da arquitetura relacionados ao critério 3: Simetria

Presença de Simetria		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja do Santíssimo Sacramento	X	
Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires	X	
Igreja de Nossa Senhora do Loreto	X	
Igreja de São Miguel	X	
Igreja de Nossa Senhora da Encarnação	X	
Igreja de Santo Estevão	X	
Igreja de Santa Cruz do Castelo	X	
Igreja de Santo António		X

Elaboração: Autor (2021)

b) Planta

Neste item, foi observada a forma dos espaços internos, a existência de elementos relevantes para a análise do poder: nártex, balaustrada, altares laterais e tribuna. Foi organizado, nos quadros abaixo, cada igreja com o conteúdo da sua descrição, planta e uma fotografia da nave.

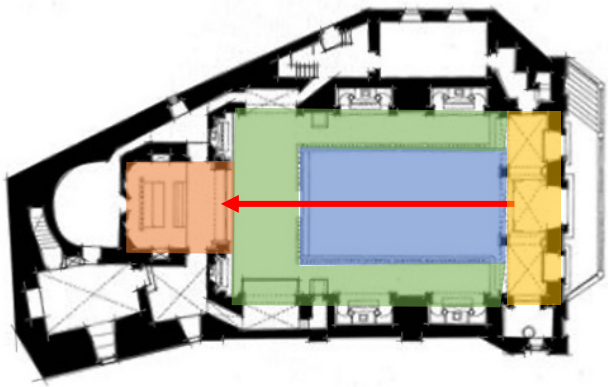
Todas as igrejas situadas em Lisboa fazem parte do grupo de igrejas de nave única, ao estilo chão, de partido retangular, com exceção da igreja do Loreto que possui uma nave octogonal, tem a forma longitudinal, que proporciona um direcionamento do olhar para a capela-mor. As descrições detalhadas dos elementos constituintes das igrejas se encontram no apêndice desta tese (Quadro 188 ao Quadro 195).

As igrejas de Santo António e Santa Cruz do Castelo não possuem balaustrada e essa ausência define o espaço dos altares laterais, o que proporciona a leitura de espaço único, sem o privilégio ao acesso aos altares patrocinados por famílias integrantes da comunidade de maior poder aquisitivo. Outro elemento que foi identificado é a tribuna[44]. Nas igrejas de Lisboa, ela não foi encontrada. Com raras exceções, as janelas laterais dão diretamente para o exterior da edificação. Boa parte

[44] Tribuna: lugar reservado e elevado, com abertura em janelas ou varandas, para assistir às cerimônias religiosas. Pode-se falar, igualmente, em tribuna do coro e tribuna do púlpito. (ÁVILA, 1996)

das igrejas possuem uma balaustrada nas janelas superiores, o que faria uma alusão a uma tribuna, mas também não possui esse elemento. Abaixo, a análise discricional das plantas e interiores das igrejas de Lisboa através dos elementos definidos como manifestação do poder (Quadro 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59).

Quadro 53 - Planta igreja de São Miguel



Fonte: DGPC modificado pelo autor (2020)

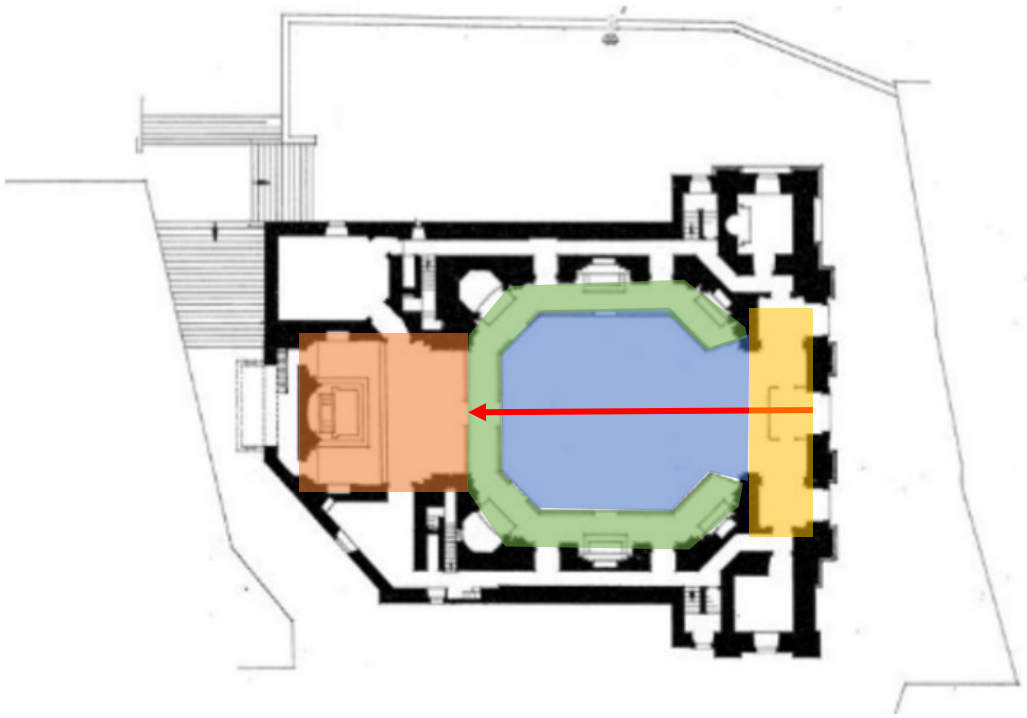




Fonte: https://www.pbase.com/diasdosreis/image/163753061

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 54 - Planta igreja de Santo Estevão



Fonte: DGPC modificado pelo autor (2020)

Legenda

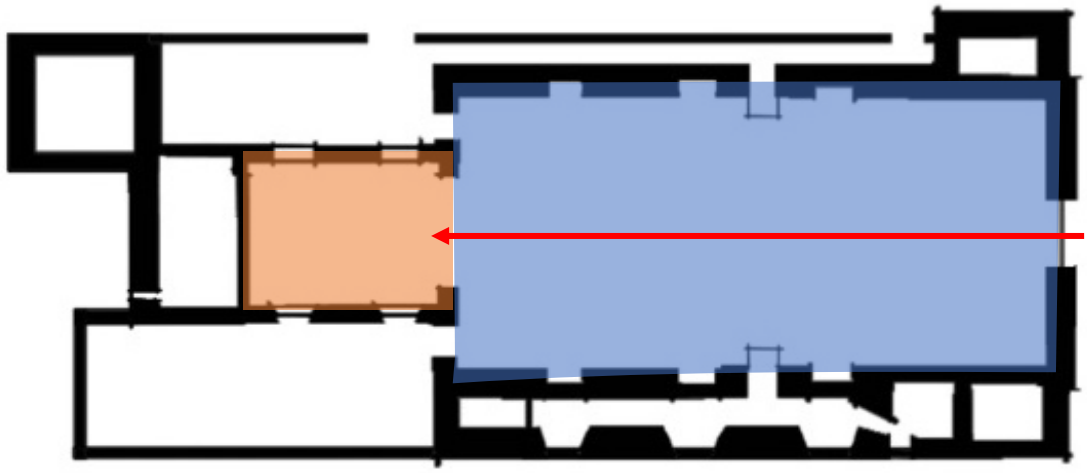
- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2018/06/igreja-de-santo-estevao.html

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 55 - Planta igreja de Santa Cruz do Castelo



Fonte: DGPC modificado pelo autor (2020)
*Apesar de possuir altares laterais, não possui balaustrada delimitando a teia.

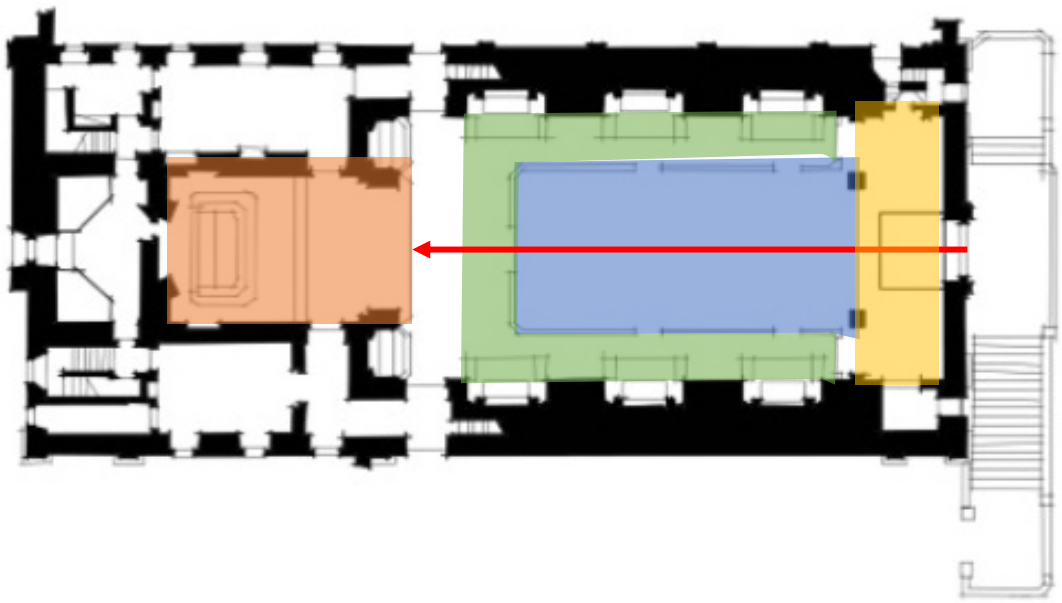
Legenda

- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: http://torredaigrejadocastelo.pt/sobre
Elaboração: Autor (2021)

Quadro 56 - Planta igreja do Santíssimo Sacramento



Fonte: DGPC modificado pelo autor (2020)

Legenda

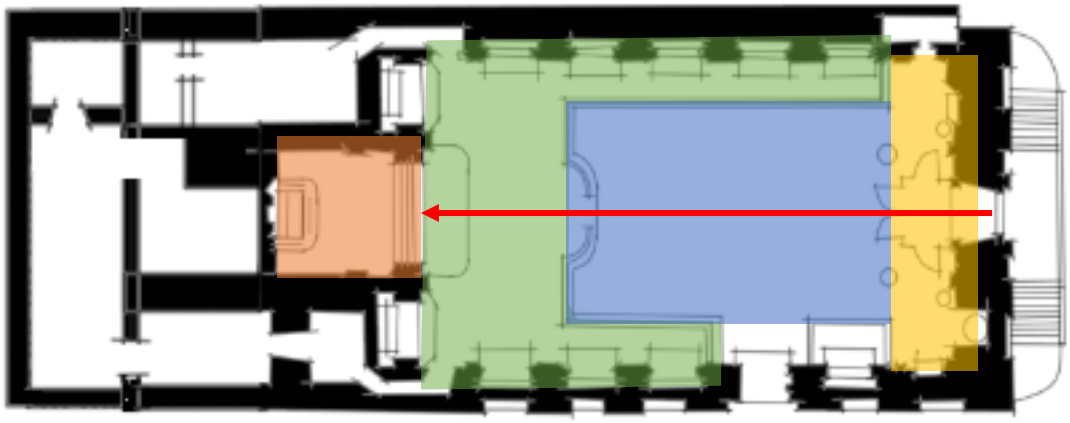
- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: https://agencia.ecclesia.pt/portal/evento/lisboa-bencao-do-orgao-da-igreja-do-santissimo-sacramento/

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 57 - Planta igreja de Nossa Senhora do Loreto



Fonte: DGPC modificado pelo autor (2020)

Legenda

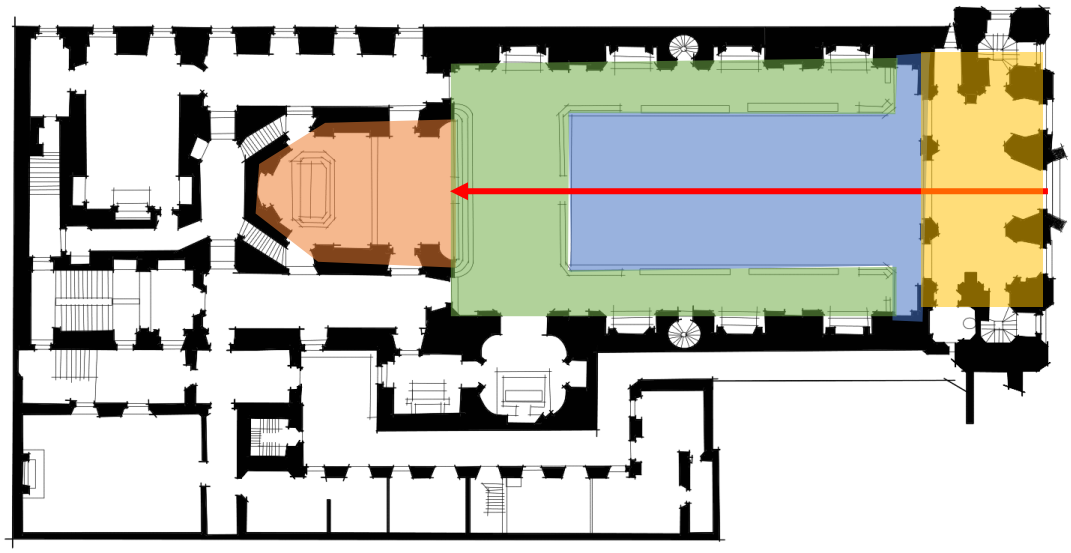
- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: https://www.teixeiraduarteconstrucao.com.br/projetos/igreja-loreto/

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 58 - Planta igreja de Nossa Senhora da Encarnação



Fonte: DGPC modificado pelo autor (2020)

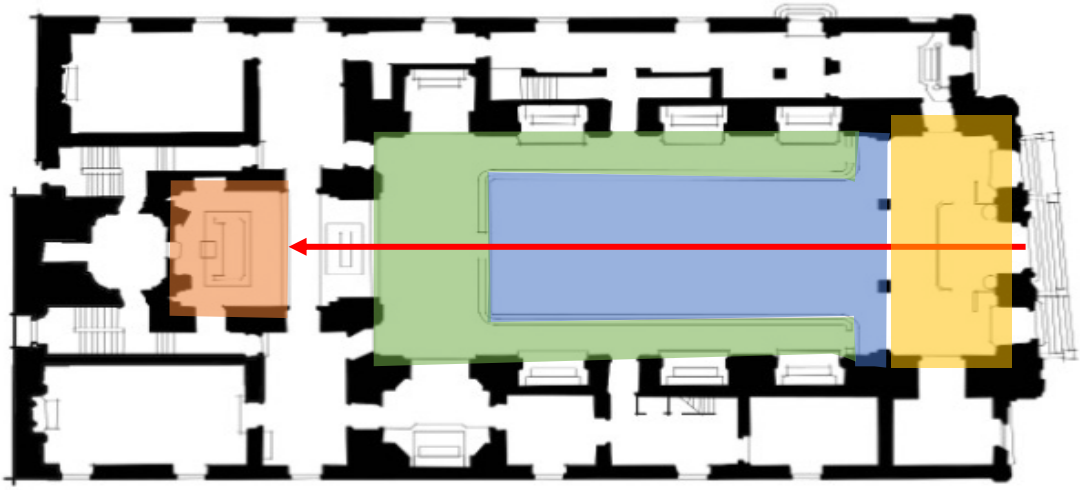
Legenda

- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=7133
Elaboração: Autor (2021)

Quadro 59 - Planta igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires



Fonte: DGPC modificado pelo autor (2020)

Legenda

- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte:http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3141

Elaboração: Autor (2021)

Os quadros abaixo sintetizam os elementos analisados no critério 3 com relação a sua presença nas igrejas de Lisboa. (Quadro 60, Quadro 61 e Quadro 62)

Quadro 60 - Presença dos elementos da arquitetura relacionados ao critério 3: Tribunas - Lisboa

Presença de Tribunas		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja do Santíssimo Sacramento	X	
Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires		X
Igreja de Nossa Senhora do Loreto		X
Igreja de São Miguel		X
Igreja de Nossa Senhora da Encarnação	X	
Igreja de Santo Estevão		X
Igreja de Santa Cruz do Castelo		X
Igreja de Santo António		X

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 61 - Presença dos elementos da arquitetura relacionados ao critério 3: Balaustrada - Lisboa

Presença de Balaustrada		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja do Santíssimo Sacramento	X	
Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires	X	
Igreja de Nossa Senhora do Loreto	X	
Igreja de São Miguel	X	
Igreja de Nossa Senhora da Encarnação	X	
Igreja de Santo Estevão	X	
Igreja de Santa Cruz do Castelo		X

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 62 - Presença dos elementos da arquitetura relacionados ao critério 3: Nártex - Lisboa

Presença de Nártex		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja do Santíssimo Sacramento		X
Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires		X
Igreja de Nossa Senhora do Loreto		X
Igreja de São Miguel		X
Igreja de Nossa Senhora da Encarnação	X	
Igreja de Santo Estevão		X
Igreja de Santa Cruz do Castelo		X
Igreja de Santo António	X	

Elaboração: Autor (2021)

3.3.2. Em busca da expressão do poder na arquitetura religiosa: O caso de Lisboa.

Como discutido em 2.3, pretende-se a partir de agora confrontar a análise arquitetônica do item anterior (3.3.1) com as teorias gerais sobre a arquitetura e urbanismo pertinentes à pesquisa, no intuito de desvendar manifestações do poder na própria arquitetura analisada. Para isso, inicia-se com os conceitos de Marx Weber que tipificam o poder. De acordo com esse autor, os tipos de poder são 3: Poder político, Poder econômico e Poder Ideológico.

Baseado na posse de bens, o poder econômico pode refletir na escala do edifício, na ornamentação das igrejas e nos materiais utilizados, pois esses elementos são dependentes de recursos financeiro para se fazerem presentes na edificação. Por sua vez, esses recursos podem ser utilizados para o exercício do poder ideológico, que, ao ser expresso na arquitetura através dos seus elementos, podem expressar ideologias com o objetivo de influenciar certa parcela de população moldando as relações sociais.

Para compreensão dessas manifestações de poder, expressas pela arquitetura, será abordado ao longo da análise, como as manifestações de poder definidas por Foucault (arte da distribuição e o controle do tempo) e Milton Santos (capacidade de causar emoções) que se refere ao *pathos* aristotélico nesta tese.

Todas essas manifestações fazem parte do que aqui se considera o discurso de poder da arquitetura. A arquitetura é capaz de organizar a disposição dos atores no espaço, seja ele urbano ou interno ao edifício, influenciar no comportamento das pessoas e despertar sensações.

A análise das igrejas lisboetas, feitas em 3.3.1 de acordo com três critérios de análise – 1. Localização no núcleo urbano e topografia, 2. Relação com o entorno e 3. O Edifício – serão condensados agora, neste item 3.3.2, cujo objetivo é verificar essa análise a partir dos teóricos discutidos em 2.3, em dois critérios sendo que os 2 primeiros foram agrupados em função da escala: (a) O edifício na malha urbana e a relação com seu entorno, (b) O Edifício. Passa-se agora a uma análise de ambos:

a) O edifício na malha urbana e a relação com seu entorno

As vias e a implantação do edifício na malha urbana e sua topografia são critérios onde o edifício, como ponto focal a sua disposição em relação aos caminhos, são recursos arquitetônicos que estão diretamente ligados à distribuição de corpos no espaço, definidos por Foucault. A presença de um edifício em determinada localização na malha urbana define uma organização espacial a nível urbano. Foram observados os três edifícios da situação 1 (Figura 13), inseridos na região da Alfama, que apresentam uma relação focal com relação às vias. De que maneira isso ocorre? Existe uma certa convergência de vias para esses edifícios ou para os largos onde estão inseridos e/ou estão em vias de ligação, como é o caso da Igreja de Santo António. Essa igreja apresenta uma característica que também é vista na Igreja de Santa Cruz do Castelo, isto é, ambas estão um pouco numa espécie de associação com edifícios vizinhos. No caso da primeira, a proximidade com a Sé de Lisboa, e a segunda, com o Castelo. Isso faz com que as atenções sejam divididas, o que não se percebe com as igrejas de São Miguel e Santo Estevão.

De uma forma ou de outra as quatro igrejas da situação 1, vista na figura 13, conseguem se destacar na paisagem em função da sua forma e escala. São igrejas que possuem uma dimensão maior do que seus edifícios vizinhos e apresentam espaço ao redor, ou seja, possuem suas paredes livres. Características as quais estão presentes na tratadística de Carlos Borromeu intitulada - *Instructionum fabricae et supellectilis ecclesiasticae* - que reverbera as diretrizes vitruvianas. De acordo com Carlos Borromeu:

> "*Instruciones*, a igreja seria construída em lugar mais elevado, e se a área geográfica de implementação da igreja fosse completamente plana, deveria construir-se por forma a ascender-se a ela através de três ou cinco degraus." (VECHINA, 2018)

Sobre a implantação dos templos Vitrúvio descreve:

> Os templos sagrados dos deuses, que se consideram ser a mais alta tutela da cidade, Júpiter, Juno e Minerva, dever-lhes-ão ser distribuídas zonas no lugar mais elevado, de onde se possa observar a maior extensão do recinto fortificado. (VITRUVIO, 2007, p.104)

Assim se observa o *dispositio* de Vitrúvio a nível urbano com o objetivo de se alcançar o belo, em que o elemento se dispõe para compor o todo. Esse tipo de situação, onde se pode circular ao redor da edificação como aponta Carlos

Borromeu[45], possibilita a movimentação de fiéis durante procissões e a visibilidade do edifício.

Nas igrejas da situação 2, aquelas inseridas na região do Bairro Alto, observa-se uma característica diferente. Elas não se destacam na paisagem, pois a escala do edifício não destaca em relação aos edifícios do entorno, consequência das reformas pombalinas ocorridas na segunda metade do século XVIII. Essas reformas definiram o gabarito das edificações nas regiões afetadas pelo sismo de 1755. Assim, pode-se observar que a implantação das igrejas na nova malha urbana não as privilegia em relação aos edifícios do entorno e nem na cidade como um todo, fazendo essas edificações perderem a característica de ponto focal. Salvo as igrejas de Nossa Senhora do Loreto e de Nossa Senhora da Encarnação, que estão localizadas em esquinas opostas servindo como uma espécie de pórtico de entrada, não diferenciando muito da situação pré terremoto, pois elas se localizavam nesse mesmo sítio, onde também se situava umas das portas[46] da muralha Fernandina. Entende-se, também, que a malha Pombalina submeteu essas edificações, que permaneceram no mesmo sítio, à nova ordem. As novas reconstruções ou reedificações, como a igreja dos Mártires, foram reconstruídas segundo a nova diretriz urbanística, perdendo o seu protagonismo e diminuindo seu aspecto monumental que, segundo Baker (1998), tem como objetivo o encantamento acima do habitar, dessa forma seu símbolo supera seu uso.

Observa-se, também, que as igrejas do Santíssimo Sacramento e de Santa Cruz do Castelo não estão em pontos de encontros de vias e nem de vias significativas, acabando por ficarem à margem da circulação das pessoas. Essa distribuição das igrejas na malha do núcleo urbano representa a importância que o edifício possui. Ao refletir sobre a distribuição dos corpos no espaço de acordo com hierarquias, definidas culturalmente e algumas vezes condicionadas por questões político-económicas, observa-se que esse grupo de igrejas lisboetas está localizado sempre próximos a outros de igual importância, seja por outras igrejas ou por outros

---

[45] Segundo o tratado de S. Carlos Borromeu, a igreja deveria assemelhar-se a uma ilha, com as suas paredes separadas das paredes de outras casas. (VECHINA, 2018)

[46] Portas de Santa Catarina

edifícios igualmente representativos, como o caso do Castelo, do edifício da Alfândega, do teatro, entre outros. Segundo Lobo (2012), Edifícios religiosos, oficiais, e militares muitas vezes estão situados próximos. Mas o entorno imediato normalmente é dominado por um desses edifícios importantes socialmente. No caso dos edifícios da situação 2, a proximidade de um grupo de edifícios importantes acaba por pulverizar esse protagonismo.

Segundo Carlos Borromeu e Vitrúvio, o templo deveria ser elevando, o que lhe confere um carácter de destaque em relação à via e a outros edifícios vizinhos. Essa elevação tem como consequência a presença de escadarias, que mais do que um elemento de circulação vertical de vencer desníveis, simboliza status. Causa ao fiel a sensação de ascensão ao espaço do sagrado funcionando como uma espécie de conexão entre profano e sagrado. Segundo Baker (1998), a energia própria dos elementos de circulação, como escadas, caminhos e rampas, são consideradas forças no projeto. Esse elemento de ligação encontra-se de forma significativa nas igrejas do Santíssimo Sacramento, do Loreto, de Santo António e de São Miguel. As igrejas dos Mártires e da Encarnação apresentam uma escada de poucos degraus que não se mostra significativa com relação ao seu entorno. O quadro 63 reúne as considerações apresentadas nos parágrafos anteriores:

Quadro 63 - O edifício na malha urbana e a relação com seu entorno: Uma análise intraurbana - Lisboa

CRITÉRIO	ELEMENTO	Relevância*		
		1	2	3
Localização no núcleo urbano	Vias		X	
	Implantação e topografia		X	
Relação com o Entorno	Acessos		X	
	Escala	X		
	Elevação em relação a via e ao entorno	X		
*Como manifestação de poder (1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

b) O Edifício

Ainda sobre os elementos de fachada, foi analisada a simetria e proporção através da presença de aberturas de acesso e de iluminação. Como discutido no item 2.1 e 2.3 ,para Vitrúvio, a *eurythmia*, a disposição e a proporção são requisitos necessários para se alcançar o belo, e este, por sua vez, é capaz de provocar emoções, Alberti ao fundamentar o conceito correspondente, como *concinnitas*

(beleza e harmonia), define o que se considera nesta tese o conceito de simetria[47], como a correspondência entre 2 lados opostos. Foi verificada nas igrejas a presença de simetria nas fachadas e a disposição dos elementos seguindo o mesmo padrão: três aberturas para iluminação no coro alto e portadas centrais, como também a presença de uma modulação dos elementos constituintes da fachada. Para essa modulação, foi utilizada, neste estudo, uma grade para cada fachada sobrepondo-as (Figura 26 e Figura 27). Vechina descreve a importância das portas de entrada dos tempos, segundo Carlos Borromeu *apud* Vechina (2018):

> Quanto às portas de entrada do templo, Carlos Borromeu defende que devem ser ímpares, tantas quantas as naves existentes, se a amplitude do edifício o permitir. A entrada principal deve distinguir-se das restantes quer pela dimensão, quer pela ornamentação e os seus batentes devem ter menos ornatos e mais firmeza. Quanto à porta deve ser preferencialmente feita em madeira de cipreste, cedro ou nogueira, e esculpida para durar muito tempo. (BORROMEO, 1985: 11, *apud* VECHINA, 2018)

A presença de ornamentos foi verificada nas portadas dos frontispícios em sete das igrejas. A única ausente desse recurso foi a igreja de Santo António, que talvez seja por já possuir uma ornamentação na fachada, aparentando de ser a mais barroca fachada de todas.

Com relação à presença das torres sineiras, verifica-se a existência desse elemento em todas as igrejas. Segundo Foucault, um dos mecanismos de exercício do poder é o controle do tempo e, por esse motivo, entende-se a torre como um elemento que expressa esse mecanismo. Em congruência com Foucault, Almeida (1966) escreve sobre a existência do sino nas igrejas: sinal de autonomia de uma terra, regulador e anunciador de toda a vida local, por ele se regia a população cotidianamente desde o despertar até ao deitar, nos dias de festa e nos dias de pesar. (ALMEIDA, 1966: 339-370 apud VECHINA, 2018). Porém, a presença das torres nas fachadas não é uma unanimidade. Longe disso, apenas duas das oito igrejas as possui no plano da fachada, e a igreja de Santo António não possui torre sineira. Nas outras cinco, a torre é situada na porção posterior do corpo do edifício, não sendo visível para quem transita na via. Apesar de a torre ser um elemento de destaque na paisagem, de convergência de olhares não se faz presente visualmente na maioria

---

[47] Ver Capítulo 2, item 2.3.1.1.

das igrejas, mas a sua presença se faz através das suas badaladas. Segundo França, “As torres marcam um formulário mais antigo, ou tradicional, inspiradas, como são, no modelo seiscentista de São Vicente de Fora, e caracterizam as igrejas que, menos atingidas pelo terramoto, tiveram reedificação menos radical, subsistindo o seu aspecto anterior.” (FRANÇA, 1989). Mesmo não sendo um elemento de destaque na composição da fachada, não deixa de ser um elemento condicionador e demarcador do tempo, que contribui para o discurso de poder.

Constituinte tanto da fachada como da planta, o nártex não é um elemento comum nas igrejas analisadas, podendo ser encontrado apenas na igreja de Santo António. A sua função foi mudando com o passar do tempo e pelo fato de ter perdido seu uso durante a idade média, é pouco utilizado durante o século XVIII. Funciona como um vestíbulo entre o exterior da igreja e seu interior. Esse lugar intermediário tinha como objetivo abrigar os que eram privados da Eucaristia, penitentes, catecúmenos, pecadores, loucos e mulheres, antes de serem admitidas no interior das igrejas. Entende-se a sua importância por se tratar de um elemento que de origem desempenhava função de segregador do espaço, logo um elemento que compõe o discurso de poder político e ideológico.

Nas igrejas em análise, observa-se que as plantas são retangulares, com exceção da igreja de Santo Estevão. Essa forma das chamadas igrejas de nave única, proporcionam um melhor direcionamento para a capela-mor, ponto focal e de maior importância no culto. A planta baixa, neste estudo, foi dividida em cinco elementos compositivos, nártex, nave, balaustrada ou espaço das capelas laterais (teias), capela-mor e tribunas. As igrejas foram analisadas através desses elementos, pois a suas funções são estratificadoras e segregadoras por natureza.

O nártex serve como elemento de transição entre o sagrado e o profano; a nave (ou ala), elemento retangular onde a maioria dos fiéis se posicionam durante a celebração. Essa forma possibilita a visualização do altar-mor de maneira igual para todos; o espaço destinado aos altares laterais, divididos pela balaustrada, que define a teia, separando do restante do salão, delimitando o espaço do sacerdote. Esses altares são testemunho das diferenças entre as classes sociais. Financiados pelas irmandades, eram fruto da quantidade de recursos destinados, forma trecho de contrato:

> (...) estaua outro sim prezente Pedro Aluares mestre entalhador morador na ditta freguesia a Rua Direita das Portas da Crus E logo por elles partes foi dito a mj tabaliam perante as testemunhas ao diante nomeadas que estão contratados para elle Pedro Aluares a uer de fazer o Retabollo da capella coletrar (sic) da banda da Epistola da dita Igreja de Santo Esteuão em que esta a ditta Santa Thereza de entalhado na forma e pello preco e clausullas e condicões seguintes= A saber se obriga elle mestre entalhador a athe dia de Nattal proxemo que uem neste ditto e prezente anno obrara e dara asentado o Retabollo da ditta capella coletrar (sic) da banda da Epistola em que esta Santa Thereza de emtalhado na forma do rescunho que elle Pedro Aluares fes (...) se declara que leuantara mais o corpo de baixo da tribuna hum palmo para sima por não ficar a obra da ditta tribuna tão esbelta e ficar asim mais distamsia para o nicho de Santa Catarina que esta no ditto altar ficar mais dezafogado de sorte que as Imagens dos santos que hão de hir em pianhas fiquem com igualdade, Desera elle mestre emtalhador a banqueta de huma E outra parte the baixo a buscar o Arco da capella maior tudo de obra de talha e tera a boca da tribuna sua gradinha de obra tambem de talha para poder leuar Luzes fara com grande releuo o remate do dito Retabolo para ficar alto, E os pes das colunas serão como os da parte esquerda do rescunho E outro sim fara huma sacra muito bem feitta que entrara no risco da ditta obra E as colunas serão Resaltadas na forma das da capella major (...) (Doc. n.o 36). (ANTT, C.N.L., n.o 12A (actual n.o 1), Cx. 66, L.o 277, fl. 19. *apud* FERREIRA, 2009)

Observou-se a inexistência de tribunas nas igrejas analisas. Conclui-se que esse elemento de organização social não é utilizado de forma sistemática nas amostras lisboetas. Foi verificada assim, a existência de elementos que compõem o discurso de poder na arquitetura das igrejas analisadas em Lisboa de maneira regular. As novas diretrizes iluministas do modelo pombalino irão impactar principalmente a relação do edifício religioso com relação ao urbano em escala da cidade e local, mas não sendo significativas no que se refere à organização interna dos edifícios. O fato considerado relevante é a não existência das tribunas no interior das igrejas analisadas, pois é um importante elemento organizador do espaço. Abaixo a síntese desses elementos. (Quadro 64).

Quadro 64 - O Edifício - Lisboa

CRITÉRIO	**ELEMENTO**	**Relevância***		
		1	**2**	**3**
O Edifício	Portadas			X
	Torre Sineira	X		
	Simetria			X
	Nártex	X		
	Tribunas	X		
	Balaustrada			X
*Como manifestação de poder (1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

3.4. O caso do Porto

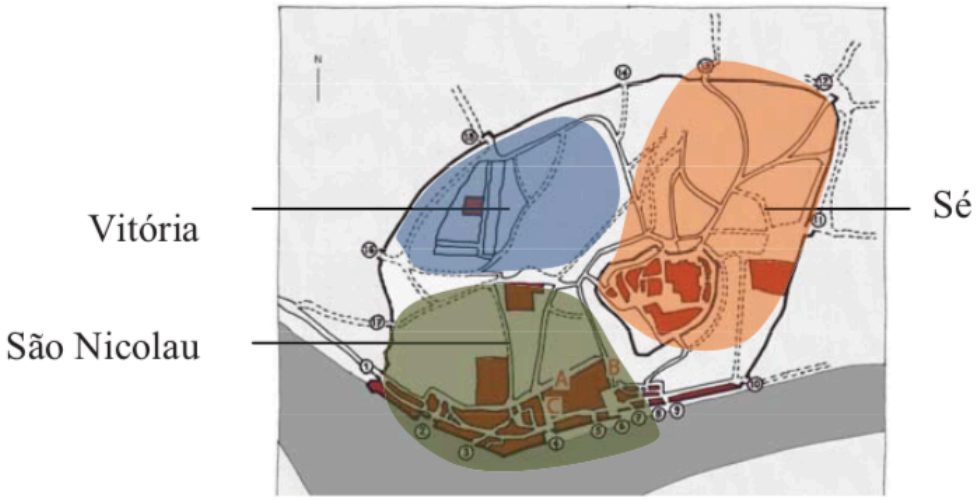
Antes de analisar os elementos dos critérios definidos, é preciso contextualizar as transformações ocorridas na cidade do Porto por entender que elas se fazem necessárias para a compreensão do todo. É preciso descrever a história da cidade do Porto até o século XVIII para a compreensão do papel do edifício religioso no decorrer da sua história. Sua história remonta ao período megalítico, comprovado por vestígios encontrados, porém esse recorte seria demasiadamente extenso para a proposta desta pesquisa, por isso será descrita tomando como ponto de partida o período medieval, dada a sua importância e reverberação na cidade portuguesa do século XVIII, foco desta tese.

A cidade, ainda um burgo, que possuía entre 3 mil e 4 mil habitantes no século XII, era composta por ruas que ligavam os aglomerados urbanos, vielas, becos e largos adaptados à sua topografia, com as portas da muralha interligadas por vias mais largas, só vindo a extrapolar as muralhas no século seguinte, e continuando assim a mesma lógica urbana no traçado de vias e becos (PINHAL, 2008). Em virtude do crescimento populacional e comercial da cidade, D. Dinis encaminha ao Conselho da cidade uma carta-sentença pela qual solicita que todo o arruamento deve ser, antes de executado, reportado ao monarca para a sua deliberação (FERRÃO, 1997, p.138). Dessa forma, em 1316, a cidade inicia uma espécie de panejamento urbano, como se observa na abertura da Rua Nova:

> Dá-se então a abertura da Rua Nova (recta, larga, paralela ao rio) que procurava ligar a zona ribeirinha a Miragaia, através de uma forma clara, e que ao mesmo tempo consolidava uma visível urbanização marginal. Com a Rua Nova, surgem pela primeira vez as preocupações tipológicas das habitações, como também o ordenamento conjunto das fachadas dos arruamentos. (PINHAL, 2008, p. 21)

Após várias expansões intra e extramuros ao longo dos séculos seguintes, a cidade será organizada em mais duas freguesias além da Sé, única freguesia até então, ficando então dividida em: Freguesia da Sé, Freguesia de São Nicolau e Freguesia da Vitória. Conforme o mapa (Figura 28).

Figura 28 - Mapa das freguesias do Porto - Século XVI



Fonte: Pinhal (2008)

Na evolução do espaço urbano da cidade, as zonas exteriores adjacentes à fortificação terão um forte incremento nomeadamente Miragaia e Santo Ildefonso, como aponta Pinhal (2008):

> E natural que com esta evolução, os espaços internos da área fortificada rareassem por esta altura. Este facto conduz a um forte incremento urbano das zonas exteriores adjacentes à fortificação, sobretudo em dois locais. Em primeiro, Miragaia dando continuidade à faixa urbanizada ribeirinha, e em segundo no exterior da porta de Cimo- de-Vila, especificamente em Stº Ildefonso. Nas restantes zonas exteriores, a expansão da cidade apresentar-se-ia mais lenta e mais dispersa. (PINHAL, 2008)

Houve um grande crescimento da cidade entre os séculos XIV e XV quando se torna um polo econômico regional, com incremento da rede viária, criação e ampliação de praças. O século XVIII foi considerado o Século de Ouro da cidade do Porto. Após a União Ibérica (1580 – 1640), a cidade do Porto teve um enorme crescimento urbano e administrativo e com grandes produções artísticas.

O surgimento de edifícios religiosos e assistenciais, concomitante à implantação de novas alamedas, incrementos no saneamento público e abastecimento de água para a cidade que irão marcar o urbanismo do século XVII no Porto. Surgem edificações com dois e três pavimentos e cobertura de quatro águas marcarão a nova silhueta da cidade, com aspecto mais burguês, mantendo ainda algumas características do século XVI: “As casas mantinham uma tipologia estreita e profunda, mantendo-se agrupadas em banda ao longo das diversas vias, adaptando-

se assim aos diferentes tipos de terreno – nivelado e/ou acentuado.” (PINHAL, 2008, p.25)

A primeira metade do século XVIII foi marcado pelas obras de Nicolau Nasoni[48], ou influenciados por ele, transformando a imagem da cidade do Porto, como a Torre dos Clérigos e o largo de Santo Ildefonso. Na segunda metade do século, os Almada[49] transformaram a cidade modernizando – a , ordenando a cidade extramuros, reorganizando o antigo traço e considerando o conjunto arquitetônico em detrimento dos edifícios individualmente, através dos planos urbanísticos racionais ampliando vias e levando em consideração questões de saneamento urbano.

3.4.1. As igrejas do Porto e seus elementos de poder: Análise

Neste tópico será aplicada a análise tendo como base os critérios elencados no quadro 20 abaixo, que demonstra como eles foram organizados e distribuídos conforme a metodologia.

Como mencionado anteriormente, são critérios que apontam para uma análise qualitativa e quantitativa, baseada na observação dos elementos da morfologia arquitetônica e urbana, (visibilidade na malha urbana, quantidades e hierarquia de vias em que se inserem, altimetria, dimensões em relação ao seu entorno imediato e em relação ao próprio edifício). A partir desses critérios, será possível classificar o grau de relevância dos elementos elencados (baixa, intermediária e alta relevância).

1. Localização no núcleo urbano

a) Vias

Tal como foi analisado o estudo da cidade de Lisboa, esse tópico será iniciado observando a relação entre os edifícios e as vias onde se encontram. Dos quatro exemplares selecionados da cidade do Porto, observou-se que em B, C e D (Quadro

---

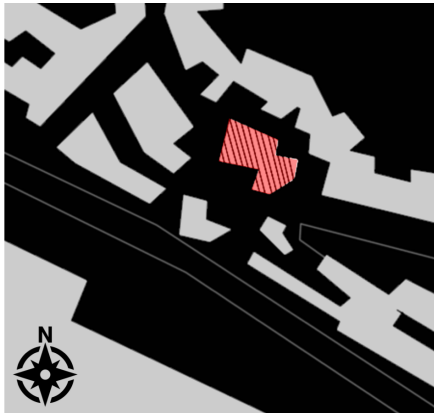
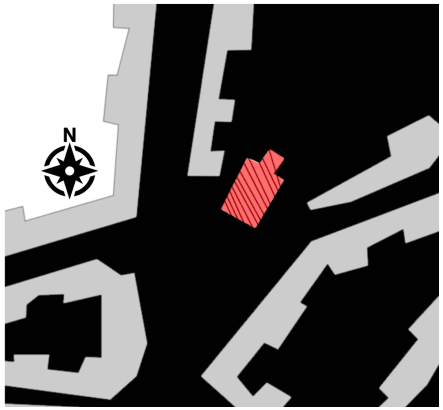
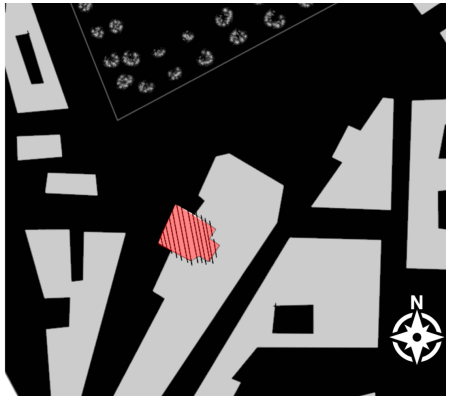
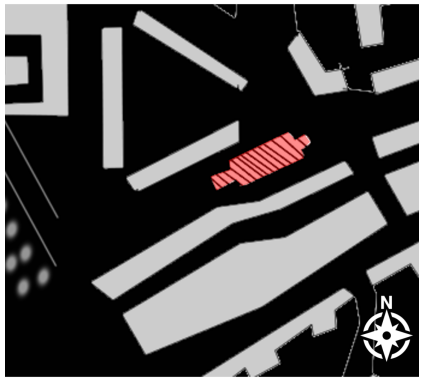
[48] O arquiteto italiano Nicolau Nasoni, chega ao Porto em 1725. Além da Torre dos Clérigos, foi ainda responsável, pelo Palácio do Freixo e pela fachada da Igreja da Misericórdia. (SMITH, 1966)

[49] João de Almada, urbanista da cidade, prolongou diversas ruas e construiu novas artérias no tecido urbano da cidade, transformando a cidade no que podemos observar hoje. Foi sucedido pelo seu filho Francisco de Almada, que irá continuar com a transformação da cidade. (FERREIRA, 1988)

65) o edifício se encontra em vias importantes da malha urbana. É preciso destacar que estão inseridos nas vias alargadas e implementadas na nova reconfiguração elaborada pelos Almada. No mapa A (Figura 29), a igreja está localizada em uma malha com resquícios medievais, porém não ausente de planejamento, mesmo que empírico, quando no ano de 1316 houve um incremento da via ribeirinha ligação sendo interligada à Miragaia (Figura 29), mantendo assim, um dos elementos da carga simbólica implícita na implantação dos edifícios religiosos.

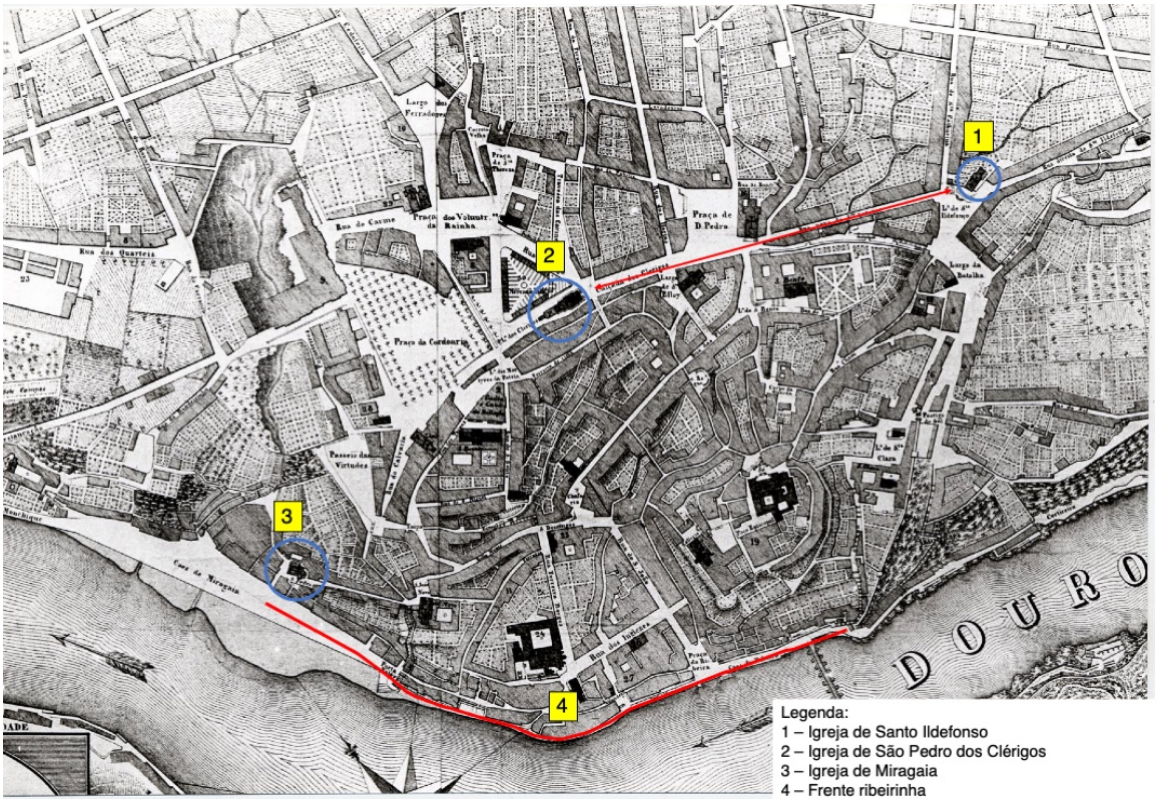
Quadro 65 - Vias no entorno das igrejas situadas na cidade do Porto. São Pedro de Miragaia - Santo Ildefonso - São José das Taipas - São Pedro dos Clérigos

A. Igreja de Santo Pedro de Miragaia: encontra-se na confluência de vias, funcionando como um ponto focal na malha. Circundada por vias, permite ao fiel a circulação pelo seu entorno.
B. Igreja de Santo Ildefonso: encontra-se na confluência de vias, funcionando como um ponto focal na malha. Circundada por vias, permite ao fiel a circulação pelo seu entorno.
C. Igreja de São José das Taipas: encontra-se na confluência de vias, funcionando como um ponto focal na malha.
D. Igreja de Santo Pedro dos Clérigos: situada em via eixo que liga a igreja de Santo Ildefonso. Circundada por vias, permite ao fiel a circulação pelo seu entorno.

A	B	C	D
			
Igreja de São Pedro de Miragaia	Igreja de Santo Ildefonso	Igreja de São José das Taipas	Igreja de São Pedro dos Clérigos

Elaboração: Autor (2021)

Figura 29 - Mapa da cidade do Porto de 1839



Fonte: Arquivo municipal do Porto - http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/315549/[50]

b) Implantação na malha urbana e topografia

Aqui serão abordadas as disposições dos edifícios dentro da malha urbana do Porto. As igrejas analisadas estão localizadas nos limites da antiga muralha Fernandina, externas a ela ou em suas bordas. As informações foram buscadas nos mapas do século XVII e XIX disponíveis e, posteriormente, para esta pesquisa, localizados os edifícios na imagem do *Google Earth* do Porto no século XXI. Para melhor compreender a relação com o entorno de cada igreja em questão, as igrejas foram destacadas nestas imagens em três dimensões fornecidas pelo Google Earth. (Figura 30)

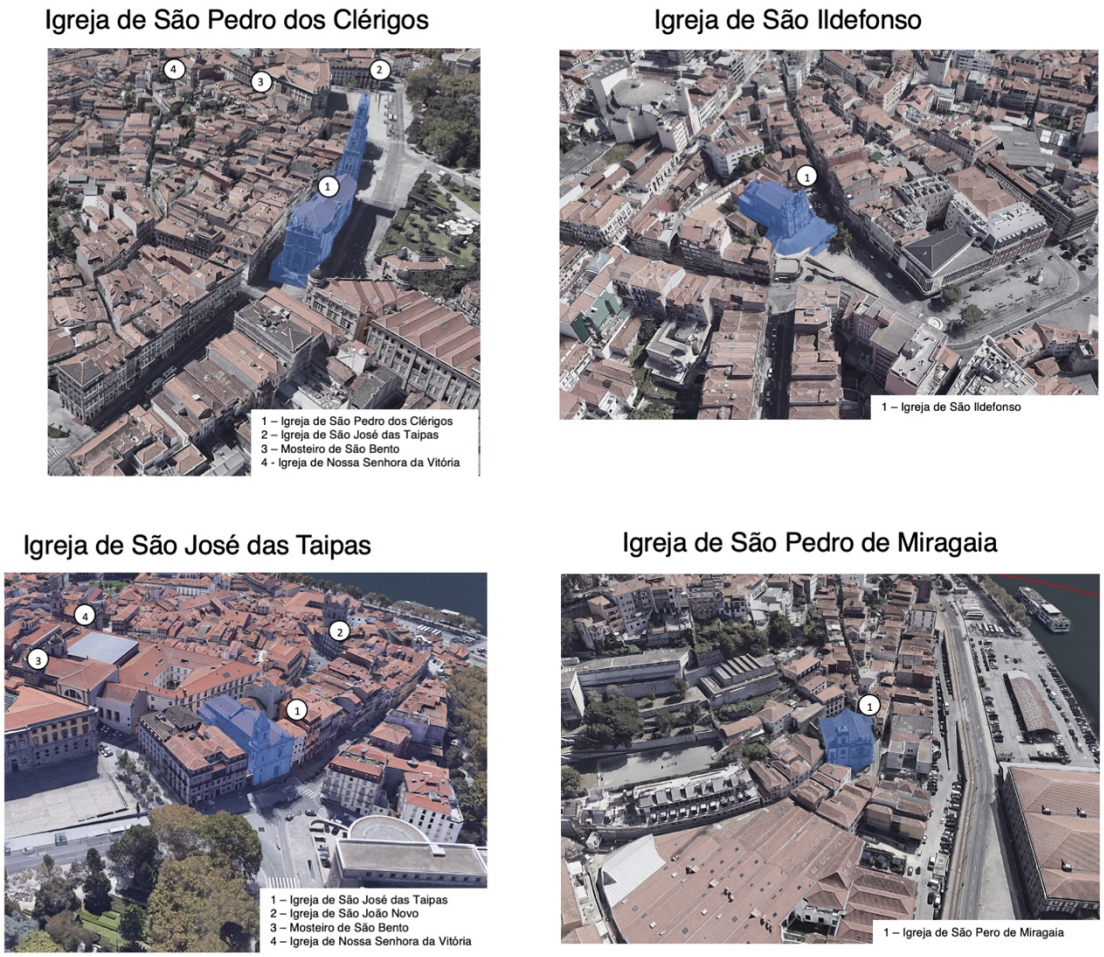
[50] Pormenor da planta desenhada pelo arquitecto, Joaquim da Costa Lima, em 1839. Com a seguinte legenda: "onde se vêem exactamente marcados todos os edifícios, praças públicas e ruas novamente abertas, bem como alguns projectos aprovados pelas autoridades municipais, para maior comodiadade de seus habitantes e beleza da mesma cidade. Ampliada e corrigida em 1839". Esta é a melhor representação do centro histórico realizada durante a 1.ª metade do século XIX, dela foi incumbido, Joaquim da Costa Lima, nomedo arquitecto da cidade em 1837. A 8 de fevereiro de 1840, 1 vereação ratificou a autorização dada pela Câmara anterior a Luciano Simões de Carvalho, para que se mandasse litografar a planta da cidade. Fonte: Arquivo Municipal do Porto.

As Igrejas dos Clérigos e de Santo Ildefonso estão inseridas em um eixo Calçada dos Clérigos – Rua Nova de Santo António, passando pela Praça de São Pedro, que é ladeada pela Igreja dos Congregados. Esse eixo foi um dos pontos em que as intervenções urbanísticas dos Almada atuou (Figura 30), criando uma perspectiva urbana ligando as duas igrejas congruente com o cenário barroco.

Observa-se através dos mapas que no entorno das igrejas existem outros edifícios de importância como por exemplo outras igrejas, e Santo Ildefonso é a igreja que possui o menor número de edifícios significativos em seu entorno (Figura 30) porém, ao verificar a sua posição topográfica, encontra-se na cota mais elevada da área analisada (Figura 30).

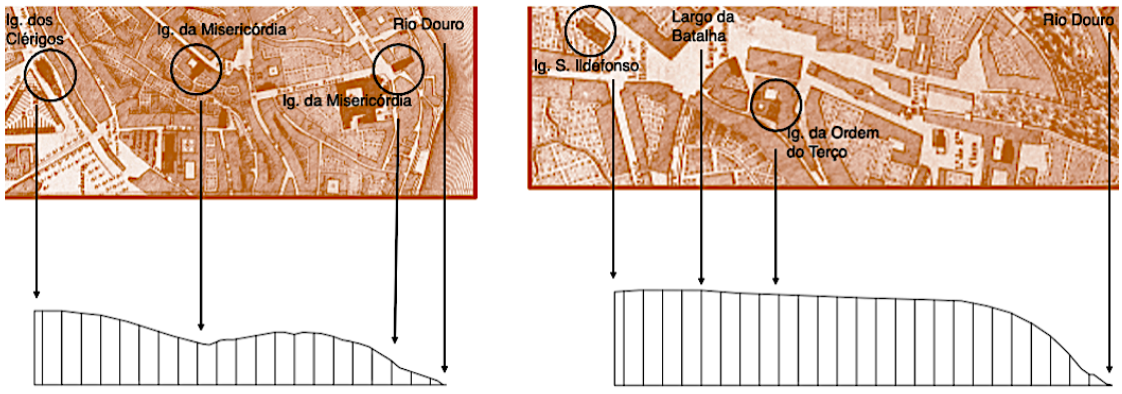
A igreja de São Pedro de Miragaia (Figura 31) encontra-se na cota mais baixa e próxima ao rio Douro. Possui em seu entorno algumas edificações significativas, dentre elas a Alfândega e outras igrejas que pertencem a uma malha viária, ainda com traços medievais, não estando inserida em grandes vias. Difere da igreja de São José das Taipas (Figura 31) que, ainda que de forma marginal, está localizada na continuação do eixo Clérigos – Ildefonso.

Figura 30 - Vista aérea das igrejas - Porto



Elaboração: Autor (2021) – Mapa base Google Earth

Figura 31 - Perfil esquemático da implantação das igrejas de São Pedro dos Clérigos e Santo Ildefonso - Porto



Elaboração: Autor (2021) – Elaborado sobre as imagens do Google Earth e os mapas datados de 1839

Segue abaixo (Quadro 66), quadro da compilação da análise dos elementos referentes ao critério: Localização no núcleo urbano.

Quadro 66 - Relevância dos elementos da arquitetura critério 1: Localização no núcleo urbano - Porto

Igreja	Relevância*			Elemento
	1	2	3	
Igreja de São Pedro de Miragaia	X			Vias
Igreja de Santo Ildefonso			X	
Igreja de São José das Taipas		X		
Igreja de São Pedro dos Clérigos			X	
Igreja	**Relevância***			**Elemento**
	1	2	3	
Igreja de São Pedro de Miragaia		X		Implantação na mala urbana
Igreja de Santo Ildefonso		X		
Igreja de São José das Taipas			X	
Igreja de São Pedro dos Clérigos			X	
*Como manifestação de poder (1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

2. Relação com o entorno

a) Acessos

Será tratado, neste elemento, o acesso ao edifício relacionado ao seu entorno imediato, além dos tipos e facilidades de acesso ao edifício e vias diretas permitindo o acesso da comunidade à igreja, ou seja, como os recursos arquitetônicos para isso acontecem em cada caso. Assim, três das quatro igrejas estudadas na cidade do Porto se inserem na zona onde houve intervenções urbanísticas no século XVIII e uma ainda permanece situada em malha de características medievais. Nos casos da igreja de São Pedro dos Clérigos e de Santo Ildefonso, a presença de escadas mais suntuosas para o acesso, foi observado. Nos quadros abaixo, as análises descritivas dos casos estudados na cidade do Porto. (Quadro 67, Quadro 68 e Quadro 69)

Quadro 67 - Acessos: São Pedro de Miragaia

Descrição	
A igreja de São Pedro de Miragaia é a única das quatro igrejas que ainda está inserida na antiga malha urbana da cidade. Possui características medievais, não foi impactada significativamente pelas transformações referentes aos alargamentos de vias, ocorridos no século XVIII, sendo acessada por pequenas vias as quais se encontram em um pequeno largo, que, conforme se observa nos mapas do século XIX (Figura 29) não possuem muitas diferenças do que se observa hoje em dia. Essa proximidade aos edifícios vizinhos e o acesso por vias mais estreitas, confere ao observador a surpresa cênica ao visualizar a igreja. Possui pequena escada com apenas três degraus para acessá-la, o que não confere grande suntuosidade ao edifício, mesmo estando ligeiramente numa cota mais alta em relação à via ribeirinha.	 Fonte: http://portoarc.blogspot.com/2012/12/bairros-da-cidade-xxiii.html
 Elaboração: Google Earth (2020). Modificado pelo autor	

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 68 - Acessos: São José das Taipas

Descrição	
Situada na porção mais elevada da zona central, está em via com pouca inclinação. É possível acessar o interior da igreja por duas portas na fachada central, mas com apenas uma diretamente à nave. Observa-se que a igreja de São José das Taipas possui tipologias de acessos próximos com a de Miragaia, pequena escada frontal, não tendo grandes dimensões ou vencendo grandes desníveis. Porém, apresenta um desenho em planta mais elaborado e quantidade maior de degraus, conferindo um grau maior de suntuosidade ao edifício.	 Fonte: http://portoarc.blogspot.com/2012/12/bairros-da-cidade-xxiii.html
 Elaboração: Google Earth (2020). Modificado pelo autor	

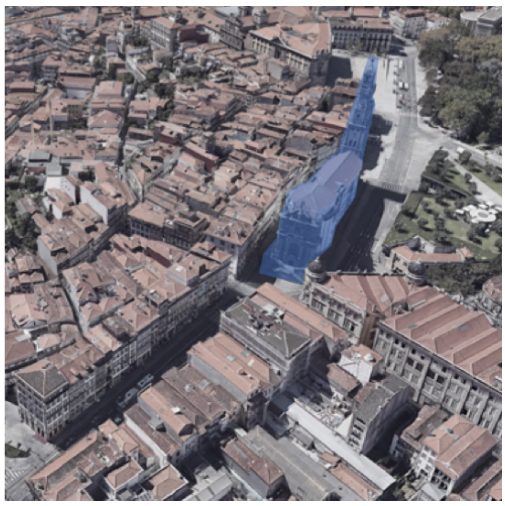
Elaboração: Autor (2021)

Quadro 69 - Acessos: Santo Ildefonso

Descrição	
Localiza-se no fim da via, apesar de não possuir paredes obstruídas por outros edifícios vizinhos, não possui via que a circunde. Seu acesso principal e único se faz pela escadaria frontal. Essa escadaria possui uma suntuosidade comparada à dos Clérigos, não vence o mesmo desnível, mas apresenta grandes dimensões horizontais, ocupando mais do que a extensão da fachada principal do edifício. Os acessos dessas duas igrejas foram são significativos e de grande relevância quando se observa sobre a ótica do impacto visual que causam ao observador. A primeira pela sua ornamentação e dimensões verticais e a segunda pela sua dimensão horizontal.	 Fonte:http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5464
 Elaboração: Autor (2020) – Base Google Earth	

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 70 - Acessos: Igreja de São Pedro dos Clérigos

Descrição	
Possui uma escadaria frontal em 2 lances no eixo da via, e que se encontra ainda mais em evidência pelo fato do edifício se posicionar na cota mais alta da rua. A igreja dos Clérigos possui uma abertura frontal central no eixo da fachada, mas que não dá acesso diretamente à nave, como nas outras igrejas. Possui duas outras entradas em sua lateral direta, sendo uma de menores dimensões junto ao volume da nave e outra mais ao fundo, essa apresentando mais ornamentos. Outra particularidade desse edifício é a sua torre (FIGURA 37). Trataremos desse elemento mais a frente, mas vale ressaltar a presença de um acesso independente na fachada posterior da igreja que acessa a torre, assim, proporciona ao edifício uma espécie de duas fachadas dada a importância da sua torre. O fato da igreja se encontrar no centro da via e não dividir parede com nenhum outro edifício, proporciona ao observador percorrer todo o entorno e visualizar várias visadas e acessos ao mesmo.	 Fonte: Autor (2017)
 Elaboração: Autor (2020) – Base Google Earth	

b) Escala

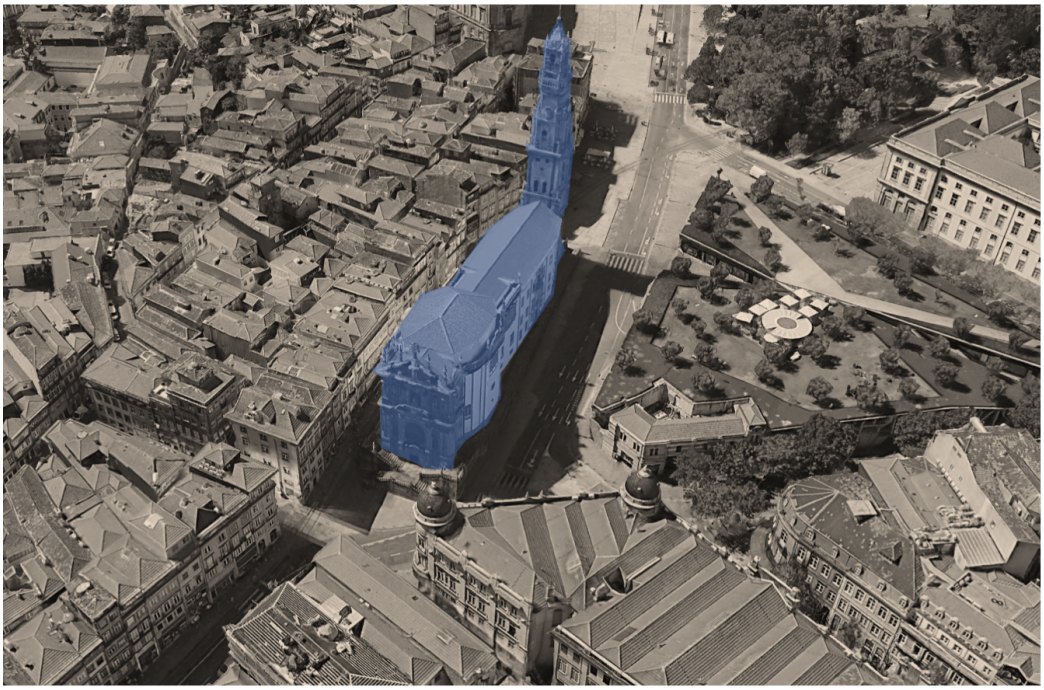
Como já citado no estudo das igrejas lisboetas, a escala do edifício é elemento de análise que está relacionado à expressão de poder. Além de ser capaz de destacar o edifício na paisagem, ele traz consigo uma ideia de poder econômico.

Sobre os edifícios analisados na cidade do Porto, é importante pontuar que foram observadas suas imagens atuais, porém foi de grande importância a análise da imagem da cidade através de documentos históricos que descrevem essa imagem tanto no século XVIII (Figura 36). A partir delas, conclui-se que as silhuetas dos edifícios são muito próximas ao que se encontra hoje, o que assegura a análise da escala próxima ao período estabelecido para a esta tese.

Sendo assim, foi observado que tanto a igreja dos Clérigos (Figura 32) quanto a de Santo Ildefonso (Figura 33) se destacam na paisagem em função da sua escala. São edifícios que possuem uma escala maior do que seus vizinhos. Ressalta-se também a particularidade detectada na primeira em função da presença da torre, que pode ser vista de longe, conforme gravura (Figura 36). Na igreja de Santo Ildefonso, o adro frontal auxilia e reforça e diferença de escala da igreja em relação à sua vizinhança.

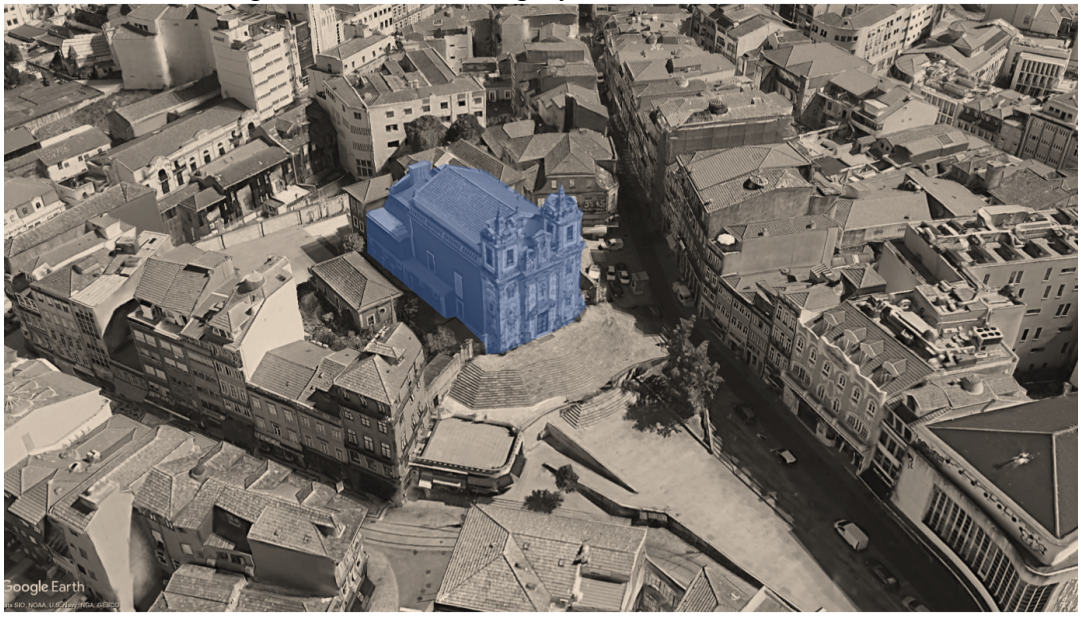
No caso das outras duas igrejas, São José das Taipas (Figura 35) e São Pedro de Miragaia (Figura 34), observa-se que a primeira consegue se misturar aos edifícios vizinhos pela sua escala e a ausência de um adro reforça essa pouca diferença entre ela e os edifícios lindeiros. Assim, as escalas dessas duas igrejas são mais próximas dos seus vizinhos, não se tornando esse elemento um diferencial de destaque em relação ao seu entorno imediato.

Figura 32 - Escala: igreja de São Pedro dos Clérigos



Fonte: Google Earth (2020). Modificado pelo autor

Figura 33 - Escala: igreja de Santo Ildefonso



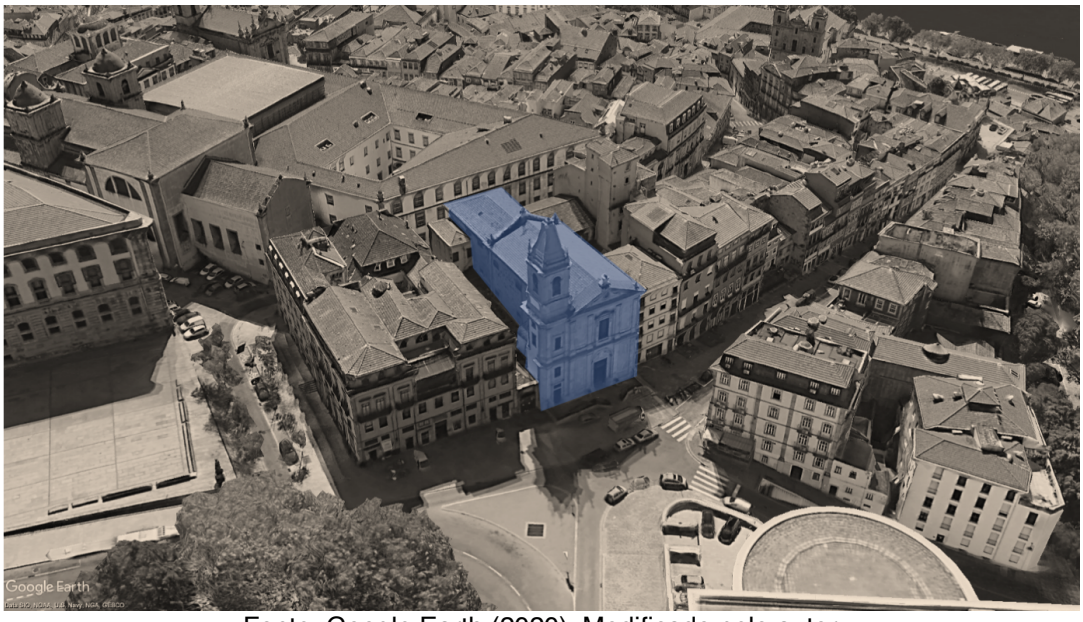
Fonte: Google Earth (2020). Modificado pelo autor

Figura 34 - Escala: igreja de São Pedro de Miragaia



Fonte: Google Earth (2020). Modificado pelo autor

Figura 35 - Escala: igreja de São José das Taipas



Fonte: Google Earth (2020). Modificado pelo autor.

Figura 36 - Gravura cidade do Porto - 1789



Fonte: http://www.bnportugal.gov.pt - Gravura de Teodoro de Sousa Maldonado *in Descripção Topographica e Historica da Cidade do Porto* de 1789

c) Elevação em relação a via e ao entorno

Conforme citado nas análises das igrejas lisboetas, a presença da escada está relacionada à parte dessa elevação do edifício em relação à via, o que em alguns casos enfatiza essa elevação. Os quatro exemplos analisados no Porto foram divididos em dois grupos: os que possuem escadarias e os que não possuem escadarias frontais.

No primeiro grupo, há as igrejas dos Clérigos e de Ildefonso (Quadro 71 e 72), e, no segundo grupo, as igrejas de Miragaia e Taipas. No primeiro grupo, observa-se uma elevação bem mais significativa das igrejas, em relação ao entorno, enfatizada pela escadaria frontal. O segundo grupo, a igreja de São José das Taipas (Quadro 74) se encontra quase que no mesmo nível dos outros edifícios com uma escada pouco significativa, porém ligeiramente mais ornamentada do que a de São Pedro de Miragaia (Quadro 73), que, apesar disso, se encontra no topo de um aclive, o que faz com que ela se apresente mais elevada para quem a acessa utilizando a ribeira.

Quadro 71 - Elevação em relação à via e ao entorno (Grupo 1): Igreja dos Clérigos

Localiza-se em via de eixo de ligação ascendente, apresenta desnível significativo em relação com a via. Em virtude dessas características, esse elemento apresenta grande relevância.	 Fonte: http://www.torredosclerigos.pt/pt/historia-e-arquitetura/torre-museu-da-irmandade-igreja/

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 72 - Elevação em relação à via e ao entorno (Grupo 1): Igreja de Santo Ildefonso

Localiza-se em via de eixo de ligação ascendente, apresenta desnível significativo em relação com a via. Em virtude dessas características, esse elemento apresenta grande relevância.	 Fonte: //hdl.handle.net/10405/1110

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 73 - - Elevação em relação à via e ao entorno (Grupo 2): Igreja de São Pedro de Miragaia

Localiza-se em sítio com pouca declividade e na confluência de vias. Não apresenta desnível significativo em relação com a via. Em virtude dessas características, esse elemento não apresenta relevância.	 Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00005470

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 74 - Elevação em Relação à via e ao entorno (Grupo 2): Igreja de São José Das Taipas

Localiza-se em sítio plano na confluência de vias. Não apresenta desnível em relação com a via. Em virtude dessas características, esse elemento não apresenta relevância.	 Fonte: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73488

Elaboração: Autor (2021)

O quadro abaixo (Quadro 75) sintetiza a relevância dos elementos do critério Relação com o Entorno, relacionados ao poder, para os casos estudados no Porto.

Quadro 75 - Relevância dos elementos relacionados ao critério 2: Relação com o entorno - Porto

Igreja	**Relevância***			**Elemento**
	1	2	3	
Igreja de São Pedro de Miragaia			X	Acessos
Igreja de Santo Ildefonso			X	
Igreja de São José das Taipas		X		
Igreja de São Pedro dos Clérigos			X	
Igreja	**Relevância***			**Elemento**
	1	2	3	
Igreja de São Pedro de Miragaia		X		Escala
Igreja de Santo Ildefonso			X	
Igreja de São José das Taipas	X			
Igreja de São Pedro dos Clérigos			X	
Igreja	**Relevância***			Elevação em relação com a via e ao entorno
	1	2	3	
Igreja de São Pedro de Miragaia	X			
Igreja de Santo Ildefonso		X		
Igreja de São José das Taipas		X		
Igreja de São Pedro dos Clérigos			X	
*Como manifestação de poder (1) Baixa relevância – (2) relevância intermediaria – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

3. O Edifício

a) Fachada

O Quadro abaixo indica a época em que as fachadas foram construídas. Vale lembrar que não foi possível identificar a data precisa de todas as igrejas por falta de documentação disponível. Sendo assim, foi utilizada, também como referência, a data de reconstrução da edificação como um todo e em alguns casos a data de reabertura e/ou início da construção (Quadro 76).

Quadro 76 - Data dos Frontispícios das igrejas - Porto

Data da execução dos Frontispícios	
Igreja	**Data**
Igreja de São Pedro de Miragaia	1740
Igreja de São Pedro dos Clérigos	1732
Igreja de São José das Taipas	1795
Igreja de Santo Ildefonso	1717

Elaboração: Autor (2021)

- Frontispício

Todas as igrejas selecionadas possuem uma única portada principal, com sua respectiva janela no andar superior, conforme se observa nas fachadas dos adros abaixo. A igreja dos Clérigos apresenta uma particularidade, pois, além dessa porta principal no eixo de entrada da fachada sem acesso direto à nave, possui duas outras no volume da fachada, porém localizadas em sua lateral (Quadro 71), que se convergem para o eixo da nave, sendo conduzidas pela escadaria. Todas as quatro igrejas analisadas apresentam o seu frontispício composto por quadrado na porção inferior e frontão triangular, entendido por vários autores como uma influência neoclássica. Sendo a igreja de São José das Taipas a mais neoclássica das quatro, sua ornamentação é menor tanto na portada principal, como na janela, apresentando também, poucos ornamentos nos arremates do frontão. A igreja de Miragaia e a das Taipas são as únicas com a presença de apenas uma torre sineira junto a fachada. Em Miragaia há uma maior ornamentação da fachada com relação aos ornamentos em janelas e porta. Apresenta também ornamentos nas paredes externas que são menos sóbrias que a das Taipas.

São José das Taipas também apresenta sobriedade na ornamentação a portada, mais ao estilo neoclássico, possui um relevo em arco, com escudo ao centro. A igreja de Miragaia traz mais ornamentação na portada do que a de Taipas, com a presença sobreverga com cimalha interrompida. Santo Ildefonso já possui uma ornamentação mais elaborada do que a Igreja de Miragaia, e de traços também mais austeros, com presença do santo padroeiro no topo. Por último, a Igreja dos Clérigos, com uma portada ao estilo Nasoni, com a presença de volutas e angulação juntos às ombreiras, que se entende ser a mais barroca das quatro igrejas (Quadro 78). A descrição detalhada dos elementos que compõem a fachada das igrejas se encontra nos apêndices desta tese.

Quadro 77 - Frontispício: igreja de São Pedro de Miragaia



Fonte: Autor (2020)



Fonte: www.monumentos.gov.pt

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 78 - Frontispício: igreja de São Pedro dos Clérigos



Fonte: Autor (2020)



Fonte:
www.monumentos.gov.pt

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 79 - Frontispício: igreja de São José das Taipas



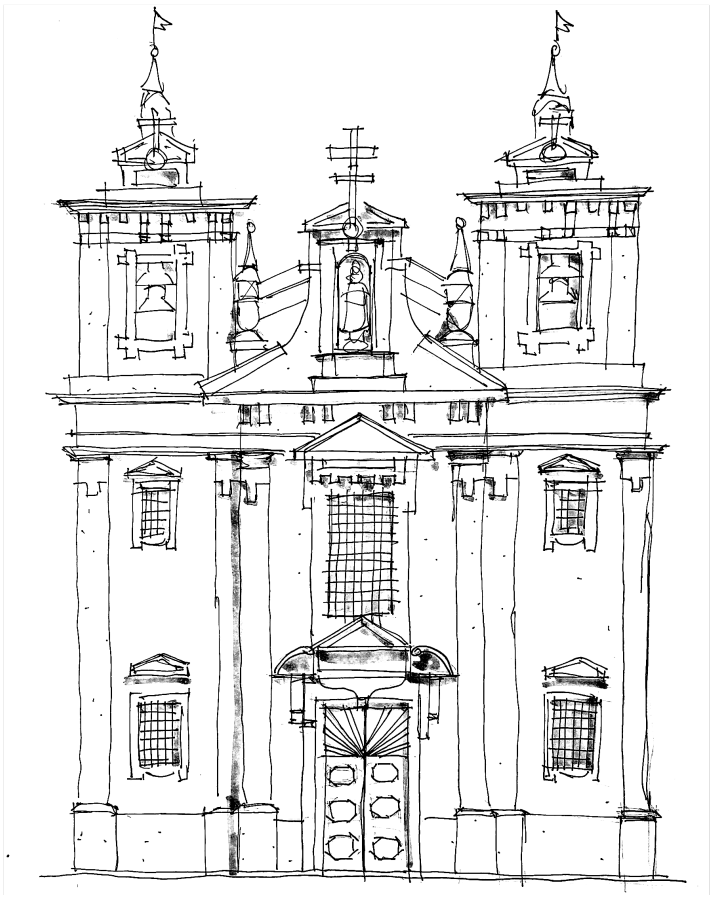
Fonte: Autor (2020)



Fonte:
www.monumentos.gov.pt

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 80 - Frontispício: igreja de Santo Ildefonso



Fonte: Autor (2020)



Fonte: www.monumentos.gov.pt

Elaboração: Autor (2021)

– Torre

Foi observada a presença de torres em todas as quatro igrejas em análise. As igrejas de São José das Taipas e de São Pedro de Miragaia possuem apenas uma torre lateral (localizada à direta), no plano da fachada, enquanto a igreja de Santo Ildefonso apresenta duas igrejas no plano da fachada. Salienta-se aqui o caso da igreja de São Pedro dos Clérigos, que possui uma particularidade em relação à presença de torres sineiras. Ela possui apenas uma torre, localizada na parte posterior da igreja e funciona quase como um elemento independente. A Torre dos Clérigos[51]

[51] Projeto do arquiteto italiano Nicolau Nasoni, apresenta características do barroco. “Torre de 75 m. de altura dividida em 6 registos por cornijas e com cunhais arredondados. Sobrepõem-se, no 1º registo, porta, medalhão com legenda bíblica e nicho com imagem de São Filipe de Nery; no 2º, uma janela; no

(Quadro 71) foi uma decisão da mesa diretora em 1746, contrariando o projeto inicial de duas torres. A torre virou um marco na cidade, tornando-se um dos principais pontos de referência na sua paisagem com seus 75 metros de altura (Figura 37) Abaixo, imagem das fachadas das igrejas e em destaque a figura da torre na composição (Quadro 81).

Quadro 81 - Fachadas e Torres - Porto



Elaboração: Autor (2021)

3º, sineira com frontão triangular e medalhão com monograma AM e chaves de São Pedro; no 4º, moldura com legenda bíblica e, na face oposta, janela com balaustrada. Seguem-se dois outros registos, sucessivamente mais recuados criando varandas com balaustrada e fogaréus nos cunhais; no último, abrem-se 4 sineiras, e tem remate em cúpula bolbosa de secção quadrada." (www.monumentos.gov.pt)

Figura 37 - Igreja de São Pedro dos Clérigos

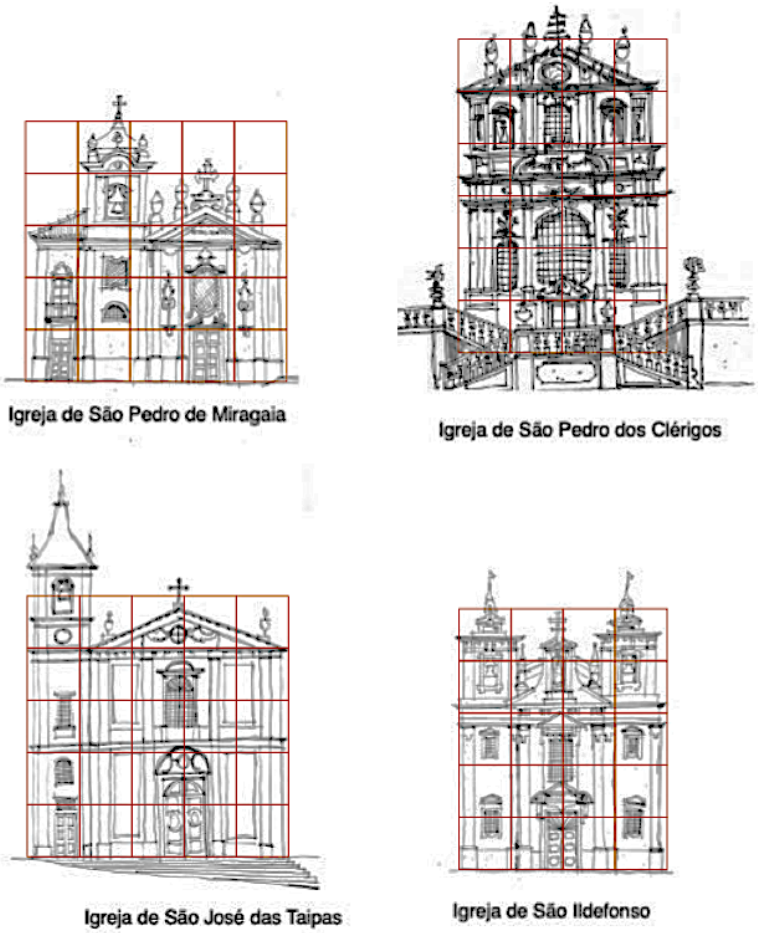


Foto à esquerda, perspectiva da via de acesso à igreja dos Clérigos pela fachadada da Torre. Foto à direita, perspectiva da via de acesso à Igreja dos Clérigos pela fachada frontal.
Fonte: Autor (2017)

– Simetria

Observando as quatro edificações, verifica-se a presença de simetria na fachada das igrejas de Santo Ildefonso e dos Clérigos. Pontua-se aqui que, neste primeiro momento, será descrito apenas o plano do frontispício. Nas outras duas igrejas – São Pedro de Miragaia e São José das Taipas - que possuem apenas uma torre lateral, esse fato por si só as descaracterizaria quanto elementos simétricos. Nota-se ainda a presença, em São Pedro de Miragaia, de outro volume à sua esquerda que dá acesso a outras dependências que não a nave da igreja, enfatizando ainda mais essa característica assimétrica. Vale ressaltar também que, ao analisar seus elementos constituintes em separado (frontispícios, torres e anexos), a simetria está presente tanto em Miragaia quanto em São José das Taipas (Figura 38).

Figura 38 - Fachadas e grade de proporção das Igrejas - Porto



Elaboração: Autor (2021)

Os quadros abaixo são a síntese das análises arquitetônicas dos elementos da fachada.

Quadro 82 - Relevância dos elementos como expressão do poder relacionados ao critério 3: Portadas - Porto

Presença de elementos ornamentais simbólicos nas portadas		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja de São Pedro de Miragaia		X
Igreja de São Pedro dos Clérigos		X
Igreja de São José das Taipas		X
Igreja de Santo Ildefonso		X

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 83 - Relevância dos elementos como expressão do poder relacionados ao critério 3: Torre Sineira - Porto

Presença de Torre Sineira na Fachada		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja de São Pedro de Miragaia	X	
Igreja de São Pedro dos Clérigos		X
Igreja de São José das Taipas	X	
Igreja de Santo Ildefonso	X	

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 84 - Relevância dos elementos como expressão do poder relacionados ao critério 3: Simetria - Porto

Presença de simetria nas fachadas		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja de São Pedro de Miragaia		X
Igreja de São Pedro dos Clérigos	X	
Igreja de São José das Taipas		X
Santo Ildefonso	X	

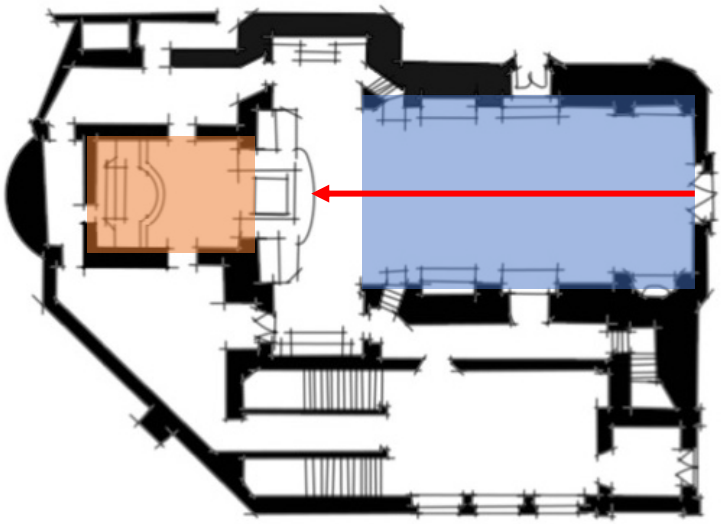
Elaboração: Autor (2021)

b) Planta

Todas as igrejas situadas em Porto também fazem parte do grupo de igrejas de nave única, de partido retangular, com exceção da igreja dos Clérigos que possui uma nave elíptica, tem a forma longitudinal, que proporciona um maior direcionamento do olhar para a capela-mor (Quadro 86). Apenas a igreja de Miragaia possui tribuna de honra em um dos lados do pavimento superior. Nenhuma das igrejas analisadas na cidade do Porto possuem balaustrada isolando o espaço das capelas laterais (teia), o que proporciona uma leitura de espaço único. Assim, não induzem uma hierarquia entre sacerdote e fiel, e nem delimitam os altares patrocinados por famílias integrantes da comunidade. Estes membros da comunidade financiavam estas obras por vários motivos, como, por exemplo, alcance de alguma graça (Quadro 85). Como no caso de Lisboa, buscou-se identificar se há presença de tribuna. Diferentemente dos casos de Lisboa, três das quatro igrejas do Porto possuem as tribunas de honra no andar superior. A exceção é a igreja de Santo Ildefonso (Quadro 88).

O nártex está presente na Igreja dos Clérigos. Verificou-se a existência do mesmo espaço, na Santo Ildefonso, que se entende ser uma antecâmara que funciona como uma transição entre o exterior (não sagrado) e o interior (sagrado) que acaba por acomodar a porta corta vento. As demais igrejas não possuem espaços análogos a esse. A descrição detalhada dos elementos constituintes da planta das igrejas se encontra nos apêndices desta tese.

Quadro 85 - Planta Igreja de São Pedro de Miragaia



Fonte: DGPC modificado pelo autor (2020)

*A igreja possui altares laterais, porém, não são delimitados pela balaustrada.

Legenda

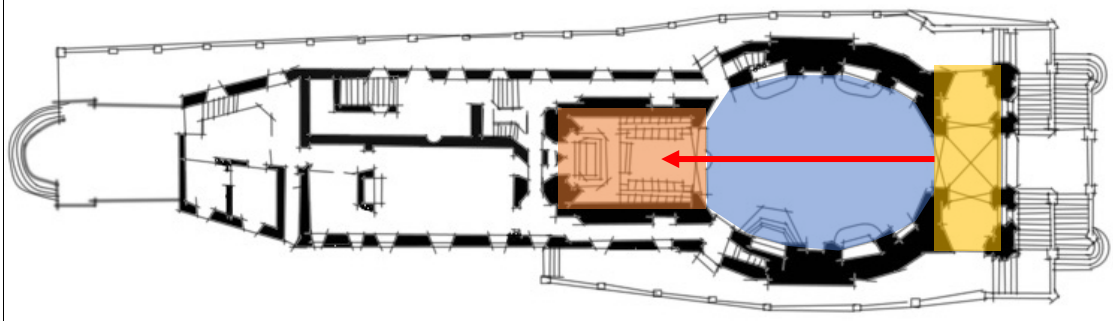
- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: https://www.portopatrimoniomundial.com/igreja-de-s-pedro-de-miragaia1.html

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 86 - Planta Igreja de São Pedro dos Clérigos



Fonte: DGPC modificado pelo autor (2020)

*A igreja possui altares laterais, porém, não são delimitados pela balaustrada.

Legenda

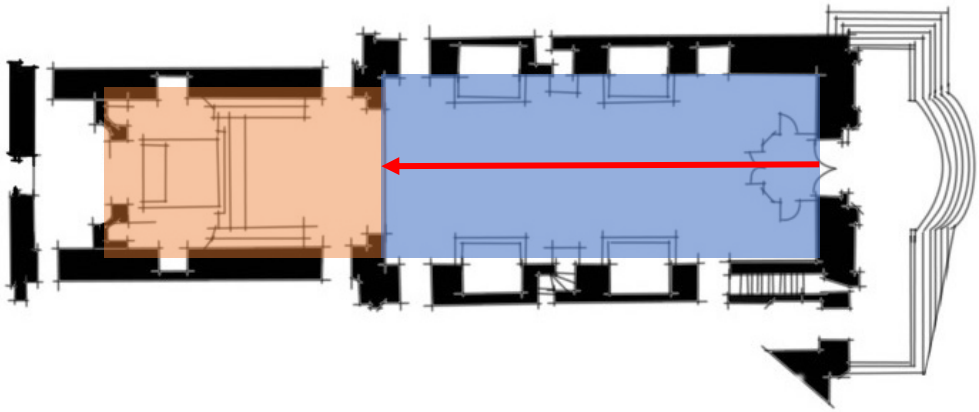
- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: Autor (2017)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 87 - Planta Igreja de São José das Taipas



Fonte: DGPC modificado pelo autor (2020)
*A igreja possui altares laterais, porém, não são delimitados pela balaustrada.

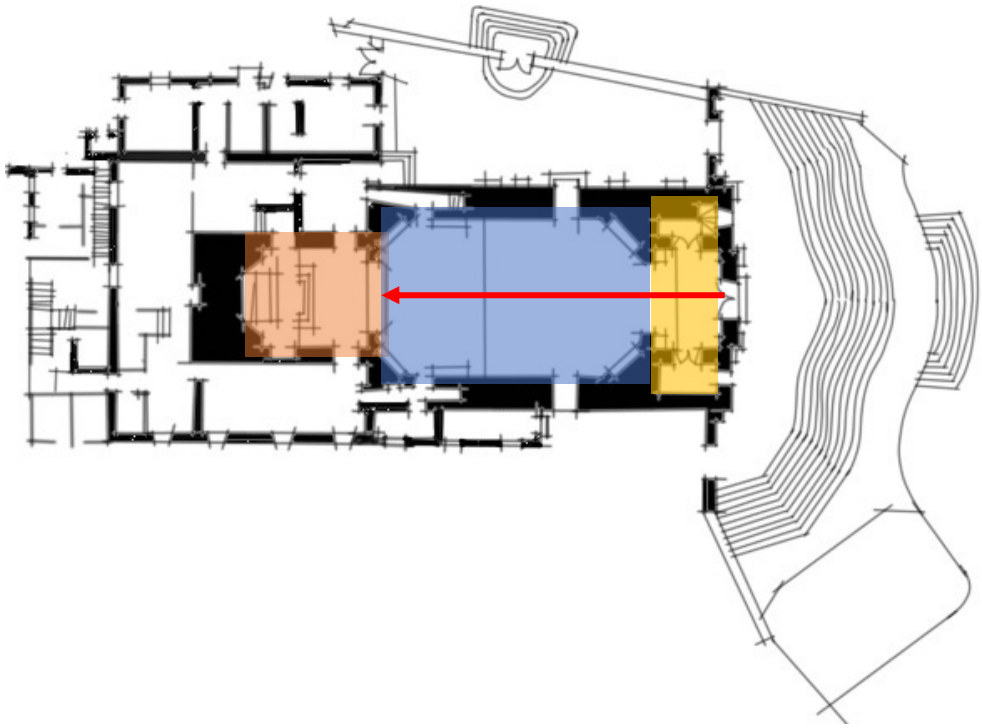
Legenda

- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5565
Elaboração: Autor (2021)

Quadro 88 - Planta Igreja de Santo Ildefonso



Fonte: DGPC modificado pelo autor (2020)

Legenda

- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: https://www.freepik.com/premium-photo/church-saint-ildefonso_4491862.htm#page=1&query=san%20ildefonso&position=7

Elaboração: Autor (2021)

Nos quadros abaixo, uma síntese da descrição analítica arquitetônica referente aos elementos da planta.

Quadro 89 - Presença dos elementos pertencentes ao critério 3: Tribunas – Porto

Presença de tribunas		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja de São Pedro de Miragaia	X	
Igreja de São Pedro dos Clérigos	X	
Igreja de São José das Taipas	X	
Santo Ildefonso		X

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 90 - Presença dos elementos pertencentes ao critério 3: Balaustrada - Porto

Presença de balaustrada		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja de São Pedro de Miragaia		X
Igreja de São Pedro dos Clérigos		X
Igreja de São José das Taipas		X
Santo Ildefonso		X

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 91 - Presença dos elementos pertencentes ao Critério 3: Nártex - Porto

Presença de Nártex		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja de São Pedro de Miragaia		X
Igreja de São Pedro dos Clérigos	X	
Igreja de São José das Taipas		X
Igreja de Santo Ildefonso	X	

Elaboração: Autor (2021)

3.4.2. Em busca da expressão do poder na arquitetura religiosa: O Caso do Porto

Neste tópico, serão analisadas as descrições feitas das igrejas selecionadas na cidade do Porto.

a) O edifício na malha urbana e a relação com seu entorno.

Identificou-se que três igrejas estão localizadas em vias e eixos importantes da malha urbana modernizada no século XVIII. Apenas a igreja de Miragaia não se encaixa nessa situação, porém, sua relação com as vias, que possuem características ainda medievais, apresenta-se como uma forma radial. Ou seja, a igreja insere-se na confluência das vias, posicionando-se nesse ponto focal da malha.

Analisando as relações topográficas de cada igreja, são destacadas as igrejas de Ildefonso e Clérigos, localizadas em um eixo de ligação entre si, de onde podem mutuamente se observar. Estão nos pontos de maior cota em relação ao rio Douro, trazendo como consequência maior destaque na paisagem, o que não acontece com a igreja de São José das Taipas, a qual, apesar de se encontrar em uma cota próxima a dos Clérigos, não apresenta o mesmo destaque na paisagem por outros fatores. Novamente observa-se que a igreja de Miragaia possui uma particularidade quando comparadas às demais. Ela se localiza mais próxima à cota do rio, porém está ligeiramente elevada em relação à via ribeirinha, assim se destaca localmente. Ou seja, mesmo numa cota mais baixa do que a das Taipas, ela sinaliza uma importância ou significância maior para o observador tanto originário da ribeira como do próprio rio. Conclui-se que o destaque do edifício se faz no conjunto das condicionantes: cota, vias e localização geral na cidade.

No critério de relação com o entorno, questões bem distintas foram observadas. Há casos em que o acesso se faz por múltiplos caminhos, como Miragaia, que, pelo fato de se localizar em malha ainda com características medievais, insere-se em uma confluência de caminhos, transforma-se em um elemento surpresa para o observador, reforçada pelo fato das ruas serem mais estreitas do que nos outros três casos. Não é totalmente descolada de outros edifícios e não apresenta todas as paredes livres, que impeça a circulação ao seu redor. Essa mesma característica foi observada na igreja das Taipas, pois possui somente a fachada frontal livre para a

observação, mescla aos outros edifícios em seu entorno, proporcionando apenas um acesso. As igrejas de Ildefonso e Clérigos apresentam características diferentes. A primeira possui paredes livres ao seu redor, o que propicia ao observador/fiel a circulação ao seu entorno. A segunda tem uma situação ainda mais singular, pois se encontra circulada por vias e junta-se a isso o fato de estar localizada no eixo viário que a liga a Santo Ildefonso. Apenas Miragaia e Ildefonso possuem o que se pode considerar um largo a sua frente, o que realça o acesso ao edifício. A igreja dos Clérigos tem o acesso valorizado pela existência do eixo e das entradas alterais. A igreja de São José das Taipas, apesar de inserida em uma via significativa, isso não se traduz em um acesso marcante que realce o edifício.

Sobre as escalas dos edifícios e seu entorno, observa-se que a igreja de São José das Taipas não se destaca na paisagem. A igreja de São Pedro de Miragaia se apresenta como um elemento de destaque, apesar de estar inserida em uma malha mais fechada e de maior proximidade a edifícios vizinhos. Santo Ildefonso e Clérigos são os exemplos em que a escala do edifício mais se faz notar. Isso é devido à pouca proximidade dos vizinhos, uma posição mais elevada e localização em relação com as vias. Essa relação de tamanho relativo é reforçada e enfatizada pela escadaria frontal dos edifícios. Nota-se que essas duas últimas possuem as maiores e mais significativas escadarias frontais das quatro igrejas. O que faz com que o observador tenha uma maior sensação de opulência do edifico. Abaixo, o quadro (Quadro 92) com a síntese desses elementos analisados.

Quadro 92 - O Edifício na malha urbana e a relação com seu entorno: uma análise intraurbana - Porto

CRITÉRIO	ELEMENTO	Relevância*		
		1	2	3
Localização no núcleo urbano	Vias			X
	Implantação e topografia			X
Relação com o Entorno	Acessos			X
	Escala			X
	Elevação em relação a via e ao entorno		X	
*(1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

b) O Edifício

No frontispício das igrejas, há poucas janelas e é comum a presença de apenas uma no alinhamento da portada principal. Apenas Santo Ildefonso possui três janelas no nível do coro. A dos Clérigos são três janelas ao nível do nártex, o terço superior mantém essa métrica, porém apresenta apenas uma janela no eixo central e 2 nichos laterais no eixo das janelas laterais. Com exceção dessa última, todas possuem torres no plano da fachada – Miragaia e Taipas apenas uma e Ildefonso duas – a dos Clérigos não apresenta torre na fachada. Com relação aos ornamentos a das Taipas é a menos ornamentada e todas possuem partido de frontão triangular. O cuidado ornamental na portada em ordem decrescente pode ser listado desta forma: igrejas dos Clérigos e das Taipas, Ildefonso, Miragaia e Taipas. A torre é um elemento marcante em todas as igrejas, porém é ausente na fachada apenas na igreja dos Clérigos. Essa ausência nada muda sobre a significância desse elemento ao edifício, pois é das únicas torres que quase tem uma espécie de "vida própria", dado o seu tamanho e sua estética barroca. É elemento visível e componente da estética do edifício nas outras três situações. A igreja de Santo Ildefonso é a única a apresentar duas torres, ladeando o plano da fachada. É um importante elemento de referência da paisagem.

Nos casos em que existem apenas uma das torres laterais, a simetria da fachada do edifício como um todo fica comprometida, por isso a simetria de fato se limita apenas às igrejas de Ildefonso e dos Clérigos.

Todas as quatro igrejas apresentam a tipologia de planta retangular com apenas uma nave, no estilo chão, com capela-mor em posição posta à fachada no sentido longitudinal, o que reforça sensação de foco visual para a capela. Não apresentam balaustrada dividindo a área das capelas alterais do restante da nave. Essa balaustrada cria uma área exclusiva das famílias financiadores das capelas laterais. O mesmo acontece com as tribunas, que estão presentes em três dos quatro edifícios. Esse elemento, por natureza, estratifica e realça as divisões sociais e hierárquicas durante o culto. No quadro abaixo (Quadro 93), a síntese dos elementos analisados.

Quadro 93 - O Edifício - Porto

CRITÉRIO	ELEMENTO	Relevância*		
		1	2	3
O Edifício	Portadas		X	
	Torre Sineira			X
	Simetria			X
	Nártex		X	
	Tribunas			X
	Balaustrada	X		
*Como manifestação de poder (1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

3.5. Considerações sobre a arquitetura como discurso de poder em Portugal

Para elaboração das considerações sobre como a arquitetura religiosa é uma expressão de poder no século XVIII em Portugal, este texto foi organizado de acordo com os critérios e seus respectivos elementos analisados nas edificações. Foram no total doze edificações analisadas, sendo oito delas na cidade de Lisboa e quatro na cidade do Porto.

Foi necessária uma contextualização temporal e geográfica dos casos de estudo para haver uma melhor compreensão do papel da arquitetura religiosa, ou da própria religião católica, a fim de haver uma análise sobre a ótica do século XXI, mas sim, uma aproximação máxima possível do século em questão. Segundo Unwin:

> Ao tentar entender os poderes da arquitetura, precisamos estar cientes das condições em que eles se aplicam. Embora seus limites não possam ser definidos, e devam, talvez, ser revistos sempre, a arquitetura não é uma arte mental livre. (UNWIN, 2013a, p.24)

A arquitetura foi analisada como um discurso, pois assim ela é capaz de transmitir informações e, segundo Foucault, o discurso é uma maneira de imposição sobre o ouvinte, é um conjunto de maneiras de comunicar certo conteúdo e independe da linguagem utilizada. Em sua análise, Aristóteles divide o discurso em três elementos: *Ethos*; *Pathos* e *Logos*. O primeiro é o constituinte da construção da credibilidade de quem transmite esse discurso (*Ethos*); o segundo, o conteúdo emocional (*Pathos*) que é implicado ao discurso e, por último, a materialização do discurso (*Logos*).

Entende-se que a arquitetura se aproxima com os conceitos de mecanismo de poder elaborados por Foucault quando se compreende que ela tem a capacidade de distribuir os corpos no espaço e se exerce o controle temporal. Através desse conceito pode-se destacar os elementos constituintes da arquitetura que contribuem para os mecanismos.

Sendo assim, foram observados, nesta tese, elementos que em conjunto são responsáveis pela carga emotiva da arquitetura e os organizadores do espaço e controladores de tempo ou referências temporais, consideradas as suas funções nas igrejas. Na abordagem dos critérios, foram consideradas as teorias vitruvianas e os tratados de arquitetura que definem critérios de decoro para as edificações religiosas

a) O edifício na malha urbana e a relação com seu entorno

A disposição dos edifícios no núcleo urbano demonstra, em uma escala macro, a importância do edifício e o quanto ela pode impactar na sua organização espacial. Após a análise da localização dos edifícios no núcleo urbano, feita de forma quantitativa e qualitativa dos casos de Lisboa, foi observada uma relação com a via que pouco define a expressão do edifício. Em sua maioria, não apresenta grande destaque em relação com a via que realce uma influência do edifício. Isso tornou-se mais claro nessa pouca relevância na relação igreja – via, quando os edifícios foram analisados dentro da malha Pombalina. Conclui-se que as transformações urbanas setecentistas em Lisboa não reforçam a discurso de poder do edifício religioso. Diferente do que se observa no Porto, onde as reformas urbanas acabaram por enfatizar as igrejas, como no caso de São Pedro dos Clérigos e Santo Ildefonso. Na cidade do Porto, os edifícios impactados por uma malha setecentista tiveram um maior destaque na paisagem do que os casos em Lisboa. Entende-se que, no caso de Lisboa, as modernizações do século XVIII interferiram nesses elementos constituintes do discurso de poder das igrejas de forma a diminuir o seu protagonismo, o que de certa forma diminui seu impacto na construção do discurso de poder, e na sua expressão. A capacidade de organização urbana relacionada a distribuição de corpos no espaço, definidas por Foucault, perde força pelo fato dos edifícios não terem como ponto forte o domínio da referência espacial na maioria dos casos em Lisboa. Diferente do que acontece no Porto, onde esse protagonismo acontece, edifícios como ponto focal, elevação em relação ao entorno e sendo ponto focal na paisagem.

Outra questão que reforça a manifestação do poder, mas nesse caso a capacidade de provocar emoções, analisando de forma macro, é seu destaque na paisagem proporcionado pela sua escala em relação aos outros edifícios conformadores desta paisagem. Esse caráter monumental que a uma escala maior do que o entorno proporciona acaba por reforçar o discurso de poder através das emoções, citadas por Milton Santos, provocadas nos fiéis.

Analisando as relações dos edifícios nas cidades de Lisboa e Porto, observa-se a pouca investida arquitetônica nos acessos a igreja. Salvo algumas exceções como o caso da igreja de Santo António, em Lisboa, não foram utilizadas grandes escadarias ou outro tipo de recurso que proporcione ao observador uma sensação de opulência, como a implantação em aclive. Não é um elemento componente do edifício, de forma sistemática, que possa ser considerado um elemento relevante na construção do discurso de expressão do poder. Diferente do que se observa em duas das igrejas analisadas no Porto. Tanto a dos Clérigos como a de Ildefonso apresentam a utilização de uma escadaria frontal bem relevante em virtude das suas dimensões no plano horizontal, vertical e ornamental. O que impacta também na elevação da igreja em relação ao seu entorno.

Esses elementos contribuem para o discurso do poder distribuindo corpos no espaço, através do seu destaque em relação ao entorno imediato, e despertando emoções, à medida em que o observador é levado a um percurso de ascensão, foram observados como mais significante no Porto do que em Lisboa. Por fim, foi observado que as poucas igrejas funcionariam como ilhas conforme o tratado de Borromeo: “Segundo o tratado de S. Carlos Borromeu, a igreja deveria assemelhar-se a uma ilha, com as suas paredes separadas das paredes de outras casas.” (VECHINA, 2018)

Assim, nota-se que em Lisboa os edifícios inseridos na malha Pombalina não estão “soltos” na malha urbana, dificultando a sua observação como objeto de destaque na paisagem. Pode-se observar nas igrejas de Santo António e Santo Estevão que o observador pode circular livremente em seu entorno, o que facilita a realização de eventos religiosos, como o caso das procissões. Já na cidade do Porto, a igreja de São Pedro dos Clérigos é o caso perfeito disso, pois é circundada por vias em todos os lados. Uma situação próxima a essa encontra-se nas igrejas de Santo António e Santo Estevão, em Lisboa. Porém na primeira, não é possível observar

todas as quatro fachadas da igreja; já na segunda, a grande proximidade com os edifícios vizinhos não propicia ângulos visuais para se observar toda a fachada, apesar de estarem todas as paredes livres. Uma outra situação que faz parte desse discurso refere-se ao edifício como um ponto focal. Essa tendência é notada nas igrejas inseridas nas malhas de características medievais e na cidade do Porto na malha setecentista. Via de regra, os edifícios inseridos na malha setecentista lisboeta perderam essa característica de ponto focal, característica que contribui para a distribuição dos corpos no espaço e no despertar das emoções. O quadro 94 resume a relação dos elementos da análise intraurbana para as cidades de Lisboa e Porto, em Portugal.

Quadro 94 - O Edifício na malha urbana e a relação com seu entorno: uma análise Intraurbana - Relação entre Lisboa e Porto

Igreja	**Relevância***			**Elemento**
	1	2	3	
Lisboa		X		Vias
Porto			X	
Lisboa		X		Implantação e topografia
Porto			X	
Lisboa		X		Acessos
Porto			X	
Lisboa	X			Escala
Porto			X	
Lisboa	X			Elevação em relação a via e ao entorno
Porto		X		
*Como manifestação de poder (1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

b) O Edifício

O edifício, junto com seu entorno, compõe o discurso que expressa poder e sua inserção na paisagem é condição que reforça a mensagem a ser transmitida. Mas o objeto arquitetônico por si só expressa uma mensagem de poder, que se completa com a sua inserção no contexto urbano. Seja ele através da provocação das emoções de questões culturais ou legais. “Em geral, o uso da arquitetura que prevalece em qualquer situação é uma questão de poder – político, financeiro ou de reivindicação, argumento, persuasão.” (UNWIN, 2013a, p.26)

Foram analisados elementos constituintes da arquitetura religiosa cuja função possuem a capacidade de organizar hierarquicamente as pessoas, causar emoções, servir de referência espacial, ditar regras e controlar o tempo da comunidade em que se inserem, entre outros atributos.

Analisando as fachadas dos edifícios, foram destacados elementos que acabam por exercer impacto na vida da comunidade de forma a condicioná-los compondo o repertório arquitetônico que expressa poder. Há presença de torres sineiras nas igrejas, mas que não é um elemento presente como regra em Lisboa, como acontece no Porto. As torres passam quase que desapercebidas na maioria das igrejas de Lisboa. São presentes apenas em três das igrejas situadas no bairro da Alfama, ou seja, inseridas na malha medieval e sem interferências das intervenções urbanas pombalinas pós-terremoto, o que reforça a tese de que é um elemento que contribui para a percepção do edifício na paisagem, contribuindo tanto para a distribuição de corpos no espaço como também para causar emoções aos fiéis.

A presença do Nártex não aparece com frequência nas igrejas analisadas. É importante apontar que esse elemento que, neste estudo, foram destacados nas igrejas não são exatamente um nártex. Acabam por ser uma espécie de espaço de transição entre o profano e o sagrado, demarcando essa passagem. São incorporados ao interior da igreja no prolongamento da nave e marcados por um pé direito baixo, por se localizarem sob o coro alto, possuindo delimitações de espaço bem definidas. Conclui-se não ser um elemento na constituição do discurso de poder, ao distribuir copos no espaço. Vale ressaltar também que o nártex se faz presente de forma mais evidente nas igrejas cujas características, principalmente na fachada, são barrocas, tanto nas igrejas de Santo António (Lisboa) como São Pedro dos Clérigos (Porto). É importante apontar que esses elementos foram destacados nas igrejas porque eles de fato constituem, numa pesquisa voltada para questões morfológicas como esta, um espaço fisicamente bem demarcado, sobre o qual não se pode ficar indiferente.

Os elementos simbólicos de ornamentação nos frontispícios e fachadas é recorrente nas igrejas das duas cidades. Componente da face de primeiro contato do observador com o edifício, responde por transmitir informações sobre o que se encontrará no interior dele. Compõe a materialização do *Pathos* aristotélico do edifício, com a presença de imagens do orago e escudos das ordens e também são elementos

que através do simbolismo e da beleza (descritas por Vitrúvio como características inerentes da arquitetura e que sempre se objetiva alcançar) provocam emoções aos fiéis.

Por fim, analisando a espacialidade interna das igrejas, observa-se que, de maneira geral, apresentam um desenho em planta de nave única, retangular, com ponto focal a capela-mor. Unwin (2013b), define o foco como elemento que concentra a visão do usuário. Assim o formato retangular e, em alguns casos, ovalado e localizada a capela-mor na extremidade da maior dimensão da forma, proporciona essa atenção naquilo que é considerado pela liturgia da Igreja Católica, o local mais sagrado e importante da igreja.

O espaço litúrgico por natureza é um espaço que segrega. Desde sua entrada até o lugar da apoteose litúrgica, ou seja, o altar-mor se organiza como corpos no espaço que, segundo Foucault, é um dos mecanismos de expressão de poder. Do nártex, local dos não batizados (sua origem primitiva) chega-se ao salão da nave, que se divide no espaço geral para os fiéis, o espaço para as capelas laterais (fruto do esforço de algumas famílias na maioria das vezes de maiores posses) que em alguns casos chega a ser separado por balaustrada, esta muito presente nas igrejas analisadas de Lisboa e inexistente nas igrejas analisadas no Porto, ainda que estas últimas apresentem em sua totalidade capelas laterais. O mesmo foi observado nas tribunas de honra, espaço destinado aos membros do clero e da coroa. Sobre esse elemento, existe uma inversão entre as duas cidades, presente nas igrejas do Porto e ausente nas igrejas de Lisboa. O quadro 95 apresenta a relação dos elementos da análise do edifício para as cidades de Lisboa e Porto, em Portugal.

Quadro 95 - O Edifício - Relação entre Lisboa e Porto

Igreja	Presença			Elemento
Lisboa	X			Nártex
Porto		X		
Lisboa			X	Presença de elementos ornamentais e simbólicos nas portadas
Porto		X		
Lisboa	X			Presença de Torre Sineira na Fachada
Porto			X	
Lisboa	X			Presença de tribuna
Porto			X	
Lisboa			X	Presença de Balaustrada
Porto	X			

Elaboração: Autor (2021)

O objetivo dessas análises é identificar a presença de elementos da morfologia arquitetônica considerados componentes do discurso de poder da religião. Para tanto, procurou-se identificar os conceitos de poder, como ele pode se manifestar, e de que maneira ele impacta na sociedade do século XVIII. Para isso, é preciso entender o contexto da arquitetura religiosa em Portugal com o intuito de aproximar das relações da Igreja Católica com o poder e como ela se manifestou ao longo dos tempos.

Através dos elementos constituintes da arquitetura religiosa, buscou-se, neste estudo, as suas funções práticas e as relações que essas funções têm com o exercício do poder, ou seja, através desses elementos quais pontos das relações sociais eles tocam. Pontos tais como: questões de hierarquia social, referências temporais e espaciais em uma escala urbana e do edifício. Percebe-se a presença de elementos simbólicos e ornamentais de forma frequente nas fachadas dos edifícios, a maior inclusão dos fiéis com a ausência do nártex. Também se notou a não utilização, de forma sistemática, de tribunas e balaustrada, esta última na separação dos espaços das capelas laterais. A utilização das torres sineiras acontece de forma sistemática, mas não no plano da fachada, elemento que marca na paisagem urbana e determina o tempo e os acontecimentos na vida da comunidade.

O próximo capítulo tratará das análises dos casos localizados na capitania de Minas Gerais.

Capítulo 4: as manifestações de poder religioso na arquitetura da capitania de Minas Gerais no século XVIII



Vila Rica (Ouro Preto) – Minas Gerais
Ilustração: Fábio Vasconcellos

"Os dias nunca amanhecem serenos: o ar é um nublado perpétuo; tudo é frio naquele país, menos o vício, que está ardendo sempre. Eu, contudo, reparando com mais atenção na antiga e continuada sucessão de perturbações que nelas se vêem, acrescentarei que a terra parece que evapora tumultos: a água exala motins; o ouro toca desaforos: destilam liberdades os ares; vomitam insolências as nuvens; influem desordens os astros: o clima é tumba da paz e berço da rebelião; a natureza anda inquieta consigo, e amotinada lá por dentro, é como no inferno." (SOUZA, Laura de Mello e Souza. 1994. p. 59)

Capítulo 4 – as manifestações de poder religioso na arquitetura brasileira no século XVIII

4.1. Introdução

No capítulo anterior, foram analisadas as igrejas situadas em Lisboa e no Porto, abordando cada cidade separadamente e depois relacionadas entre si. Neste capítulo, será usado o mesmo formato. As vilas mineiras serão analisadas separadas para a posterior relação entre as duas. A análise das igrejas em Minas Gerais será feita abordando a relação entre a produção arquitetônica e as irmandades religiosas na capitania, pois há uma estreita ligação entre tais irmandades e o desenvolvimento da arquitetura religiosa nessa região do Brasil. As análises são feitas tomando como base as observações feitas para os edifícios tais quais se encontram atualmente, em pleno século XXI e nos registros históricos, buscando uma compatibilização para a compreensão do contexto do século XVIII o mais próximo possível.

4.2. Arquitetura e religião em Minas Gerais no século XVIII: Irmandades, confrarias e Minas Gerais

Durante o século XVIII, as confrarias religiosas se proliferaram por todo Portugal, atingindo um grande número e congregando milhares de indivíduos. Dentre os fatores que motivaram a população a ingressar nas irmandades, houve a necessidade de se conseguir o número maior possível de interlocutores entre o mundo terreno e o mundo celeste, garantindo assim uma proteção divina no dia a dia e a salvação das almas após a sua morte. (PENTEADO, 1995) Essas Ordens Terceiras[52] e confrarias[53] eram organizações laicas de cunho religioso, autorizadas pela igreja

---

[52] Ordens Terceiras: Can – 702 - § 1º - Terceiros Seculares são aqueles que, vivendo no século, debaixo da direção de alguma ordem, e conforme o espírito da mesma, se esforçam por adquirir a perfeição cristã de uma maneira acomodada à vista do século sejam as rezas para elas aprovadas pela Sé Apostólica. § 2º - Se a Ordem Terceira se divide em várias associações, cada uma destas, legitimamente constituída, se chama de Irmandade de Terceiros. (SALLES, 1982, p.49)

[53] Confrarias: Can – 707 - § 1º - As associações de fiéis que tenham sido eretas para exercer alguma obra de piedade ou caridade se denominam *pias uniões*; as quais se estão constituídas em organismos, chamam-se *irmandades*. § 2º - E as irmandades que tenham sido retas ainda mais para o incremento do culto público recebem o nome particular de *confrarias*. Can – 708 - § 1º - As confrarias só podem ser eretas por decreto formal de ereção; enquanto às pias uniões basta aprovação do Ordinário obtida esta, adquirem, sem obstáculo algum, capacidade para conseguir graças espirituais, sobre tudo indulgências. (SALLES, 1982, p. 49)

católica, que tinham, entre suas finalidades, atuar como suporte para as adversidades da vida, garantindo ajuda aos seus membros, seguindo os preceitos cristãos de fraternidade e amor ao próximo, quando estes se viam surpreendidos por imprevistos do dia a dia. Assim, seus membros eram solidários uns com os outros em questões como doenças, epidemias, fome, pobreza, questões legais, dentre outros. Elas também possibilitavam um funeral digno, ou seja, um funeral cristão acompanhado pela irmandade e um determinado número de missas para a salvação da alma do irmão.

E qual a força econômica dessas irmandades e confrarias? Sabe-se que as toneladas de ouro extraídas das regiões das Minas no Brasil ajudaram Portugal a alavancar-se da crise pós restauração em 1640. Por outro lado, a parte desse ouro que permaneceu no Brasil financiou vários investimentos em arte e arquitetura e, principalmente, ajudou na consolidação das Irmandades Religiosas em Minas Gerais. Rosada (2010) destaca a força social dessas irmandades:

> Além de incentivar o aspecto espetacular das missas, o Concílio Trentino ainda permitiu o fortalecimento das ordens religiosas e aproximou mais a instituição dos governos nacionais. Com essa nova forma de controle, a Igreja se tornava ainda mais presente na vida dos cristãos, espraiando-se por instâncias até então pouco dominadas pelo religioso, penetrando no poder civil e trazendo os governantes para dentro da hierarquia de suas ordens laicas. (ROSADA, 2010, p.22)

Sobre esse período chamado Ciclo do Ouro, durante o século XVIII, e sua relação com a Igreja, padre jesuíta Antonil (1837), revela em sua obra as relações econômicas e os processos produtivos no Brasil nos dois primeiros séculos, ao analisar os ciclos econômicos até o descobrimento do ouro e ao descrever as necessidades dos senhores, produtores, na colônia e suas relações sociais. Ele mostra que, desde os primórdios, a Igreja era um dos atores mais importantes na vida cotidiana. Sobre a relação da produção com a religião, ele descreve:

> No dia em que se bota a canna a moer, se o senhor do engenho não convidar ao vigário, o capelão benzerá o engenho, e pedirá a Deus, que dê bom rendimento, e livre aos que nelle trabalharão de todo o desastre. E quando no fim da safra o engenho pejar, procurará que todos dêem a Deos as graças na capella. (ANTONIL, 1837, p.20)

Nesse trecho, Antonil descreve que a Igreja tem um importante papel no alcance das graças relacionadas à economia na intermediação entre senhores de engenho e Deus. O autor ainda justifica a necessidade do erguimento de igrejas no Brasil, em função do grande número de portugueses que migraram vindos de Portugal e pelo fato de o Brasil passar a ser a colônia mais rentável da Coroa:

> Se cresce tão copioso o número dos moradores, naturaes de Portugal, que cada vez mais povoão as partes, que antes erão desertas, ficando muito distantes das igrejas, he justo que estas se multipliquem, para que todos tenhão mãos perto o necessário remedio de suas almas. (ANTONIL 1837, p. 208)

Esse contexto, típico do Barroco, irá se desenvolver e se tornará instrumento de propagação da fé, influenciando as zonas de mineração nas Minas Gerais durante os séculos XVII e XVIII. Sobre essa presença da religião católica no Brasil, Rosada (2010) descreve:

> A secularização de nossas urbes foi lenta e quanto mais nos recuamos em relação aos tempos atuais, mais presente será a fala da Igreja no local. Por isso, ao se tratar de cidade no Brasil, sua conformação e suas características, é indispensável abordarmos a posição da instituição eclesiástica em nossa dinâmica citadina. A Igreja Católica foi, até o advento da república brasileira, o elemento fundante e a instituição de maior influência na constituição e nos primeiros passos dos núcleos urbanos. Seu poder foi determinante para muitos aspectos de nossa sociedade e influenciou a conformação das cidades. Sendo uma nação formada a partir da colonização por Portugal, país este de fortíssimos traços e costumes católicos, o Brasil seria moldado inevitavelmente com toda a carga ideológica e simbólica desse credo. Isso se deu por dois motivos principais: a forte fé católica dos portugueses e a intrincada relação da Igreja romana com o governo daquele país. (ROSADA, 2010, p.21)

Essa relação entre Santa Sé, Coroa Portuguesa e sociedade demonstra como o catolicismo estava entranhado na cultura portuguesa desde a formação do Estado português. O poder religioso, exercido pela Santa Sé, é originado dessas relações, encontrando uma atmosfera que propiciou a necessidade e as condições para que a arquitetura se tornasse um dos meios de expressão dessa fé, assim como, de suas premissas ideológicas. Em outras palavras, a arquitetura se tornou a expressão material do discurso desejado pela igreja.

O século XVIII traz muitas transformações no território brasileiro. A mudança da matriz econômica irá deslocar a capital do vice-reino de Salvador da Bahia para o Rio de Janeiro (1763), com maior proximidade com a região das Minas. Importante para entender a produção arquitetônica em Minas Gerais é o fato de que durante todo

o período colonial, nomeadamente em meados do século XVIII[54], a presença das ordens religiosas (carmelitas, jesuítas, franciscanos etc.), que foram as principais responsáveis pela produção das igrejas, conventos e mosteiros no litoral do Brasil, foram proibidas na região pela Coroa Portuguesa. Essas ordens religiosas eram possuidoras de vastos recursos financeiros e contavam com o financiamento de suas matrizes[55] europeias, de onde vinham modelos a serem adotados e seguidos, projetos para as edificações e em alguns casos os materiais de construção, que serviam de lastro dos navios. Após essas proibições, as construções promovidas pelas ordens monásticas perderam espaço para as igrejas paroquiais e confrarias.

Essas confrarias e irmandades, ordens terceiras e organizações sociais diversas não ligadas a Igreja (comerciantes, mineradores etc.), acabaram por assumir essa tarefa de edificação das capelas. Tais irmandades foram importantes agentes de estratificação social na capitania de Minas Gerais no século XVIII, juntamente e concomitantemente com o enriquecimento e o surgimento do comércio:

> Os funcionários da coroa, contratadores, intendentes, produtores de ouro, representavam um grupo social perante os comerciantes, os tropeiros, os faiscadores que trabalhavam por conta própria, ex-escravos negros e mulatos já alforriados, formando um tipo de estratificação social decorrente do processo natural de circulação da riqueza que, desenvolveu a formação de uma quase aristocracia, de uma determinada "elite", segmentos em que despontaram as contradições. (BARBOSA, 2004)

A partir desse enriquecimento, estabiliza-se e cresce o povoamento, sendo necessário a construção de novos edifícios para as novas classes sociais, que passaram a necessitar de seu próprio vigário. A aparente harmonia entre grupos acaba ao se salientarem as diferenças sociais e econômicas, propiciando o surgimento de conflitos, e, em muitos casos, surge a necessidade de construção de novas capelas para os dissidentes.

Na estruturação dos povoados, a partir das igrejas e capelas, ocorria que às vezes a matriz era erigida por um grupo com menos riqueza, mas nessa situação existia um grupo líder, que comandava os outros, como numa federação. Ficou assim

---

[54]BOSCHI, Caio. "Como os filhos de Israel no deserto"? (ou: a expulsão de eclesiásticos em Minas Gerais na 1ª metade do século XVIII). **Varia História**, n. 21 (Número especial. Códice Costa Matoso), Belo Horizonte, p. 119-141.

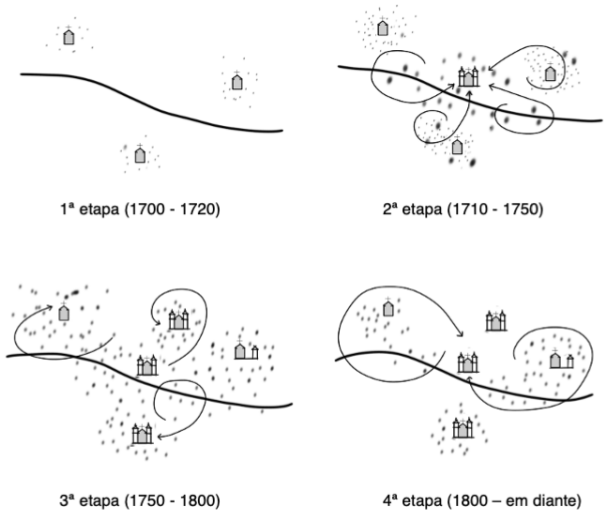
[55] Neste ponto denominamos de matrizes as casas-mãe sediadas no continente europeu.

a matriz com o altar principal ao Santíssimo Sacramento, e os vários altares laterais tão presentes nas igrejas mineiras, às associações filiadas. (VASCONCELLOS,1983 *apud* BARBOSA 2004)

Esse período de grande enriquecimento de todas as classes ou grupos é caracterizado pelo surgimento das maiores expressões artísticas e arquitetônicas nas Minas Gerais, porém foi de curta duração, causando o empobrecimento rápido da população, restando a ela concentrar os seus esforços financeiros apenas nas Matrizes. Vasconcellos (1983) relaciona as igrejas e os aglomerados urbanos, dividindo em quatro etapas (Figura 39):

> 1ª etapa de 1700 a 1720 – surgimento das primeiras povoações, sem a divisão de classes sociais, unidas em torno de pequena e precária ermida, cobertas por sapé, com vedações de madeira, posteriormente cobertas por telhas e erguidas com taipa de pilão. Essas capelas tinham as dimensões dos Passos, possuíam um único cômodo e evocavam santos com apenas um altar. Quando a quantidade de fiéis extrapolava a capacidade de acolhimento da capela, eles se concentravam do lado de fora nas cerimônias religiosas. 2ª etapa de 1720 a 1750 – estabilização das povoações, surgimento das primeiras classes sociais, onde surgem as Matrizes evocando o Santíssimo Sacramento e multiplicando-se os altares no interior dos edifícios. 3ª etapa de 1750 a 1800 – povoações bem consolidadas, com classes sociais bem distintas e concorrentes entre si. Passam-se a reconstrução de capelas primitivas e o surgimento de novas, mostrando a evidente decadência das matrizes. 4ª etapa de 1800 em diante – período de maior decadência econômica na capitania, paralisando a construção de novas igrejas e a concentração de esforços nas matrizes. (VASCONCELLOS, 1983)

Figura 39 - Esquema da evolução urbana na Capitania de Minas Gerais - Desenhos baseados nos estudos de Sylvio de Vasconcellos



Fonte: Baseado em Vasconcellos (1983)

Na primeira etapa, serão erguidas as primeiras capelas nos pontos de lavras, onde todos os indivíduos irão se reunir. Esse é o núcleo primitivo, de onde se formarão os arraiais. Segundo Vasconcellos (1983), nesse momento todos ainda eram irmãos, sem distinções sociais, era um grupo homogêneo (Figura 39).

Na segunda etapa, ocorre a instalação do comércio local. O grupo de indivíduos começa a se tornar mais heterogêneo com o surgimento de grupos mais ricos e se estratificando em classes sociais distintas. Ao mesmo tempo em que esse agrupamento se estabiliza, surge a necessidade de um vigário próprio e a classe mais rica, composta por comerciantes, mineradores ricos e membros da alta administração irá erguer a matriz (Figura 39). Essas matrizes invocavam preferencialmente o Santíssimo Sacramento, diferentemente das capelas da primeira etapa, onde o orago era escolhido por afinidade com o santo. Outros grupos ainda podiam se associar a essas matrizes, e, sendo desprovidos de recursos, poderiam arcar com o custo das capelas laterais, com seus santos preferidos, mantendo o altar-mor dedicado ao Santíssimo Sacramento.

A terceira etapa surge da divergência dentro deste grupo já heterogêneo, fruto da evolução do núcleo urbano, e do auge da mineração aurífera. Surgem os dissidentes que irão se desassociar recorrendo às primitivas capelas ou erguendo novas. Nessa fase, pode-se exemplificar um grupo mais rico, que irá edificar capelas da Ordem Terceira do Carmo e São Francisco de Assis, assim como, na outra extremidade da pirâmide social, a capela do Rosário dos Pretos (Figura 39).

E, por fim, a quarta etapa que, em decorrência da rápida decadência da mineração, não possibilitará que novas igrejas sejam concluídas, as suas conclusões paralisadas ou interrompidas definitivamente, e junto com o abandono das novas capelas, ocorre um retorno às matrizes. (Figura 39)

Pode-se perceber, pela análise feita por Vasconcellos (1983), uma relação direta entre a evolução social e a arquitetura religiosa em Minas Gerais. Ou seja, as transformações sofridas pela sociedade determinaram a organização e as referências no espaço urbano tendo como ator a Igreja Católica. A consolidação dos aglomerados e crescimento trouxe também a consolidação e o aumento do número de igrejas.

Nos próximos tópicos, serão abordadas as análises arquitetônicas e urbanísticas das igrejas inseridas em Vila Rica e no Arraial do Tijuco, correspondendo

respectivamente, hoje, às cidades de Ouro Preto e Diamantina, no intuito de verificar, nelas, a relação que elas têm com a manifestação de poder.

4.3. O caso de Vila Rica.

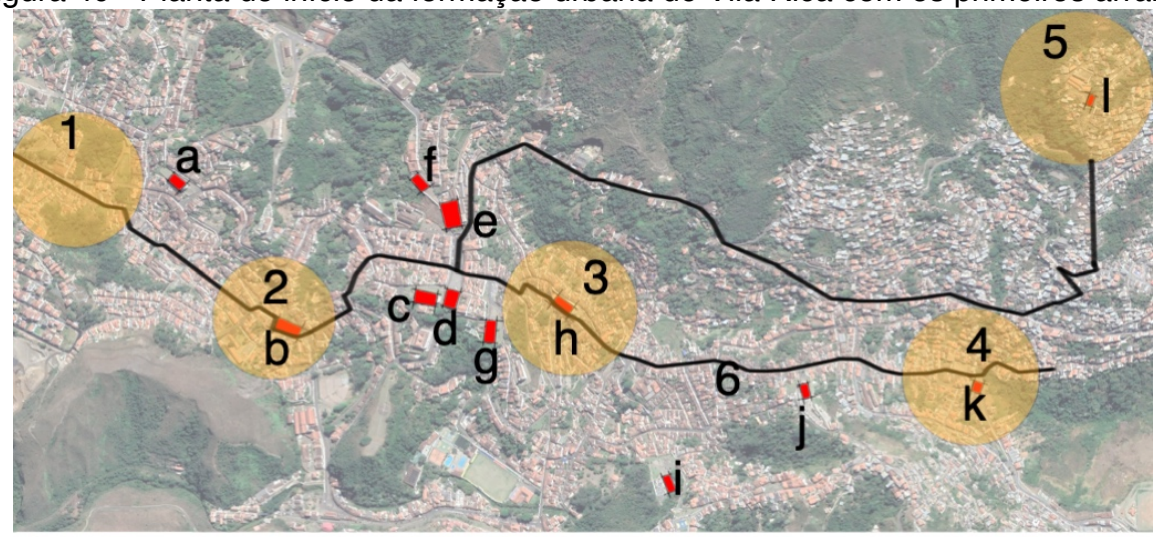
Antes de analisar os elementos dos critérios, é preciso contextualizar as transformações ocorridas na cidade de Vila Rica, atual Ouro Preto, para a compreensão do todo.

No final do século XVII, a bandeira de António Dias de Oliveira, incentivada pela Coroa Portuguesa, como outras tantas que não conseguiram encontrar a região, chegou à região de Vila Rica. Mas não fora essa expedição que descobre ouro nas Minas Gerais, pois já havia tido várias outras, não oficiais, que descobriram as riquezas da região, como descreve Fonseca (2011):

> As primeiras grandes jazidas de ouro de Minas Gerais não foram encontradas por bandeirantes oficialmente designados pelo rei – como Fernão Dias –, mas por diversas pequenas expedições informais, oriundas sobretudo da vila de Taubaté. Foi a partir de 1693, aproximadamente, que os "descobertos" multiplicaram-se pelos afluentes da bacia do rio Doce – os mais espetaculares tendo sido os do vale do ribeirão de Nossa Senhora do Carmo e, não longe dali, da serra do Ouro Preto – verdadeiros Eldorados que atraíram um enorme fluxo de aventureiros. Entre muitos outros arraiais, surgiram ali dois povoados, que em 1711, transformaram-se nas duas primeiras vilas mineiras: Vila Rica (atual Ouro Preto) Vila de Nossa Senhora do Carmo (atual Mariana). (FONSECA, 2011, P. 65)

O estabelecimento dos exploradores na região pela descoberta de ouro no leito dos rios, fato que não será considerado um mero detalhe nesta tese, pois foi a partir desses pontos de "catas" que as ocupações se estabeleceram na região. Esses locais de exploração aurífera nos rios se tornaram os primeiros aglomerados urbanos da futura Vila Rica, dispostos ao longo do eixo dos cursos d´água, no caso o rio Tripuí, caracterizando o modelo de ocupação (Figura 40).

Figura 40 - Planta do início da formação urbana de Vila Rica com os primeiros arraiais



LEGENDA

1 – Arraial das Cabeças
2 – Arraial do Pilar
3 – Arraial de Antônio Dias
4 – Arraial de Padre Faria
5 – Arraial de Santana
6- Estrada tronco

a- Igreja de N.S. Rosário
b- Igreja de N.S. do Pilar
c- Igreja de N.S. do Carmo
d- Casa de Câmara e Cadeira
e- Palácio do Governador
f- Igreja de N.S. da Mercês e Misericórdia

g- Igreja de S. Francisco de Assis
h- Igreja de N.S da Conceição de Antônio Dias
i- Igreja de N.S. das Dores
j- Igreja de Santa Efigênia
k- Igreja de N.S. das Dores (Padre Faria)
L – Capela de Santana

Fonte: Autor (2021), sobre base de imagem do Google Earth.

Segundo Antonil (1837) na região já, em 1708, havia um grupo de arraiais ao longo desses cursos d´água possuindo uma população com cerca de 30 mil pessoas. Nesses pequenos arraiais, ergueram-se pequenas ermidas ainda de pau a pique e cobertura vegetal, que, como já citados anteriormente, assemelham-se às capelas dos Passos hoje existentes na cidade (Figura 41). Vale ressaltar que, antes disso, uma grande fome se alastrou entre os anos de 1697 e 1701 causando a migração de várias pessoas para outras regiões, pois só se fazia garimpar na região, existia pouco comércio e a falta de alimentos se alastrou pela região. A isso se associa o rápido esgotamento do ouro de aluvião. Na década de 1720, essas ermidas foram sendo demolidas ou reformadas, surgindo pequenas igrejas, reflexo da fixação dos habitantes ne região (Figura 42).

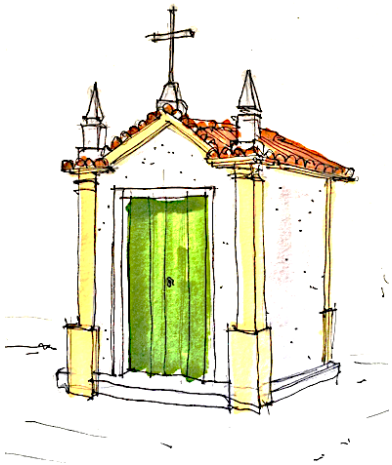
O início do desenvolvimento urbano da cidade é caracterizado por um rápido povoamento descontrolado causado por uma grande migração, para essa região, de aventureiros vindos de diversas partes da colônia e de Portugal, colapsando-a rapidamente. O aglomerado urbano foi então elevado à vila em 1711 para que a coroa pudesse colocar ordem nas atividades e na migração. Essa recém-criada vila foi composta pela junção dos vários arraiais, assentados ao longo do rio Tripuí, que surgiram em virtude das determinações da Coroa sobre o distanciamento das Datas

(era determinado que cada Data deveria distar uma da outra em pelo menos meia légua, o que fez o povoado se desenvolver de forma dispensa). Ao longo dos anos a vila foi se organizando, mediadas pelo Código de Posturas Municipal (1720), e os principais edifícios irão surgir apenas na 2ª metade do século XVIII, como a residência dos governadores, Casa de Câmara e Cadeia, situados no alto do Morro da Quitéria, hoje praça Tiradentes. Segundo Righi (2012):

> Apesar de a cidade nunca ter tido um plano, uma intervenção total do espaço, o agenciamento dos elementos mais relevantes da cidade, como as igrejas e alguns edifícios públicos, foi fundamental para gerar a Ouro Preto barroca. Ela ultrapassa a formulação de eixos monumentais e de perspectiva. O paradigma barroco se expressou pela dramaticidade, conseguida pela tortuosidade dos traçados e pela monumentalidade proporcionada pela topografia. (RIGHI, 2012, p. 216)

Durante o século XVIII, esse morro se tornou o elemento organizador da cidade, separando as freguesias do Pilar de Ouro Preto e de António Dias. A primeira conta com as Igrejas Matriz de Nossa Senhora do Pilar (1730), Nossa Senhora do Carmo (1766), Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia (1771), São Francisco de Paula (1804), São José (1753), Nossa Senhora do Rosário (1761) e Bom Jesus do Matosinhos (1771). A segunda, com as igrejas de Nossa Senhora da Conceição de António Dias – matriz – (1711), Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões (1742), Igreja de São Francisco de Assis (1776), Igreja de Nossa Senhora das Dores do Calvário (1783), Igreja de Sana Efigênia (1733), e Capela de Padre Faria (1723).

Figura 41 - Desenho de um Paço em Vila Rica



Fonte: Autor (2021)

Figura 42 - Desenho Capela de Sant´Ana - Vila Rica



Fonte: Autor (2021)

4.3.1. As igrejas de Vila Rica e seus elementos de poder: Análise

Nesse tópico, será analisada a arquitetura das igrejas de Vila Rica, como feito no capítulo anterior, para as igrejas de Portugal. Para isso, o quadro 96, que guiou a análise naquele capítulo será repetido aqui. Ele indica os critérios de análise, conforme apresentados na metodologia. Salienta-se que neste momento apenas a análise arquitetónica e urbanística dos casos será feita sobre os elementos arquitetônicos que manifestam o poder. Posteriormente, sua relação com a expressão do poder será aqui estabelecida.

Quadro 96 - Elementos de análise arquitetônica

Elementos a serem analisados		
Critérios	**Elementos**	**Conteúdo**
1 - Localização no núcleo urbano	- Vias	Localização em eixos viários principais de ligação; proximidade a outros edifícios importantes no contexto urbano, tais como palácios, casas de câmara e outras igrejas; topografia privilegiada com destaque na paisagem, servindo como referência visual e pontos focais.
	- Implantação na malha urbana e Topografia	
2 - Relação com o entorno	- Acessos	Presença de escadarias de acesso ao edifício; maiores dimensões em relação aos edifícios nas imediações; presença de largos, adros, praças no entorno imediato. Volumetria livre possibilitando a circulação em seu entorno ou apresenta paredes encostadas em outros edifícios.
	- Escala	
	- Elevação em relação a via e ao entorno	
3 - O Edifício	- Fachada	Elementos constituintes e a sua disposição.
	- Planta	

Elaboração: Autor (2020)

1. Localização no núcleo urbano.

Esse critério será separado em dois elementos: as vias e a implantação na malha urbana.

a) Vias

Inicialmente será utilizada, para produção dos mapas que indicam as vias da cidade, e que aparecem nos Quadros a seguir, a planta da Cidade de Ouro Preto organizada por ordem do Luiz Eugênio Horta Barbosa, Presidente da Província, datada de 1888 (Arquivo Público Mineiro)[56].

Na análise dos quadros abaixo, concluem-se algumas questões. Inseridos em uma malha viária que tem a topografia como elemento definidor, como já visto anteriormente, conduziu-se toda a ocupação do núcleo urbano, somando-se a isso a localização dos sítios de mineração. Algumas particularidades sobre a relação edifício – via, foram observados. Com exceção da igreja de Bom Jesus do Matozinhos (Quadro 98), todas as outras cinco estão inseridas na confluência de vias, sendo que as igrejas do Pilar e da Conceição, localizam-se na estrada tronco, eixo de formação urbana da vila (Quadro 97 e Quadro 98). A relação das igrejas com as vias foi organizada de acordo com os quadros a seguir, para melhor compreensão.

[56] Disponível em: www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos_docs/photo.php?lid=212

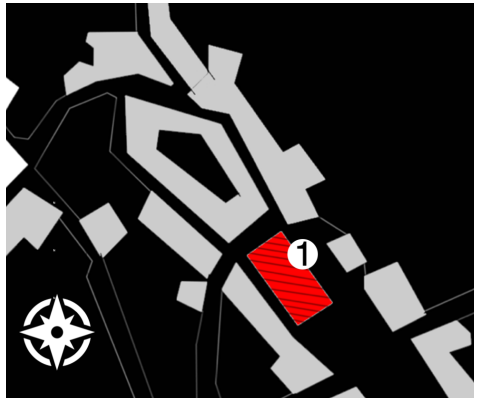
Quadro 97 - Vias no entorno das igrejas de Vila Rica. Nª Senhora da Conceição, Nª Senhora do Carmo e São Francisco de Assis

A) A matriz de N. S. da. Conceição encontra-se circundada pelas vias de acesso, o que proporciona a população a circulação em seu entorno. Encontra-se na confluência de vias e pertencente à estrada tronco. Sendo que no eixo sudeste-noroeste (ascendente) por essa estrada, encontra-se em ponto focal da via.

B) A igreja de N.S. do Carmo também se encontra circundada pelas vias de acesso, o que proporciona a população a circulação em seu entorno. No eixo oeste-leste (ascendente), encontra-se em ponto focal da via. Apesar de não estar inserida em vias de circulação de grande importância, a sua grande proximidade com o Moro de Santa Quitéria reforça sua importância em relação às vias de circulação.

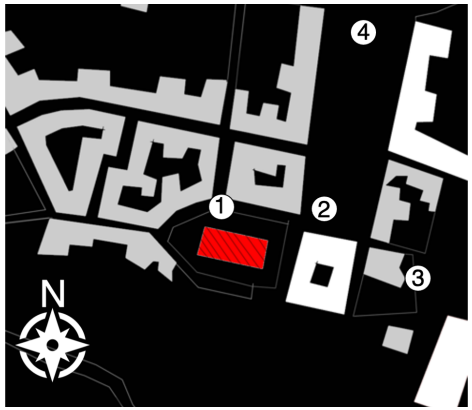
C) A igreja de São Francisco também se encontra circundada pelas vias de acesso, o que proporciona à população a circulação em seu entorno. Está inserida na confluência de vias, apresenta largo à sua frente que interliga à estrada tronco.

A



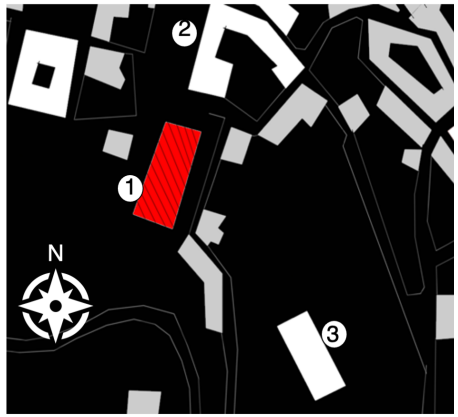
1 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição

B



1 – Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo
2 – Cadeia
3 – Igreja de São Francisco de Assis
4 – Assembleia Provincial

C



1 – Igreja de São Francisco de Assis
2 – Mercado
3 – Igreja de Nossa Senhora das Mercês

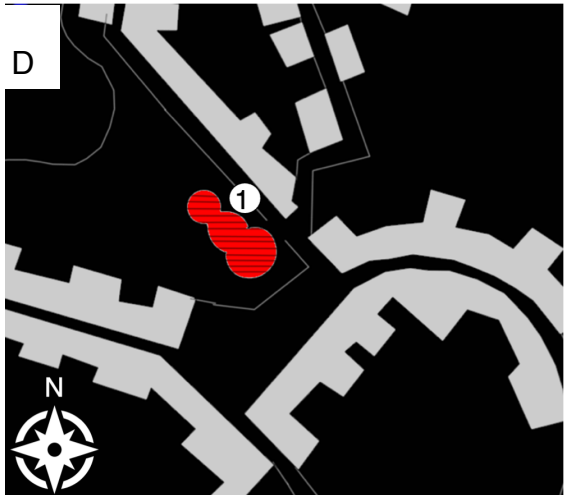
Fonte: Mapas elaborados pelo autor com base no mapa de Luiz Eugênio Horta Barbosa, Presidente da Província, datada de 1888. (2021)

Quadro 98 - Vias: Nª Senhora do Rosário – Nª Senhora do Pilar – Bom Jesus do Matozinhos

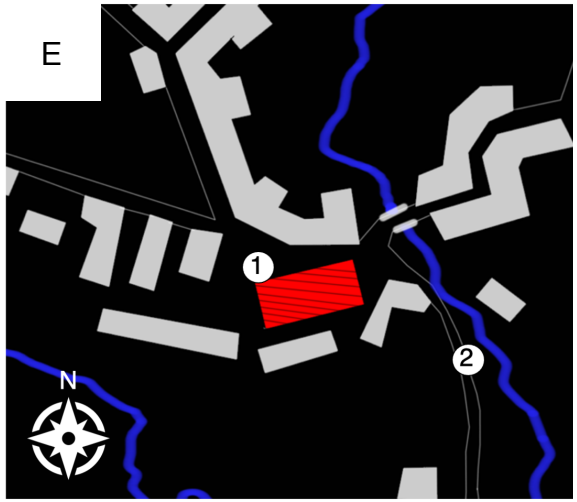
D) A igreja de N.S. do Rosário encontra-se circundada pelas vias de acesso, o que proporciona à população a circulação em seu entorno.

E) A igreja de N.S. do Pilar também se encontra circundada pelas vias de acesso, o que proporciona à população a circulação em seu entorno. No eixo oeste-leste (ascendente), encontra-se em ponto focal da via. Encontra-se na confluência de vias e pertencente à estrada tronco.

F) A igreja de Bom Jesus do Matozinhos se posiciona mais afastada de via principal (estrada tronco) o que a faz pouco significativa em relação à via.

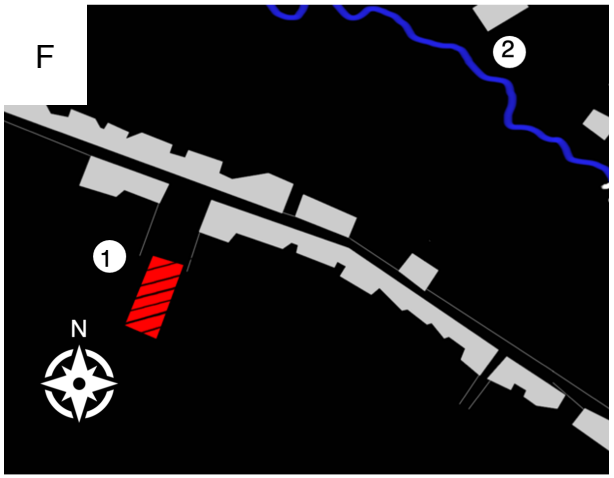


1 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição



1 – Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar

2 – Córrego do Ouro Preto



1 – Igreja do Bom Jesus do Matozinhos

2 – Córrego do Ouro Preto

Fonte: Autor elaborada usando como base Luiz Eugênio Horta Barbosa, Presidente da Província, datada de 1888. (2021)

b) Implantação na malha urbana e a topografia

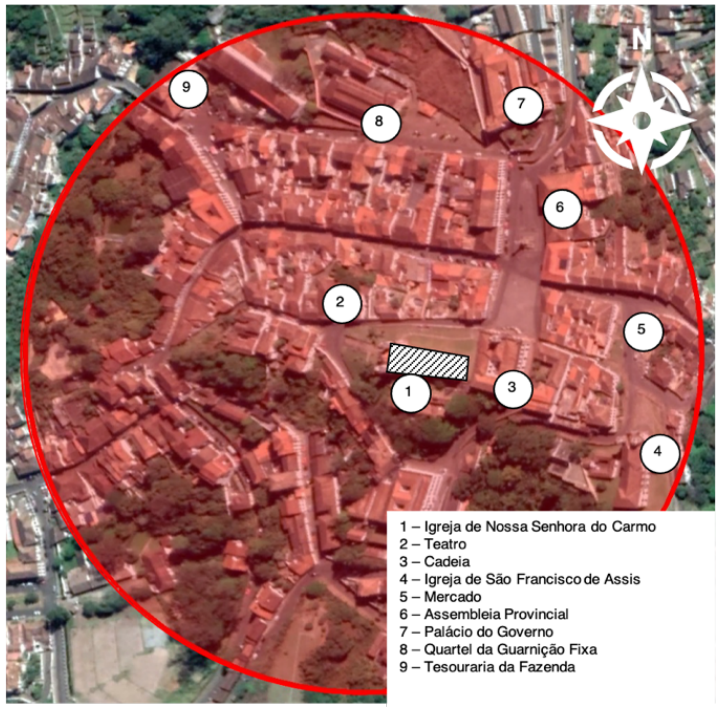
Aqui serão analisadas as disposições dos edifícios dentro da malha urbana de Vila Rica. Para essa análise, será considerada uma área de raio entre 200 e 250 metros, para identificar os elementos que se relacionam com as igrejas em questão, à semelhança do que foi feito no capítulo anterior. Sobre a implantação dos edifícios e sua relação com o entorno imediato quadros foram organizados, para melhor compreensão (Quadro 99, 100 e 101).

Após a análise dos quadros, pode-se observar que as igrejas do Carmo e de São Francisco estão situadas em sítio de topografia mais elevada em relação às outras igrejas (Figura 43 e Figura 44) Em uma ordem descendente, pode-se classificar as restantes igrejas: Rosário, Conceição, Pilar e Matozinhos. Foi considerada, nesta tese, essa hierarquia, tomando como referência o Morro de Santa Quitéria, marco divisor da vila e ponto de topografia mais elevada na mancha urbana da vila setecentista. As igrejas Matrizes (Conceição e Pilar) se encontram mais próximas dos cursos d`água, juntamente com a Igreja de Matozinhos, conforme se pode observar no perfil topográfico de Vila Rica (Figura 44).

Quadro 99 - Implantação na malha urbana e topografia: Igreja de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco de Assis

Foi identificado um primeiro grupo, no qual as igrejas de N.S. do Carmo e de São Francisco de Assis estão inseridas em um sítio dentro da malha urbana com certa diversidade, contendo outros edifícios também significativos, seja de uso religioso como também oficiais. Ambas estão inseridas margeando um ponto nodal da malha, o Morro de Santa Quitéria (atual Praça Tiradentes), local de convergência das forças da Coroa e da Igreja.

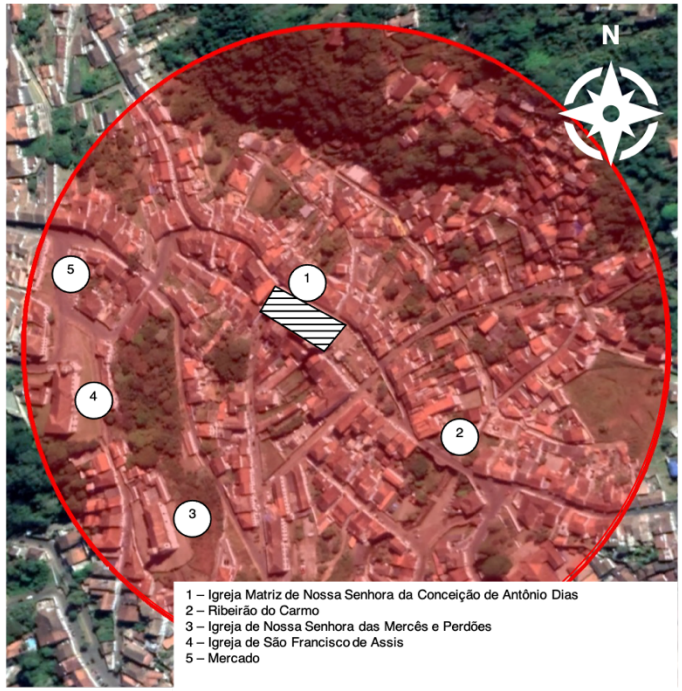


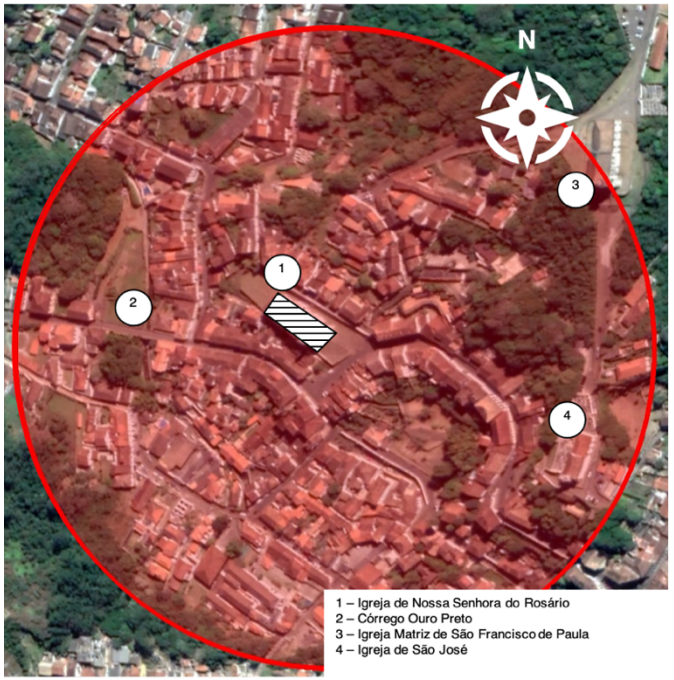


Fonte: Autor (2021) – Mapa Fonte: Autor (2021) – Mapa base Google Earth

Quadro 100 - Implantação na malha urbana e topografia: Igreja de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora do Rosário

A Igreja Matriz de N. S. da Conceição e a do Rosário encontram-se em um segundo grupo com um número menor de edifícios, que podem ser considerados significativos ou concorrentes[57].



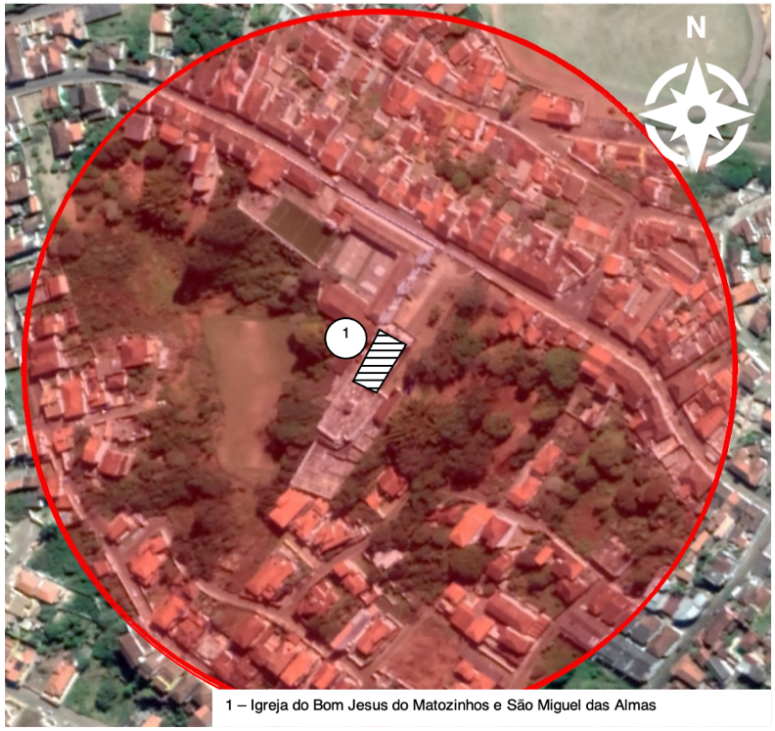


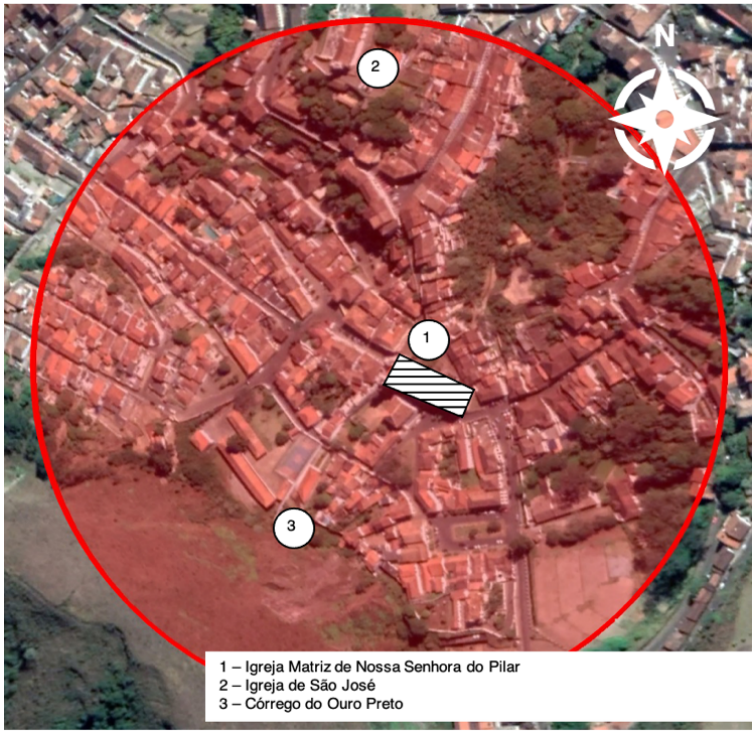
Fonte: Autor (2021) – Mapa base Google Earth

[57] Consideraremos para essa análise edifícios concorrentes aqueles edifícios que também são polos de atração de pessoas, sejam eles para atividades de comércio, cultura, oficiais ou religiosas.

Quadro 101 - Implantação na malha urbana e topografia: Igreja de Nossa Senhora do Pilar e do Bom Jesus do Matosinhos

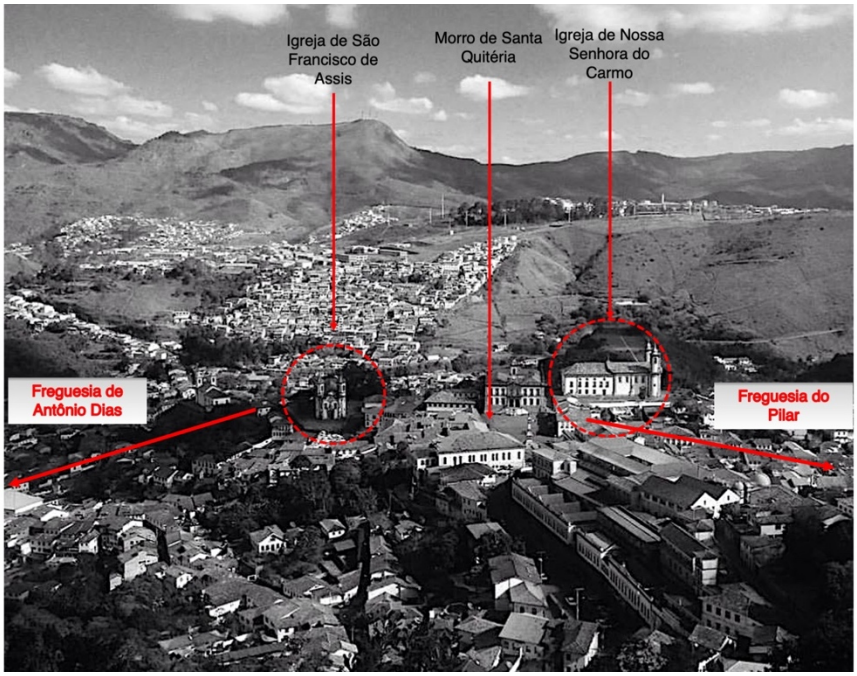
Há um terceiro grupo que são igrejas mais isoladas de outros edifícios concorrentes: Igreja matriz de N. S. do Pilar e Igreja de Bom Jesus do Matozinhos. Esta ainda mais distante do centro do núcleo urbano se apresenta mais de forma isolada, sem a presença de outros edifícios concorrentes em seu entorno.





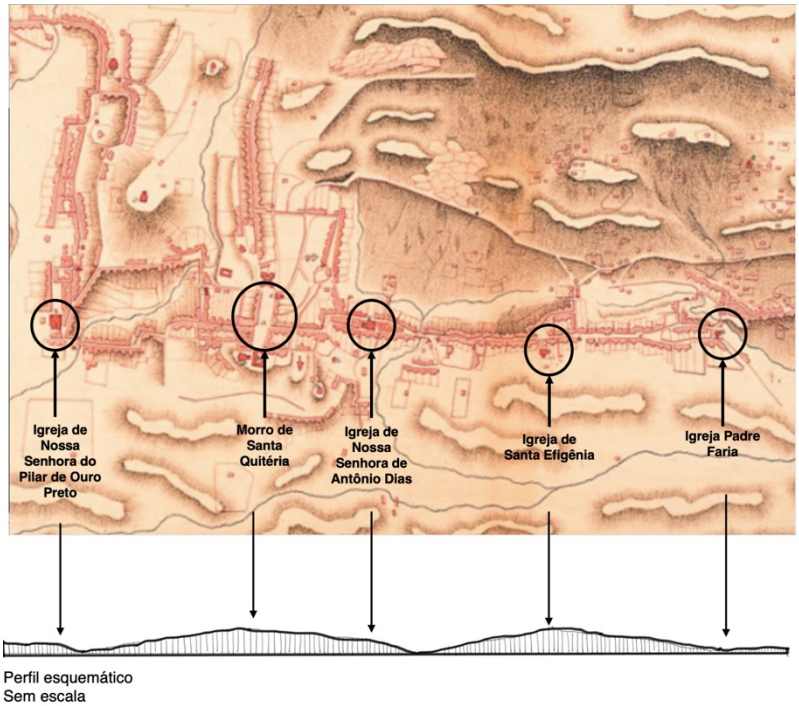
Fonte: Autor (2021) – Mapa base Google Earth

Figura 43 - Relação das igrejas de São Francisco de Assis e Nossa Senhora do Carmo com a topografia da Vila



Fonte: Autor (2021) data da foto: 2014

Figura 44 - Perfil esquemático de Vila Rica (Ouro Preto)



Fonte: Autor (2021) baseado no mapa de Manoel Ribeiro Guimarães (1775 - 1800)[58]

[58] *Mappa de Villa Rica*; autoria de Manoel Ribeiro Guimarães, datado entre 1775 e 1800, original manuscrito do Arquivo Histórico do Exército. Fonte: REIS, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades*

Abaixo, o quadro relacionando os elementos analisados do critério 1 e sua relevância com relação ao poder (Quadro 102).

Quadro 102 - Relevância dos elementos como expressão do poder relacionados ao critério 1: Localização no núcleo urbano de Vila Rica

Igreja	**Relevância***			**Elemento**
	1	2	3	
Igreja de Bom Jesus do Matozinhos	X			Vias
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto			X	
Igreja de Nossa Senhora do Carmo			X	
Igreja de Nossa Senhora da Conceição de António Dias			X	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário			X	
Igreja de São Francisco de Assis			X	
Igreja				Implantação e topografia
Igreja de Bom Jesus do Matozinhos	X			
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto		X		
Igreja de Nossa Senhora do Carmo			X	
Igreja de Nossa Senhora da Conceição de António Dias		X		
Igreja de Nossa Senhora do Rosário		X		
Igreja de São Francisco de Assis			X	
*Como manifestação de poder (1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

2. Relação com o entorno

A análise desse critério foi dividida em acessos, escala e elevação do edifício em relação a via e ao entorno, para o melhor compreensão e limite que seja viável para esta pesquisa.

a) Acessos

Nesse elemento, trata-se do acesso ao edifício relacionado ao seu entorno imediato. Foram considerados os tipos e facilidades de acesso ao edifício pelas vias e como a comunidade poderia acessar a igreja. Vila Rica alia duas características que definem as formas de acesso às igrejas de maneiras análogas entre elas, que são: a topografia acidentada, e a adequação das vias a essa topografia. Com isso, o

---

do Brasil Colonial [Colaboradores: Paulo Bruna e Beatriz P. Siqueira Bueno]. São Paulo: EDUSPIFAPESP, 2000

observador precisa caminhar por ruas tortuosas para se deparar com os edifícios culminando em a largos, o que reforça o efeito surpresa. De forma geral, os acessos às igrejas analisadas em Vila Rica possuem as mesmas características, constituídas por pontos focais em relação ao seu entorno, proporcionando o surgimento de largos que abrem o ângulo de visão do observador. O fato de se localizarem em uma malha viária estreita e tortuosa em uma topografia acidentada tem como consequência o efeito surpresa de quem percorre os caminhos para se chegar ao edifício. Para cada igreja, foram feitos quadros analíticos desse elemento de análise arquitetônica (Quadro 103 a Quadro 108).

Quadro 103 - Acessos: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar

Descrição	
Praticamente ao nível da via, a Matriz do Pilar possui apenas um pequeno desnível. Localizada na estrada tronco, ela fica no ponto focal da via e o acesso acaba por ser frontal. Não há acessos laterais significativos, apenas duas pequenas portas na lateral esquerda e na lateral direita apresentam um desnível grande em relação à via. Por elas não é possível acessar a edificação. Nas imagens abaixo observa-se a relação dessas vias, principalmente a estrada tronco em relação à igreja.	  Fonte: Autor (2021)

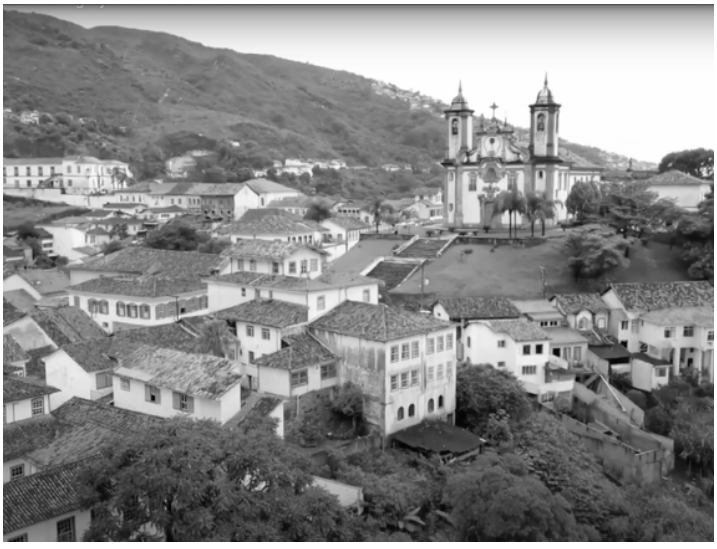


Fonte: VILLA Rica. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. ISBN: 978-85-7979-060-7

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 104 - Acessos: Igreja de Nossa Senhora do Carmo

Descrição	
Localizada em um platô, a igreja do Carmo está elevada em relação às vias que a circundam. As vias circundam a igreja que pode ser acessada de vários ângulos. Nas imagens ao lado, observa-se a relação da igreja com as vias: a foto “A” demonstra no sentido ascendente como o fiel pode alcançá-la de frente; na foto “B”, observa-se o desnível em relação com a via, que é prolongada pela escadaria frontal (“C”). É possível acessar a igreja pelas laterais através de portas de menores dimensões em relação à frontal.	  Fonte: Autor (2021)



Fonte: Autor (2021)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 105 - Acessos: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias

Descrição	
Localizada em uma confluência de vias, apresenta desnível pelo acesso frontal, o que acaba por exigir escadaria. Possui um acesso lateral, porém de menor importância. Pode ser vista por todos os lados, entretanto os acessos são apenas pela fachada frontal e lateral direita.	 Fonte: https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/428800 - acessado em 2020  Fonte: Autor (2021)
 Fonte: Autor (2021)	

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 106 - Acessos: Igreja de Nossa Senhora do Rosário

Descrição	
A igreja de Nossa Senhora do Rosário está localizada em um platô na confluência de vias, o que causa um pequeno desnível em relação às vias circundantes. Pode ser acessada através de várias vias, o que proporciona a apresentação de um adro frontal. Possui rampa e escadas frontais para o acesso a ela. Também pode ser acessada por portas laterais, porém de menor importância em relação à frontal, que antecede um nártex/galilé.	 Fonte: Igreja do Rosário antes da restauração de 1928, s/d. Fotografia de Luiz Fontana. Acervo do Arquivo Central do IPHAN, Seção R Rio de Janeiro  Fonte: Autor (2021)
 Fonte: Autor (2021)	

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 107 - Acessos: Igreja de São Francisco de Assis

Descrição	
De maneira análoga à igreja do Rosário, a de São Francisco também se situa na confluência de vias, o que enseja um adro frontal ao qual se chega por meio de uma pequena rampa frontal, como pode-se verificar na foto “A”, consequência de pequeno desnível. A igreja dispõe de acessos laterais tanto na esquerda quanto na direita, porém de menor importância em relação ao acesso frontal. Por consequência de desnível maior aos fundos da edificação, apresenta uma escadaria, provavelmente inexistente no século XVIII.	 Fonte: Marc Ferrez, 1888 [IMS]  Fonte: Autor (2012)


Fonte: Autor (2021)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 108 - Acessos: Igreja de Bom Jesus do Matosinhos e São Miguel das Almas

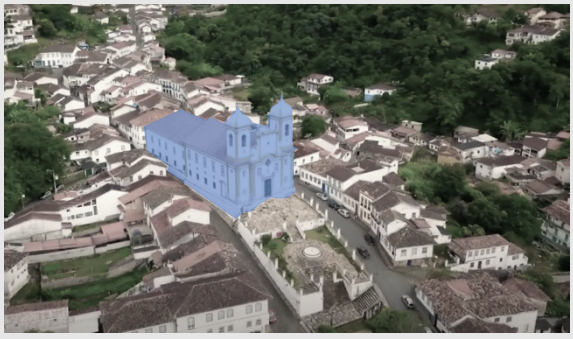
Descrição	
A igreja de Bom Jesus do Matozinhos se encontra afastada da via principal e implantada na mesma cota de nível desta via. Não possui escadaria frontal nem rampa. Pode ser acessada pela portada frontal e pelas laterais, estas últimas de menor importância.	 Fonte: Google Earth  Fonte: Google Earth
 Fonte: Autor (2021)	

Elaboração: Autor (2021)

b) Escala

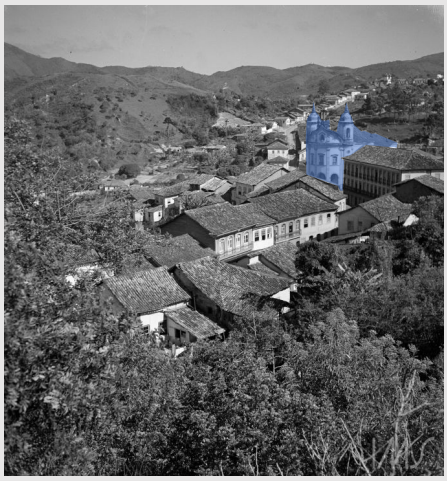
As igrejas de Vila Rica possuem um protagonismo na paisagem e em seu entorno imediato, algo enfatizado pelo fato de serem isoladas em suas implantações. Ou seja, não possuem edifícios em suas divisas. São dotadas de espaços livres e vias de circulação. Mais afastada da zona central da vila, a igreja de Bom Jesus do Matozinhos se encontra mais isolada de outras edificações importantes. Ela hoje se encontra ao lado do Colégio Arquidiocesano, porém essa construção data da década de 1930, não existindo outro edifício no século 18 e 19. No quadro abaixo, destacam-se as igrejas analisadas em relação ao seu entorno. (Quadro 109)

Quadro 109 - Escala: Igrejas de VIla Rica

Igreja	Foto
A) Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar	 Fonte: Autor (2015)
B) Igreja de Nossa Senhora do Carmo	 Fonte: Autor (2015)

Continua

Conti. Tabela 109

C) Igreja de Nossa Senhora do Rosário	 Fonte: Autor (2015)
D) Igreja de São Francisco de Assis	 Fonte: Autor (2015)
E) Igreja de Bom Jesus do Matozinhos	 Fonte: Autor (2021)

Elaboração: Autor (2021)

c) Elevação em relação a via e ao entorno

A antiga Vila rica, hoje Cidade de Ouro Preto, está inserida em um sítio de topografia bem acentuada, o que faz com que as igrejas sejam situadas acima do seu entorno. Porém as escadas de acesso, em alguns casos, acabam por serem mais do que elementos para vencer desníveis, e passam a ter maior relevância. Nos quadros abaixo, esses elementos foram descritos. (Quadro 110 a Quadro 115)

Quadro 110 – Igreja do Bom Jesus do Matozinhos: Elevação /Entorno

A igreja de Bom Jesus não apresenta desnível significativo em relação à via, não possui escadaria e fica no mesmo nível das construções do entorno.	 Fonte: Google Earth

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 111 - Igreja de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto: Elevação /Entorno

A igreja do Pilar, inserida na confluência de vias, possui maior desnível em relação à via pela sua lateral esquerda. A fachada frontal não exibe escadaria relevante, apenas três degraus que a coloca ligeiramente acima da via.	 Fonte: Autor (2021)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 112 - Igreja de Nossa Senhora do Carmo: Elevação /Entorno

Das igrejas analisadas, a da Ordem Terceira do Carmo é a que apresenta a maior escadaria. Situada em um grande platô, a igreja possui escadas de acesso pelos fundos da lateral esquerda e pela fachada frontal. Esta última de grande relevância pela grande extensão e desnível vencido, além do seu posicionamento no eixo da via ascendente frontal.	 Fonte: Autor (2021)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 113 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição de António Dias: Elevação /Entorno

A matriz de Nossa Senhora da Conceição está inserida na confluência de vias e possui desnível em relação à via, em sua fachada principal. Esse desnível ocasionou uma escadaria significativa que, com o tempo, se junta ao adro, transformando em um percurso para os fiéis.	 Fonte: Autor (2021)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 114 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário: Elevação /Entorno

Situada na confluência de vias, possui desnível nas laterais e frente, em relação a essas vias. Apesar de hoje em dia apresentar uma escadaria frontal, inicialmente não a possuía conforme se pode observar na foto ao lado, datada de antes da reforma do edifício. Na foto, observa-se apenas uma rampa em terra para acessar a porta da igreja.	 Fonte: Fotografia de Luiz Fontana. Acervo do Arquivo Central do IPHAN, Seção Rio de Janeiro. (Data: 1928)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 115 - Igreja de São Francisco de Assis: Elevação /Entorno

A igreja de São Francisco, edificada sobre um platô, apresenta um desnível em relação às vias frontal e lateral esquerda, suficiente apenas para a execução de escada para vencer esse desnível. Não apresenta escadaria frontal de relevância que enfatize sua posição em relação ao seu entorno imediato.	 Fonte: Marc Ferrez, 1888 [IMS]

Elaboração: Autor (2021)

O quadro abaixo (Quadro 116) sintetiza a relevância dos elementos do critério Relação com o Entorno, que será relacionada, neste estudo, ao poder, para os casos situados em Vila Rica.

Quadro 116 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 2: Relação com o Entorno - Vila Rica

Igreja	**Relevância***			**Elemento**
	1	2	3	
Igreja de Bom Jesus do Matozinhos	X			Acessos
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto			X	
Igreja de Nossa Senhora do Carmo			X	
Igreja de Nossa Senhora da Conceição de António Dias			X	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário			X	
Igreja de São Francisco de Assis			X	
Igreja	**Relevância***			Escala
	1	2	3	
Igreja de Bom Jesus do Matozinhos	X			
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto			X	
Igreja de Nossa Senhora do Carmo			X	
Igreja de Nossa Senhora da Conceição de António Dias			X	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário			X	
Igreja de São Francisco de Assis			X	
Igreja	**Relevância***			Elevação em relação a via e ao entorno
	1	2	3	
Igreja de Bom Jesus do Matozinhos	X			
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto	X			
Igreja de Nossa Senhora do Carmo			X	
Igreja de Nossa Senhora da Conceição de António Dias			X	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário		X		
Igreja de São Francisco de Assis		X		
*(1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

3. O Edifício

a) Fachada

O Quadro abaixo (Quadro 117) indica a época em que as fachadas foram construídas. Vale lembrar que não foi possível identificar a data precisa de todas as igrejas por falta de documentação disponível. Em virtude da escassa documentação existente, foram selecionadas algumas datas disponíveis a partir das quais foi feita alguma estimativa para a data de reconstrução da edificação como um todo e, em alguns casos, baseada na data disponível para itens específicos tais como a data de reabertura e/ou do início da construção, da execução dos frontispícios, da fundação,

da conclusão do tempo, das últimas obras, ou da execução as torres. Em alguns casos, existe informações sobre as datas reais de execução das fachadas.

Quadro 117 - Data fachadas - Vila Rica

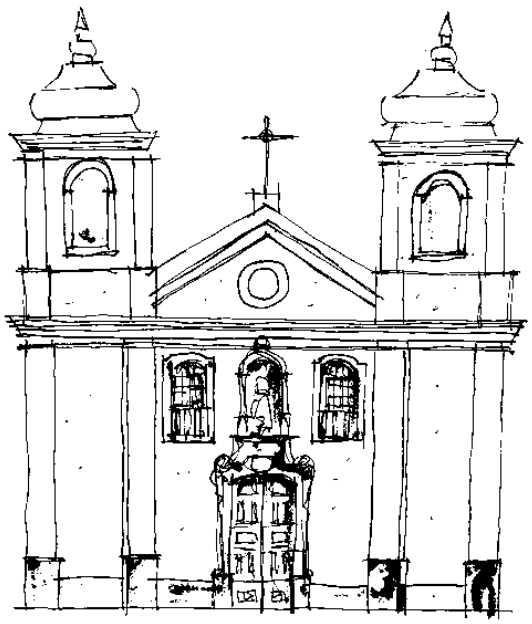
Data da execução dos Frontispícios	
Igreja	**Data**
Igreja de Bom Jesus do Matozinhos	1791
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto	1826
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	1776
Igreja de Nossa Senhora da Conceição de António Dias	1770
Igreja de Nossa Senhora do Rosário	1793
Igreja de São Francisco de Assis	1770

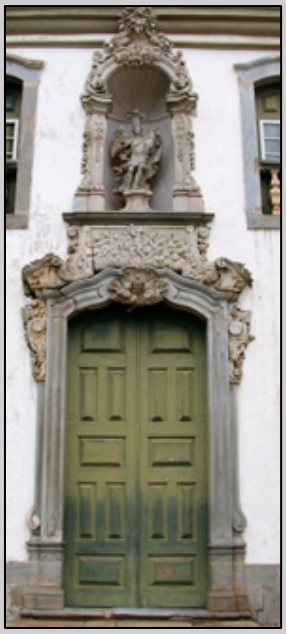
Fonte: Mourão, 1986

- Frontispício

As igrejas analisadas em Vila Rica caracterizam-se por possuírem, em sua maioria, frontões não triangulares e ornamentados. A única exceção é a igreja de Matozinhos, com seu frontão triangular. Encontra-se alguma regularidade nas portadas, sendo essas, em sua maioria, também ornamentadas nas ombreiras e sobre vergas. Soma-se a isso as portas almofadadas e a presença do escudo da ordem. A presença de janelas em número de duas, ao nível do coro, no corpo central do frontispício é comum, porém o número de janelas ultrapassa esse número, distribuindo-se ao longo do restante da fachada frontal, quando há espaço para isso. A descrição detalhada dos elementos que compõem a fachada das igrejas se encontra nos apêndices desta tese. Abaixo, apresentação os quadros com as análises descritivas dos frontispícios das igrejas de Vila Rica (Quadro 118 a Quadro 123).

Quadro 118 - Frontispício Bom Jesus do Matosinhos





Fonte: Autor (2012)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 119 - Frontispício Nossa Senhora do Pilar





Fonte: Autor (2021)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 120 - Frontispício Nossa Senhora do Carmo





Fonte: Autor (2021)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 121 - Frontispício Nossa Senhora da Conceição





Fonte: Autor (2021)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 122 - Frontispício Nossa Senhora do Rosário

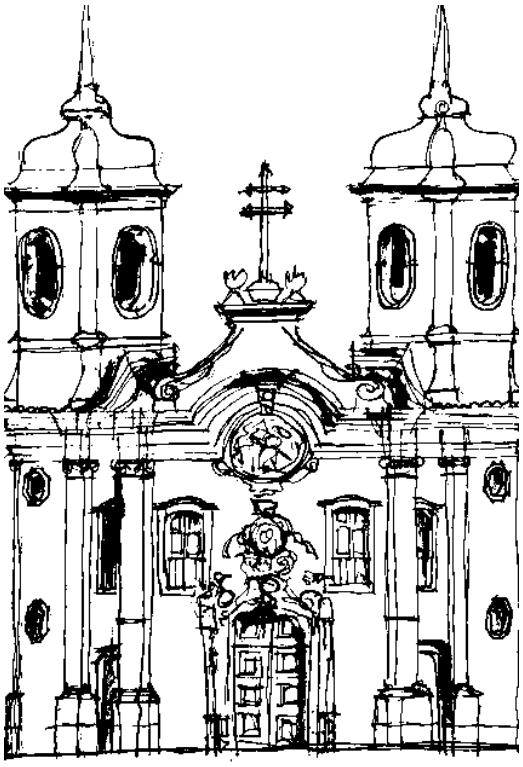




Fonte: Autor (2021)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 123 - Frontispício São Francisco de Assis





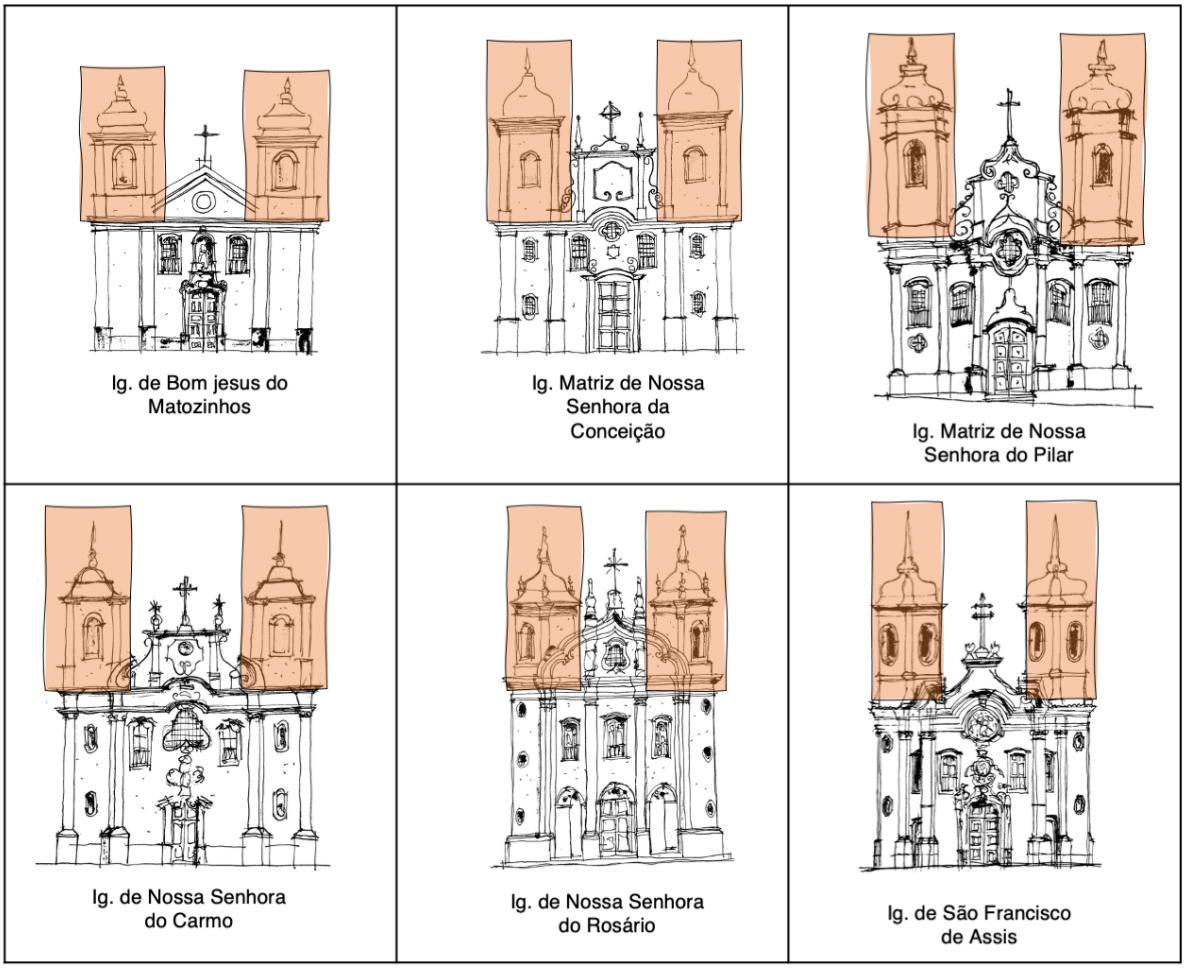
Fonte: Autor (2021)

Elaboração: Autor (2021)

– Torre

Todos os casos analisados em Vila Rica possuem torres sineiras junto à fachada em número de duas. Vale ressaltar que existem outros exemplares em Vila Rica com apenas uma torre sineira, mas dentro deste recorte, as igrejas contam com duas, conforme se observa na figura abaixo. (Figura 45)

Figura 45 - Fachadas e Torres - Vila Rica

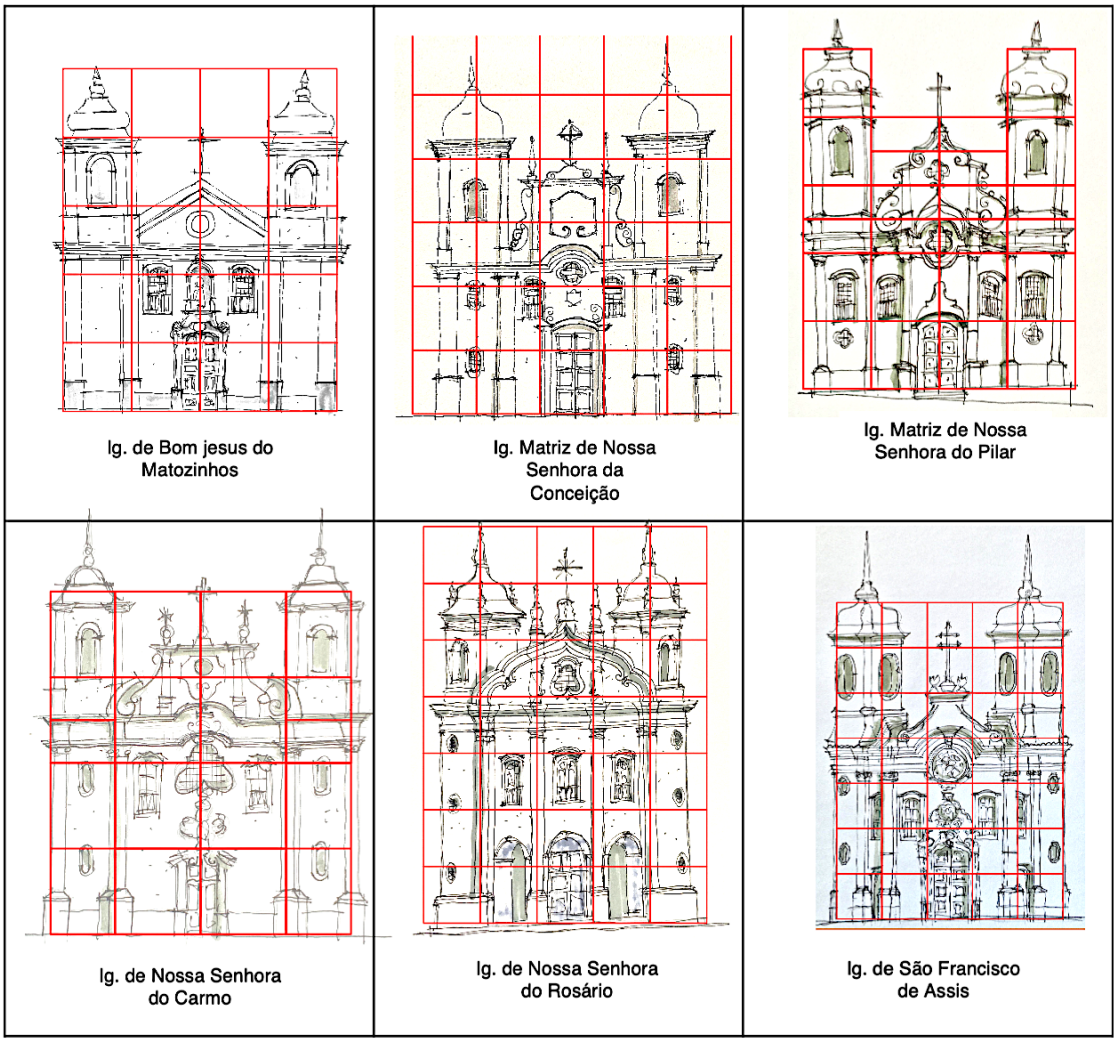


Elaboração: Autor (2020)

– Simetria

Observa-se no frontispício a presença de elementos dispostos de forma semelhante e em mesma quantidade. O frontispício da igreja do Rosário guarda uma correlação entre vãos de janela e acessos pelas aberturas no nártex executados em forma de arcadas de verga em arco pleno, que, nesse caso, são em número de três, o que a diferencia das outras edificações. Na imagem abaixo, as fachadas foram inseridas em uma grade para melhor observar as proporções e simetrias. (Figura 46)

Figura 46 - Croquis das Fachadas - Grade simetria em Vila Rica



Elaboração: Autor (2020)

Os quadros abaixo são a síntese das análises arquitetônicas dos elementos da fachada. (Quadro 124 a Quadro 126)

Quadro 124 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Portadas

Presença de elementos ornamentais simbólicos nas portadas		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja de Bom Jesus do Matozinhos	X	
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto		X
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	X	
Igreja de Nossa Senhora da Conceição de António Dias	X	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário		X
Igreja de São Francisco de Assis	X	

Elaboração: Autor (2020)

Quadro 125 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Torre Sineira

Presença de Torre Sineira na Fachada		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja de Bom Jesus do Matozinhos	X	
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto	X	
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	X	
Igreja de Nossa Senhora da Conceição de António Dias	X	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário	X	
Igreja de São Francisco de Assis	X	

Elaboração: Autor (2020)

Quadro 126 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Simetria

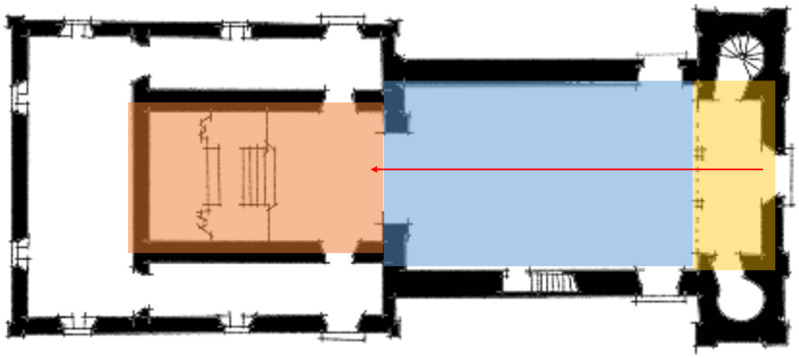
Presença de Simetria		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja de Bom Jesus do Matozinhos	X	
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto	X	
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	X	
Igreja de Nossa Senhora da Conceição de António Dias	X	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário	X	
Igreja de São Francisco de Assis	X	

Elaboração: Autor (2020)

b) Planta

Neste item, foi observada a forma dos espaços internos, a existência de elementos relevantes para a análise do poder: nártex, balaustrada, altares laterais e tribuna. Nos quadros abaixo, organizou-se cada igreja destacando os seus elementos observados ilustrados pela planta e uma fotografia da nave. Todas as igrejas têm apenas uma nave, de características plantas de nave única, ao estilo chão (Quadro 127 a 132). As setas em vermelho representam o eixo visual em direção ao altar-mor A descrição detalhada dos elementos constituintes da planta das igrejas se encontra nos apêndices desta tese.

Quadro 127 - Planta Bom Jesus do Matosinhos



Fonte: IPHAN. Modificado pelo autor (2020)

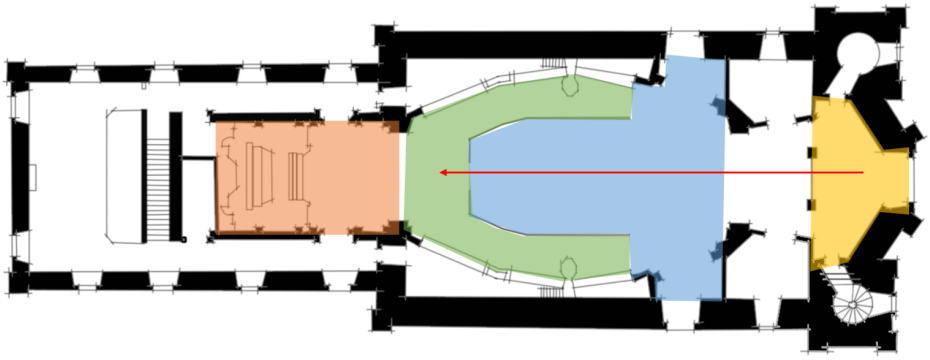




Fonte: http://www.ipatrimonio.org/ouro-preto-igreja-do-bom-jesus-do-matozinhos/#!/map=38329&loc=-20.382144999999987,-43.51614299999999,17

Elaboração: Autor (2020)

Quadro 128 - Planta Nossa Senhora do Pilar



Fonte: Bazin (1956). Modificado pelo autor (2020)

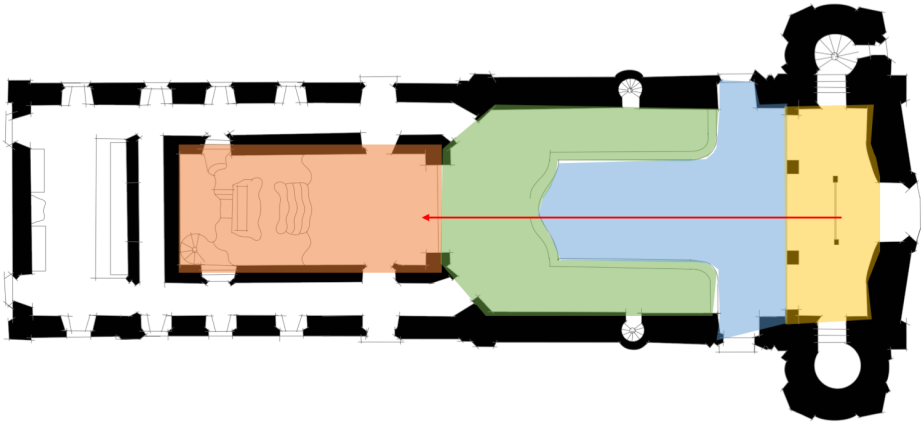
Legenda

- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: Autor (2021)
Elaboração: Autor (2020)

Quadro 129 - Planta Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Bazin (1956). Modificado pelo autor (2020)

Legenda

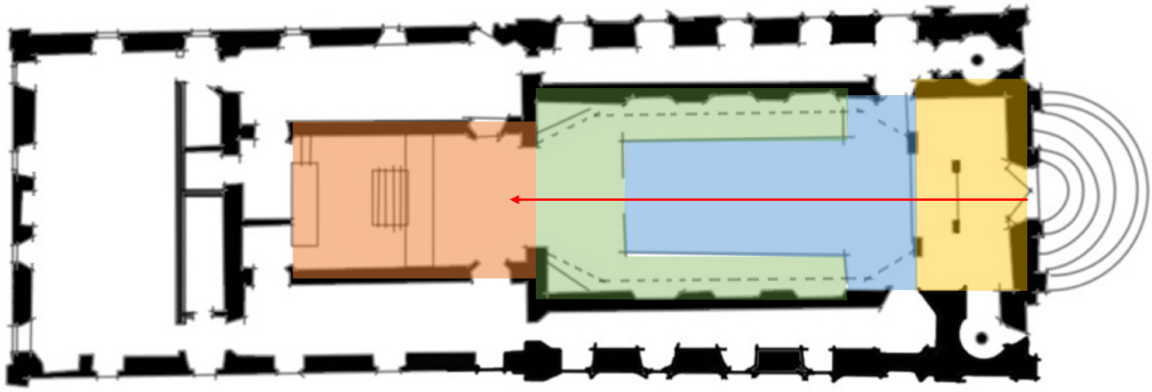
- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: Autor (2021)

Elaboração: Autor (2020)

Quadro 130 - Planta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de António Dias



Fonte: Bazin (1956). Modificado pelo autor (2020)

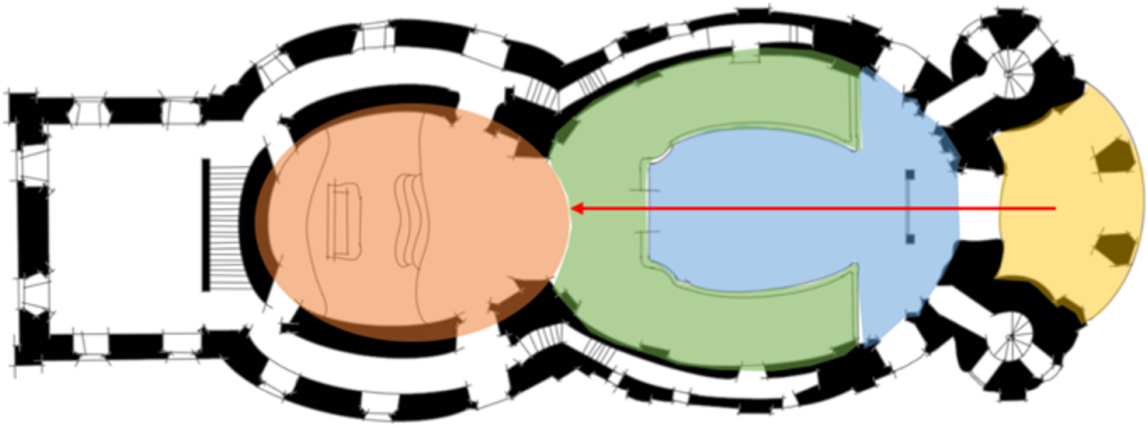




Fonte: https://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/igreja-matriz-n-s-da-conceicao-3/

Elaboração: Autor (2020)

Quadro 131 - Planta Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Bazin (1956). Modificado pelo autor (2020)

Legenda

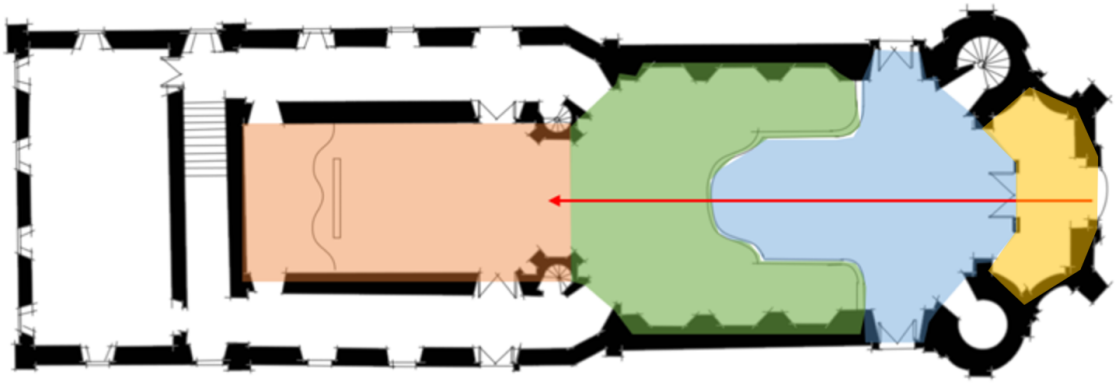
- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: Autor (2021)

Elaboração: Autor (2020)

Quadro 132 - Planta São Francisco de Assis



Fonte: Bazin (1956). Modificado pelo autor (2020)





Fonte: Autor (2021)

Elaboração: Autor (2020)

Os quadros abaixo são a síntese da análise arquitetônica referente aos elementos da planta.

Quadro 133 - Presença dos elementos como da arquitetura pertencentes ao critério 3: Tribunas - Vila Rica

Presença de Tribunas		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja de Bom Jesus do Matozinhos		X
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto	X	
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	X	
Igreja de Nossa Senhora da Conceição de António Dias	X	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário		X
Igreja de São Francisco de Assis		X

Elaboração: Autor (2020)

Quadro 134 - Presença dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Balaustrada - Vila Rica

Presença de Balaustrada		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja de Bom Jesus do Matozinhos	X	
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto	X	
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	X	
Igreja de Nossa Senhora da Conceição de António Dias	X	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário	X	
Igreja de São Francisco de Assis	X	

Elaboração: Autor (2020)

Quadro 135 - Presença dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Nártex - Vila Rica

Presença de Nártex		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja de Bom Jesus do Matozinhos		X
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto	X	
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	X	
Igreja de Nossa Senhora da Conceição de António Dias	X	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário	X	
Igreja de São Francisco de Assis	X	

Elaboração: Autor (2020)

4.3.2. Em busca da expressão do poder na arquitetura religiosa: O caso de Vila Rica (Ouro Preto)

Foram identificados os elementos cujas funções são condizentes com os três tipos de poderes (Econômico, Ideológico e Político) abordados no capítulo 2 desta tese e as suas presenças nas igrejas de Vila Rica selecionadas para esta investigação. Esses elementos da análise arquitetônica, extraídos das teorias e trabalho apresentado no capítulo 2, foram compilados nas três categorias de análises: Localização no núcleo urbano; Relação com o entorno e O Edifício. Para essas considerações e com a finalidade de fazer o texto ficar menos repetitivo e de melhor compreensão, foram organizados em dois momentos: (a) O edifício na malha urbana e a relação com seu entorno, uma análise intraurbana e (b) O Edifício.

a) O edifício na malha urbana e a relação com seu entorno.

Dentro dos elementos que compõe as igrejas analisadas, no que se entende como discurso de expressão de poder, observa-se que, em Vila Rica, a relação das igrejas com as vias se faz de maneira relevante para a construção deste discurso. Das seis igrejas analisadas, somente a do Bom Jesus do Matozinhos tem uma relação com a via que aqui se classifica como baixa relevância. Isso se deve ao fato da sua implantação estar mais afastada da zona central da vila e da única via que lhe dá acesso. Os outros cinco casos estão implantados dentro da zona central e na confluência de várias vias. Essa implantação se faz determinante para esse discurso.

A expressão de poder dessas igrejas também aparece na sua proximidade da zona central da vila e de outros edifícios de importância na malha urbana, tais como: outros edifícios de caráter religioso e edifícios oficiais. Observa-se assim que a igreja de Bom Jesus se mostra pouco relevante também nesse elemento. Essa relevância aumenta com a proximidade do Morro de Santa Quitéria (Praça Tiradentes). Pode-se considerar que em cinco das seis igrejas analisadas esse elemento se mostra relevante. Assim, a maioria das igrejas analisadas em Vila Rica expressam poder no que se refere aos elementos aqui analisados, isto é, na relação com a via, na sua implantação e topografia, bem como nos elementos que fazem parte da arquitetura desses edifícios.

A relação desses edifícios com seus acessos possui alta relevância em cinco das seis igrejas, ficando apenas a de Bom Jesus do Matozinhos com baixa relevância, apesar de se situar na estrada tronco da vila. Sua visibilidade acaba por ser comprometida em função de seu afastamento em relação com a via que é a única forma de se chegar ao edifício. Todas as outras igrejas possuem várias vias de acesso que, aliadas à topografia, potencializam essa relevância, tornam-se pontos focais dentro da malha urbana. No que diz respeito à escala dos edifícios, todos se destacam em relação ao seu entorno imediato. A igreja de Bom Jesus do Matozinhos, por apresentar uma distância maior em relação à zona mais adensada da vila, dificulta a análise desse elemento, sendo, portanto, pouco relevante.

Foi observado, no elemento Elevação em relação a via e ao entorno, uma não preponderância de edifícios situados em um nível mais alto. Apenas as igrejas do Carmo e de António Dias possuem uma escadaria frontal que é relevante, pois transformam o edifício em algo diferenciado em relação aos demais em seu entorno. As igrejas de Matozinhos, Pilar e São Francisco praticamente não dispõem de desnível em relação à via de acesso principal. Foram analisadas imagens do século XIX e início do século XX a fim de aproximar ao máximo da condição original de implantação do edifício.

Abaixo, o quadro síntese dos elementos dos critérios “Localização no núcleo urbano e Relação com o entorno” para o grupo de igrejas de Vila Rica. Observa-se uma alta relevância na maioria dos critérios, ou seja, esses elementos estão presentes de forma significativa no conjunto das igrejas de Vila Rica. (Quadro 136)

Quadro 136 - O Edifício na malha urbana e a relação com seu entorno: Uma análise Intraurbana

CRITÉRIO	ELEMENTO	Relevância*		
		1	2	3
Localização no núcleo urbano	Vias			X
	Implantação e topografia			X
Relação com o Entorno	Acessos			X
	Escala			X
	Elevação em relação a via e ao entorno			X
*(1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

b) O Edifício

Nesse critério, foram analisados os elementos que compõem a arquitetura desses edifícios e sua relevância no que diz respeito à expressão do poder, conforme tratado no capítulo 2 desta tese: Fachada (1) e Planta (2). 1 - Apesar dos frontispícios possuírem ornamentação, quando analisadas as portadas, apenas as igrejas do Pilar e do Rosário (duas das seis analisadas) não possuem elementos simbólicos e ornamentação significativos nelas. Pode-se inferir que havia certa preocupação com esses elementos. Sobre a presença de torre sineira, não só há presença em todas as igrejas, sempre duas e juntas à fachada frontal. 2 – As presenças do nártex nos casos estudados foram analisadas. Verificou-se que apenas a igreja do Rosário apresenta o nártex destacado, ou seja, ele antecede a entrada do edifício. Essa espécie de espaço de transição nas igrejas foi notada, com exceção da igreja de São Miguel, entre a porta de entrada principal e a nave, espaço que aqui, considera-se como uma espécie de nártex. Logo, a maioria das igrejas, cinco das seis, possuem nártex.

Ao observar a presença de tribunas em metade das igrejas analisadas, esse elemento foi considerado de relevância intermediária. Por fim, nota-se a presença de balaustrada em todos os casos, tornando o elemento de alta relevância nas igrejas.

Abaixo, o quadro síntese dos elementos do critério Edifício para o grupo de igrejas de Vila Rica. Observa-se uma alta relevância na maioria dos critérios, ou seja, esses elementos estão presentes de forma significativa no conjunto das igrejas de Vila Rica. (Quadro 137)

Quadro 137 - O Edifício

CRITÉRIO	ELEMENTO	Relevância*		
		1	2	3
O Edifício	Portadas			X
	Torre Sineira			X
	Simetria			X
	Nártex			X
	Tribunas		X	
	Balaustrada			X
*Como manifestação de poder (1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

No próximo tópico, a análise dos critérios e elementos dos casos localizados no Arraial do Tijuco.

4.4. O caso do Arraial do Tijuco (Diamantina)

Antes de analisar os elementos dos critérios, é necessário contextualizar as transformações ocorrida no arraial do Tijuco a fim de haver uma compreensão do todo.

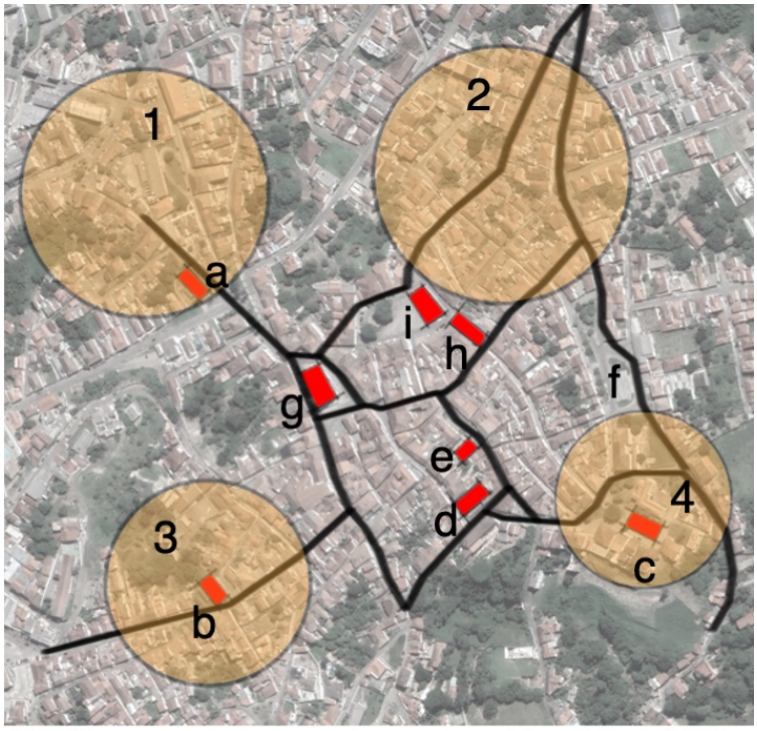
O então Arraial do Tijuco está localizado na região do Serro Frio e como aconteceu com Vila Rica, foi descoberto, em finais do século XVII. Como na região do ribeirão do Carmo e de Sabarabuçu, foram encontrados inicialmente ouro em abundância, isso desencadeou a sua ocupação. Os pontos de lavra do ouro, que inicialmente eram encontrados no leito dos rios e em suas encostas, originaram as primeiras ocupações, de onde surgiram os primeiros arraiais da região e em 1713. No vale do riacho do Tijuco foi formado o arraial de mesmo nome.

Os diamantes foram encontrados nos primeiros anos da década de 1720, porém foram reportados à Coroa portuguesa apenas em 1729, quando não mais se podia esconder o achado. Essas descobertas atraíram para o distrito diamantino paulistas, portugueses e outros estrangeiros. Porém, essa descoberta não impulsionou o desenvolvimento do arraial, que se manteve com essa classificação até o século XIX, quando foi elevado à vila. Mantendo-se subordinado à Vila do Príncipe até então, essa falta de autonomia proporcionava à Coroa uma melhor arrecadação de tributos. (GONÇALVES, 2010, p. 33)

Sylvio de Vasconcellos aponta que o arraial do Tijuco se forma pela confluência dos caminhos entre os arraiais periféricos (Figura 47), que se deu em três etapas. A primeira etapa, entre os anos de 1700 e 1720, caracteriza-se por povoamentos esparsos em vários arraiais. A segunda etapa, entre os anos de 1720 e 1750, caracteriza-se pela organização da malha urbana em reticulado. E, por fim, a terceira etapa, que começa nos anos de 1750 e se estende até os dias atuais, que é quando o núcleo se consolida, ocorrendo a sua expansão. Nesse período, surgem as principais igrejas e casarios púbicos e residenciais de maior porte. Gonçalves (2010) descreve essa formação pela confluência dos caminhos e faz uma conexão com o período pombalino:

> ...] e o traçado da cidade que foi se moldando, ao longo dos séculos seguintes, era antes resultado da somatória desses aglomerados espontâneos que se constituíram próximos aos pequenos cursos d'água e junto às vias e caminhos aos demais povoados do que expressão de um modelo de ocupação pré- estabelecido ou efeito de um plano regulador ordenado e uniforme – como se veria surgir, sobretudo nas vilas fundadas sobre a administração pombalina. (GONÇALVES, 2010, p. 30)

Figura 47 - Planta Arraiais Na Formação Do Arraial Do Tijuco



Fonte: Autor (2021), sobre base de imagem do Google Earth.

A organização administrativa foi auxiliada pela criação da Intendência dos Diamantes, que tinha o objetivo de melhorar o controle da Coroa portuguesa na exploração de diamantes, acarretou diversas medidas que interferiram nas características das ocupações urbanas na região diamantina, fazendo com que tal ocupação fosse diferenciada das demais na Capitania. Esse controle foi exercido através de um rigoroso controle imposto por deliberações régias, como mostra o regimento expedido, em 1771, sob a administração do Marquês de Pombal, em virtude do crescente descontrole na região do Tijuco:

> De fato, a mineração de diamante determinou uma ordem administrativa especial para o território, com a Demarcação Diamantina, definida em 1731, que incluía o arraial do Tijuco e outros pequenos povoados. A organização administrativa com representação e atuação local foi estabelecida em 1734, com a criação da Intendência dos Diamantes, situada no Arraial do Tijuco.

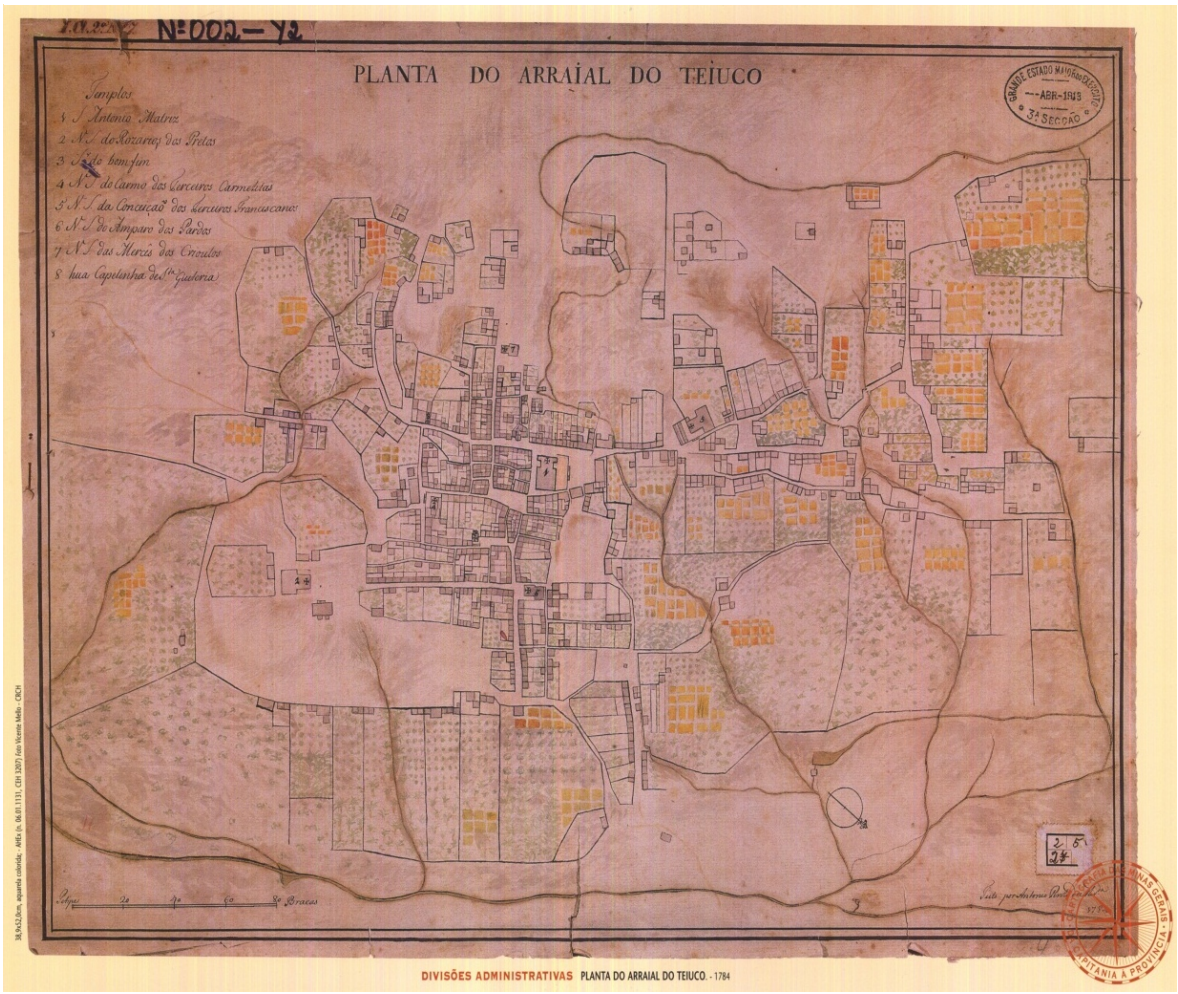
> Dessa maneira, a política administrativa portuguesa estabeleceu os responsáveis diretos pelo cumprimento de suas ordens na área de Demarcação, que eram representados, principalmente, pelo Intendente e o Governador da Capitania. Assim, a Intendência foi atuando, durante longo período, conforme as variadas decisões da Metrópole, sobre a forma de extração e comercialização do diamante. Inicialmente, se utilizou a forma de contrato, determinada em 1739, quando a exploração era monopólio particular. Depois foi instalada a Real Extração do Diamante, estabelecida de 1771 a 1845, com o monopólio régio, definido pelo Regimento Diamantino (PESTANA, 2001, p. 580 *apud* GONÇALVES, 2010).

Segundo Lemos (2008), a formação urbana do Arraial do Tijuco apresentou duas ordens instituintes: a Igreja e o Estado Monárquico (LEMOS, 2008, p.3). Lemos descreve as funções de cada poder da seguinte maneira:

> Se por um lado coube à Igreja a função de articulação com o poder econômico privado no sentido de se ampliarem as construções templárias, por outro coube ao Estado patrocinar, em grande parte, os acontecimentos religiosos e as construções civis e religiosas. (Lemos, 2008, p.3)

Segundo Prado Júnior (2011), essa administração da região diamantina, em especial o Arraial do Tijuco, teve uma singularidade de não possuir câmaras municipais, juízes, repartições fiscais ou outras autoridades ou órgãos administrativos, havendo apenas o intendente e um Regimento, o que leva a pensar em uma justificativa para a não hierarquização dos edifícios na malha urbana de forma contundente, como ocorreu em outras vilas, como em Vila Rica (PRADO JÚNIOR, 211, p.191). A forma de organização dos arraiais, que inclui a localização dos pontos mineração situados nas periferias do núcleo urbano, juntamente com as barreiras naturais, como rios e montanhas, as diretrizes da Coroa portuguesa, acarreta um desenho quadrangular, delimitado, causando um adensamento interno, porém composto de muitas áreas destinadas a pastos, currais, áreas de cultivo e chácaras (Figura 48). O núcleo urbano do Tijuco acaba por ser organizado com suas construções dispostas em quadras, diferentemente das edificações dispostas em fileiras como em Vila Rica. Essas quadras possuirão áreas livres em seu interior, compondo um adensamento menor do que em Vila Rica. Observar-se-á, mais a frente neste trabalho, a disposição das igrejas, que estarão integradas às outras edificações de caráter civil, salvo algumas exceções, como o caso da Igreja do Rosário.

Figura 48 - Mapa de autoria de António Pinto de Miranda, de 1784 (Arquivo Histórico do Exército - Rio de Janeiro)



Fonte: Costa; Renger; Furtado & Santos, 2002.

4.4.1. As igrejas do Tijuco e seus elementos de análise

1 - Localização no núcleo urbano

Como foi feito nas demais cidades, este critério de análise sobre a localização no núcleo urbano foi dividido em dois elementos: Vias e Implementação na malha urbana.

a) Vias

Das igrejas analisadas no Arraial do Tijuco, dois grupos de igrejas com relações distintas com as vias da malha urbana, foram observadas. O primeiro deles está relacionado à sua implantação na confluência das vias, o que acaba por gerar

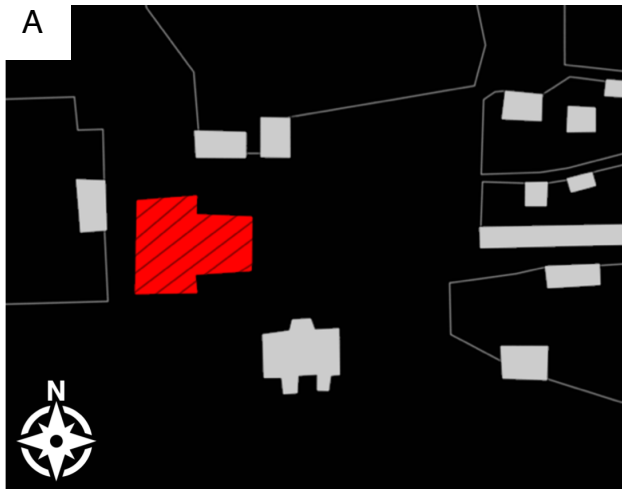
um largo. Nesse grupo, há maior possibilidade de visualização e circulação no entorno do edifício em virtude dessa relação com as vias. O segundo grupo são das igrejas dispostas ao longo das vias, que podem estar em cruzamentos ou não. Nota-se também que essa relação com a via não proporciona ao fiel a sua total observação e a circulação em seu entorno. Esses dois grupos foram organizados em quadros (Quadro 138 e Quadro 139).

Quadro 138 - Vias Tijuco (Grupo 1) – Igreja de Nª Senhora do Rosário, Igreja de Nª Senhora das Mercês e Igreja de São Francisco de Assis

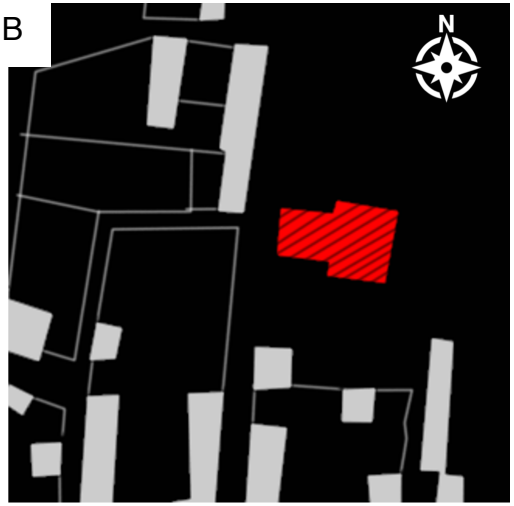
A) A igreja de N.S. do Rosário se encontra na confluência de vias, porém apresenta, em relação à malha urbana mais adensada uma maior distância, em relação à implantação das outras igrejas estudadas.

B) A igreja de N.S. das Mercês se insere em um entroncamento de vias, porém sem muito protagonismo em relação à via em que está inserida

C) A igreja de São Francisco também se encontra em confluência de vias. Difere das outras duas por estar mais inserida dentro da malha urbana e situada em cruzamento de vias, o que reforça a sua relação com elas.



Igreja de Nossa Senhora do Rosário



Igreja de Nossa Senhora das Mercês



Igreja de São Francisco de Assis

Elaboração: Autor (baseado em António Pinto de Miranda, de 1784)

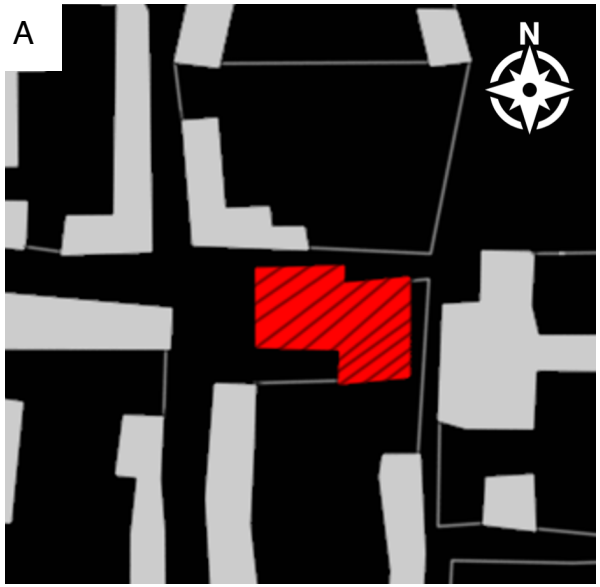
Quadro 139 - Vias Tijuco (Grupo 2) – Igreja de Nª Senhora do Amparo, Igreja do Senhor do Bonfim e Igreja de Nª Senhora do Carmo

D) Igreja de Nossa Senhora do Amparo se encontra no cruzamento de vias e no alinhamento das mesmas e sem afastamentos significativos em relação a essas vias.

E) Igreja do Senhor do Bonfim se apresenta ao longo da via, aproximadamente no meio da quadra o recuo da via à sua direita acaba por trazer a evidência o edifício em relação à mesma via.

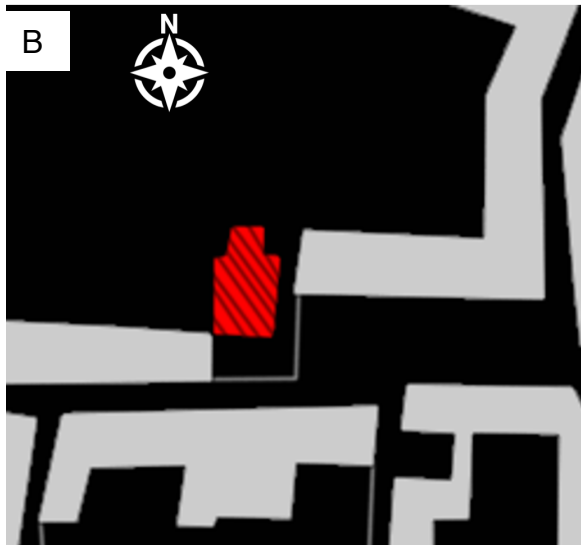
F) Igreja de Nossa Senhora do Carmo se encontra em situação análoga à do Amparo, localizada em cruzamento de vias e pouco recuada do alinhamento.

A



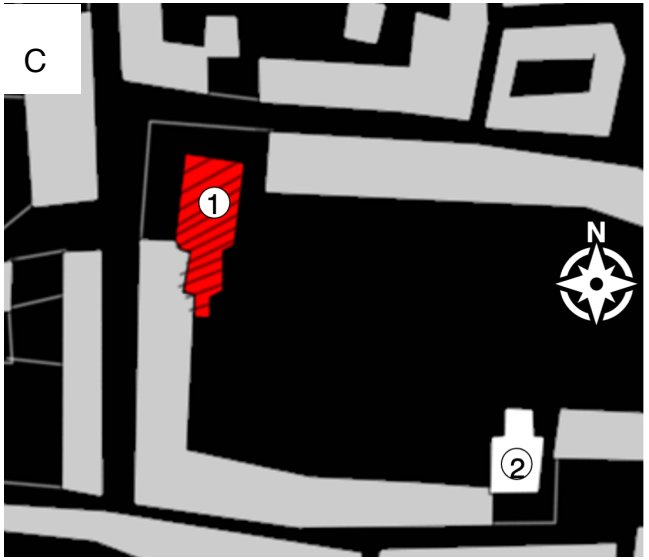
Igreja de Nossa Senhora do Amparo

B



Igreja de Nosso Senhor do Bonfim

C



1- Igreja de Nossa Senhora do Carmo
2- Igreja do Senhor do Bonfim

Elaboração: Autor (baseado em António Pinto de Miranda, de 1784)

b) Implementação na malha urbana e topografia

Serão analisadas aqui as disposições dos edifícios dentro da malha urbana do Arraial do Tijuco. Para essa análise, considerar-se-á, como nos outros casos, uma área de raio entre 200 e 250 metros para identificar os elementos que se relacionam com as igrejas em questão. Para a produção dos mapas apresentados, utilizou-se a base do *Google Earth* cruzando com informações cartográficas do século XVIII. Sobre a implantação dos edifícios e sua relação com o entorno imediato, foi organizado, para melhor compreensão, dentro de Quadros. (Quadro 141 a Quadro 143)

Os edifícios se relacionam com a topografia do arraial de maneiras muito análogas. Não se estabelecendo nos pontos de extração de diamantes, todas as igrejas se encontram implantadas no platô central do núcleo urbano. As únicas que se diferenciam são as igrejas do Rosário, a qual se encontra em cota mais baixa e a de São Francisco que se encontra em uma cota ligeiramente mais alta, de modo que não se percebe grande impacto ao serem relacionadas as duas igrejas com as outras. Os perfis 1 e 2 demonstram essa relação com a topografia (Figura 49 e Figura 50). O quadro abaixo representa a síntese da relação dos edifícios como elementos analisados em relação à sua relevância.

Quadro 140 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 1: Localização no núcleo urbano do Arraial do Tijuco

Igreja	**Relevância***			**Elemento**
	1	2	3	
Igreja do Senhor do Bonfim		X		Vias
Igreja das Mercês	X			
Igreja de Nossa Senhora do Carmo			X	
Igreja de Nossa Senhora do Amparo			X	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário			X	
Igreja de São Francisco de Assis			X	
Igreja				Implantação e topografia
Igreja do Senhor do Bonfim	X			
Igreja das Mercês	X			
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	X			
Igreja de Nossa Senhora do Amparo	X			
Igreja de Nossa Senhora do Rosário	X			
Igreja de São Francisco de Assis		X		
*Como manifestação de poder (1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 141 - Implantação na malha urbana: igreja de N.S. das Mercês e N.S. do Rosário

A) Igreja de Nossa Senhora das Mercês é dos casos analisados a que se encontra mais afastada da zona central da mancha urbana do arraial. Portanto, acaba por estar caracterizada pela ausência de edifícios e/ou outros elementos relevantes do núcleo urbano.

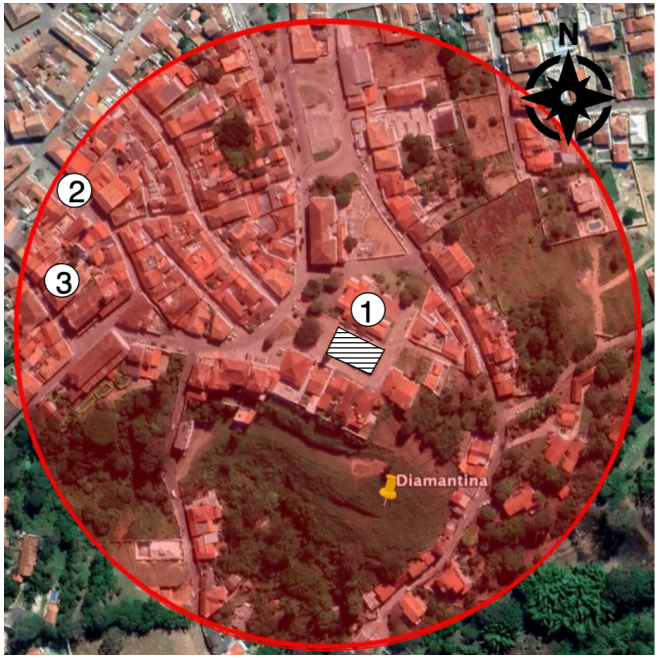
B) Igreja de Nossa Senhora do Rosário se encontra margeando a zona central do núcleo urbano, estando próxima de edifícios de relevância dentro da malha, como as igrejas do Carmo e do Senhor do Bonfim.

A



1 – Igreja de Nossa Senhora das Mercês

B



1 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário
2 – Igreja do Senhor do Bonfim
3 – Igreja de Nossa Senhora do Carmo

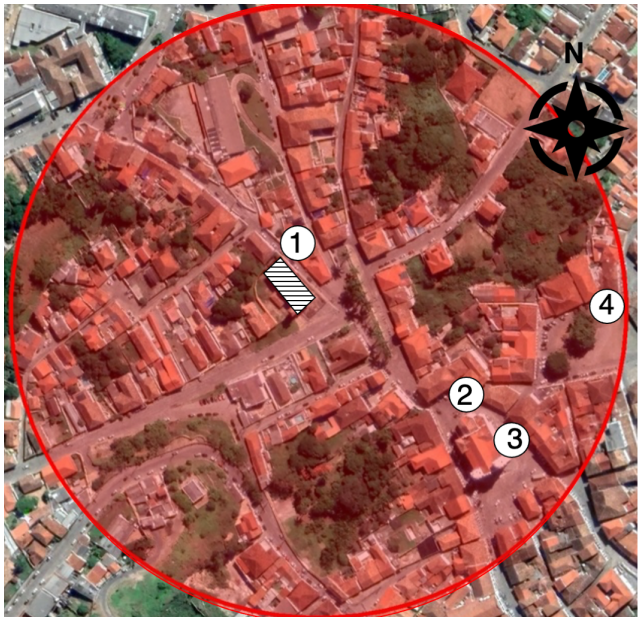
Elaboração: Autor (2021) – Mapa base Google Earth

Quadro 142 - Implantação na malha urbana: Igreja de São Francisco e Bom Bonfim

C) Igreja de São Francisco de Assis se encontra nas extremidades do quadrilátero que originou o arraial e próximo a edifícios relevantes para a organização urbana. Os edifícios identificados foram a Casa de Intendência, o Mercado e a Matriz de Santo António.

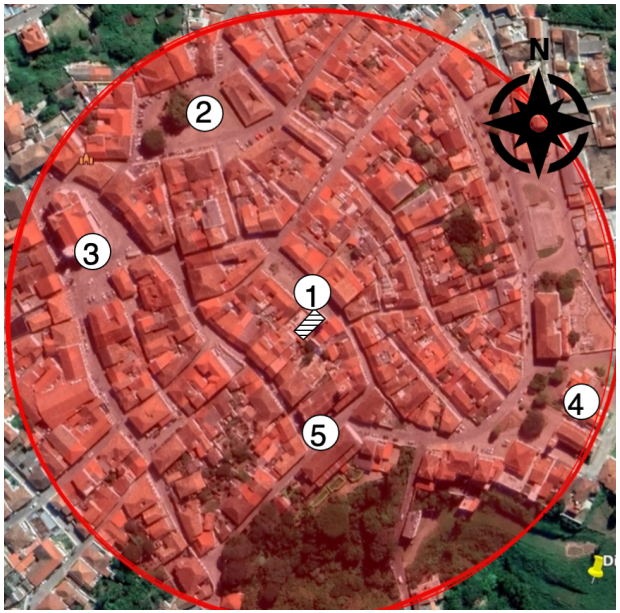
D) Igreja do Senhor do Bonfim se encontra em um ponto central quando se consideram os edifícios significativos do entorno. A noroeste localizam-se a igreja Matriz e o Mercado e a sul e sudeste, que está próxima das igrejas do Carmo e Rosário, além da Casa do Contratador.

C



1 – Igreja de São Francisco
2 – Casa da Intendência
3 – Igreja Matriz de Santo António
4 - Mercado

D



1 – Igreja do Senhor do Bonfim
2 – Mercado
3 – Igreja Matriz de Santo António
4 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário
5 – Igreja de Nossa Senhora do carmo

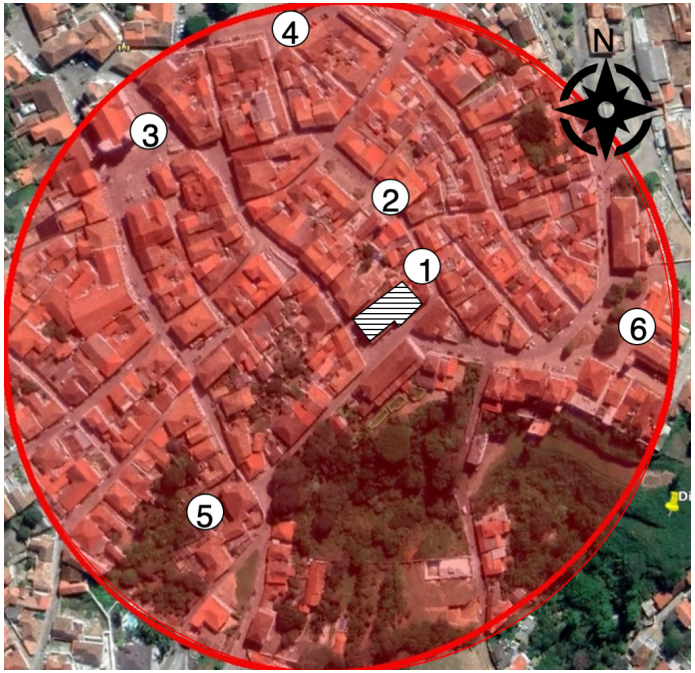
Elaboração: Autor (2021) – Mapa base Google Earth

Quadro 143 - Implantação na malha urbana: Igreja de N. S. do Carmo e N. S. do Amparo

E) Igreja de Nossa Senhora do Carmo está inserida na zona central da malha urbana do arraial, pelo lado sul - sudeste aproxima-se da casa do Comendador e da igreja do Rosário, e pelo norte-Noroeste pode-se observar que estão dentro da área definida as igrejas do senhor do Bonfim e a Matriz de Santo António.

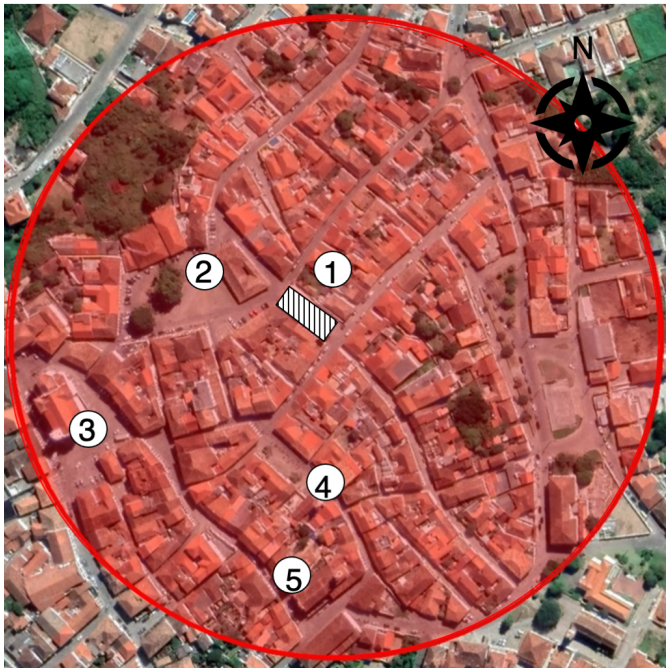
F) Igreja de Nossa Senhora do Amparo possui proximidade do Mercado, Igreja do Bonfim e do Carmo além da Matriz. Todos situados a oeste – sudoeste.

D



1 – Igreja de Nossa Senhora do Carmo
2 – Igreja do Senhor do Bonfim
3 – Igreja Matriz de Santo António
4 – Mercado

E



1 – Igreja de Nossa Senhora do Amparo
2 – Mercado
3 – Igreja Matriz de Santo António
4 – Igreja do Senhor do Bonfim
5 – Igreja de Nossa Senhora do Carmo

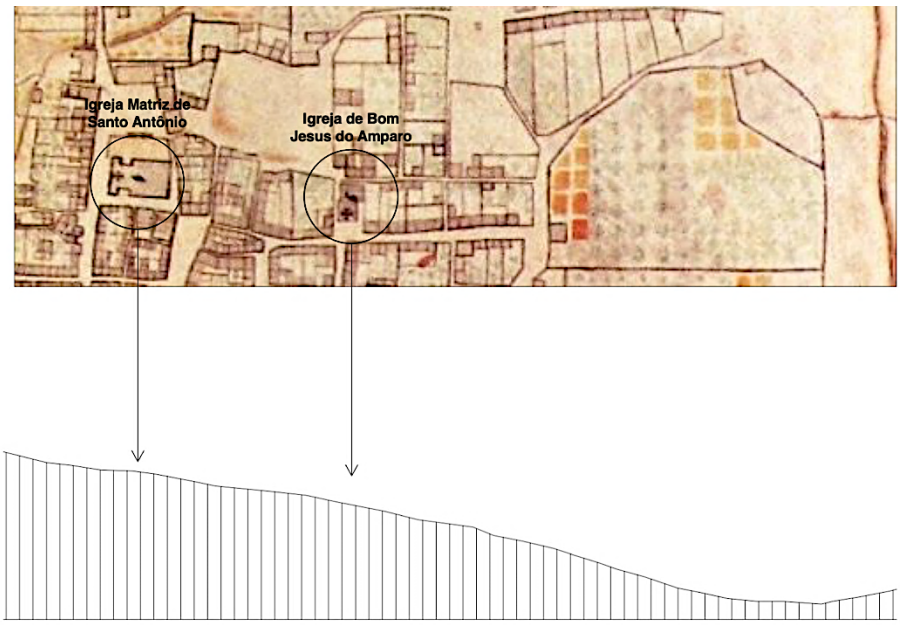
Elaboração: Autor (2021) – Mapa base Google Earth

Figura 49 - Perfil esquemático 1 - Arraial do Tijuco



Fonte: Autor (2021) baseado em António Pinto de Miranda, de 1784.

Figura 50 - Perfil esquemático 2 - Arraial do Tijuco



Elaboração: Autor (2021) baseado em António Pinto de Miranda, de 1784.

2. Relação com o entorno

A análise desse critério foi dividida em acessos, escala e elevação do edifício em relação a via e o entorno, para o melhor compreensão e limite que seja viável para esta tese.

a) Acessos

Neste elemento, o acesso ao edifício foi relacionado ao seu entorno imediato. Foram examinados os tipos e facilidades de acesso ao edifício pelas vias e como a comunidade poderia acessar a igreja. De maneira geral, os casos analisados no Arraial do Tijuco apresentam acessos frontais e laterais. Muitas se encontram em cruzamento de vias, o que contribui para a fácil visualização do edifício e de seus acessos. Para cada igreja, foram feitos quadros analíticos desse elemento de análise arquitetônico.

Acessos

Neste elemento, o acesso ao edifício foi relacionado ao seu entorno imediato. Foram examinados os tipos e facilidades de acesso ao edifício pelas vias e como a comunidade poderia acessar a igreja. De maneira geral, os casos analisados no Arraial do Tijuco apresentam acessos frontais e laterais. Muitas se encontram em cruzamento de vias, o que contribui para a fácil visualização do edifício e de seus acessos. Para cada igreja, foram feitos quadros analíticos desse elemento de análise arquitetônico.

Quadro 144 - Acessos: Igreja do Senhor do Bonfim

Descrição	
A igreja do Senhor do Bonfim, implantada no meio da quadra, apresenta elevação em relação à via com escadaria frontal, apresentando acessos laterais de menor importância em relação à portada principal. Apresenta recuo em relação à via e possui uma espécie de adro lateral, pois em sua lateral esquerda se encontra alinhada aos outros edifícios, sendo avançada em relação aos outros edifícios à sua direita.	 Fonte: Autor (2022)  Fonte: Autor (2022)
 Fonte: Autor (2022)	

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 145 - Acessos: Igreja de Nossa Senhora das Mercês

Descrição	
A igreja de Nossa Senhora das Mercês e Crioulos situa-se em uma esquina com desnível, em relação à via, em sua lateral direita, na qual possui uma escadaria. Diferente das outras igrejas, sua lateral direita apresenta-se com um grau de relevância não vista nas outras. Portanto, o fiel poderá acessar ao edifício pela fachada frontal e pela lateral de forma similar, talvez, pelo fato de a entrada lateral possuir uma espécie de adro. Pode-se considerá-la uma entrada até mais relevante do que a entrada pela fachada frontal, já que esta última não apresenta um espaço de transição entre o interno e externo.	 Fonte: Autor (2022)  Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 146 - Acessos: Igreja de Nossa Senhora do Carmo

Descrição	
A igreja de Nossa Senhora do Carmo está inserida em uma esquina com desnível para as duas vias. Esse desnível proporciona uma escadaria frontal e a continuação do adro da área frontal para a lateral direita. Essa extensão para a direita da igreja contribui para que se tenha um acesso ao interior da igreja por essa lateral. A inserção em um cruzamento de vias possibilita uma boa visibilidade do edifício pelo fiel, principalmente no sentido ascendente da via principal.	 Fonte: Autor (2022)  Fonte: Autor (2022)
 Fonte: Autor (2022)	

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 147 - Acessos: Igreja de Bom Jesus do Amparo

Descrição	
A igreja de N.S. do Amparo está inserida em um cruzamento de vias, com acesso frontal e pela lateral esquerda. O desnível em relação à fachada frontal proporciona uma pequena escada. Já na lateral esquerda a entrada se encontra no mesmo nível da rua e sem afastamento da via, não tendo, portanto, transição entre externo e interno, sendo também de menor relevância.	 Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)
Elaboração: Autor (2021)

Quadro 148 - Acessos: Igreja de Nossa Senhora do Rosário

Descrição	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário se encontra em uma confluência de vias, sendo circundada pelas quatro faces do edifício. Apresenta acessos, além da fachada frontal, nas duas laterais, sendo essas de menor relevância em relação à frontal. A confluência de vias proporciona um grande adro frontal, o maior do arraial o que contribui significativamente para o acesso dos fiéis e aglomerações. Em sua fachada, apresenta ainda duas entradas secundárias.	 Fonte: Autor (2022)  Fonte: Autor (2022)
 Fonte: Autor (2022)	

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 149 - Acessos: - Igreja de São Francisco de Assis

Descrição	
A igreja de São Francisco de Assis se encontra inserida em um cruzamento de vias. Apresenta desnível para as vias e sua fachada frontal e lateral direita. Apresenta um adro frontal que se estende para a lateral direita com escadaria de frontal, o que dá acesso à porta da fachada principal e da lateral direita. Sua implantação em esquina proporciona ao fiel o acesso de várias maneiras, podendo ser vista quase que por completo no trajeto	 Fonte: Instituto Moreira Sales[59]  Fonte: Autor (2022)
 Fonte: Autor (2022)	

Elaboração: Autor (2021)

[59]Coleção Chichico Alkmim. Disponível em: https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/19359

b) Escala

As igrejas analisadas no Arraial do Tijuco se destacam em termos de escala quando relacionadas ao seu entorno imediato. As igrejas do Senhor do Bonfim e do Amparo são as únicas em que esse destaque é menos incisivo. Importante salientar que somente a igreja do Rosário e São Francisco, destacam-se mais em virtude do distanciamento dos edifícios do entorno, sendo que a do Rosário, esse elemento se destaca mais do que na de São Francisco (Quadro 150).

De maneira geral, todas se destacam do seu entorno em relação à escala dos edifícios. O quadro síntese classificará a relevância dessa escala em relação a esse entorno imediato (Quadro 157).

Quadro 150 - Escala: Igrejas Arraial do Tijuco

Igreja	**Foto**
Igreja do Senhor do Bonfim	 Fonte: Autor (2022)
Igreja das Mercês	 Fonte: Autor (2022)

Continua

Conti. Quadro149

Igreja de Nossa Senhora do Carmo	 Fonte: Autor (2022)
Igreja de Nossa Senhora do Amparo	 Fonte: Autor (2022)
Igreja de Nossa Senhora do Rosário	 Fonte: Autor (2022)
Igreja de São Francisco de Assis	 Fonte: Autor (2022)

Elaboração: Autor (2021)

c) Elevação em relação à via e ao entorno

Aqui trata-se da relação de desnível entre a edificação e a via, a fim de demonstrar, com isso, o grau de importância do edifício. Abaixo, os quadros com a descrição do elemento e imagem ilustrativa. (Quadro 151 a 156)

Quadro 151 - Elevação/Entorno: Igreja Senhor do Bonfim

Apresenta escadaria frontal em virtude do desnível em relação com a via. A escadaria não apresenta ornamentação e sua extensão não é de grandes dimensões.	 Fonte: Autor (2022)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 152 - Elevação/Entorno: Igreja Nossa Senhora das Mercês

A igreja das Mercês apresenta pequeno desnível frontal, o que origina uma escada pouco significativa. Sua grande escadaria fica por conta da sua lateral direita, que, em virtude do grande desnível, acaba por ser maior do que a frontal, o que imputa na entrada lateral direita uma maior relevância em relação à frontal.	 Fonte: Autor (2022)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 153 - Elevação/Entorno: Igreja Nossa Senhora do Amparo

A igreja do Amparo possui pouco de desnível em relação à via, consequentemente, uma pequena escada frontal que não demonstra muita relevância.	 Fonte: Autor (2022)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 154 - Elevação/Entorno: Igreja de Nossa Senhora do Carmo

A igreja possui um pequeno desnível em ralação à via na fachada frontal e um desnível maior na fachada lateral direita. Porém o acesso através de escada acontece pela fachada frontal, sendo pouco significativo, demonstrando apenas uma adaptação relacionada à topografia.	 Fonte: Autor (2022)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 155 - Elevação/Entorno: Igreja de Nossa Senhora do Rosário

A igreja está inserida em sítio de topografia plana, e possui grande adro frontal. Em virtude da topografia, não apresenta escadaria frontal, implantando-se ao nível do terreno.	 Fonte: Arquivo Público Mineiro[60]

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 156 - Elevação/Entorno: Igreja de São Francisco de Assis

Situada no cruzamento de vias, possui desnível em relação com a via na fachada frontal e lateral direita. Seu adro é acessado apenas pela fachada frontal, que apresenta uma escadaria de grande relevância para a relação via x edifício, o que enfatiza a necessidade de ascendência para o fiel.	 Fonte: Autor (2022)

Elaboração: Autor (2021)

[60] Foto Postal de Colombo, sem data. Ti´tulo original: “Diamantina – Est. de Minas Gerais – Igreja do Rosário e árvore do Cruzeiro.
http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=29383

O quadro abaixo (Quadro 157) sintetiza a relevância dos elementos do critério Relação com o Entorno, relacionados ao poder, para os casos situados no Arraial do Tijuco (Diamantina).

Quadro 157 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 2: Relação com o entorno - Arraial do Tijuco

Igreja	Relevância*			Elemento
	1	2	3	
Igreja do Senhor do Bonfim		X		Acessos
Igreja das Mercês e Crioulos		X		
Igreja de Nossa Senhora do Carmo			X	
Igreja de Nossa Senhora do Amparo	X			
Igreja de Nossa Senhora do Rosário			X	
Igreja de São Francisco de Assis			X	
Igreja	**Relevância***			
	1	2	3	Escala
Igreja do Senhor do Bonfim		X		
Igreja das Mercês e Crioulos			X	
Igreja de Nossa Senhora do Carmo			X	
Igreja de Nossa Senhora do Amparo		X		
Igreja de Nossa Senhora do Rosário			X	
Igreja de São Francisco de Assis			X	
Igreja	**Relevância***			
	1	2	3	Elevação em relação a via e ao entorno
Igreja do Senhor do Bonfim		X		
Igreja das Mercês e Crioulos		X		
Igreja de Nossa Senhora do Carmo		X		
Igreja de Nossa Senhora do Amparo	X			
Igreja de Nossa Senhora do Rosário	X			
Igreja de São Francisco de Assis			X	
*Como manifestação de poder (1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

3. O Edifício

a) Fachada

O Quadro abaixo indica a época em que as fachadas foram construídas. Vale lembrar que não foi possível identificar a data precisa de todas as igrejas por falta de documentação disponível. Em virtude da escassa documentação existente, foram selecionadas algumas datas disponíveis para se considerar, como referência, tais como a data de reconstrução da edificação como um todo e em alguns casos a data de reabertura e/ou início da construção, a execução dos frontispícios, data de fundação, conclusão do tempo, últimas obras, execução as torres e, em outros casos, a datas reais registradas nas fachadas.

Quadro 158 - Data fachadas - Arraial do Tijuco

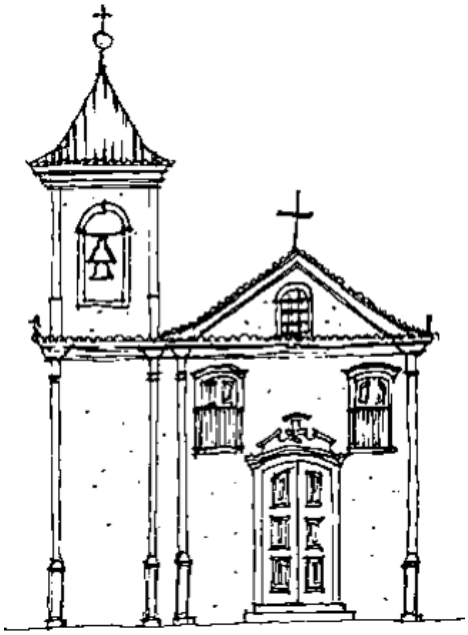
Igreja	Data
Igreja do Senhor do Bonfim	1865
Igreja das Mercês e Crioulos	1785
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	1784
Igreja de Nossa Senhora do Amparo	1773
Igreja de Nossa Senhora do Rosário	1772
Igreja de São Francisco de Assis	1789

Fonte: Mourão, 1986

– Frontispício

As igrejas do Arraial do Tijuco têm a particularidade de não utilizarem pedras na ornamentação, sendo assim, todos os frontispícios possuem ornamentações mais simples e em madeira. No corpo central, apresenta sempre duas janelas. ao nível do coro e óculo (Quadro 159 a 164). A descrição detalhada dos elementos que compõem a fachada das igrejas se encontra nos apêndices dessa tese (Quadro 206 ao Quadro 211).

Quadro 159 - Frontispício Senhor do Bonfim



Fachada
Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 160 - Frontispício N.S. das Mercês



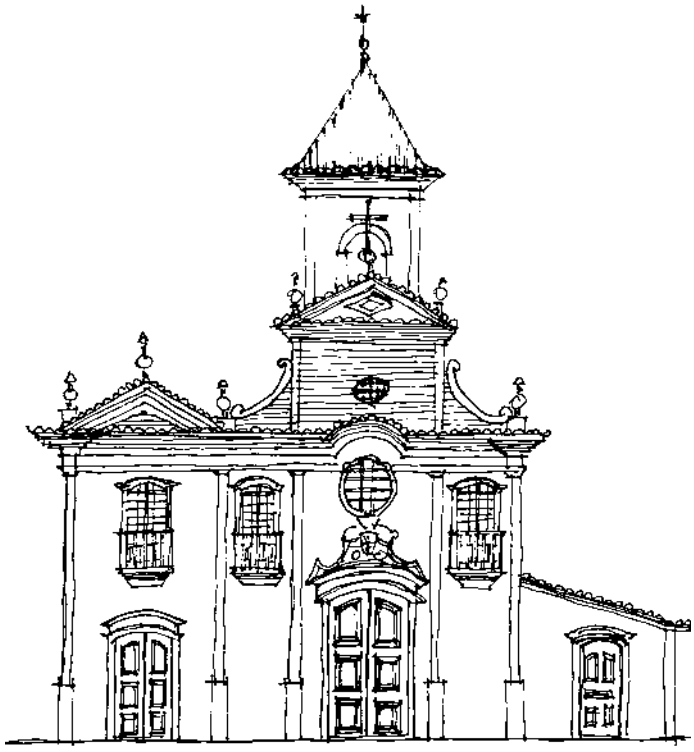
Fachada
Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 161 - Frontispício Nossa Senhora do Carmo



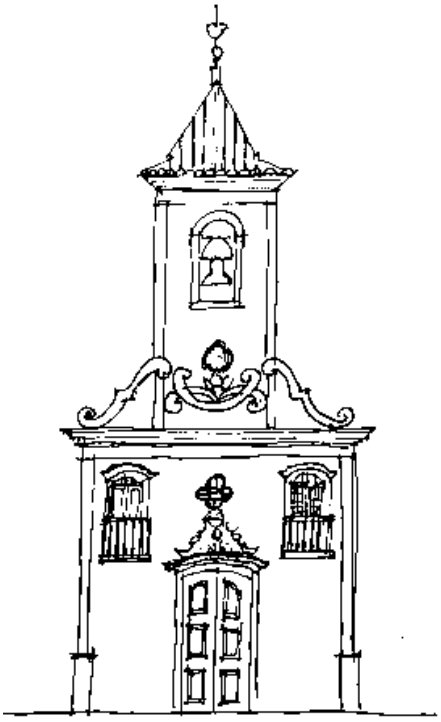
Fachada
Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 162 - Frontispício Nossa Senhora do Amparo



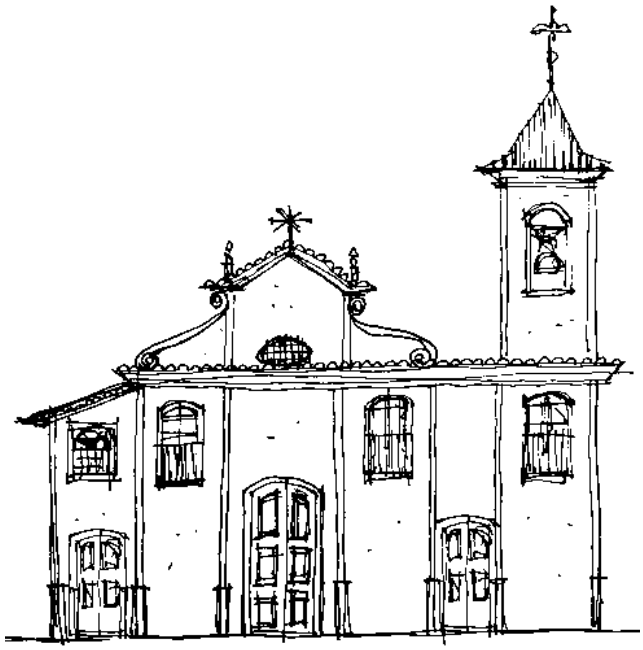
Fachada
Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 163 - Frontispício Nossa Senhora do Rosário



Fachada
Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 164 - Frontispício São Francisco de Assis



Fachada
Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)

Elaboração: Autor (2021)

- Torre

Dos casos analisados no Arraial do Tijuco, observou-se que as igrejas possuem apenas uma torre sineira. Dessas, destacam-se três que possuem torres laterais e duas apresentam a torre no eixo central. De todas as igrejas, apenas a igreja de Nossa Senhora do Carmo possui a torre localizada na parte de trás do edifício, a qual faz parte do seu volume. Conforme se observa na figura (Figura 51).

Figura 51 - Fachada e Torres - Tijuco

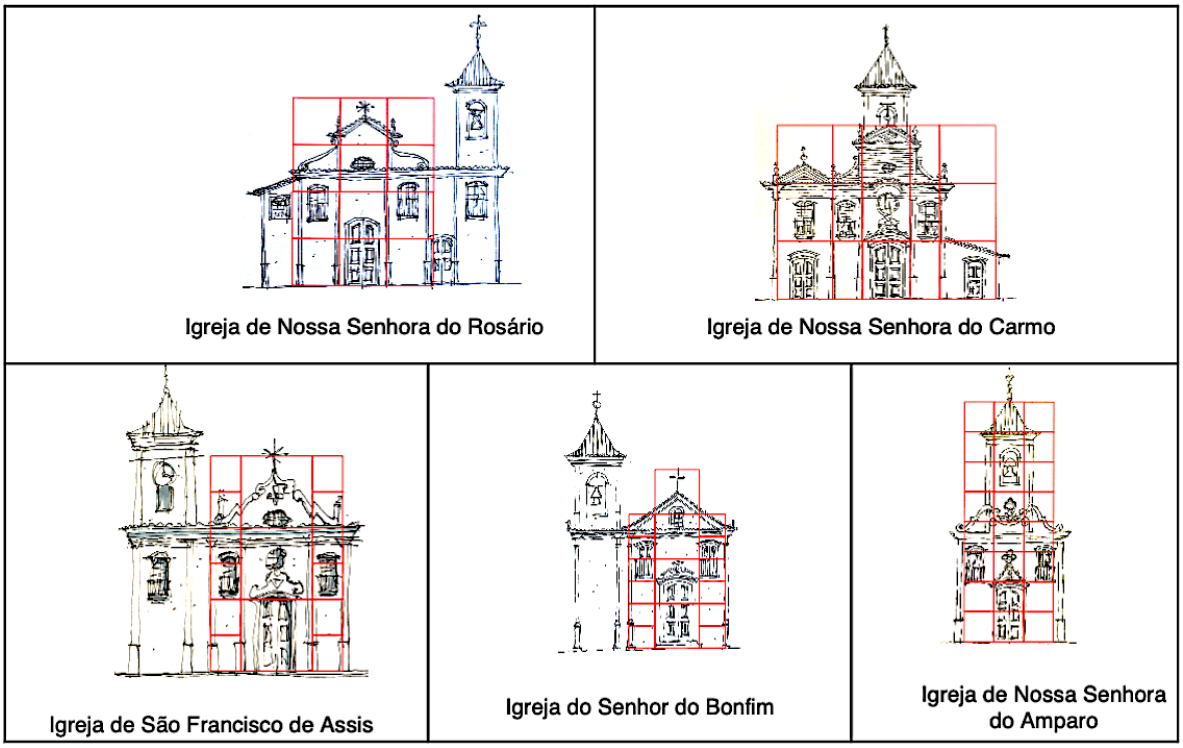


Elaboração: Autor (2020)

– Simetria

Nos casos analisados no Tijuco, há presença de simetria no corpo central das igrejas. Porém o conjunto, nos casos de torres únicas e laterais, a simetria é comprometida, como se observa nos casos apresentados na figura abaixo (Figura 52). Outro elemento que compromete a simetria do conjunto são divisões externas presentes nas fachadas, como nos casos do Rosário, e Carmo. Na imagem abaixo, foram inseridas as fachadas em uma grade para melhor observar as proporções e simetrias (Figura 52).

Figura 52 - Croquis das fachadas - Grade simetria no Tijuco



Elaboração: Autor (2020)

Abaixo, os quadros síntese da presença dos elementos relacionados ao critério três nas igrejas do Arraial do Tijuco (Quadro 165 a Quadro 167).

Quadro 165 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Portadas

Presença de elementos ornamentais simbólicos nas portadas		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja do Senhor do Bonfim	X	
Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Crioulos		X
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	X	
Igreja de Bom Jesus do Amparo		X
Igreja de Nossa Senhora do Rosário		X
Igreja de São Francisco de Assis	X	

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 166 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Torre Sineiras

Presença de Torre Sineira na Fachada		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja do Senhor do Bonfim	X	
Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Crioulos	X	
Igreja de Nossa Senhora do Carmo		X
Igreja de Bom Jesus do Amparo	X	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário	X	
Igreja de São Francisco de Assis	X	

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 167 - Relevância dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Simetria

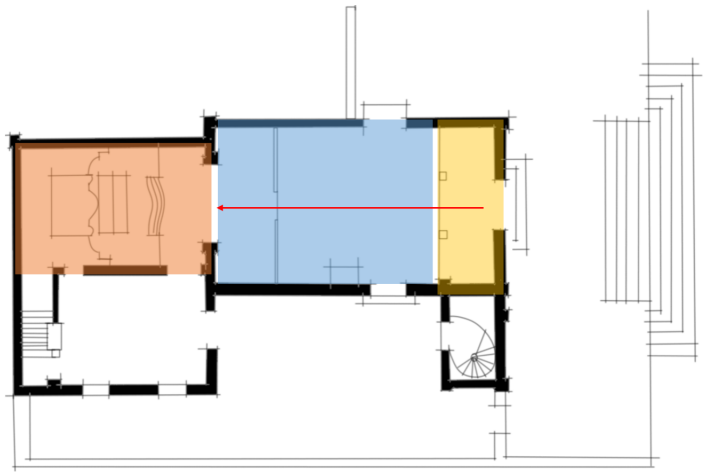
Presença de Simetria na Fachada		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja do Senhor do Bonfim	X	
Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Crioulos	X	
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	X	
Igreja de Bom Jesus do Amparo	X	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário		X
Igreja de São Francisco de Assis	X	

Elaboração: Autor (2021)

b) A Planta

Observa-se, neste item, a forma dos espaços internos, a existência de elementos relevantes para a análise do poder: nártex, balaustrada delimitando altares laterais e tribuna (Quadro 168 ao Quadro 173). A descrição detalhada dos elementos constituintes da planta das igrejas se encontra nos apêndices desta tese (Quadro 206 ao Quadro 211).

Quadro 168 – Planta da Igreja de Senhor do Bonfim



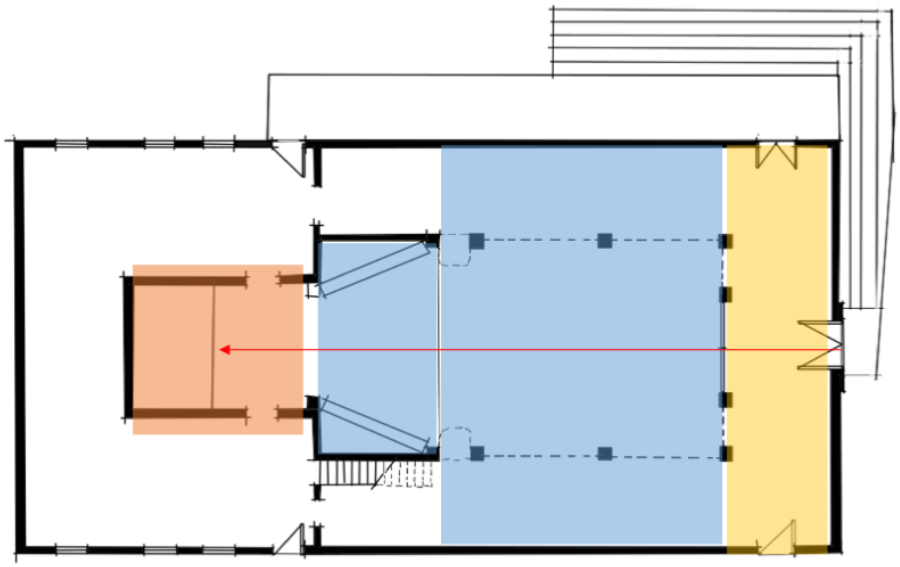
Legenda

- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: Autor (2022)
Elaboração: Autor (2021)

Quadro 169 – Planta da Igreja de Nossa Senhora das Mercês



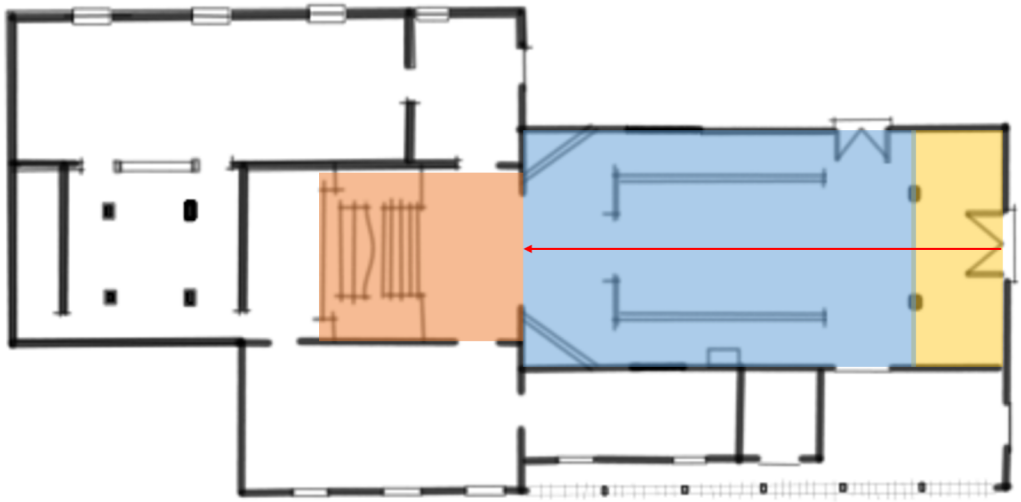
Legenda

- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: Autor (2022)
Elaboração: Autor (2021)

Quadro 170 - Planta da Igreja de Nossa Senhora do Carmo



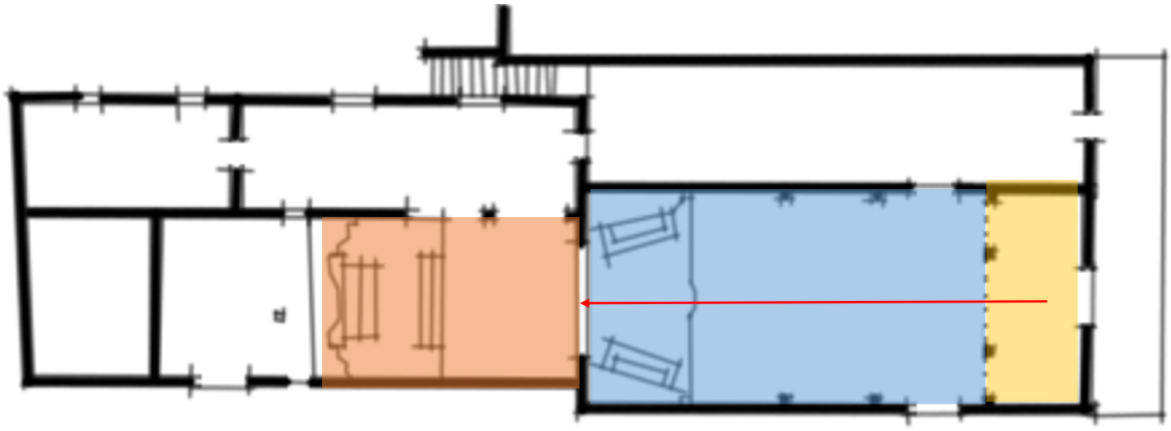
Legenda

- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: Autor (2022)
Elaboração: Autor (2021)

Quadro 171 - Planta Igreja de Nossa Senhora do Amparo



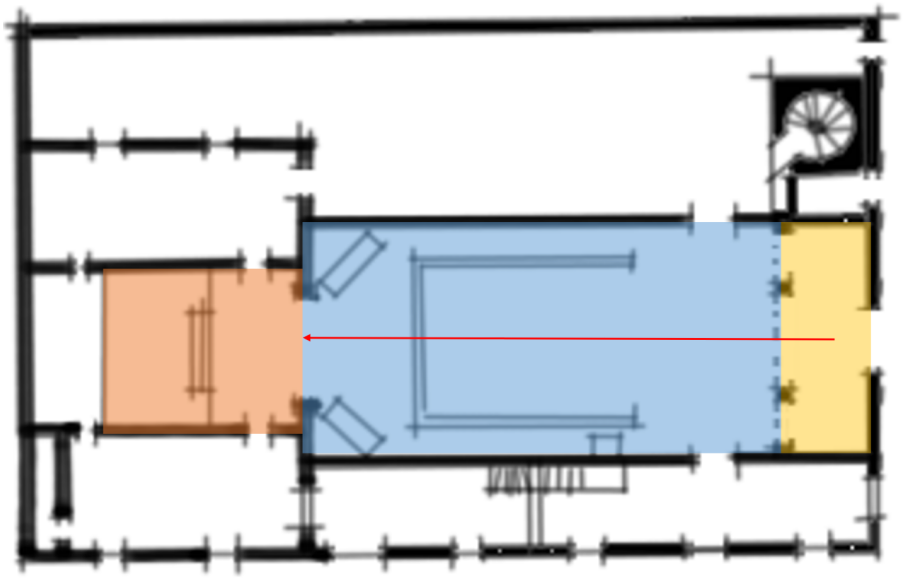
Legenda

- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: Autor (2022)
Elaboração: Autor (2021)

Quadro 172 - Planta Igreja de Nossa Senhora do Rosário



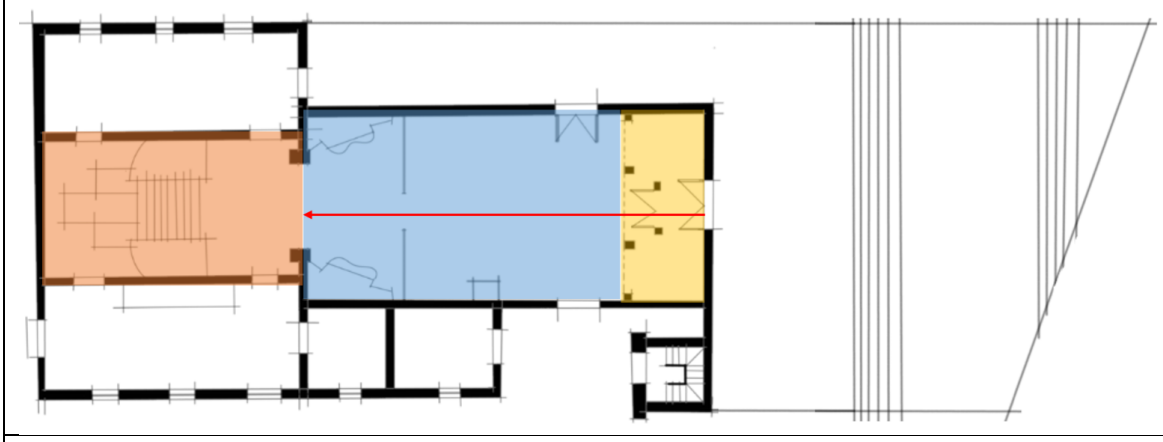
Legenda

- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: Autor (2022)
Elaboração: Autor (2021)

Quadro 173 - Planta São Francisco de Assis



Legenda

- Nártex/Falso Nártex
- Nave
- Altares laterais
- Altar-mor



Fonte: Autor (2022)
Elaboração: Autor (2021)

Os quadros abaixo são a síntese da análise arquitetónica referente aos elementos da planta.

Quadro 174 - Presença dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Tribunas Arraial do Tijuco

Presença de Tribunas		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja do Senhor do Bonfim		X
Igreja de Nossa Senhora das Mercês	X	
Igreja de Nossa Senhora do Carmo		X
Igreja de Bom Jesus do Amparo		X
Igreja de Nossa Senhora do Rosário		X
Igreja de São Francisco de Assis		X

Fonte: Autor (2021)

Quadro 175 - Presença dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Balaustrada Arraial do Tijuco

Presença de Balaustrada		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja do Senhor do Bonfim		X
Igreja de Nossa Senhora das Mercês	X	
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	X	
Igreja de Bom Jesus do Amparo	X	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário		X
Igreja de São Francisco de Assis		X

Fonte: Autor (2021)

Quadro 176 - Presença dos elementos da arquitetura pertencentes ao critério 3: Nártex Arraial do Tijuco

Presença de Nártex		
Igreja	**Sim**	**Não**
Igreja do Senhor do Bonfim	X	
Igreja de Nossa Senhora das Mercês	X	
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	X	
Igreja de Bom Jesus do Amparo	X	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário	X	
Igreja de São Francisco de Assis	X	

Fonte: Autor (2021)

4.4.2. Em busca da expressão do poder na arquitetura religiosa: O caso do Arraial do Tijuco

Os elementos cujas funções são condizentes com os três tipos de poder (Econômico, Ideológico e Político), seus instrumentos abordados no capítulo dois e a sua presença nas igrejas do Arraial do Tijuco setecentista selecionadas foram identificados. Esses elementos da análise arquitetônica, extraídos das teorias e trabalho apresentado no capítulo 2, foram compilados nas três categorias de análises: Localização no Núcleo urbano; Relação com o Entorno e O Edifício. Para essas considerações e com a finalidade de fazer o texto menos repetitivo e de melhor compreensão, dois momentos foram assim organizados: (a) O edifício na malha urbana e a relação com seu entorno, e (b) O Edifício.

a) O Edifício na malha urbana e a relação com seu entorno.

Dentro dos elementos analisados, relativos aos critérios de localização no núcleo urbano e sua relação com o entorno, entendidos como componentes de um discurso que expressa poder, notou-se que no Arraial do Tijuco a relação das igrejas com as vias se faz de maneira relevante para a construção do discurso, pois estão em posição de destaque (recuadas, em cruzamentos e na confluência de vias). Sua implantação e topografia mostraram-se pouco relevantes, por se encontrarem, de modo geral, em um platô, como praticamente toda a mancha urbana. A relação do edifício com os acessos, foram considerados intermediária e alta, predominando a alta, pois, em sua maioria, estão na confluência de várias vias, em vias principais e cruzamentos. Sobre a escala na relação com o entorno, observa-se que, até mesmo nos casos das igrejas de menor porte (Senhor do Bonfim e N.S. do Amparo), há uma escala relevante em relação ao entorno imediato, destacando-se na paisagem. As igrejas do Amparo e do Rosário são as únicas que não possuem elevação em relação à via em que estão implantadas. Todas as outras têm essa elevação, o que, por consequência, apresentam escadaria frontal, algumas de menores dimensões e outras maiores como o caso de São Francisco de Assis, que se mostra relevante. No quadro abaixo, a síntese dessa análise (Quadro 177).

Quadro 177 - O Edifício na malha urbana e a relação com seu entorno – Arraial do Tijuco

CRITÉRIO	ELEMENTO	Relevância*		
		1	2	3
Localização no núcleo urbano	Vias			X
	Implantação e topografia	X		
Relação com o Entorno	Acessos		X	
	Escala			X
	Elevação em relação a via e ao entorno		X	
*Como manifestação de poder (1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

b) O Edifício.

Foram analisados nesse critério os elementos constituintes do edifício aqui considerados, e sua relevância como expressão do poder, conforme tratado no capítulo 2: Fachada (1) e Planta (2).

Observa-se uma relevância intermediária nas ornamentações de fachada e portada. Cabe aqui salientar que os sistemas construtivos das igrejas do Tijuco diferem dos outros sítios analisados, pois a utilização de madeira acontece não só na estrutura das edificações, como também na ornamentação interna e externa, portanto, de um material menos resistente às intempéries.

Sobre a presença e relevância das torres sineiras, as igrejas apresentam apenas uma torre, que se posicionam ora na lateral da fachada, ora no centro e, em um único caso (igreja do Carmo), na parte posterior do edifício. Entende-se que são de alta relevância na manifestação do poder.

Sobre a simetria presente nas fachadas, considera-se como de relevância intermediária em relação a manifestação do poder. Nesse elemento (simetria), é preciso esclarecer algumas questões. Quando se considera apenas o frontispício das igrejas, identifica-se a presença de simetria no posicionamento de elementos e na modulação. Porém, salvo as igrejas do Amparo e das Mercês e Crioulos, que possuem torre central, os edifícios apresentam apenas uma torre lateral. Esse fato compromete a simetria. Assim, será aqui classificada como uma relevância intermediária. Todas as igrejas do Tijuco apresentam nártex, portanto possui alta relevância. As tribunas de honra não são relevantes nestes exemplos do Tijuco, pois estão presentes apenas

em uma das igrejas (igreja de N.S. das Mercês e Crioulos). Foi considerada de relevância intermediária a balaustrada, pois metade das igrejas possuem o elemento e na outra metade ele é ausente. No quadro abaixo, a síntese dessa análise (Quadro 178)

Quadro 178 - O Edifício – Arraial do Tijuco

CRITÉRIO	ELEMENTO	Relevância*		
		1	2	3
O Edifício	Portadas		X	
	Torre Sineira			X
	Simetria		X	
	Nártex			X
	Tribunas	X		
	Balaustrada		X	
*(1) Baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

4.5. Considerações sobre a Capitania de Minas Gerais

A fim de elaborar as considerações sobre como a arquitetura religiosa expressa poder no século XVIII na Capitania de Minas Gerais – Brasil, o texto foi organizado de acordo com os critérios e seus respectivos elementos analisados nas edificações. Foram no total doze edificações analisadas, sendo seis delas em Vila Rica (Ouro Preto) e seis no Arraial do Tijuco (Diamantina).

Como feito nos casos de Portugal, foi necessária uma contextualização temporal e geográfica dos casos de estudo para haver uma compreensão melhor do papel da arquitetura religiosa, ou da própria religião católica, com ênfase nas Irmandades e Ordens Terceiras a fim de não fazer uma análise sobre a ótica do século XXI, com uma aproximação máxima possível do século em questão.

Buscou-se identificar os elementos cujas funções são condizentes com esses três tipos de poder supracitadas, e também a sua presença nas igrejas da Capitania de Minas Gerais selecionadas para esta investigação. Esses elementos da análise arquitetônica, extraídos das teorias e trabalho apresentados no capítulo 2, foram compilados nas três categorias de análises, sintetizadas em duas: (a) O edifício na malha urbana e a relação com seu entorno: uma análise intraurbana e (b) O Edifício.

a) O edifício na malha urbana e a relação com seu entorno.

A disposição dos edifícios no núcleo urbano demonstra em uma escala macro a importância do edifício e o quanto ela pode impactar na sua organização espacial do núcleo urbano. Após análise da localização dos edifícios no núcleo urbano, feita de forma quantitativa e qualitativa dos casos de Vila Rica e do Arraial do Tijuco, observou-se que, em ambos os casos, existe uma grande relação com a via, o que reforça a expressão do edifício. Eles se diferenciam em relação à Implantação e à topografia, no caso de Vila Rica essa relação é muito mais intensa, o que faz os edifícios lá situados destacarem-se na paisagem de maneira mais contundente. Com relação aos acessos, observou-se que as igrejas de Vila Rica são mais relevantes em função da existência de adros e do fato de que os edifícios estarem mais distantes de outros. Isso proporciona facilmente a circulação, pois possuem todas as suas faces livres e com acesso. A importância dessa condição é percebida pelas recomendações ditadas pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1707):

> 687 Conforme o direito Canonico, (1) as Igrejas se devem fundar, e edificar em lugares decentes, e acomodados, pelo que mandamos, que havendo-se de edificar de novo alguma Igreja parochial em nosso Arcebispado, se edifique em sítio alto, e lugar decente, livre da humidade, e desviado, quanto for possível, de lugares imundos, e sórdidos, e de casas particulares, e de outras paredes, em distancia que possão andar as Procissões (2) ao redor dellas, e que se faça em tal proporção , que não sómente seja capaz dos freguezes todos, mas ainda de mais gente de fóra, quando concorrer às festas, e se edifique em lugar povoado, (3) onde estiver o maior numero dos freguezes. E quando se houver de fazer, (4) será com licença nossa: e feita vestoria, iremos primeiro, ou outra pessoa do nosso mando, levantar Cruz no lugar, aonde houver de estar a Capella maior, e demarcará o âmbito da Igreja, e adro della. (CONSTITUIÇÕES, 1853, p.251 e 252)

Com relação à escala do edifício e ao entorno imediato, observou-se que, nos dois casos, são elementos de alta relevância dentro do discurso, pois destacam-se das outras edificações em seu entorno, portando-se como pontos de referência na paisagem e aparentando opulência. Por fim, eles de maneira geral, são elevados em relação à via e ao entorno, mas pouco mais relevante em Vila Rica do que no Tijuco, indo ao encontro das recomendações existentes nas Constituições Primeiras da Bahia.

Conclui-se que, no que se refere a esses critérios, as igrejas da capitania de Minas Gerais possuem relevância e estão presentes na maioria dos casos, de forma significativa. Abaixo, o quadro resumo desses elementos (Quadro 179).

Quadro 179 - Capitania de Minas Gerais: Análise Intraurbana e elementos de relevância

O Edifício na malha urbana e a Relação com seu Entorno: Uma Análise Intraurbana				
Igreja	**Relevância***			**Elementos**
	1	**2**	**3**	
Vila Rica			X	Vias
Arraial do Tijuco			X	
Vila Rica			X	Implantação e topografia
Arraial do Tijuco	X			
Vila Rica			X	Acessos
Arraial do Tijuco		X		
Vila Rica			X	Escala
Arraial do Tijuco			X	
Vila Rica			X	Elevação em relação a via e ao entorno
Arraial do Tijuco		X		
*Como manifestação de poder (1) baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

a) O Edifício

Como no capítulo 3, referente a Portugal, foram analisados os elementos constituintes do edifício Igreja que manifestam o discurso de poder em Vila Rica e Arraial do Tijuco e, neste tópico, encontra-se a comparação dos casos.

As portadas e frontispícios das igrejas em Vila Rica possuem uma maior ornamentação e simbolismo, com presença de oragos e trabalhos de cantaria. É preciso salientar uma diferença de utilização de materiais disponíveis nas duas regiões de Minas. Na região de Vila Rica existe uma maior presença de pedras do que no Tijuco. Segundo Bazin (1956):

> A Província de Minas Gerais dispunha de vários tipos de material lapidar. A pedra conhecida como de Itacolomi, ou itacolomite, por causa da pedreira existente na serra do mesmo nome, é uma espécie de quartzo que sofreu intenso metamorfismo e que está carregada de mica. [...]A pedra sabão começou a ser empregada por volta de 1755 para a escultura dos monumentos [...] (BAZIN, 1956, p.61)

Essa presença de pedras na região de Vila Rica proporcionou uma maior ornamentação das fachadas com esse material. Quanto às igrejas do Tijuco, elas não possuem trabalhos de cantaria em suas fachadas, sendo utilizada a madeira e, quando na ornamentação, de forma mais modesta. Ainda na composição das fachadas, foi observada a presença constante de torres sineiras, que são importantes

elementos na composição e como referência do entorno, seja no caso de duas, mais comum em Vila Rica, ou de apenas uma, mais comum no Tijuco.

Essa ausência de uma das torres junto à fachada compromete a simetria do conjunto nos casos do Arraial do Tijuco. Porém, o frontispício de maneira geral apresenta simetria de vão e ornamentos tanto numa localidade como na outra.

Adentrando ao edifício, o nártex está presente como primeiro elemento, do tipo interno sob o coro, na maioria dos casos com exceção da igreja do Rosário, em Vila Rica, a única com esse elemento externo.

O elemento tribuna está mais presente em Vila Rica do que no Tijuco. Conclui-se com isso uma maior necessidade das igrejas da primeira localidade do que na da segunda. E por fim, a balaustrada, elemento que separa a assembleia dos altares ou capelas, mor ou laterais. No geral, tem alta relevância na Capitania de Minas Gerais (Quadro 180).

Quadro 180 - Capitania de Minas Gerais: O Edifício e seus elementos de Relevância

O EDIFÍCIO				
Igreja	**Relevância***			**Elemento**
	1	**2**	**3**	
Vila Rica			X	Portadas
Arraial do Tijuco		X		
Vila Rica			X	Torre Sineira
Arraial do Tijuco			X	
Vila Rica			X	Simetria
Arraial do Tijuco		X		
Vila Rica			X	Nártex
Arraial do Tijuco			X	
Vila Rica		X		Tribuna
Arraial do Tijuco	X			
Vila Rica			X	Balaustrada
Arraial do Tijuco		X		
*Como manifestação de poder (1) baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância				

Elaboração: Autor (2021)

Nas análises, foi observada que a relevância desses elementos que compõem o discurso de poder é mais contundente em Vila Rica, tanto nas questões de relação com a cidade quanto com relação ao edifício em si. No próximo capítulo, serão abordados os critérios e elementos analisados nos capítulos 3 e 4 e suas relações com o poder de modo comparativo, entre as igrejas em Portugal e na Capitania de Minas Gerais.

Capítulo 5: Comparando as duas realidades

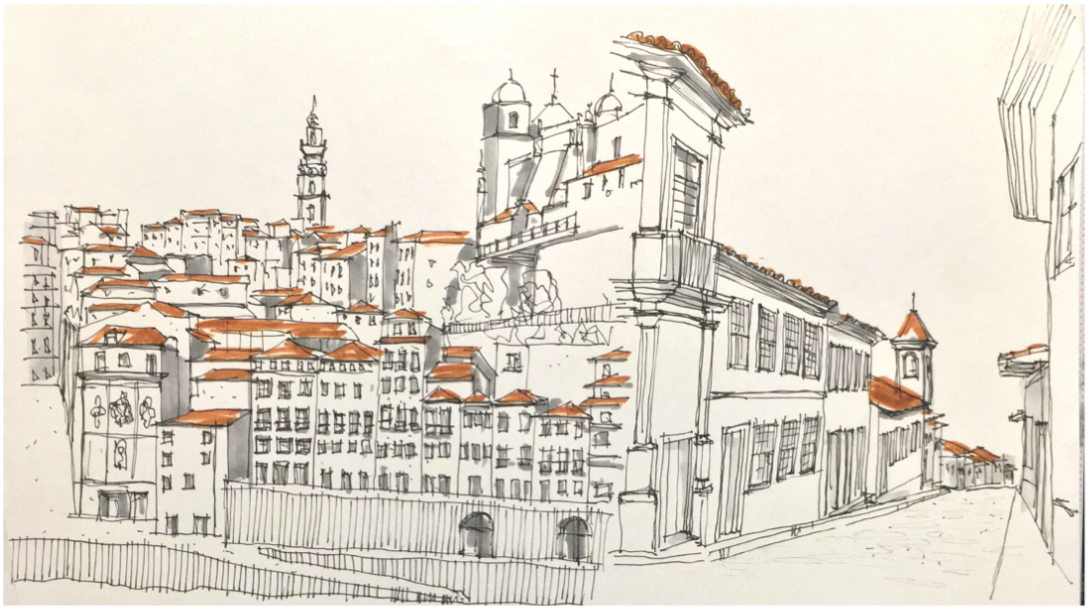




Ilustração: Fábio Vasconcellos

"A Igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões desta ordem [...] pela imposição e inculcação dos esquemas de percepção, pensamento e ação objetivamente conferidos às estruturas políticas e, por esta razão, tendentes a conferir a tais estruturas a legitimação suprema que é a 'neutralização', capaz de instaurar e restaurar o consenso acerca da ordem do mundo mediante a imposição e a inculcação de esquemas de pensamento comuns, bem como pela afirmação ou pela reafirmação solene de tal consenso por ocasião da festa ou da cerimônia religiosa, que constitui uma ação simbólica de segunda ordem que utiliza a eficácia simbólica reforçando a crença coletiva em sua eficácia [...]" (Bourdieu, 1992: 70).

Capítulo 5: Comparando as duas realidades

5.1. Introdução

> A essência da arquitetura é, por outro lado, influenciada pelas pessoas cujas atividades ela acomoda. [...] A obra tende a satisfazer o desejo daqueles que têm acesso aos recursos necessários ou o controle sobre eles, para dar suporte à realização. Eles decidem o que será construído e, com frequência, influenciam sua forma. [...]Em geral, o uso da arquitetura que prevalece em qualquer situação é uma questão de poder – político, financeiro ou de reivindicação, argumento, persuasão. (UNWIN, p.25 - 26)

Neste capítulo, é importante retornar ao desenho da metodologia, desenvolvido no capítulo 2, para se relacionar comparativamente às questões arquitetônicas, analisadas nos capítulos 3 e 4, em Portugal e na Capitania de Minas Gerais, respectivamente, e o discurso de poder.

5.2. Os elementos da arquitetura e a manifestação do poder

Compreende-se, neste estudo, que os tipos de poder descritos por Weber (Econômico, Ideológico e Político) estão presentes em todos os elementos de análise, e se relacionam entre si em uma espécie de interdependência e concomitância. Em muitas situações, um é exercido através dos outros, como no caso das torres sineiras, que são elementos de manifestação do poder ideológico, ao ditar o comportamento social pelo controle do tempo em uma comunidade, utilizando-se dos sinais sonoros, mas, ao mesmo tempo, funcionando como sinalizadores de um poder econômico por dependerem de recursos financeiros para serem edificados.

Para o embasamento teórico sobre o que foi considerado nesta tese como exercício do poder, foram utilizados os conceitos da arte da distribuição dos corpos no espaço, o controle do tempo e a dominação carismática. Os dois primeiros são conceitos trabalhados por Michael Foucault. Já o terceiro conceito foi desenvolvido por Max Weber, no qual se destaca a provocação de emoções e a sedução como recursos para o seu exercício. Com relação a esses recursos, Vitrúvio observou que são utilizados pela arquitetura e alcançados através do belo, recurso inerente a arquitetura também defendido por Milton Santos (essas fundamentações foram expostas no capítulo 2 desta tese). Assim, foram definidos em três os mecanismos de poder e persuasão: Distribuição de corpos no espaço; Controle do Tempo e Provocadores de Emoções.

Aqui serão relacionados os elementos da arquitetura com os conceitos supracitados. Entende-se que podem existir outros tipos de cruzamentos e outras relações desses mesmos elementos com os conceitos de poder e discurso, porém a tese se tornaria muito extensa. Dessa forma, foi necessário esse recorte, com a consciência de que ele poderá abrir caminhos para trabalhos futuros. O quadro abaixo relaciona aqui os elementos arquitetônicos e os conceitos sobre mecanismos de poder e o discurso (Quadro 181).

Quadro 181 - Relação poder e os elementos da arquitetura

Conceito de mecanismos de poder e persuasão	Elementos da arquitetura, analisados nos capítulos precedentes
1. Distribuição de corpos no espaço	– Vias – Implantação e topografia – Acessos – Elevação em relação a via e ao entorno – Nártex – Tribunas – Balaustrada
2. Controle do Tempo	– Torre Sineira
3. Provocadores de emoções	– Vias – Escala – Portada – Simetria

Elaboração: Autor (2021)

5.3. Os elementos da arquitetura e o discurso de poder

As três partes do discurso, *Ethos*, *Logos* e *Pathos*, (fundamentado em Aristóteles) que manifestam poder com a arquitetura, foram relacionadas, pois entende-se que o *Ethos* aristotélico é abordado ao longo do texto sobre a história das relações entre as instituições religiosas em Portugal e na Capitania de Minas Gerais. Busca-se, dessa forma, construir e imputar credibilidade à instituição que tem a igreja como expressão do poder. Constitui a construção da narrativa histórica, descrita em parte dos capítulos 1 e 2 e também no início dos capítulos 3 e 4, nos quais foi apontada a presença da Igreja Católica na formação social e por consequência na produção da arquitetura no mundo Luso, nomeadamente. Ao longo dos séculos em seu enraizamento na sociedade, moldando costumes, economia e política, a Igreja Católica constrói uma posição pouco questionada e, através dessa crença, solidifica sua credibilidade perante a sociedade.

O conceito de *Pathos* para essa investigação, conduziu esta pesquisa à definição dos elementos arquitetônicos de análise. Os elementos que compõem o

edifício são carregados de um uso determinado e, em função de uma construção baseada em paradigmas socioculturais, acabam por se impregnar de simbolismos. Por fim, e não menos importante, considerou-se aqui *Logos* a materialização do edifício composto por seus elementos constituintes. O edifício se manifesta, enquanto componente na construção do espaço e como objeto, ou seja, o arranjo das partes para a exprimir, neste caso, o poder.

Estas partes componentes do discurso aristotélico, *Pathos* e *Logos*, estão relacionadas ao edifício e como ele se insere na cidade. São compostas pelos seus elementos constituintes. Nos capítulos 3 e 4, foi levantada a presença desses elementos nas igrejas e a relevância deles, ou seja, se são utilizados de maneira constante, sua força na composição do edifício e se variam conforme o sítio onde se inserem.

Assim foram selecionados os elementos considerados nesta tese, para a (1) análise intraurbana: vias, implantação e topografia, acessos, escala, elevação em relação a via e o entorno; e para (2) análise do edifício: portadas, torre sineira, simetria, nártex, tribuna e balaustrada. A escolha desses elementos pautou-se na sua função etimológica na arquitetura, baseada nos autores estudados no capítulo 2, itens 2.3.1 e 2.3.2 desta tese. Para concluir este trabalho, foram unidos neste capítulo os dois primeiros critérios, a serem explicitados abaixo, pois se entende que, neste momento, a junção dos que foram consideradas questões intraurbanas faz sentido para a compreensão da presente conclusão, como foi feito nos capítulos anteriores.

5.3.1. O edifício na malha urbana e a relação com seu entorno: Análise intraurbana e a manifestação de poder em Portugal e na Capitania de Minas Gerais

As relações urbanas são as primeiras manifestações de poder que se pode atribuir ao edifício. Sua implantação na malha urbana, relacionada à sua topografia, a relação entre os outros edifícios e sua posição em relação à malha viária, são fatores ou elementos que condicionam a leitura do edifício e o caminho a ser percorrido até o ponto principal (que, de acordo com a liturgia, é o altar-mor), por serem os primeiros elementos a serem avistados. Importante lembrar aqui o fato de que estas análises são feitas tomando como base as observações atuais dos edifícios, no século XXI,

mas apoiando-se tanto quanto possível nos registros históricos, buscando uma compatibilização para a compreensão do contexto do século XVIII o melhor possível.

Abaixo, a síntese da presença ou utilização dos elementos arquitetônico, componentes do discurso de poder nas quatro localidades. Fez-se primeiro a comparação das igrejas situadas nas duas cidades portuguesas, Lisboa e do Porto. Para a construção dos quadros reunindo os dados das duas cidades foi utilizada a mesma metodologia nos capítulos anteriores, agora de maneira a produzir uma síntese em cada localidade (Quadro 183 e Quadro 184). A mesma comparação foi realizada, desta feita entre as igrejas das duas cidades mineiras estudadas, Vila Rica e Arraial do Tijuco. Observou-se a presença mais contundente desses elementos, ou seja, na sua maioria foram considerados de alta relevância, pois esses recursos foram mais utilizados nessa capitania do que na metrópole (Quadro 184). Entende-se, então, que a distribuição dos copos no espaço – entenda-se o espaço da cidade – fez-se de forma mais efetiva em Minas Gerais, na construção do poder.

Deve-se também considerar a virgindade da região das Minas. Os colonizadores tiveram uma "folha em branco" para iniciar a sua ocupação, o que talvez explique o porquê desse discurso de poder ser mais visível na região, visto que a organização urbana na metrópole é fruto de transformações históricas muito mais longas e recuadas no tempo, como descrito no capítulo 3. Sem muitos atores concorrentes no início da ocupação, as igrejas mineiras puderam ser situadas de forma a seguir o mais próximo possível as recomendações tratadísticas e canônica. (Quadro 184)

Observou-se que os elementos apresentam, em sua maioria, uma relevância de intermediária para alta, porém a escala do edifício em relação ao seu entorno apresentou-se pouco relevante no caso de Lisboa, como também a sua elevação em relação ao entorno e a via. Observou-se também que a escala do edifício não se destaca em relação com o seu entorno, em virtude da proximidade de edifícios de escalas concorrentes. O mesmo não foi observado na cidade do Porto, pois os elementos se apresentam de relevância intermediária a alta (Quadro 182).

Quadro 182 - Portugal: Análise intraurbana de seus elementos em relação a manifestação de poder

O EDIFÍCIO NA MALHA URBANA E A RELAÇÃO COM SEU ENTORNO: UMA ANÁLISE INTRAURBANA					
Igreja	**Relevância***			**Elemento**	**Conceitos de mecanismos de poder e persuasão**
	1	**2**	**3**		
Lisboa		X		Vias	Distribuição de corpos no espaço
Porto			X		
Lisboa		X		Implantação e topografia	Distribuição de corpos no espaço e provocadores de emoções
Porto			X		
Lisboa		X		Acessos	Distribuição de corpos no espaço
Porto			X		
Lisboa	X			Escala	Provocadores de emoções
Porto			X		
Lisboa	X			Elevação em relação a via e ao entorno	Distribuição de corpos no espaço
Porto		X			
*Como manifestação de poder (1) baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) Alta relevância					

Elaboração: Autor (2021)

Quadro 183 - Capitania de Minas Gerais: Análise intraurbana em relação a manifestação de poder

O EDIFÍCIO NA MALHA URBANA E A RELAÇÃO COM SEU ENTORNO: UMA ANÁLISE INTRAURBANA					
Igreja	**Relevância***			**Elemento**	**Conceitos de mecanismos de poder e persuasão**
	1	**2**	**3**		
Vila Rica			X	Vias	Distribuição de corpos no espaço
Arraial do Tijuco			X		
Vila Rica			X	Implantação e topografia	Distribuição de corpos no espaço
Arraial do Tijuco	X				
Vila Rica			X	Acessos	Distribuição de corpos no espaço
Arraial do Tijuco		X			
Vila Rica			X	Escala	Provocadores de emoções
Arraial do Tijuco			X		
Vila Rica			X	Elevação em relação a via e ao entorno	Distribuição de corpos no espaço
Arraial do Tijuco		X			
*Como manifestação de poder (1) baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) alta relevância					

Elaboração: Autor (2021)

Feita a comparação por igrejas segundo os países (Lisboa e Porto, em Portugal, Vila Rica e Arraial do Tejuco, Minas Gerais, Brasil), apresenta-se abaixo um quadro síntese sobre esses elementos dentro do discurso de poder reunindo os dois casos, português e brasileiro (Quadro 184). Buscou-se aqui pontuar a relevância desses elementos constituintes da manifestação de poder nas igrejas. Pequenas diferenças entre as duas regiões analisadas, foram notadas, diferenciando-se apenas na escala do edifício e sua elevação em relação com a via e o entorno, como se

observa em dois casos: (A) Igreja de Nossa Senhora do Carmo em Vila Rica e (B) Igreja de Nossa Senhora do Loreto em Lisboa (Figura 54).

Pode-se afirmar que esses recursos foram utilizados nas cidades do Lisboa e Porto para a composição do discurso de poder, pois em nenhum dos casos deve-se afirmar que essa relação com a cidade foi pouco relevante, pois as igrejas estudadas estão inseridas de forma diferenciada em relação a outros edifícios civis e até oficiais.

Quadro 184 - Quadro comparativo sobre análise intraurbana entre Portugal e Minas Gerais em relação a manifestação de poder

UMA ANÁLISE INTRAURBANA: PORTUGAL / MINAS GERAIS					
Igreja	**Relevância***			**Elemento**	**Conceitos de mecanismos de poder e persuasão**
	1	**2**	**3**		
Portugal			X	Vias	Distribuição de corpos no espaço
Minas Gerais			X		
Portugal			X	Implantação e topografia	Distribuição de corpos no espaço e provocadores de emoções
Minas Gerais			X		
Portugal			X	Acessos	Distribuição de corpos no espaço
Minas Gerais			X		
Portugal		X		Escala	Provocadores de emoções
Minas Gerais			X		
Portugal		X		Elevação em relação a via e ao entorno	Distribuição de corpos no espaço
Minas Gerais			X		
*Como manifestação de poder (1) baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) alta relevância					

Elaboração: Autor (2021)

a) As Vias como distribuidoras de corpos no espaço:

São caminhos e percursos na arquitetura, que segundo Unwin (2013), são capazes de direcionar os usuários a pontos focais da cidade ou no interior do próprio edifício distribuindo-os e condicionando esse usuário ou observador. Esses elementos estão presentes, constituintes do discurso que manifesta poder, tanto em Portugal como na Capitania de Minas Gerais, na mesma intensidade. Feita a comparação por igrejas segundo os países (Lisboa e Porto, em Portugal, Vila Rica e Arraial do Tijuco, Minas Gerais, Brasil), apresenta-se abaixo um quadro síntese sobre esses elementos dentro do discurso de poder reunindo os dois casos, português e brasileiro (Quadro 184). Buscou-se aqui pontuar a relevância desses elementos constituintes da manifestação de poder nas igrejas. Pequenas diferenças entre as duas regiões analisadas, foram notadas, diferenciando-se apenas na escala do edifício e sua

elevação em relação com a via e o entorno, como se observa em dois casos (A) Igreja de Nossa Senhora do Carmo em Vila Rica e (B) Igreja de Nasso Senhora do Loreto em Lisboa (Figura 54).

Pode-se afirmar que esses recursos foram utilizados nas cidades de Lisboa e Porto para a composição do discurso de poder, pois em nenhum dos casos deve-se afirmar que essa relação com a cidade foi pouco relevante, pois as igrejas estudadas estão inseridas de forma diferenciada em relação a outros edifícios civis e até oficiais. (Quadro 183). Após as análises, conclui-se que a relação dos edifícios com as vias, tanto em Portugal quanto em Minas Gerais, compõe o discurso de poder de maneira semelhante.

b) Implantação e topografia como distribuidoras de corpos no espaço e provocadores de emoção:

A visibilidade da igreja na paisagem da cidade acaba por atribuir ao edifício, além de ponto focal e referência espacial, certa hierarquização do espaço, pois potencializa o sítio onde se insere conferindo status a ele. Essa hierarquização acaba por organizar e distribuir corpos e edifícios no espaço. Esse elemento é considerado relevante em alguns tratados de arquitetura, como o caso das *Instructiones*, de Carlos Borromeu (1985) o qual sugere que a implantação da igreja deveria ser em lugar mais elevado, e se adequar a área geográfica de implementação (BORROMEU, 1985). Foi verificada também essa recomendação nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1853), como também nos tratados de Vitrúvio sobre a implantação dos templos[61]. Observou-se que, tanto em Lisboa quanto no Arraial do Tijuco, esses elementos perdem força no discurso de poder. Essa redução da força foi atribuída aqui às transformações urbanas pombalinas, no caso de Lisboa, e ao fato de o Arraial do Tijuco ter tido seu núcleo inicial concebido no período também pombalino com sua influência iluminista. O que fizeram com que a Igreja perdesse o protagonismo na malha urbana. Protagonismo esse que organiza simbolicamente e hierarquicamente o espaço, que se considera nesta investigação como forma de distribuição dos corpos

[61] “Os templos sagrados dos deuses, que se consideram ser a mais alta tutela da cidade, Júpiter, Juno e Minerva, dever-lhes-ão ser distribuídas zonas no lugar mais elevado, de onde se possa observar a maior extensão do recinto fortificado.” (VITRUVIO, 2007, Livro I, capítulo VII, p. 104)

no espaço e reforça uma monumentalidade descrita por Baker contribuindo para causar emoções no fiel.

c) Acessos como distribuidores de corpos no espaço:

Os acessos aos edifícios são predominantemente pela fachada frontal e por vias principais. A cidade de Lisboa não apresenta muita relevância em relação a esse elemento na composição do discurso. A presença de degraus de acesso e escadarias para esse acesso se faz presente de forma sistemática o que acaba por destacar o edifício de outros no entorno imediato. Deve-se observar também nas orientações de Carlos Borromeu: [...] “e se a área geográfica de implementação da igreja fosse completamente plana, deveria construir-se por forma a ascender-se a ela através de três ou cinco degraus.” (BORROMEU, 1985) e em Vitrúvio[62] .As presenças de adros se fazem maior nos casos da capitania de Minas Gerais em primeiro e na cidade do Porto em segundo. Pode-se verificar esse elemento sendo relevante na Igreja dos Clérigos (A), em Lisboa e na Igreja de São Francisco de Assis no Arraial do Tijuco (B). (Figura 53)

[62] “No frontispício, os degraus deverão ser dispostos de tal modo que sejam sempre ímpares: pois como se sobe o primeiro degrau com o pé direito, também este será o primeiro a atingir a parte superior do templo. Sou da opinião de que a altura destes degraus deverá ser definida de modo que não fique maior que cinco sextos do pé nem menos que três quartos; deste modo, a subida não será custosa. Quanto à largura dos degraus, considera-se que não deverá ser inferior a um pé e meio nem superior a dois.” (VITRUVIO, 2007, Livro III, capítulo IV, p. 185)

Figura 53 - Igreja de São Pedro dos Clérigos (Porto) e de São Francisco de Assis (Arraial do Tijuco)



Fonte: (A) Autor (2017); (B) Alkmim, Chichico (s.d)[63]

d) Escala como provocadores de emoções:

Vitrúvio demonstra que o belo provoca emoções e que o belo é composto de relações geométricas que produzem ideias de proporção e escala do edifício com seu entorno. Unwin (2013) ainda aponta a escala como importante elemento que transforma o edifício em foco. Com base nesses conceitos, entende-se que a magnitude das igrejas profere o discurso de poder e que essa magnitude é de maior relevância em Minas Gerais (mais destacadas em Vila Rica) do que em Portugal, como se observa nos casos da igreja do Carmo - Vila Rica e do Loreto – Lisboa (Figura 54).

Figura 54 - Escala do Edifício em Relação ao Entorno Imediato: (A) Igreja de N.S. do Carmo (Vila Rica) e (B) Igreja de N.S. do Loreto (Lisboa).



Fonte: Figura (A) Autor (2012); Figura (B) Google Earth (2021).

[63] https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/5158

e) Elevação em relação à via e ao entorno como distribuidores de corpos no espaço e provocadores de emoção:

Esse critério, também relacionado à distribuição e corpos no espaço, enfatiza a igreja como ponto focal na paisagem da cidade como também a sua importância em relação aos edifícios vizinhos construindo visadas e hierarquias que transmitem e ideia de superioridade simbólica em relação ao entorno, o que acaba por estimular as emoções do fiel. A elevação do edifício em relação à via proporcionada por escadas (mais frequentemente utilizada) e rampas, foi observada com maior frequência nos casos em Minas Gerais do em Portugal. Exemplos dessa ausência de elevação relevante se veem nas igrejas de Santa Cruz do Castelo, Encarnação e Mártires, em Lisboa e em São Pedro de Miragaia, no Porto[64], que são diferentes dos casos encontrados na Capitania de Minas Gerais.[65]

5.3.2. Análise do Edifício e a manifestação do poder em Portugal e na Capitania de Minas Gerais

A definição dos elementos constituintes se organizou do externo para o interno, analisando elementos de fachada para posteriormente, perfazendo o caminho do fiel, adentradas no interior da nave. Sobre a importância das fachadas como elemento primeiro no discurso, aquele primeiramente observado pelo fiel, Quintão (2005) descreve que as fachadas irão servir para "distinguir a igreja dos edifícios civis, anunciando-se como o início do percurso do crente, simbolicamente ascensional", caminho esse que terminará na capela-mor, ponto focal e de maior importância da igreja (QUINTÃO, 2005, p.34).

Existe uma equidade de relevância da presença dos elementos constituintes do edifício, relacionados ao discurso de poder, nas cidades de Lisboa e Porto (Quadro 184). O que difere da paridade de elementos relacionados à análise intraurbana pontuada anteriormente. Percebe-se que a baixa relevância, que está relacionada à ausência de certos elementos, concentra-se nos casos de Lisboa quando comparados

---

64 Ver análises elaboradas no capítulo 3 desta tese sobre as igrejas de Lisboa e Porto.

65 Ver análises elaboradas no capítulo 4 desta tese sobre as igrejas de Vila Rica e Arraial do Tijuco.

com o Porto, como o caso das tribunas. Outro elemento que se destaca pela pouca relevância são as torres sineiras, que, apesar de existentes nos casos de Lisboa, não se localizam nas fachadas e são quase imperceptíveis, a não ser, em uma vista aérea.

Abaixo, é apresentado a síntese da presença ou utilização dos elementos arquitetônicos componentes do discurso de poder inicialmente para as igrejas das duas cidades portuguesas, considerando o edifício igreja e seus componentes arquitetônicos. (Quadro 185)

Quadro 185 - Portugal: O Edifício

O EDIFÍCIO					
Igreja	**Relevância***			**Elemento**	**Exercício de poder**
	1	**2**	**3**		
Lisboa			X	Portadas	Provocadores de emoções
Porto		X			
Lisboa	X			Torre Sineira	Controle do Tempo
Porto			X		
Lisboa			X	Simetria	Provocadores de emoções
Porto		X			
Lisboa	X			Nártex	Distribuição de corpos no espaço
Porto		X			
Lisboa	X			Tribuna	Distribuição de corpos no espaço
Porto			X		
Lisboa			X	Balaustrada	Distribuição de corpos no espaço
Porto		X			
*Como manifestação de poder (1) baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) alta relevância					

Elaboração: Autor (2021)

Analisando esses elementos para as igrejas da capitania de Minas Gerais, observa-se uma maior equidade na presença e relevância desses elementos em Vila Rica e no Arraial do Tijuco. Apenas a tribuna de honra se apresenta fora dessa equidade. Foi observado também que, na Capitania de Minas Gerais, esses elementos tiveram uma maior utilização e por consequência uma maior relevância na constituição das igrejas do que em Portugal (Quadro 186).

Quadro 186 - Capitania de Minas Gerais: O Edifício

O EDIFÍCIO					
Igreja	**Relevância***			**Elemento**	**Exercício de poder**
	1	**2**	**3**		
Vila Rica			X	Portadas	Provocadores de emoções
Arraial do Tijuco		X			
Vila Rica			X	Torre Sineira	Controle do Tempo
Arraial do Tijuco			X		
Vila Rica			X	Simetria	Provocadores de emoções
Arraial do Tijuco		X			
Vila Rica			X	Nártex	Distribuição de corpos no espaço
Arraial do Tijuco			X		
Vila Rica		X		Tribuna	Distribuição de corpos no espaço
Arraial do Tijuco	X				
Vila Rica			X	Balaustrada	Distribuição de corpos no espaço
Arraial do Tijuco		X			
*(1) baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) alta relevância					

Elaboração: Autor (2021)

Abaixo, uma síntese sobre esses elementos dentro do discurso de poder em Portugal e na Capitania de Minas Gerais. Buscou-se aqui pontuar a relevância desses elementos constituintes da manifestação de poder nas igrejas. Ao verificar o quadro síntese, foi percebido que poucos elementos se diferem entre os casos da Metrópole e os da Colônia (Quadro 187)

Quadro 187 – Quadro Comparativo sobre análise do Edifício entre Portugal e Minas Gerais

O EDIFÍCIO					
Igreja	**Relevância***			**Elemento**	**Conceitos de mecanismos de poder e persuasão**
	1	**2**	**3**		
Portugal			X	Portadas	Provocadores de emoções
Minas Gerais			X		
Portugal		X		Torre Sineira	Controle do Tempo
Minas Gerais			X		
Portugal			X	Simetria	Provocadores de emoções
Minas Gerais			X		
Portugal		X		Nártex	Distribuição de corpos no espaço
Minas Gerais			X		
Portugal		X		Tribuna	Distribuição de corpos no espaço
Minas Gerais			X		
Portugal			X	Balaustrada	Distribuição de corpos no espaço
Minas Gerais			X		
*(1) baixa relevância – (2) relevância intermediária – (3) alta relevância					

Elaboração: Autor (2021)

a) Portadas como provocadores de emoções:

Com a função de anunciar a finalidade o edifício, a portada, junto com o frontispício, são elementos que tendem a provocar emoções definida por Santos (1999), seja pela ornamentação pura ou com elementos que fazem referência ao orago ou a história da instituição e que buscam o belo, que de acordo com Vitruvio, toda boa arquitetura busca alcançar. Abordada nas *Instructiones Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae*, por Carlos Borromeu (1985), a entrada principal deve diferenciar-se das outras pela dimensão, pelos ornamentos e os seus batentes devem ter menos ornatos e mais firmeza. Quanto às portadas, elas devem ser preferencialmente feitas em madeira de cipreste, cedro ou nogueira, e esculpida para durar muito tempo (VECHINA, 2018, p. 150). Observou-se, de forma predominante, um cuidado com os elementos do frontispício, nomeadamente as portadas, tanto nos casos de Portugal quanto nos de Minas Gerais. (Figura 55)

Figura 55 - Portadas das Igrejas de N.S. da Encarnação - Lisboa (A) e de N.S. do Carmo - Vila Rica (B)



Fonte: (A) https://pontosj.pt/paroquiadaencarnacao/igrejas-da-paroquia/; (B) Autor (2021)

b) Torre Sineira controle do tempo:

Nabuco afirma que:

> [...] a função dos sinos nas igrejas não é a de substituir o órgão e os cantores nem de dar concertos, é sim de ser a voz de Deus para convocar os fiéis para as cerimónias sagradas, e para dar avisos ou sinais de alegria ou tristeza, ou, em uma palavra, para convidar os fiéis a elevarem suas almas e seus corações ao Senhor. (NABUCO, 1964, p.47)

A importância da torre sineira nas igrejas é encontrada nas recomendações das Constituições sinodais do Bispado do Porto (1735):

> Os sinos & campanario, ou torre saõ tambem requisito necessario pera perfeiçaõ dos Templos, por tanto os deve haver em todas as Igrejas, & na nossa Sé Cathedral seraõ sette, ou ao menos sinco, & na collegiada ao menos tres de differente grândeza, & som, de que resulte boa consonancia [...] & nas outras Igrejas Parochiais dos lugares grandes poderá haver tambem os dittos tres sinos, & necessariamente haverá ao menos dous, excepto, se forem taõ pobres, que os naõ possaõ ter, porque neste caso se permittirá, q. haja sómente hum [...] & procurarse-ha, quanto for possivel, que os sinos sejaõ bentos na forma do Pontifical.» in Constituições sinodais do Bispado do Porto, Livro IV. Tit. 1, Const. IV §3v. (Coimbra, Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1735), p. 268.

As mesmas recomendações sobre a presença de sinos nas igrejas estão presentes nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia de 1707:

> [...] havendo-se de edificar de novo alguma Igreja paroquial em nosso Arcebispado, se edifique em sítio alto, e lugar decente [...] Terão Pias Batismais de pedra, almarios para os Santos Oleos, pias de agoa santa, um púlpito, confessionários, sinos e Casa de Sacristia. [66]

Entende-se que as torres sineiras são elementos que se destacam na paisagem por sua escala e altura. Elemento mais próximo do Panóptico de Foucault por essas características físicas visíveis, aqui foi relacionado o fato ser também utilizada para marcar os acontecimentos diários na comunidade, ou seja, através do badalar dos sinos, a comunidade tem sua referência temporal. Sobre essa relação temporal da torre, Carlos Borromeu descreve que

> Convenientemente, a torre sineira das igrejas mais distintas, deve ter um relógio, «confecionado com obra artificiosa de acordo com a forma do edifício», que permita que «o registo de cada hora seja anunciado por dentro com o som de um sino, por fora com a efigie de uma estrela que se chumbe em círculo, colocada num lugar evidente. (BORROMEU, 1985 *apud* VECHINA, 2018, p. 132)

A sua posição como referência visual, juntamente com o som, transformam esse elemento em um controlador do tempo importante na construção do discurso de poder, função descrita nas Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia:

> "615 Tangerão, ou mandarão tanger os sinos para as Missas, e Ofícios às horas competentes; e todos os dias depois do Sol posto tangerão ás Aves marias, em memória da Annunciação da Virgem Maria de Nossa Senhora. E tudo o mais

---

[66] Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, 1707.

> pertencente aos sinos; como quando se houverem de fazer signaes por defuntos, repicar, dor signal para se lembrarem das almas, que estão no Purgtório, correrá por sua obrigação.[67]

Entende-se que a sua ausência no plano da fachada enfraquece essa função, reduzindo sua relevância na manifestação do poder. Isso foi observado nas igrejas situadas em Lisboa, onde se encontra mais casos de igrejas com torres fora da fachada ou sem as torres, como no caso da igreja de Santo António. Contrário a isso, notou-se uma forte presença desse elemento nas igrejas da Minas Gerais. Porém, no geral, é um elemento que se mostrou relevante para a manifestação do poder tanto na Metrópole quanto na Colônia. (Figura 56)

Figura 56 - Igreja de Santo António - Lisboa (A) e Igreja de São Francisco de Assis - Vila Rica (B)



Fonte: Autor (2019)

c) Simetria provocadores de emoções:

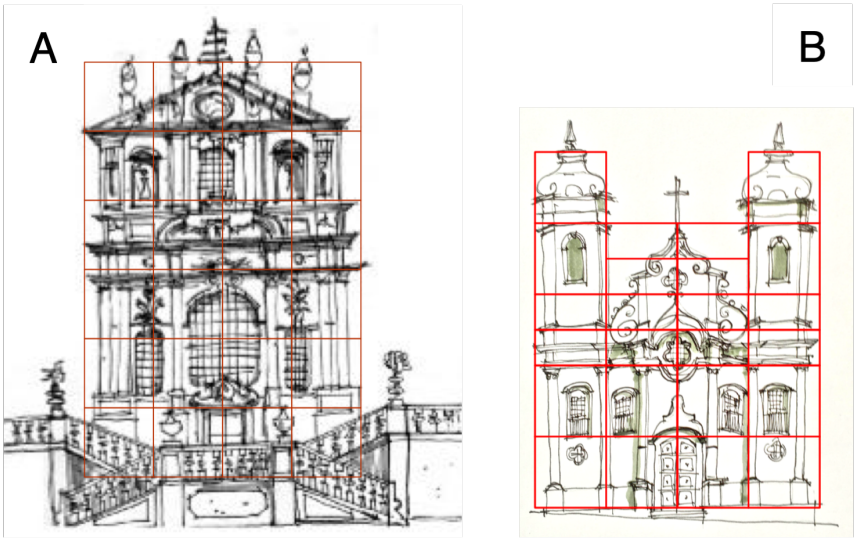
Conforme destacado a respeito das teorias de Vitrúvio até as Palladianas, um dos componentes para se alcançar o belo é a simetria. Pode-se observar nas fachadas, onde está evidente, os conceitos Vitruvianos de *firmitas* (solidez), *utilitas* (comodidade/funcionalidade) e *venustas* (beleza) ou seu correspondente, em Alberti, *concinnitas*. E, por sua vez, o belo está relacionado às emoções, ao carisma, à dominação carismática. Observa-se que a simetria, na fachada do edifício,

---

[67] Constituições Primeiras da Bahia, p.230. Impressa em 1719

nomeadamente seu frontispício, está presente de forma sistemática na grande maioria dos casos. Assim, considera-se esse elemento de alta relevância na construção do discurso de poder, indo de encontro às teorias abordadas consideradas para a análise. Abaixo, as igrejas dos Clérigos – Porto e do Pilar – Vila Rica, ambas apresentando simetria na fachada. (Figura 57)

Figura 57 - Simetria: Igreja dos Clérigos e Igreja do Pilar



Fonte: Autor (2019)

d) Nártex e distribuição de corpos no espaço:

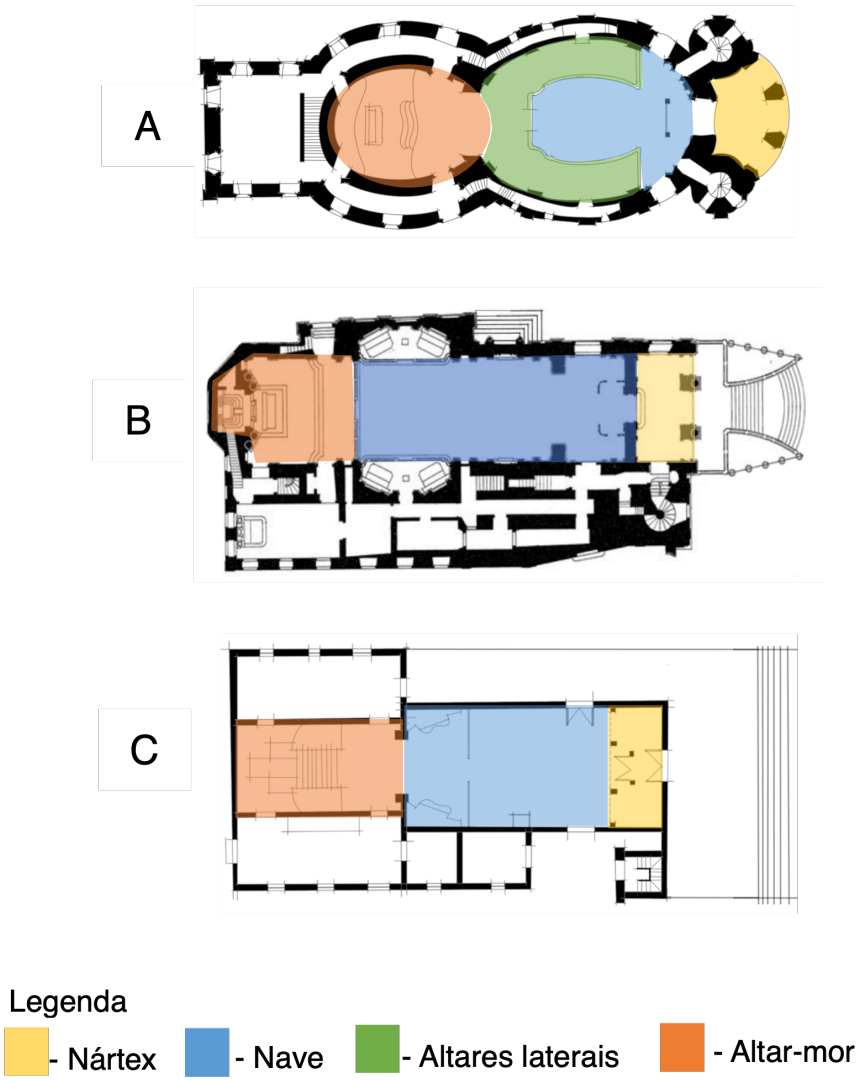
Servindo como uma antessala da nave, o nártex funciona como uma transição do mundo exterior para o teatro sacro. Após a experiência do anúncio provocado pelo frontispício, o expectador alcança esse espaço para depois chegar à nave. A função original do nártex[68] era o espaço destinado para os rejeitados pela congregação, ou seja, os catecúmenos, doentes judeus e outros. Aos poucos, foi perdendo essa função, mas sempre presente como espaço de transição entre o sagrado e o profano, cumprindo um papel importante na formação das consciências religiosas. Observou-se que a sua presença se faz sutil e predominantemente no interior da nave, e de maneira generalizada nos a casos estudados. Exemplo do nártex de uma morfologia mais próxima de suas origens, está nas igrejas de Nossa Senhora do Rosário (Vila Rica) e na Igreja de Santo António (Lisboa), mas este espaço de transição (nártex)

[68] Em alguns trabalhos também denominado de Galilé.

também pode ser observado na igreja de São Francisco de Assis (Arraial do Tijuco), porém já apresentando uma morfologia diferente, pois está inserido no corpo da nave, sendo delimitado pelo coro, ao rebaixar o teto e os pilares de sustentação deste. (Figura 58)

O fato de se localizar sob o coro, ocasionando um pé direito bem mais baixo, reforça a delimitação de espaço e prepara o fiel para a nave cujo pé direito de grandes dimensões proporciona ao fiel uma maior experiência com o sagrado.

Figura 58 - Plantas das Igrejas de N.S. do Rosário (A) - Vila Rica; Igreja de Santo António (B) - Lisboa; Igreja de São Francisco de Assis (C) - Tijuco



Fonte: IPHAN. Modificado pelo autor (2020)

e) Tribuna distribuição de corpos no espaço:

Com a função de receber as autoridades durante as celebrações, a tribuna termina por ser um segregador espacial, hierarquizando os espaços no interior da igreja. Ou até mesmo definindo lugares no interior da edificação, como é o caso dos noviços e noviças nas igrejas conventuais. Por este uso, esse elemento tem a nítida função de distribuir corpos no espaço sendo importante na construção do discurso de poder. No Caso de Minas Gerais, esse elemento é mais utilizado em Vila Rica que no Arraial do Tijuco e pouco em Portugal, principalmente em Lisboa onde há baixa relevância desse elemento no interior das igrejas (Figura 59).

Figura 59 - Nave das Igrejas de Nossa Senhora do Loreto em Lisboa (A) e Nossa Senhora da Conceição em Vila Rica (B)

A



B

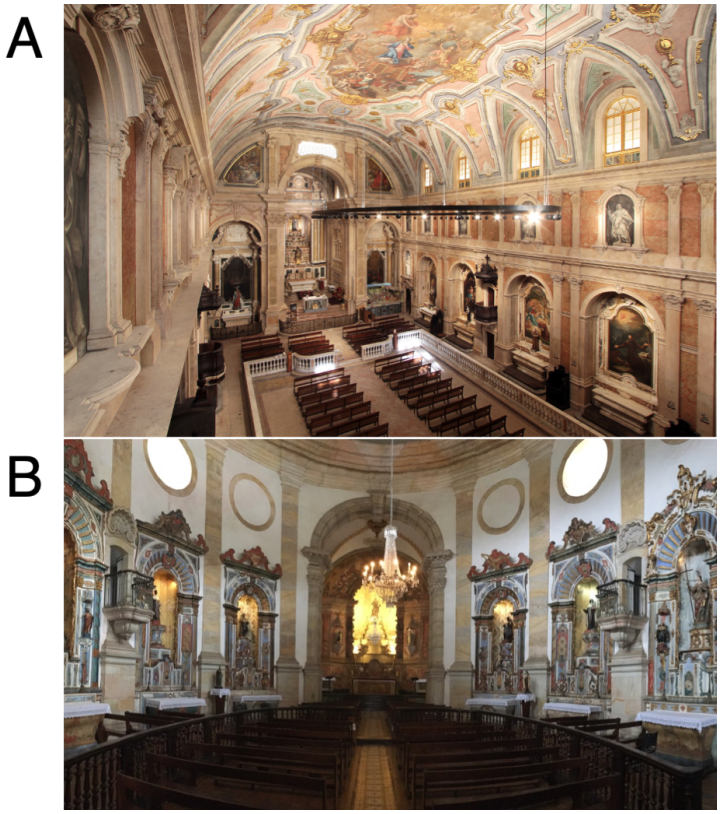


Fonte:(A) http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2517; (B) Fonte: https://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/igreja-matriz-n-s-da-conceicao-3/

f) Balaustrada distribuição de corpos no espaço:

A balaustrada tem a função de separar espaços da nave, e, em alguns casos, apenas uma barreira do salão para o altar-mor. Em outros casos, isolando os espaços destinados aos altares laterais, os quais, em sua maioria, era financiado por membros da congregação que de certo modo se tornariam uma espécie de sócios hierarquicamente mais importantes. Esse elemento distribui corpos no espaço, em função de sua hierarquia social e litúrgica, neste caso delimitando o espaço do sacerdote dos fiéis, está presente de forma relevante, tanto nos casos de Portugal como nos casos de Minas Gerais. O que o torna significativo na construção do discurso de poder das igrejas analisadas (Figura 60).

Figura 60 - Nave e Balaustrada das Igrejas do Loreto em Lisboa (A) e do Rosário em Vila Rica (B)



Fonte: (A) https://www.teixeiraduarteconstrucao.com.br/projetos/igreja-loreto/; (B) Autor (2021)

Ao abordar esses elementos da arquitetura, relacionando a sua função e os conceitos de poder e discurso, conclui-se que há uma utilização para construir o discurso de poder dos edifícios. Observou-se também que esse discurso é composto não só pelas relações com a cidade, mas um conjunto que se faz entre essas relações e as componentes do edifício. A experiência completa com a manifestação do poder começa pela inserção do edifício na malha, como uma primeira interação com o fiel, quando se pode observar o edifício ao longe, seja fora da cidade, como acontece em Vila Rica e no Arraial do Tijuco, de maneira mais contundente, em função do adensamento, e em Lisboa e Porto. Esse destaque do edifício na paisagem, seja pela sua escala, seja pela presença das torres, é elemento que organiza os corpos, nesse caso arquitetônico, no espaço urbano privilegiando as igrejas.

Um segundo momento dessa experiência existe a relação com o entorno imediato. Nessa aproximação ao edifício, a sua posição em relação à via, que tanto pode ser inseridos em eixos viários principais da malha, no caso das igrejas lisboetas (inseridas na malha pombalina) e no Porto (inseridas na malha Almada), como também na confluência de vias em malha medieval, tanto nas cidades de Portugal quanto em Vila Rica e Arraial do Tijuco, reforça essa organização dos corpos no espaço e a emoção, causada pela surpresa nas malhas tortuosas.

Na aproximação ao edifício, é o momento em que os elementos arquitetônicos do edifício atuam mais potente no discurso de poder. A fachada é o primeiro contato com o fiel e as emoções começaram a se fazer presentes. Isso acontece tanto pela carga simbólica da ornamentação com histórias do evangelho, elementos referentes à Ordem Religiosa à qual a igreja pertence, como os oragos observados em São Francisco de Assis em Vila Rica, inseridos na portada da igreja, como também pela busca do belo através da simetria dos elementos constituintes do frontispício ou de toda a fachada da igreja. Bazin relata sobre a disputa das Ordens Terceiras, em Minas Gerais, que disputavam entre si a portada mais suntuosa: “a Ordem Terceira de Ouro Preto não queria ficar em situação de inferioridade em relação à confraria rival; desejou também a sua portada triunfal e encomendou-a ao grande artista.” (BAZIN, 1956, p. 230).

Presentes na maioria dos casos estudados, as torres sineiras compõem esse discurso da fachada. Esse elemento está presente em várias tradições religiosas,

como é o caso dos minaretes na cultura islâmica, pois tem por caráter simbolizar a conexão entre o profano e o sagrado, a terra e o céu em virtude da sua verticalidade. Outra função exercida pelas torres, em virtude do sino existente nelas, é o controle do tempo. A união da forma vertical, mais elevada do que o frontispício, da igreja a torna um elemento tanto causador de emoções como também controlador do tempo. Observa-se que em Lisboa existe o maior número de casos onde não há torres no corpo de fachada e no arraial do Tijuco predomina apenas uma torre, seja ela central ou na lateral da fachada. Considera-se, com isso, que no último quartel do século XVIII esse modelo se apresenta mais em Minas, seja por preferências de estilo, como afirma Bazin (1956, p. 370 e 371) ou por uma questão econômica, já que as irmandades religiosas, financiadores dos templos em Minas Gerais foram mais prósperas em Vila Rica, em virtude do grande controle da coroa portuguesa exercido no Arraial do Tijuco. Esse elemento acaba por ser mais utilizado na capitania de Minas Gerais o que reforça o discurso de poder nesta região em relação a Lisboa e Porto.

Com relação ao externo ainda, a igreja apresenta seu desnível em relação à via e à utilização de escadaria. De caráter técnico para vencer os desníveis do terreno, também foi em alguns casos utilizados como elementos cenográficos, relacionados com a emoção e organização dos corpos no espaço, a medida que diferencia a igreja dos edifícios em seu entorno imediato. Sua presença se fez pouco presente nas igrejas lisboetas. Não é uma unanimidade a sua utilização, mas certamente um diferencial na composição do discurso de poder das igrejas.

O espaço de transição entre o profano e o sagrado, tem sua função exercida pelo nártex ou galilé. O nártex externo está mais próximo de suas origens no período medieval, é denominado por alguns autores por hall, átrio ou vestíbulo. Porém o nártex com sua evolução morfológica está presente na maioria dos casos, observados. Entende-se que esse elemento de transição reforça o poder ao definir os que estão inseridos na Igreja e os que não estão.

Dentro do salão, a divisão do espaço com a existência assembleia, balaustrada e tribunas de honra demostra o caráter estratificador social de igreja. A balaustrada que tem função de separar a assembleia dos altares, tanto o altar-mor, como também dos altares laterais, presentes de forma preponderante, representa uma diferenciação dos espaços mais importantes do que a assembleia. O altar-mor

está relacionado ao local do santíssimo (ponto focal de todo o trajeto) que inicia fora da igreja e os laterais financiados por irmandades e pessoas com mais posses na comunidade. No caso das tribunas de honra, presença maior em Minas Gerais do que em Portugal, tem em sua essência um caráter segregado mais presente em Minas Gerais do que em Portugal, sendo que, nesse último, Lisboa é a que menos apresenta esse elemento, pode demonstrar que na sociedade mineira que a estratificação social era maior do que em Portugal, ou se não maior, mais evidente.

Capítulo 6: Considerações finais e possibilidades futuras

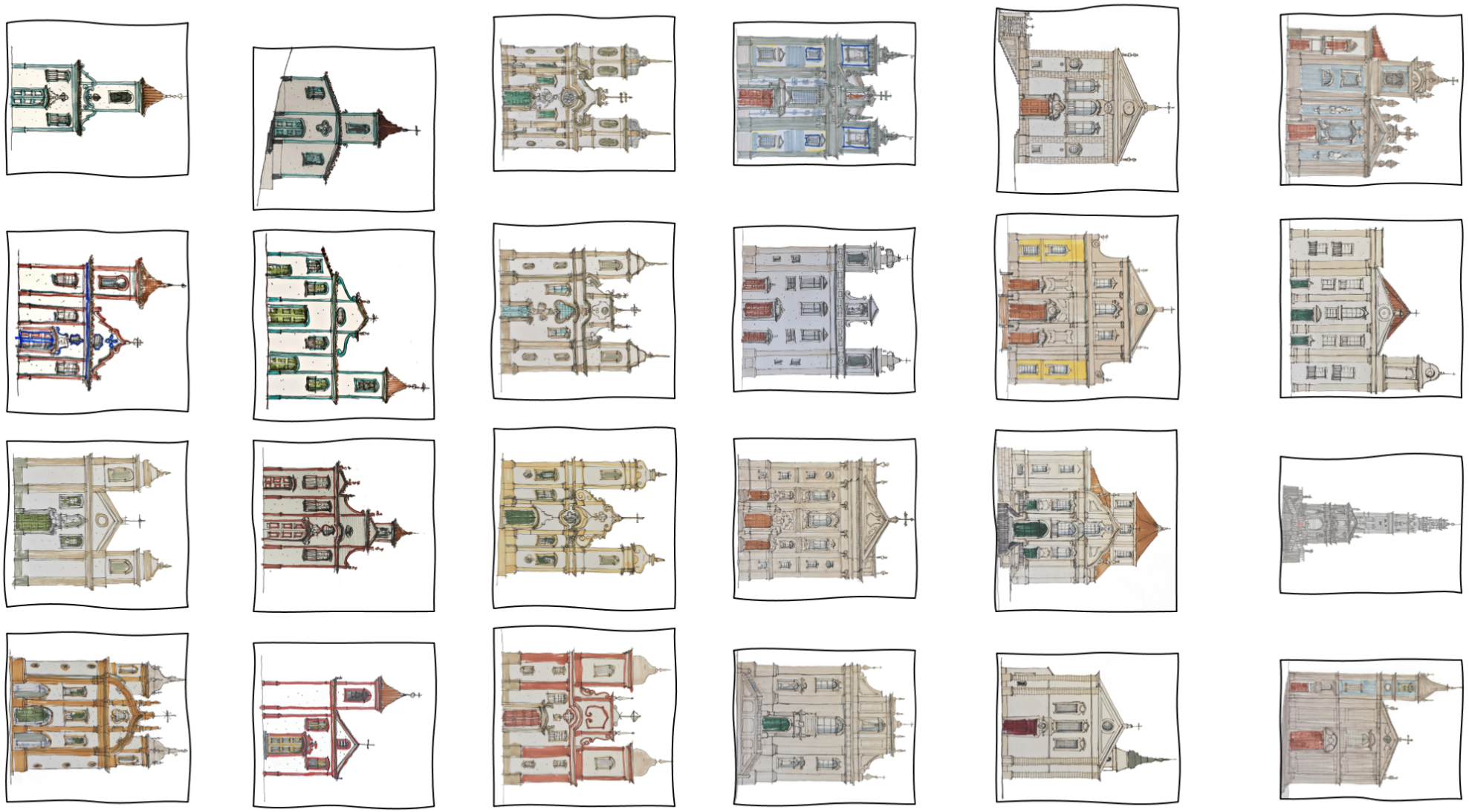


Ilustração: Fábio Vasconcellos

6. Considerações finais

A arquitetura, desde sempre, manifesta a vontade humana de diferentes formas através de um ordenamento sintático. Ou seja, através de seus elementos constituintes, contextualizado às questões socioculturais e econômicas, se organiza de forma a construir um discurso compreensível ao seu usuário. Partimos da afirmativa de que a arquitetura religiosa, manifesta, dessa maneira, o poder através dos tempos.

O século XVIII foi um período de grandes transformações na história da humanidade e possuidor de eventos que desencadearam importantes transformações na arquitetura do mundo luso, em especial o grande terremoto em Portugal e a descoberta de ouro e pedras preciosas no Brasil, nomeadamente na capitania de Minas Gerais. O objetivo desta pesquisa foi verificar a produção da arquitetura religiosa no século XVIII, ampliar e sistematizar o entendimento da produção desta arquitetura em Portugal e no Brasil como manifestação do poder, por intermédio de levantamentos e da análise dos elementos que podem expressar o discurso de poder nas igrejas.

Para essa análise definiram-se quatro cidades como objeto de estudo, sendo duas em Portugal e duas no Brasil. Segundo os critérios de importância das cidades no recorte temporal estabelecido, o século XVIII, foram selecionadas as cidades de Lisboa e Porto, pois nesse século grandes transformações urbanísticas e arquitetônicas ocorreram com mais relevância. Também no Brasil, essa centúria foi marcada pela descoberta de ouro e pedras preciosas na região das Minas Gerais, e, por isso, a região se urbaniza, surgindo as primeiras vilas e uma grande produção arquitetônicas religiosa, financiada pelas riquezas minerais abundantes, impactando até mesmo a metrópole. Surgem então Vila Rica, atual Ouro Preto, e Arraial do Tijuco, atual Diamantina, como polos mineradores. A primeira em função do ouro e a segunda em função dos diamantes, e por estes motivos esses dois aglomerados foram escolhidos.

Organizamos esta tese em 5 capítulos que inicia pela introdução com as questões indagatórias e definições do universo de estudo e os casos analisados, finalizando com a estrutura da tese. Em seguida, buscou-se analisar a arquitetura e poder, a partir de vários trabalhos publicados, fundamentos para compreensão a cerca

do discurso, do poder, da função da arquitetura e sobre o cristianismo no mundo luso. Através da análise do discurso aristotélico, composto por *ethos*, *pathos* e *logos*, a fim de delimitação de um conceito que pode ser amplo, chegou-se a uma relação entre os elementos da arquitetura como componentes de um discurso. Assim, para considerar a arquitetura um discurso, pois este expressa conceitos, pensamentos e vontades, entendemos como *ethos* a evolução histórica do cristianismo na constituição da sociedade ocidental, que se insere na cultura nos costumes cada vez mais cristalizadas. O edifício é a manifestação do discurso (*logos*), é através dele que a mensagem é transferida, que segundo Aristóteles, não tem efeito sem o apelo passional (*pathos*), ponto que convergem com Milton Santos, ao considerar a espaço como elemento capaz de provocar emoções.

Os conceitos de poder de Max Weber e seus mecanismos de Michael Foucault, foram estudados para esta fundamentação. Estes conceitos foram relacionados à arquitetura, que se manifesta num discurso de poder em três formas, que se interligam: distribuição de corpos no espaço, controle o tempo e a provocação de emoções. Para cada uma dessas formas de manifestação, a arquitetura apresenta elementos que, em razão da sua função, simbolizam-nos. Elementos estes foram levantados a partir de análise de diversos autores que desenvolveram trabalhos analíticos da arquitetura.

Os arranjos de elementos arquitetónicos acabam por tornar a arquitetura um veículo de transmissão de informações, que podem ser implícitas ou explícitas, mas uma questão deve ser considerada: ela só e efetiva se for contextualizada, condizente com seu tempo e localização, fruto de questões culturais. Assim, os elementos constituintes da arquitetura das igrejas: vias; implantação na malha urbana e topografia; acessos; escala; elevação em relação à via e ao entorno; fachada, através da portada, frontispício, torre sineira e simetria; e planta, através do nártex, tribuna e balaustrada, arranjados da maneira observada, são capazes de compor um discurso de poder. Baseamos esses elementos por meio das funções que podem desempenhar na arquitetura, em nosso caso, e transportamos para a religiosa.

As análises dos casos foram iniciadas separadamente, primeiro em Portugal e posteriormente no Brasil. Relatando as características de cada igreja e levantados os elementos constituintes dessa arquitetura relacionados ao poder, detectando sua

presença e sua relevância para o edifício. Esta tese se encerra comparando as duas realidades: Portugal e a capitania da Minas Gerais, utilizando a mesma metodologia, porém adicionando as suas relações com os conceitos de mecanismos de poder e persuasão (Distribuição de corpos no espaço, Controle do tempo e Provocadores de Emoção).

Verificamos que estes elementos se comunicam entre si reforçando sua função. Ou seja, concluímos que as igrejas possuem elementos que manifestam poder, que pudemos verificar na maneira como os eles foram organizados para formar o todo e de acordo com as funções que desempenham na arquitetura das igrejas.

Observamos com esta investigação que as transformações ocorridas em Lisboa pós terremoto, acabaram influenciando o discurso de poder das igrejas. Esse discurso reduz sua intensidade à medida em que elementos nos quais esse discurso se manifesta e não estão mais presentes, seja na relação do edifício com a cidade ou no próprio edifício. Dos elementos da análise intraurbana que mais chamam a atenção são a Escala do edifício e a sua Elevação em relação à via e ao entorno. Esses dois elementos se apresentam de forma pouco relevante no discurso, não proporcionando o seu destaque na paisagem lisboeta. Vale ressaltar que nenhum dos outros elementos de análise intraurbana se mostraram ser de alta relevância, o que a faz se diferenciar dos casos analisados na cidade do Porto, onde, nesta análise, esses elementos se apresentam como de alta relevância. Sobre essa comparação, conclui-se que em Portugal esses elementos, que relacionam a igreja com a cidade, são de relevância média para alta.

Analisando Edifício igreja, nota-se que o discurso de poder perde intensidade porque maioria dos edifícios não apresentarem torre sineira no corpo da fachada, sendo que, na maioria das vezes, são de difícil observação, há também pouca relevância do nártex, pois são raros os casos das igrejas que os possuem, e a tribuna de honra, destinada às pessoas importantes da comunidade. No caso do Porto, esses elementos têm uma relevância intermediária.

Conclui-se que Lisboa e o Arraial do Tijuco tiveram, no século XVIII, uma maior interferência da coroa portuguesa, a primeira por consequência da devastação causada pelo terremoto de 1755, e a segunda pelo controle imposto ao crescimento

urbano em função dos diamantes. Nos casos da capitania de Minas Gerais, existe uma presença maior desses elementos do que nos casos em Portugal.

Concluiu-se também, que os recursos arquitetônicos utilizados em Portugal, na capitania de Minas Gerais, pouco se diferem de uma maneira mais geral. Porém, quando foram analisadas as particularidades de cada uma das regiões, detectou-se a sua contextualização local e que se adaptaram às condições encontradas. Assim, pudemos verificar que esses elementos foram usados com frequências e intensidades distintas. O que acabou por demostrar que na capitania de Minas Gerais o discurso de poder foi mais contundente do que em Portugal no século XVIII, em virtude de estratégias projetuais de edifícios e cidades.

Importante salientar que existem vários outros elementos constituintes da arquitetura e do urbanismo e também outros conceitos de poder nos quais uma pesquisa poderia se fundamentar. Esses outros elementos e combinações de elementos podem ser relacionados para outras pesquisas futuras e também outros edifícios, como os civis e oficiais, como também outros recortes temporais que estejam inseridos em outros contextos, que são primordiais para a análise, visto que, mesmo estando os casos inseridos no mundo luso, pode-se afirmar que, tanto em Portugal, obviamente, como na capitania de Minas Gerais, os elementos dos discursos se adaptam, ou melhor, a arquitetura se adapta para manifestar o mesmo conceito, no caso de poder, em função das condições encontradas e/ou objetivos propostos. Entende-se que tudo isso confirma a hipótese deste estudo segundo a qual as estratégias da arquitetura religiosa para expressar o poder da Igreja, no século XVIII, em Portugal e em Minas Gerais foram as mesmas, porém adaptadas aos contextos em que foram inseridas, tendo como consequências resultados e impactos diferentes.

Após esta pesquisa, é possível afirmar que houve um entendimento mais profundo sobre as relações de poder presentes na arquitetura e conclui-se que ela se manifesta de maneira geral nas edificações. Com esta investigação, foi possível compreender que o poder se manifesta através de uma composição de elementos, mas é importante definir quais são os elementos que definem o uso de cada edifício para identificar que tipos de poderes estão presentes, e que estejam dentro de um contexto definido. Concluímos também, que é possível aplicar esse modelo de análise

em outros edifícios de diferentes usos, tais como corporativos, oficiais, residenciais, dentre outros.

O edifício é uma fonte documental preciosa e através dele pode-se extrair importantes testemunhos históricos. É um documento, conforme a *Ecole des Annales*, que possibilita identificar a mensagem transmitida. É preciso analisar e selecionar os elementos cujas funções de uso e/ou simbólicas enfatizam ou manifestam os mecanismos de poder, deve-se definir a intensidade da sua utilização ou a força do elemento na composição do edifício, através da sua presença ou ausência, dimensões relativas, complexidade ornamental, e outros que possam ser identificados, quantificados e/ou qualificados. Essa manifestação pode ser expressa através da organização hierárquica espacial, e na carga simbólica que alguns elementos carregam. É importante salientar que a sua relação com a cidade pode reforçar ou não esse discurso de poder, sendo reconhecido na escala da cidade. Assim, o edifício e sua relação com a cidade constituem o discurso que manifesta o poder.

As análises em edifícios com outros usos podem fazer parte de pesquisas futuras, como também, as seleções de outros elementos constituintes do edifício que podem ser estudados e relacionados ao poder. Também pode-se valer-se de documentos manuscritos, que não puderam ser utilizados para esta tese em virtude da dificuldade de acesso aos mesmos, em função do período pandêmico vivido em momento crucial para o desenvolvimento desta investigação. Para um futuro desdobramento deste trabalho, pode-se considerar também, que existem vários autores que trabalham o conceito de poder, cabe a pesquisa delimitar quais serão considerados, assim como tantos outros elementos, edifícios e conceitos poderiam ser estudados para uma possível análise. Existem muitas outras possibilidades de pesquisas futuras.

7. Bibliografia

7.1. Referências Bibliográficas

ALBERTI, Leon Battista. Da Arte Edificatória. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011. [1485].

ANTONIL, André JOÃO. Cultura e Opulência do Brasil. Ed., 1837.

ARAÚJO, André de. Dos livros e da leitura no Claustro: elementos de história monástica, de história cultural e de bibliografia histórica para estudo da Biblioteca-Livraria do Mosteiro de São Bento de São Paulo (Sécs. XVI-XVIII). 2008. 343 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2008.

BAKER, G. *Analisis de la forma: urbanismo y arquitectura*. 2.ed. México, DF: Gustavo Gili, 1998.

BASTOS, Rodrigo Almeida. A Maravilhosa Fábrica de Virtudes: O Decoro na Arquitetura Religiosa de Vila Rica, Minas Gerais (1711-1822). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2013.

_____. A Ordem Sagrada da República Colonial. II Seminário Interpretar Arquitetura. Belo Horizonte, 2005.

BELTRAMIN, Renata Maria Geraldini. Caracterização e sistematização de quatro modelos de análise gráfica: Clark, Pause, Ching, Baker e Unwin / Renata Maria Geraldini Beltramin. – Campinas, SP: [s.n.], 2015.

BLOCH, M. Comparaison. REVUE DE SYNTHESE HISTORIQUE LXIX. p 31-30, 1930.

_____. Apologia da História ou O ofício de historiador. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORGES, C.. (2020). A Retórica do Ornamento. Revista Estética E Semiótica, 9(2), 78–87. https://doi.org/10.18830/issn2238-362X.v9.n2.2019.05.

BORROMEU, Carlos. *Instrucciones de la Fábrica y del Ajuar Eclesiásticos*. Introdução, notas e tradução do latim – da primeira edição, publicada em 1577 – de Bulmaro Reyes Coria. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1985.

BOSCHI, Caio. “Como os filhos de Israel no deserto”? (ou: a expulsão de eclesiásticos em Minas Gerais na 1a metade do século XVIII). Varia História, n. 21 (Número especial. Códice Costa Matoso), Belo Horizonte, p. 119-141.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. A economia das trocas simbólicas. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRADING, K.; CASTELLANI, E.; TEH, N.. “Symmetry and Symmetry Breaking”, In: The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter 2017 Edition), Edward N. Zalta (ed.), 2017.

BRANDÂO, Carlos António Leite. As Moradas do Tempo: Arquitetura. rev. ufmg, Belo Horizonte, v. 23, n. 1 e 2, p. 110-133, jan./dez., 2016.

CAETANO, Carlos Manuel Ferreira. As Casas de Câmara dos Conselhos Portugueses e a Monumentalização do Poder Local (Séculos XIV a XVIII). Lisboa: FCSH-UNL, 2011.

CALLEBAT, Louis. Rhétorique et architecture dans le De Architectura de Vitruve. In: Le projet de Vitruve: objet, destinataires et réception du De architectura. Actes du colloque international de Rome (26-27 mars 1993). Rome: Ecole Française de Rome, 1994. p. 31- 46.

CHING, Francis D.K. Arquitetura – Forma, Espaço e Ordem. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1996].

CONSTITUIÇOES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA. Feitas e ordenadas por D. Sebastião Monteiro da Vide. São Paulo: Typographia 2 de Dezembro, 1853.

DANGELO, André G. D. A cultura arquitetônica em Minas Gerais e seus antecedentes em Portugal e na Europa: arquitetos, mestres de obras e construtores e o trânsito de cultura na produção da arquitetura religiosa nas Minas Gerais setecentistas. Tese (Doutor em História Social da Cultura) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

FEBVRE, Lucien. Combats pour l’histoire. In: LE GOFF, Jacques. História e Memória: Tradução Bernardo Leitão. 5.ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

FERNANDES, José Manuel – Arquitectura Portuguesa: Uma Síntese. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2006.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. O Porto na Época dos Almadas. Arquitectura. Obras Públicas, vol. I, Porto: Câmara Municipal do Porto, 1988.

FERREIRA, Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da Silva. A Talha Barroca de Lisboa (1670-1720). Os Artistas e as Obras, Lisboa. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, 3 vols., 2009.

FERREIRINHA, I. M. N.; RAITZ, T. R.. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, 44 (2):367-83, mar./abr.2010.

FONSECA, Claudia Damasceno. Arraiais e Vilas D’el Rei: Espaço e Poder nas Minas Setecentistas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. A arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972.

_____. A ordem do discurso. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de António Ramos Rosa. Lisboa: Portugália Editora, 1967.

_____. História da sexualidade 1: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

_____. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANÇA, José Augusto. A reconstrução de Lisboa e a arquitetura pombalina. Biblioteca Breve Volume 12. Lisboa - Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da educação. 1989.

GAARDER, Jostein, HELLERN, Victor, Nataker, Henry. O livro das religiões. São Paulo: Companhia de letras, 2001.

GOLLINO, Julia Santos. Templo românico: implicações estéticas do processo de cristianização da Filosofia Clássica. 2021.,283 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) —Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

GONÇALVES, C. G. Simetria: a medida e o belo. In As fórmulas na arquitectura. Lisboa: Universidade Lusíada, 2020, ISBN 9789896402365. P. 247-262.

GONÇALVES, Cristiane Souza. Experimentações em Diamantina. Um estudo sobre a atuação do SPHAN no conjunto urbano tombado 1938-1967. São Paulo, 2010.

KUBLER, George. Arquitectura Chã Portuguesa: Entre as Especiarias e os Diamantes 1521-1706. Editora Veja, 1988.

KUHNEN, Alceu. As origens da Igreja no Brasil: de 1500 a 1552. Bauru, SP: Edusc, 2005.

LEITE, António Miguel Santos. Do iluminismo pombalino à afirmação arquitectónica romântica em Portugal. Artitextos. Lisboa: CEFA; CIAUD. ISBN 978-972.9346-12-5. N.º 8 (2009), p. 211- 223.

LEMOS, C. B. Diamantina e sua arquitetura nos contextos da formação do arraial e consolidação da vila: registros e manifestos de modernidade na paisagem cultural entre os séculos XVIII e XIX. Anais do XIII Seminário sobre a Economia Mineira. Cedeplar/UFMG, 2008.

LEMOS & CORONA. Dicionário da Arquitetura Brasileira, EDART – São Paulo Livraria Editora LTDA, 1ª ed: 1972.

LIMA, Marcos Aurélio de. A retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia. Natal, RN. IFRN, 2011.

LOBO, M. D. C., & SIMOES JÚNIOR, J. G. Urbanismo de colina: uma tradição luso-brasileira. São Paulo, SP: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2002.

MANENTI, Leandro. Repensando vitrúvio: reflexão acerca de princípios e procedimentos de projeto. 240 p. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal de Rio Grande do Sul, 2014.

NABUCO, Joaquim, Monsenhor. Os Bronzes das Nossas Torres. Petrópolis, Editora Vozes, 1964, p. 47.

OLIVEIRA, C. M. S. Arte, Religião e Conquista: os sistemas simbólicos do poder e o Barroco na Paraíba. Mneme - Revista de Humanidades, v. 5, n. 12, 13 jul. 2010a.

PIMENTEL, António Filipe (coord.) – A Encomenda Prodigiosa – Da Patriarcal à Capela Real de São João Baptista. Roteiro da exposição. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga / Museu de São Roque – Santa Casa da Misericórdia de Lisboa / Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2013.

PENTEADO, Pedro. Confrarias Portuguesas na Época Moderna: problemas, resultados e Tendências da Investigação. Lusitania Sacra. 2ª ed. Lisboa 1995.

PRADO JÚNIOR, Caio. Formação do Brasil contemporâneo: colônia. São Paulo. Editora: Companhia das Letras, 2011.

_____. Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial [Colaboradores: Paulo Bruna e Beatriz P. Siqueira Bueno]. São Paulo: EDUSPIFAPESP, 2000.

RENGER, F. E.; FURTADO, J. F.; SANTOS, M. M. D. dos. Cartografia de Minas Gerais: da Capitania à Província. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

ROSADA, Mateus. Sob o signo da cruz: Igreja, Estado e securização (Campinas e Mimeira 1774 – 1939). 2010. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2010.

ROWLAND, Ingrid; HOWE, Thomas N. Introduction. In: VITRUVIUS. Ten books of architecture. Traduzido por Ingrid D. Rowland e Comentado e Ilustrado por Thomas N. Howe. New York: Cambridge University Press, 1999.

SALGADO, Rodrigo da Silva. A guerra na construção da independência do condado portucalense. In: XXIII Simpósio Nacional de História: guerra e paz. ANPUH, 2005, Londrina- PR. Anais [do] XXIII Simpósio Nacional de História: guerra e paz. (CD-ROM). Londrina- PR: Editorial Mídia, 2005.

SANTOS, M.. A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção. Hucitec: São Paulo. 1999.

SMITH, Robert Chester. Nicolau Nasoni - Arquitecto do Porto. Lisboa, Livros Horizonte, 1966.

STUMPP. M. M. A simetria modular e as villas de Andrea Palladio. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2013.

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. Da cidade de Deus à cidade dos homens. A secularização do uso, da forma e da função urbana. Natal: EDUFRN, 2009.

TOCQUEVILLE, Aléxis de. O antigo regime e a revolução. 4. ed. Tradução de Yvonne Jean. Brasília/São Paulo: Editora Universidade de Brasília/HUCITEC, 1997, p. 149-150.)

UNWIN, Simon. A análise da arquitetura. Tradução técnica: Alexandre Salvaterra. 3a edição, Porto Alegre: Bookman, 2013a.

_____. Vinte edifícios que todo arquiteto deve compreender. Editora Martins Fontes, São Paulo. 2013b

VASCONCELLOS, Sylvio de. Vila Rica: formação e desenvolvimento, residências. São Paulo: Perspectiva, 1977. 214 p. (Debates)

VECHINA, Sofia Nunes. Caracterização Tipológica das Fachadas das Igrejas Paroquiais da Antiga Comarca Eclesiástica da Feira (Séculos XVII-XX). 3a Jornada de História da Arquitetura Portuguesa. 2018

VIDE, Sebastião Monteiro da. Constituiçoens primeyras do Arcebispado da Bahia: feytas e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo senhor D. Sebastião Monteyro da Vide, arcebispo do dito arcebispado e do Conselho de sua magestade, propostas, e aceytas em o sinodo diocesano que o dito senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707. Lisboa Occidental: Pascoal da Sylva, 1719

VITRUVIO -VITRUVIUS Pollio, M. Tratado de arquitetura. Trad., inter. e notas M. J. Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEBER, Max. Três tipos de poder e outros escritos. Tribuna da História, Lisboa, 2005.

Fontes Eclesiásticas antigas

CONSTITUIÇOENS Primeiras do Arcebispado da Bahia, Feitas e ordenadas pelo Illustrissimo, e reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, Arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de sua Magestade, propostas e aceitas em o synodo Diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707. Lisboa, Miguel Rodrigues, MDCCLXV.

CONSTITUIÇOES SYNODAES DO BISPADO DO PORTO, novamente feitas, e ordenadas pelo lustrissimo, e reverendissimo senhor Dom Joam de Sousa Bispo do dito Bispado, do Conselho de Sua Magestade, e seu Sumilher de Cortina. Propostas e aceitas em o Synodo diecesano, que o dito Senhor celebrou em 18 de Mayo do Anno de 1687. De Mandado do mesmo Senhor Bispo Impressas na cidade do Porto, em o Anno de 1690. Por Joseph Ferreyra Impressor da Universidade de Coimbra.

7.2. Principais bibliografias consultadas

ALEIKSEIVZ, Renato Alves. Espaço e Poder na Reflexão de Foucault: Dos Dispositivos à Governabilidade. Universidade Federal do Paraná Programa De Pós-Graduação em Filosofia Mestrado Em Filosofia. Curitiba, 2016. anexo): 31-39, 1930.

AVILA, Affonso. Barroco Mineiro. Glossário de arquitetura e ornamentação. 3 ed. Belo Horizonte: FJP, CEHC, Mineiriana, 1996. (Em colaboração com os arquitetos João Marcos Machado Gontijo e Reinaldo Guedes Machado).

BERREDO, Hilton; LASSANCE, Guilherme. Análise gráfica, uma questão de síntese. A hermenêutica no ateliê de projeto. Arquitextos, São Paulo, ano 12, n. 133.01, Vitruvius, jun. 2011 <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.133/3921>.

CALADO, M (Coord). Atlas de Lisboa: a Cidade no espaço e no tempo. Lisboa: Contexto, 1993.

CAMPOS, ADALGISA ARANTES. Arte sacra no Brasil colonial. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

ECO, Umberto. A Estrutura Ausente: introdução à pesquisa semiológica. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva. (Série: Estudos), 1987.

MALARD, M. L. As aparências em arquitetura. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

FRANCO, Sandra Aparecida Pires. Reformas pombalinas e o Iluminismo em Portugal. Revista de História e Estudos Culturais, vol. 4, ano IV, n. 4, out.-dez. 2007.

FUSCO, R.. Arquitetura como “mass médium”: Notas para una semiología arquitectónica, Anagrama, Barcelona, 1970.

OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas. A produção do espaço sagrado na arquitetura contemporânea [manuscrito]: a interpretação da fé católica a partir do séc. XX. 2010b. 2v.: il.

Paroquiais da Antiga Comarca Eclesiástica da Feira (Séculos XVII-XX). In M. J. M. da Rocha (Ed.), História da arquitetura: perspetivas temáticas (pp. 125–166). Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. https://doi.org/10.21747/9789898351937/his.

PEIRCE, Cahrles S. Semiótica. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PEDREIRA, Jorge M. As consequências econômicas do império: Portugal (1415-1822). Análise Social. Lisboa, v. 33, n. 146/147, 1998.

QUINTÃO, José César Vasconcelos. Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referente Clássico. Uma sistematização classificativa. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005.

RAMOS, Rui, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Nuno Gonçalo Monteiro. História de Portugal - 8a ed. - Lisboa: A Esfera dos Livros, 2015. - 976 p., [52] p. il.: il.; 24 cm. - Prémio D. Dinis 2009. Fundação da Casa de Mateus. - Bibliografia, p. 953-960. - ISBN 978-989-626-366-9.

REIS Filho, Nestor Goulart. Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1500-1720). São Paulo: Liv. Pioneira e Ed. da Universidade, 1968.

SANTAELLA, L. Semiótica aplicada. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SOUZA, Laura de Mello e Souza. Discurso Históricos e político sobre a sublevação que nas Minas houve em 1720. Estudo crítico de Laura de Mello e Souza. Belo Horizonte: Sistema Estadual de Planejamento - Fund. João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais, Belo Horizonte, 1994.

TAVARES, Domingos. O Românico e o Território. I Congresso Internacional da Rota do Românico. Ed: Centro de Estudos do Românico e do Território. 2012. ISBN: 978-989-97769-1-3.

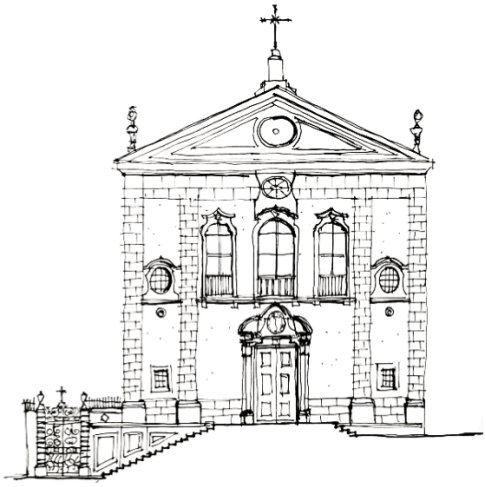
VASCONCELLOS, Ernesto Júlio de Carvalho e. História da colonização portuguesa do Brasil: edição monumental comemorativa do primeiro centenário da independência do Brasil: v. II e v. III. Porto: Litografia Nacional. 1921-1924.

Abreviaturas e siglas

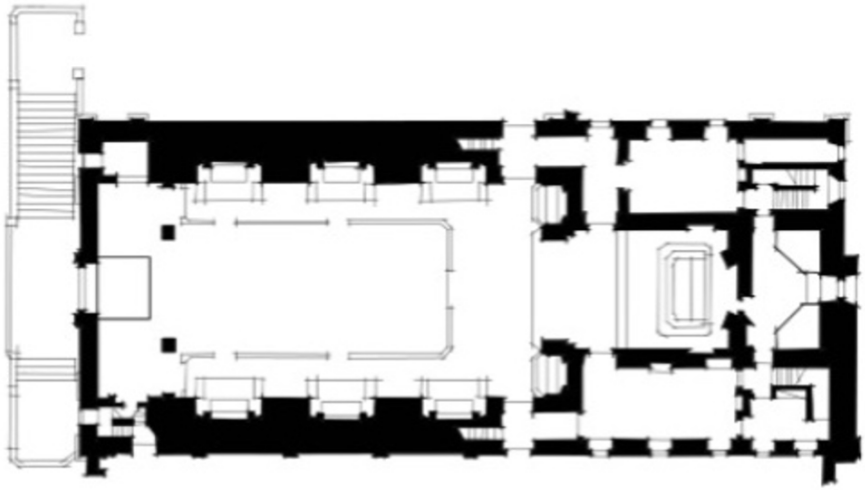
ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Apêndice:
caracterização descritiva das igrejas analisadas

Quadro 188 - Igreja do Santíssimo Sacramento – Lisboa



Fachada



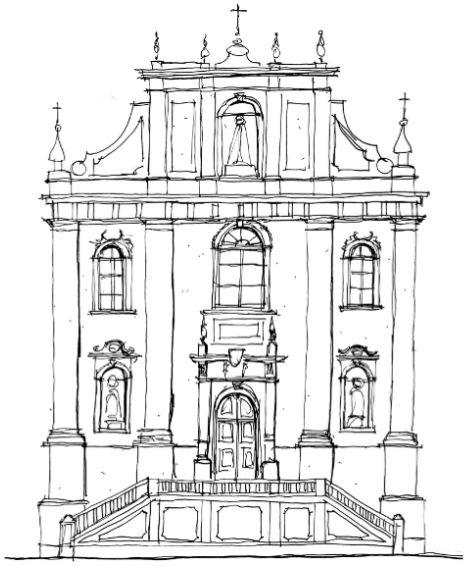
Planta baixa

Apresenta frontão triangular com contorno em cimalha e óculo, três janelas ao nível do coro, e não possui imagem de orago no frontispício. A portada é ornamentada em cantaria com arcos interrompidos e escudo em alto relevo com imagem referente ao santíssimo Sacramento. Pertencente ao grupo das plantas de nave única, ao estilo salão retangular, com o nártex interno sob o coro, três altares laterais, além de dois altares no arco cruzeiro separados por balaustrada. Possui tribunas de honra nos andares superiores. Orientada no sentido leste – oeste. Datas significativas: 1772 - Início da reconstrução, no mesmo local; 1796 - contrato com Sebastião José Alves para realizar as cantarias (mármores da Capela-mor e da nave) e os púlpitos, a quem se atribui também o portal da igreja.[69]

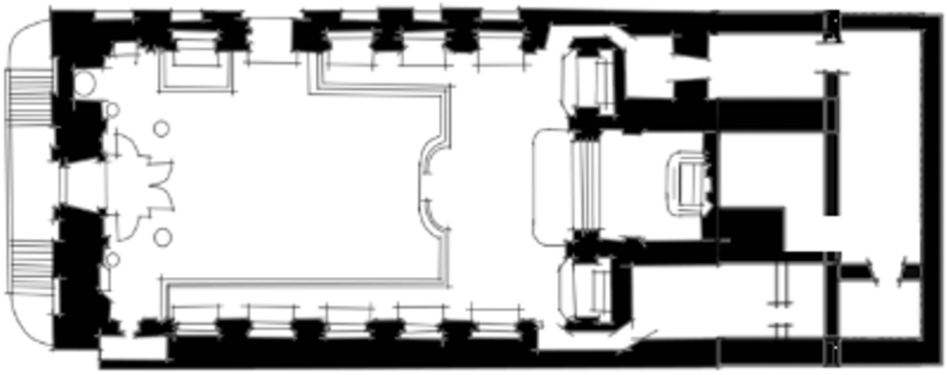
Elaboração: Autor (2021)

[69] http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4044

Quadro 189 - Igreja de Nossa Senhora do Loreto – Lisboa



Fachada



Planta baixa

Possui frontão retangular com volutas nas laterais com nicho onde se situa a imagem do orago. Ao nível do coro, apresenta três janelas em arco pleno e ornamentadas em alto relevo. No 1º piso, há uma portada de acesso ladeada por nichos com esculturas de São Pedro e São Paulo. A portada principal apresenta suntuosidade com ornamentação com brasão em alto relevo na verga e ombreiras. Pertence o grupo de igrejas planta de nave única, ao estilo salão retangular, com nártex interior sob o coro balaustrada separando a assembleia dos nove altares laterais além dos dois altares no arco cruzeiro. Não possui tribuna de honra no andar superior. Datas significativas: 1785 - Reinauguração da igreja, após reconstrução.[70]

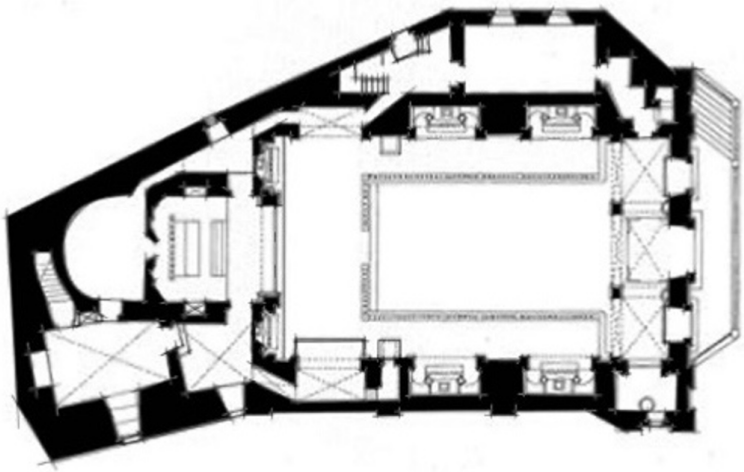
Elaboração: Autor (2021)

[70] Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2517

Quadro 190 - Igreja de São Miguel – Lisboa



Fachada



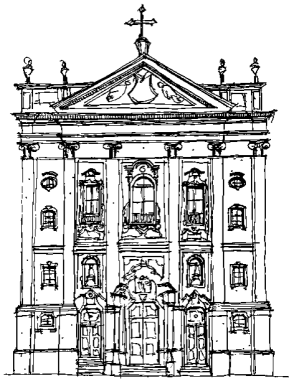
Planta baixa

Edifício sem frontão, arrematado por nicho retangular, ocupado por imagem do orago, apresenta linhas mais simples de pouca ornamentação. Possui três janelas ao nível do coro além de dois menores logo abaixo das janelas das laterais, e três portas de acesso frontal, sendo que a central possui maiores dimensões e ligeiramente mais ornamentadas com cornija na verga. Pertence ao grupo de plantas de nave única, ao estilo salão retangular e com altares laterais, além dos altares dispostos no arco cruzeiro e possui balaustrada, como é possível verificar na planta. Não possui tribunas de honra, porém faz uma alusão a esse espaço ao inserir balaustres nas janelas superiores. Possui um nártex internosob o coro podendo ser acessado pelas três portas da fachada. Datas significativas: 1696 - Desenho da fachada por João Antunes.[71]

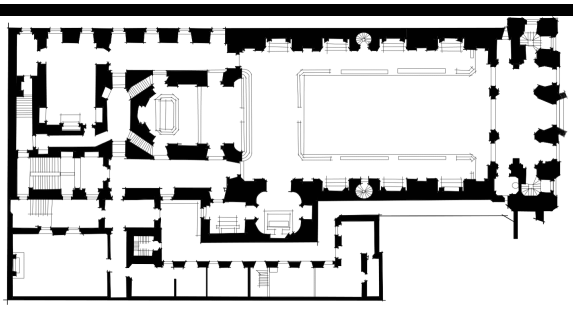
Elaboração: Autor (2021)

[71] Fonte: http://monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3102

Quadro 191 - Igreja de Nossa Senhora da Encarnação – Lisboa



Fachada



Planta baixa

Fachada totalmente revestida em cantaria. Encimada por frontão triangular[72], logo abaixo possui uma cimalha que divide o frontispício em três níveis. O primeiro ao nível do coro apresentando cinco janelas e dois óculos; o segundo nível do plano da fachada possui duas janelas e dois nichos que abrigam esculturas de N. Sª do Loreto e da Encarnação; possui três portas de acesso frontal, em que, a situada ao centro com grande ornamentação, verga em frontão curvilíneo interrompido por escultura em alto relevo que representa o Mistério da encarnação cujos portais são os mais bem ornamentados do conjunto analisado. Planta retangular do tipo planta de nave única, ao estilo salão retangular, com nártex interno sob o coro e balaustrada separando a assembleia dos oito altares laterais. Possui tribuna de honra no andar superior. Datas significativas: 1755, 01 novembro - o terramoto e, sobretudo, o subsequente incêndio, destroem completamente a igreja; 1768 - projeto do arquiteto Manuel Caetano de Sousa para a reedificação da igreja; 1769 - início das obras; 1784 - conclusão das obras.[73]

Elaboração: Autor (2021)

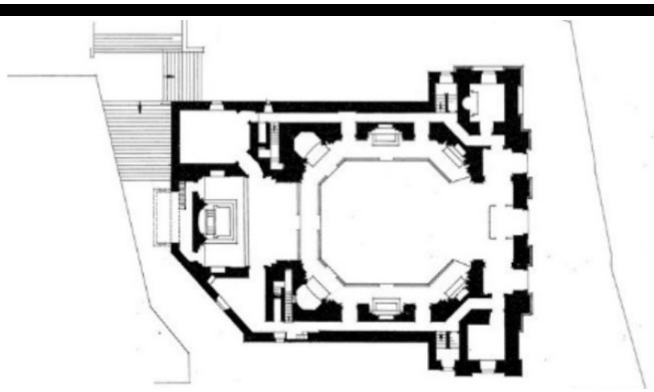
[72] Reedificada pelo arq. Manuel Caetano de Sousa ainda no século XVIII, as obras prolongaram-se até 1873. Fonte: Sistema de Informação para o Património Arquitetónico - SIPA

[73] Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=7133

Quadro 192 - Igreja de Santo Estevão– Lisboa



Fachada



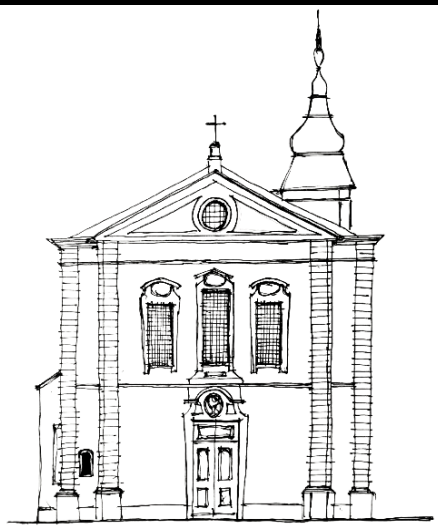
Planta baixa

Fachada totalmente revestida em cantaria. Encimada por frontão triangular, frontispício com três janelões, que, com as janelas do volume da torre somam um total de sete janelas sendo cinco ao nível do coro. O frontispício possui três portas de acesso frontal com a central em maiores dimensões, formando um eixo com a janela imediatamente superior que também possui maiores dimensões das demais. Portada sem grande ornamentação, possui na verga um arco abatido em cimalha e não possui imagens que referenciam o orago. Possui um nártex interno sob o coro e planta da área da assembleia de forma octogonal, o que não reflete em seu exterior. Dessa forma, entende-se que pertencem ao grupo das plantas de nave única, ao estilo salão retangular. Além dos altares situados no arco cruzeiro, possui mais quatro altares laterais separados por balaustrada. Não possui tribunas de honra, apenas balaustrada nas janelas superiores. Datas significativas: 1739 - São pagas as ferragens de portas e janelas ao ferreiro Bernardo da Rocha e são concluídos os trabalhos na fachada. 1773 - 1778 - obras de reparação dos danos causados pelo terramoto, e reconstrução a torre hoje existente.[74]

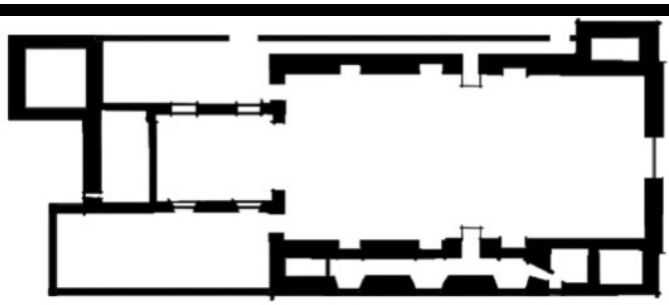
Elaboração: Autor (2021)

[74] Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=2619

Quadro 193 - Igreja de Santa Cruz Do Castelo – Lisboa



Fachada



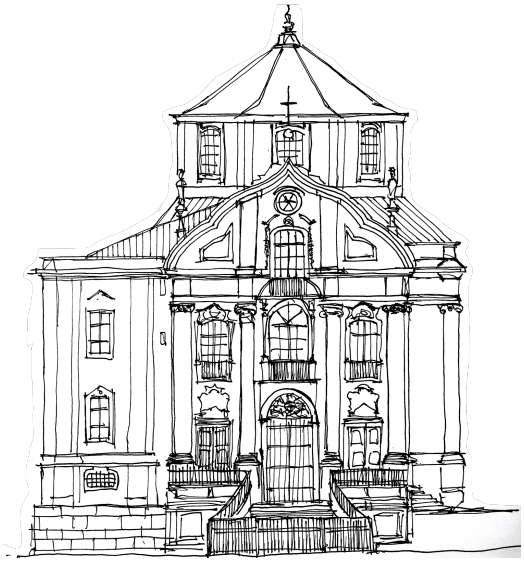
Planta baixa

Possui frontão retangular arrematado em cimalha, três janelões ao nível do coro, paredes pintadas. Apenas uma portada como acesso principal na fachada frontal, com ombreiras e verga de cantaria sem ornatos, rematado por ática com os emblemas da paixão, o que não confere grande suntuosidade. Pertencente ao grupo de planta de nave única, ao estilo salão retangular, não possui balaustrada separando a assembleia dos seis altares laterais. Não há nártex nem tribunas de honra. As janelas superiores possuem balaustres os quais fazem alusão ao que seriam as tais tribunas. Datas significativas: 1776 - Reabertura da igreja. A actual inscrição sobre a porta principal da igreja refere o ano de 1776, portanto no reinado de D. José, mas as obras prolongam-se pelo reinado de D. Maria I. Em 1783 as obras prosseguiam, estando as paredes só levantadas até à cimalha e apenas a Capela-Mor coberta. Séc. 19 - construção de dois corpos laterais, talvez destinados a torres que não se concretizaram.[75]

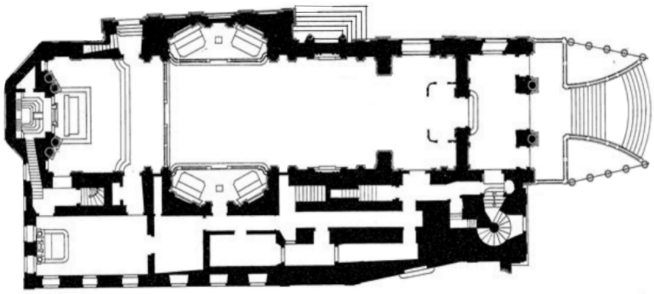
Elaboração: Autor (2021)

[75] Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11281

Quadro 194 - Igreja de Santo António – Lisboa



Fachada



Planta baixa

Fachada revestida em cantaria, encimada por frontão em curva e contracurva com cimalha ao estilo borromínico, com óculo e janela que interrompem o frontão. Apresenta três janelas ao nível do coro e três portas de acesso frontal situada no eixo central de maiores dimensões, porém sem ornamentação significativa, sendo mais simples com verga em arco. Pertence ao grupo de planta de nave única, ao estilo salão retangular, com duas capelas alterais separadas por balaustrada. Apresenta um nártex externo sob o coro, que se diferencia das demais do período em Lisboa. Não possui tribunas de honra no andar superior conforme se pode observa na fotografia. Datas significativas: 1778 - Frei António do Sacramento refere que a igreja estava pronta até às cimalhas, faltando o coro e a fachada principal.[76]

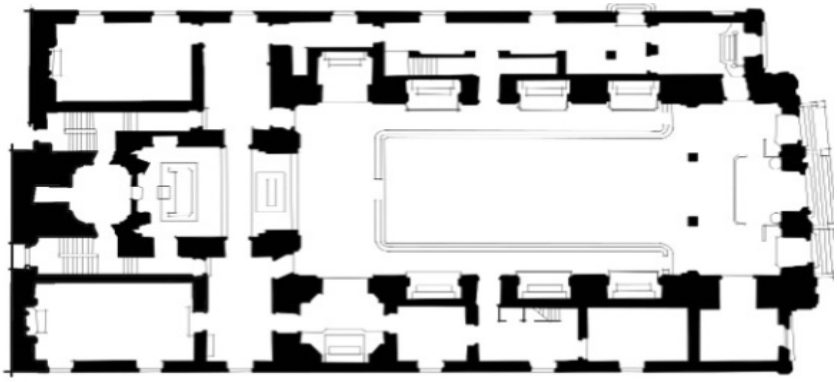
Elaboração: Autor (2021)

[76] Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=3143

Quadro 195 - Igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires – Lisboa



Fachada



Planta baixa

Possui frontão triangular arrematado por cimalha, com óculo ao centro. As três janelas do coro são separadas do terço inferior da fachada por cimalha em cantaria, que também a reveste quase por completo. A portada central apresenta dimensões maiores do que as duas laterais e verga arrematada por cimalha em cantaria, interrompida por medalhão em alto relevo com imagem referente ao orago. Pertence ao grupo das plantas de nave única, ao estilo salão retangular, possui nártex interno sob do coro e assembleia com balaustrada a separado dos oito altares laterais. Não possui tribunas de honra no andar superior. Datas significativas: 1755, 01 novembro - o terramoto destruiu completamente a igreja. 1768 - 1770 - início das obras da nova igreja; 1774 - A igreja é benzida, ainda com as obras por terminar.[77]

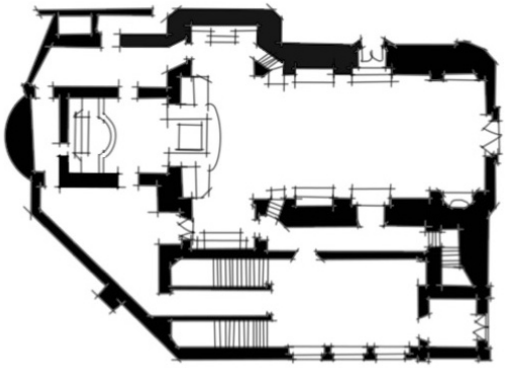
Elaboração: Autor (2021)

[77] Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3141

Quadro 196 - Igreja de São Pedro de Miragaia – Porto



Fachada



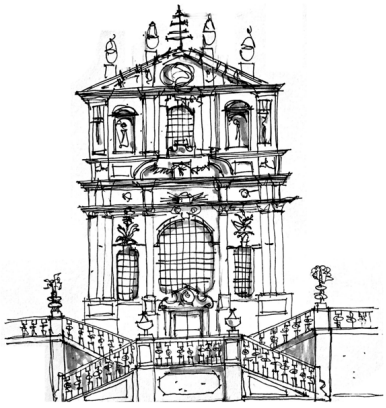
Planta baixa

Frontispício arrematado por frontão triangular, encimado por pináculos. No seu plano apresenta apenas uma porta de acesso com verga reta e frontão em cimalha interrompido por janelão ao nível do coro. Possui trabalhos em cantaria nas aberturas e pilares, e volume da torre e anexo. No primeiro, existem janelas ao nível do coro e o 1º piso arrematado em cantaria nas vergas e ombreiras das janelas. Compõe o volume do anexo, porta de acesso e janela balcão. Pertence ao grupo de plantas de nave única, ao estilo salão retangular e com altares laterais, além dos altares dispostos no arco cruzeiro. Não possui balaustrada, como é possível verificar na planta e na fotografia. Possui tribunas de honra no lado do evangelho no andar superior, e no lado da epístola faz uma alusão a esse espaço ao inserir balaustres nas janelas superiores. Não possui um nártex interno definido, sob o coro podendo ser acessada pelas três portas da fachada. Datas significativas: Julga-se que anteriormente a esta Igreja existiu uma outra parcialmente demolida em 1740. Desta restam apenas a capela-mor e o transepto. Séc. 17 / 18 - Provável construção da igreja. Séc. 18 - redecoração interior em talha; 1863 / 1876 - revestimento a azulejo das paredes exteriores e interiores da igreja e torre.[78]

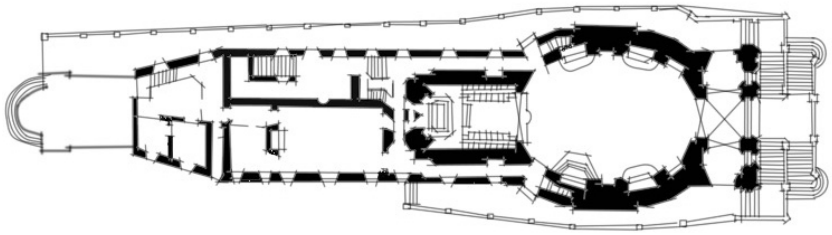
Elaboração: Autor (2021)

[78] Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5470

Quadro 197 - Igreja de São Pedro dos Clérigos – Porto



Fachada



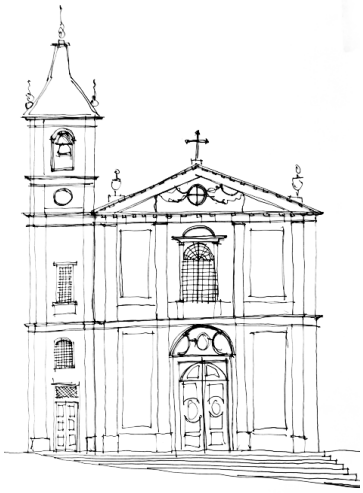
Planta baixa

Possui frontão triangular, com presença de óculo e encimado por pináculos; 3 níveis de fachada, sendo o 1º composto pela porta de acesso à nave, cuja portada possui verga reta encimada por volutas e escudo; o 2º piso corresponde ao nível do coro com três janelas, sendo a maior delas ao centro; o 3ª e último nível da fachada apresenta janela central ladeada por dois nichos com as imagens de São Pedro e São Paulo. De características borromínicas, demonstra grande suntuosidade. Possui, diferentemente das demais, uma planta elíptica na qual o altar-mor está inserido em uma das pontas oposta à porta de entrada principal, no sentido longitudinal da elipse. Não diferencia das demais no que se refere ao trajeto do caminho ao altar. Não possui arco cruzeiro e seus altares laterais estão dispostos ao longo do arco da elipse de maior curvatura, perpendiculares ao eixo de entrada e balaustrada, como é possível verificar na planta e na fotografia. Possui tribunas de honra no andar superior circundando toda a nave e um nártex definido, sob o coro que pode ser acessado pelas duas portas laterais. Datas significativas: 1732, 23 abril - início da construção; 1758 - Conclusão do edifício da Irmandade e das obras da igreja.[79]

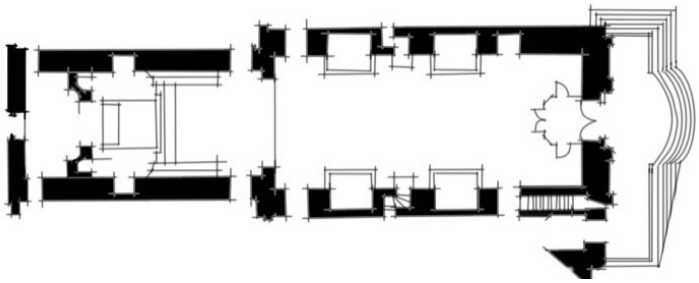
Elaboração: Autor (2021)

[79] Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=5522

Quadro 198 - Igreja de São José das Taipas – Porto



Fachada



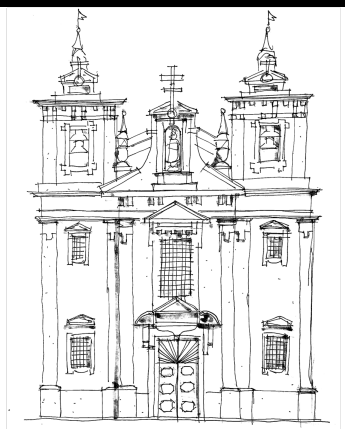
Planta baixa

Apresenta frontão triangular com óculo ao centro e decorado com grinalda e arrematado com pináculos. Revestida em cantaria, apresenta no frontispício apenas uma portada de acesso pouco ornamentada, verga reta encimada por arco e escudo em alto relevo. No eixo da portada e ao nível do coro, apresenta janelão arrematado com verga reta. No volume da torre, apresenta porta de acesso e pequena janela ao nível do 1ºpiso e janela ao nível do coro, com as mais características ornamentais. Linhas retas e curvas na composição do frontispício, transmite caráter mais austero à fachada e pouca suntuosidade. Pertence ao grupo de plantas de nave única, ao estilo salão retangular e com quatro altares laterais. Não possui balaustrada e tribuna de honra, como é possível verificar na planta e na fotografia. Possui balaustrada nas janelas superiores que fazem uma alusão às tribunas. Não possui um nártex interno nem externo. Datas significativas: 1795 - Início da construção da igreja; 1878 - Conclusão da igreja.[80]

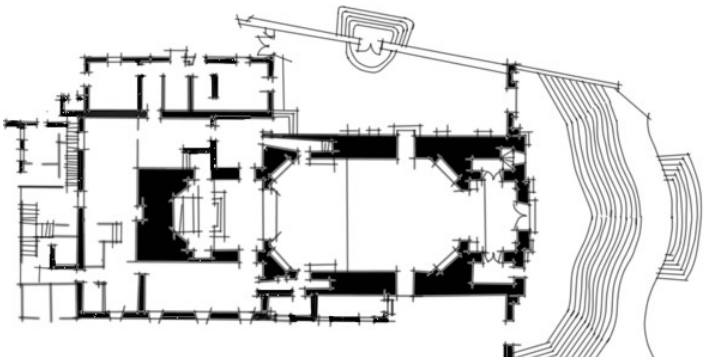
Elaboração: Autor (2021)

[80] Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=5565

Quadro 199 - Igreja de Santo Ildefonso – Porto



Fachada



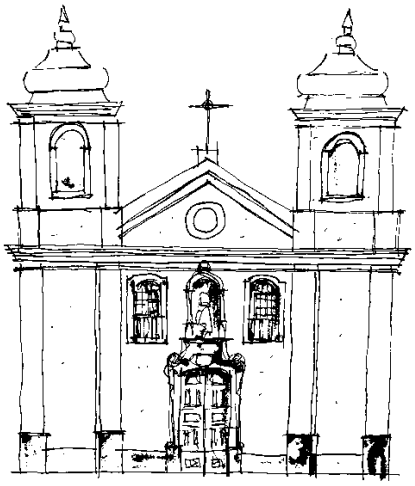
Planta baixa

Possui frontispício mais estreito que as demais e isso reforça sua verticalidade. É arrematado por frontão triangular em cimalha, interrompido por nicho ocupado por imagem do orago da igreja. Logo abaixo possui um janelão ao nível do coro, seguido de portada em verga reta, arrematada por frontão seccionado em três partes com nicho central. Apresenta na fachada outras duas janelas nos volumes das torres, sendo esses mais recuados do que o frontispício central. Apresenta ainda mais duas janelas ao nível do 1º piso. As aberturas, pilares e cimalhas são trabalhos feitos em cantaria. Pertence ao grupo de plantas de nave única, ao estilo salão retangular e com altares laterais, além dos altares dispostos no arco cruzeiro. Não possui balaustrada e tribuna de honra, como é possível verificar na planta e na fotografia. Possui um nártex interno definido, sob o coro que pode ser acessado porta principal da fachada. Datas significativas: 1717 / 1720 - início da construção da actual igreja; 1724 / 1730 - construção da nave e capela-mor, correspondendo à primeira fase de construção; 1730 - ampliação da capela-mor, das duas torres sineiras, correspondendo à segunda fase de construção; 1739 - Conclusão da construção da Igreja.[81]

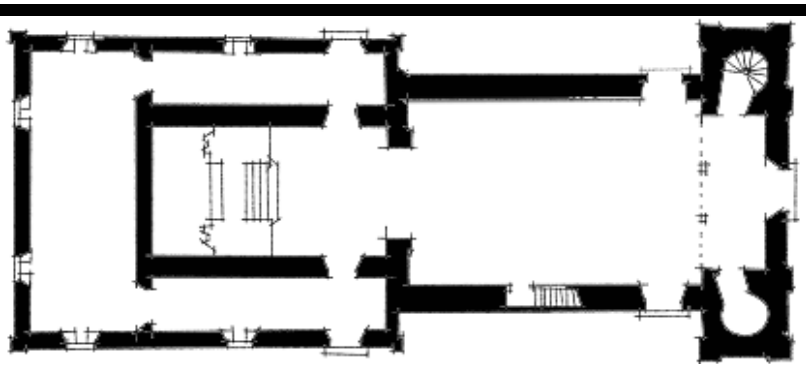
Elaboração: Autor (2021)

[81] Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5464

Quadro 200 - Igreja Bom Jesus do Matosinhos e São Miguel das Almas – Vila Rica



Fachada



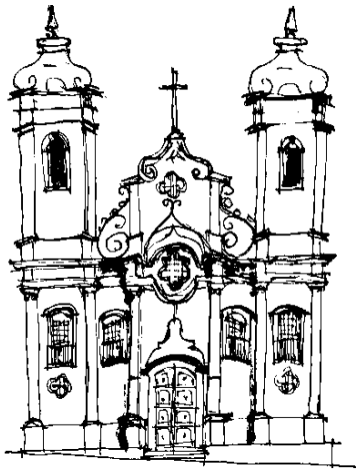
Planta baixa

Possui frontão triangular, com a presença de óculo, separado da parte de baixo do frontispício por cimalha. Apresenta duas janelas ao nível do coro com nicho para a imagem de São Miguel entre elas. Portada ornamentada em pedra nas ombreiras e sobre verga, possuindo apenas uma porta na fachada. Pertence ao grupo de planta de nave única, ao estilo salão retangular e não possui altares laterais. Além do altar-mor, possui dois altares que ladeiam o arco cruzeiro, balaustrada e não há tribunas no interior da igreja. Possui o modelo de nártex interno logo abaixo do coro. Datas significativas: 1736 (citação da existência da irmandade de São Miguel das almas por Dr. Furtado de Menezes) – 1778 (Constam diversas despesas referentes à obra da igreja no Códice Avulso nº 94, do Arquivo Público Mineiro).[82]

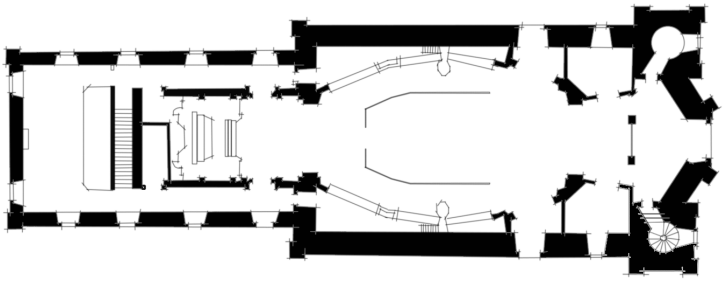
Elaboração: Autor (2021)

[82] Fonte: MOURÃO (1986).

Quadro 201 - Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar – Vila Rica



Fachada



Planta baixa

Possui frontão com volutas e óculo. Separando o frontão da parte inferior da fachada apresenta cimalha interceptada por óculo ao centro. Há duas janelas ao nível do coro, no quadrante central a fachada e outras duas ao longo do restante da fachada. Portada pouco ornamentada, apresentando apenas cimalhas na sobre verga e ombreira com frisos. Uma exceção neste estudo de casos por se tratar de uma fachada do século XIX, em substituição da original, possuindo apenas uma porta na fachada. Apesar de apresentar uma planta retangular, como os modelos de planta de nave única, ao estilo salão retangular, possui uma estrutura interna onde estão instalados os altares laterais, o que transformou o salão retangular em um espaço curvo. Essa área dos altares laterais está separada por balaustrada. Possui tribuna no andar superior nas laterais esquerda e direita e também o modelo de nártex interno logo abaixo do coro. Datas significativas: 1711 (capela primitiva) – 1730 (início da igreja nova).[83]

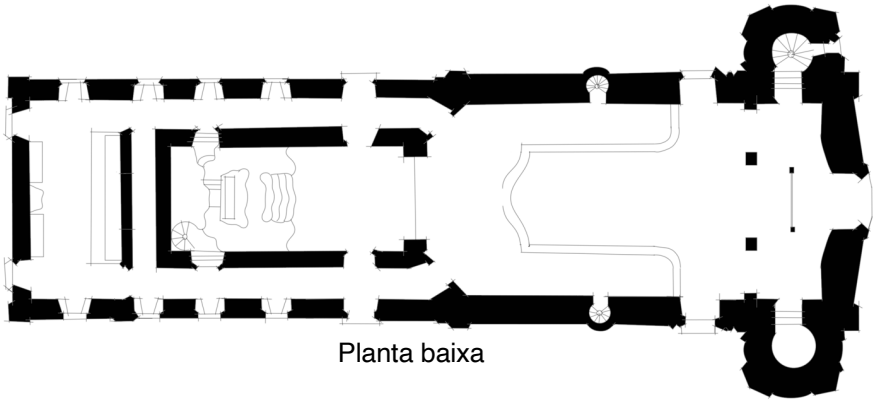
Elaboração: Autor (2021)

[83] Fonte: MOURÃO (1986).

Quadro 202 - Igreja Nossa Senhora do Carmo – Vila Rica



Fachada



Planta baixa

Apresenta frontão com volutas, com arremate com coruchéus. O frontão é separado da parte inferior da fachada por duas cimalhas na horizontal. A fachada possui duas janelas em seu corpo central e outras pequenas nas laterais, seguindo o volume das torres sineiras. A portada possui ornamentação nas ombreiras e sobre verga, e escudo da irmandade. É uma das fachadas mais ornamentadas e com apenas uma porta na fachada. Pertence ao grupo de planta de nave única, ao estilo salão retangular possui altares laterais separados por balaustrada. Possui tribuno no andar superior e o que seria um espaço para o nártex interno, acaba por configurar apenas um espaço coberto pelo piso do coro, pois a porta tapa vento está recuada. Datas significativas: 1766 (documentos que indicam o risco feito por Manoel Francisco Lisboa) – 1789 (documentação sobre as obras do púlpito).[84]

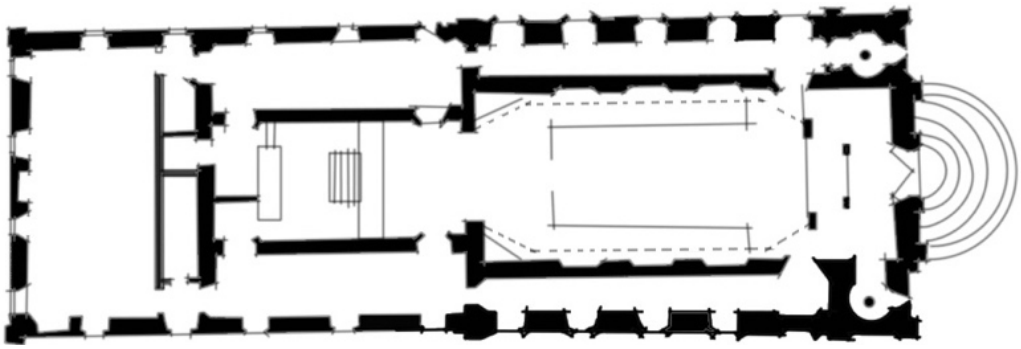
Elaboração: Autor (2021)

[84] Fonte: MOURÃO (1986).

Quadro 203 - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição – Vila Rica



Fachada



Planta baixa

Possui frontão com volutas e corpo central retangular, com cimalha separando o frontão do restante da fachada no sentido horizontal, e interceptado por um óculo, duas janelas ao nível do coro e outras quatro menores no volume das torres sineiras. A portada apresenta ornamentação com frisos nas ombreiras e sobre verga, ainda apresenta volutas com apenas uma porta na fachada. Pertence ao grupo de planta de nave única, ao estilo salão retangular, possui altares laterais separados por balaustrada e altares ladeando o arco cruzeiro. Possui tribuno no andar superior e o que seria um espaço para o nártex interno, acaba por configurar apenas um espaço coberto pelo piso do coro, pois a porta tapa vento está recuada. Datas significativas: 1729 (obras da igreja nova).[85]

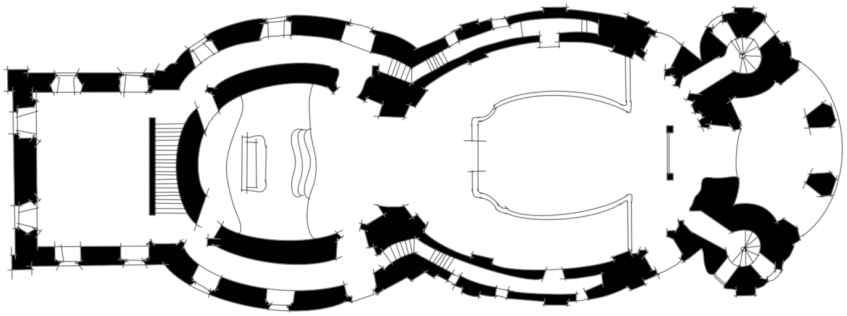
Elaboração: Autor (2021)

[85] Fonte: MOURÃO (1986).

Quadro 204 - Igreja Nossa Senhora do Rosário – Vila Rica



Fachada



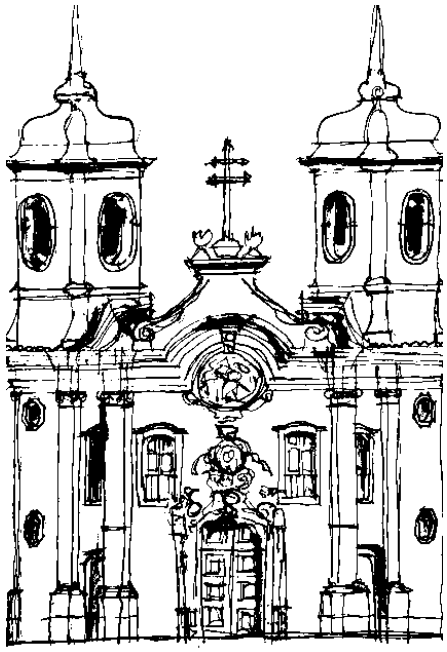
Planta baixa

Apresenta frontão curvo com cornijas, óculo e coruchéu, com cimalha separado da parte inferior da fachada. Único exemplar a apresentar três anelas ao nível do coro e nártex/galilé. Possui outras pequenas janelas ao longo da fachada. Sua portada é interior à galilé, não possuindo ornamentação significativa. Galilé com três vãos com arcos. Não pertence ao grupo das plantas de nave única. Sua planta é ovalada com o maior eixo no sentido fachada / altar-mor. Possui altares laterais separados por balaustrada. Não possui tribuna de honra e é á única com um verdadeiro nártex ou galilé que se posiciona externamente ao salão. Datas significativas: 1785 (ampliação do coro).[86]

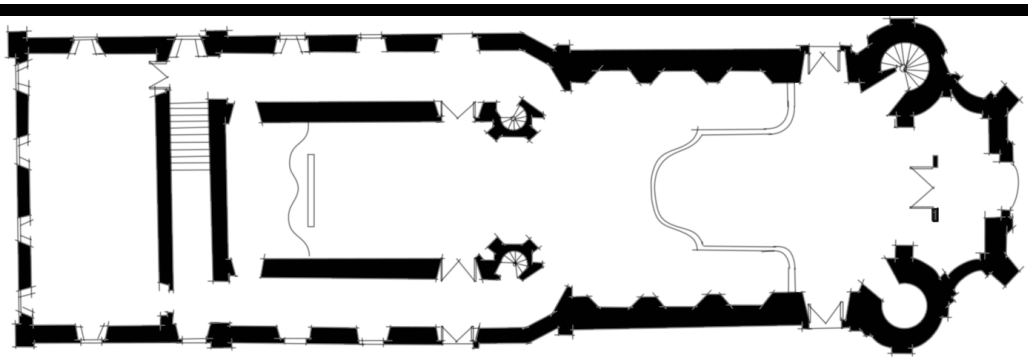
Elaboração: Autor (2021)

[86] Fonte: MOURÃO (1986).

Quadro 205 - Igreja São Francisco de Assis – Vila Rica



Fachada



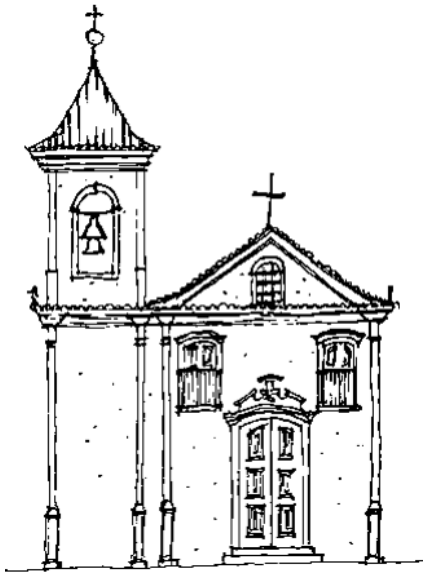
Planta baixa

Possui frontão com volutas, cimalha separando o frontão da seção inferior da fachada, interrompido por escultura em alto relevo no lugar de um óculo. Possui duas janelas ao nível do coro, outras duas mais recuadas do corpo central do frontispício, além de outras quatro menores em planos ainda mais recuados. Portada extremamente ornamentada nas ombreiras e sobre verga. A igreja de São Francisco de Assis também apresenta uma planta cuja base é o retângulo, porém os chanfros existentes nos quatro cantos da nave remetem a um octógono alongado, enfatizando a direção entrada/altar-mor. Apresenta altares laterais que são separados do salão por balaustradas, não há tribunas e possui um tipo de nártex interno sob o coro. Datas significativas: 1766 (início das obras).[87]

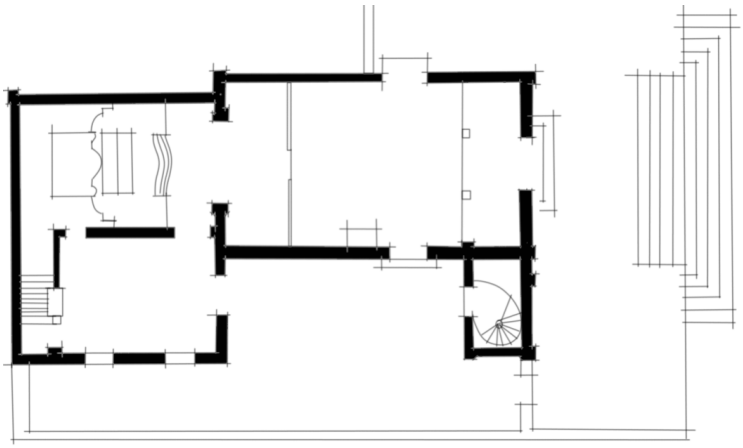
Elaboração: Autor (2021)

[87] Fonte: MOURÃO (1986).

Quadro 206 - Igreja Senhor do Bonfim – Arraial do Tijuco



Fachada



Planta baixa

O frontispício da igreja apresenta uma única porta de acesso e duas janelas no nível do coro. Frontão triangular pouco ornamentado com apenas uma cimalha horizontal e uma pequena janela funcionando como um óculo. A portada não possui grande ornamentação, apenas escudo e cimalhas também sem muita suntuosidade. Planta retangular tipo de nave única, ao estilo salão retangular. Dispõe de altares laterais apenas junto ao arco cruzeiro, ausentes ao longo do salão. Apresenta uma balaustrada no sem tido transversal, deixando o salão livre até próximo aos altares que ladeiam o arco cruzeiro. Não há tribunas e o nártex interno está sob o coro. Datas significativas: 1771 (termo da irmandade fazendo referência à capela).[88]

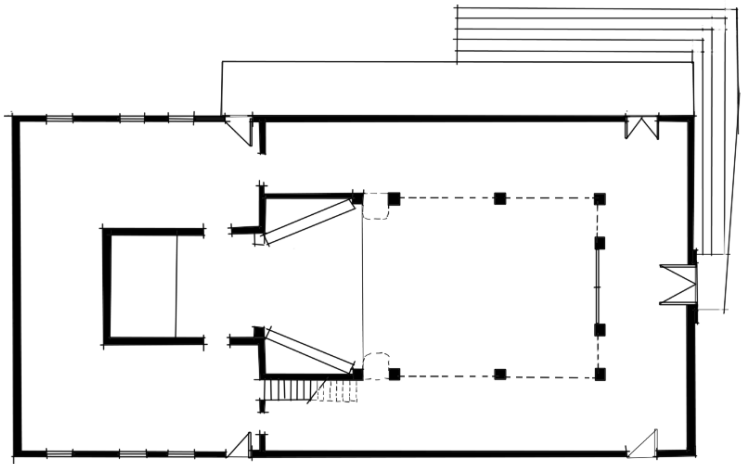
Elaboração: Autor (2021)

[88] Fonte: MOURÃO (1986).

Quadro 207 - Igreja N.S. das Mercês e Crioulos – Arraial do Tijuco



Fachada



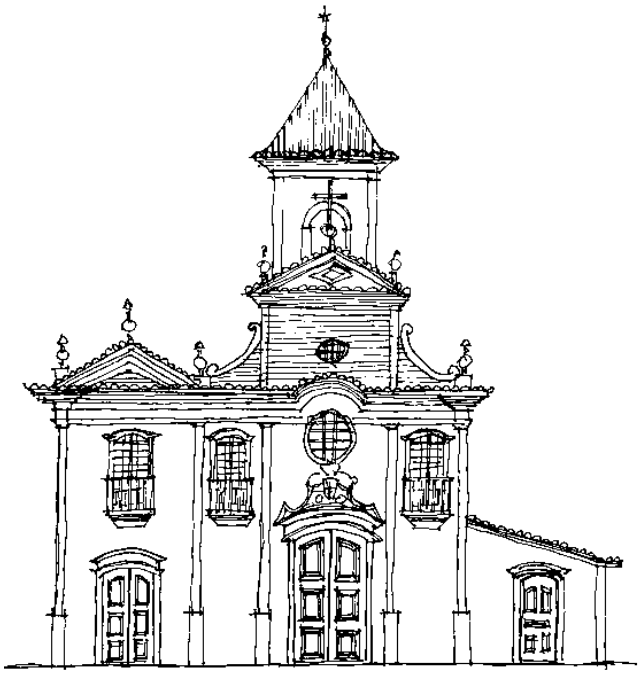
Planta baixa

Frontispício apresenta uma única porta de acesso e possui forma hexagonal seguindo o caimento do telhado, possui duas janelas laterais e um óculo central trilobulado ao nível do coro. Pouco ornamentada com cimalhas simples acompanhando o beiral do telhado, e torre sineira central. Possui nave única, porém com 3 divisões internas que não reflete na volumetria do edifício. Possui uma espécie de nave lateral a direita e a esquerda da nave central, pois é separada pelos pilares que sustentam as tribunas, única em Diamantina com essa característica. Estas tribunas interligam-se entre si pelo coro. Abaixo do coro encontra-se o nártex com porta corta vento que o separa do salão. Datas significativas: 1785 (demarcação do adro).[89]

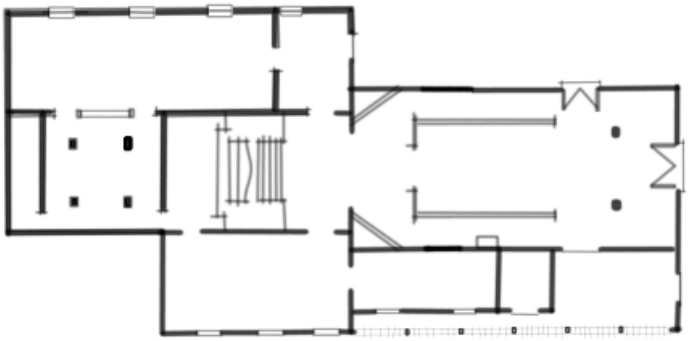
Elaboração: Autor (2021)

[89] Fonte: MOURÃO (1986).

Quadro 208 - Igreja Nossa Senhora do Carmo – Arraial do Tijuco



Fachada



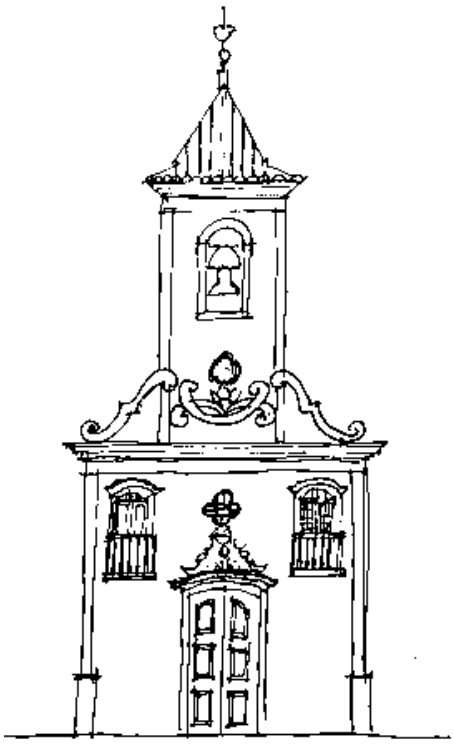
Planta baixa

O frontispício possui porta central, duas janelas balcão ao nível do coro e óculo. Apresenta volume na lateral esquerda com porta, de menor dimensão que a central e janela balcão. A portada central encontra-se ornamentada com volutas e escodo da irmandade, apresentando suntuosidade. Seu frontão é ornado com pequenas volutas cimalhas e coruchéu na ornamentação além de um outro óculo. Planta retangular, tipo de nave única, ao estilo salão retangular, com balaustrada delimitando o espaço da nave, porém sem a presença de altares laterais, há apenas os altares que ladeiam o arco cruzeiro, além do altar mor. Não possui tribuna e apresenta o nártex interno sob o coro. Datas significativas: 1765 (termo de doação da capela pelo contratador).[90]

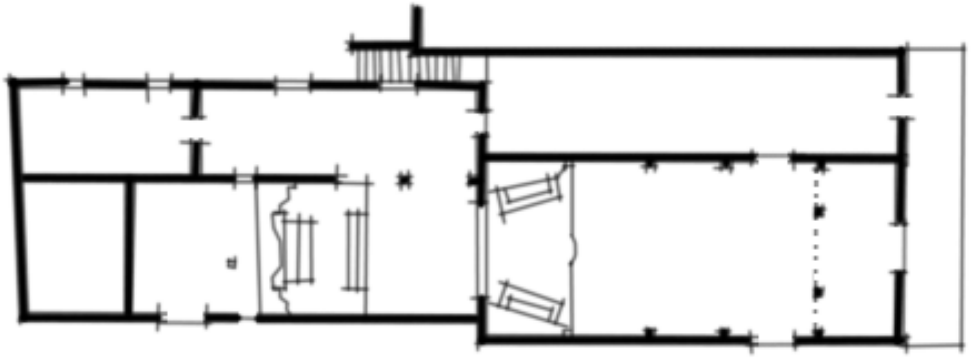
Elaboração: Autor (2021)

[90] Fonte: MOURÃO (1986).

Quadro 209 - Igreja Nossa Senhora do Amparo – Arraial do Tijuco



Fachada



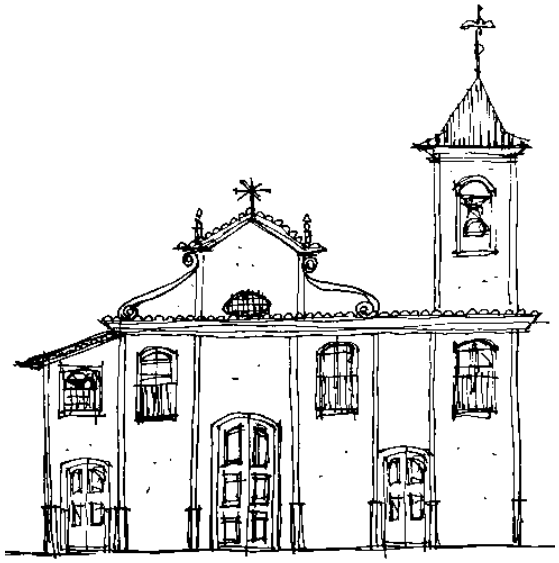
Planta baixa

Apresenta porta central, duas janelas balcão ao nível do coro e óculo. A portada central não possui ornamentação relevante. Frontal unido à torre sineira apresenta ornamentação com volutas. Planta retangular tipo de nave única, ao estilo salão retangular, com altares laterais junto ao arco cruzeiro, não os possuindo ao longo do salão. Apresenta uma balaustrada no sentido transversal, deixando o salão livre até próximo aos altares que ladeiam o arco cruzeiro. Não possui tribunas e o nártex interno está sob o coro. Datas significativas: 1773 (início provável da capela).[91]

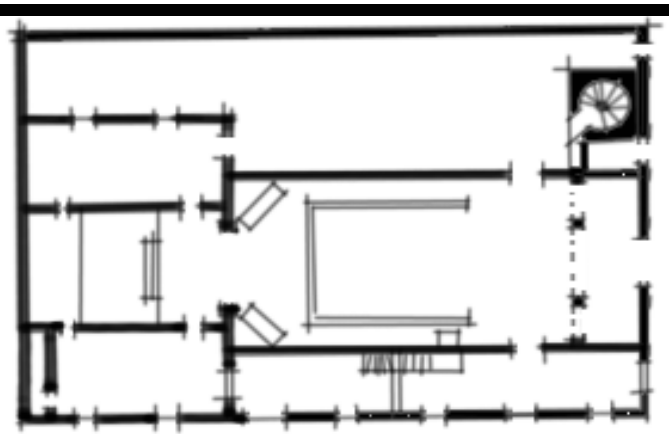
Elaboração: Autor (2021)

[91] Fonte: MOURÃO (1986).

Quadro 210 - Igreja Nossa Senhora do Rosário – Arraial do Tijuco



Fachada



Planta baixa

Apresenta porta central e duas laterais, duas janelas balcão ao nível do coro e pequena janela a esquerda. Frontão com volutas e coruchéus além do óculo. Na portada central não há ornamentação, apenas almofadas, não apresentando suntuosidade. Planta retangular, tipo de nave única, ao estilo salão retangular, dispondo de balaustrada delimitando o espaço da nave, porém sem a presença de altares laterais. Tem apenas os altares que ladeiam o arco cruzeiro, além do altar mor. Não possui tribuna e apresenta o nártex interno sob o coro. Datas significativas: 1771 (praça da obra do corpo da igreja).[92]

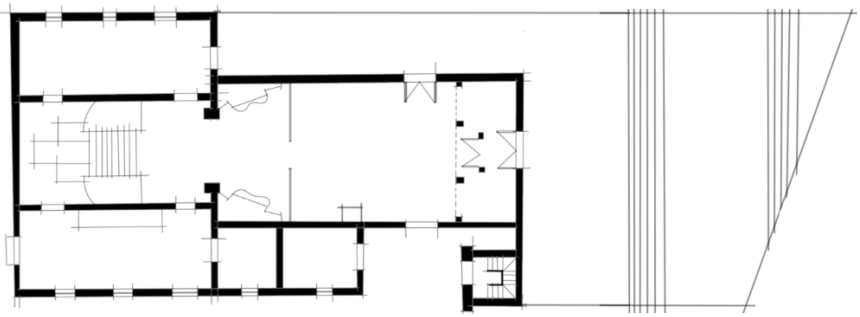
Elaboração: Autor (2021)

[92] Fonte: MOURÃO (1986).

Quadro 211 - Igreja São Francisco de Assis – Arraial do Tijuco



Fachada



Planta baixa

Apresenta única porta central e duas janelas balcão e óculo. A portada tem uma ornamentação suntuosa e escudo, cimalha separando o frontal triangular ornado com cornijas de volutas e óculo, apresentando coruchéus. Planta retangular tipo de nave única, ao estilo salão retangular. Dispõe de altares laterais junto ao arco cruzeiro, que não estão presentes ao longo do salão. Apresenta uma balaustrada no sentido transversal, deixando o salão livre até próximo aos altares que ladeiam o arco cruzeiro. Não há tribunas e o nártex interno está sob o coro. Datas significativas: 1768 (ajuste da obra de carpintaria com Francisco de Souza Matos).[93]

Elaboração: Autor (2021)

[93] Fonte: MOURÃO (1986).